

ODISSÉIA

Homero

InfoLivros.org



SINOPSE DA ODISSEIA

A Odisseia é um clássico da literatura mundial, um poema épico sobre a viagem de Odisseu de volta a Ítaca, seu reino e seu lar. Alguns historiadores acreditam que ela foi composta no século VIII a.C. e outros acreditam que foi concluída no século VII a.C., usando como base alguns fragmentos que contam apenas parte da história que conhecemos hoje.

Após lutar durante 10 anos na Guerra de Troia, Odisseu parte em sua viagem de volta para casa. Essa viagem levou mais 10 anos, durante os quais ele teve que enfrentar desafios contínuos que ele conseguiu superar graças à sua inteligência. Enquanto isso, sua esposa Penélope e seu filho Telemachus têm que lutar para afugentar os pretendentes de Penélope, que se aproveitam da situação e gradualmente assumem o patrimônio familiar.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [Odisseia por Homero](#) em InfoLivros.org

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The Odyssey author Homer](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [La Odisea autor Homero](#)
 - Francês InfoLivres.org: [L'odyssée auteur Homère](#)
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Homero em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Homero em formato PDF](#) em InfoLivros.org
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

LIVRO I

Canta, ó Musa, o varão que astucioso, Raso Ílion santa, errou de
clima em clima, Viu de muitas nações costumes vários.

Mil transeis padeceu no equóreo ponto,

Por segurar a vida e aos seus a volta; Baldo afã! pereceram, tendo
insanos Ao claro Hiperiônio os bois comido, Que não quis para a
pátria alumiá-los.

Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra. Da guerra e do mar sevo
recolhidos

Os que eram salvos, um por seu consorte Calipso, ninfa augusta,
apetecendo, Separava-o da esposa em cava gruta.

O céu, porém, traçou, volvendo-se anos, De Ítaca reduzi-lo ao seio
amigo,

Onde novos trabalhos o aguardavam: De Ulisses condoíam-se as
deidades;

Mas, sempre infenso, obstava-lhe Netuno,

Este era entre os Etíopes longínquos, Do oriente e ocidente últimos
homens,

Num de touros e ovelhas sacrifício

A deleitar-se; e estavam já no alcáçar Do Olimpo os habitantes em concílio. O soberano, a recordar Egisto

Do Agamenônio Orestes imolado,

Principia: “Os mortais ah! nos imputam,

Os males seus, que ao fado e à própria incúria

Devem somente. Contra o fado mesmo, Do porvir não cuidadoso, há pouco Egisto, Em seu regresso o Atrida assassinando, Esposou-lhe a mulher, bem que enviado O Argicida sutil o dissuadissem:

— De o matar fuge e poluir seu leito;

Senão, tem de vingá-lo, adolescente Sendo investido no seu reino Orestes. — Mercúrio o amoestou, mas surdo Egisto, Os delitos por junto expia agora”.

A quem Minerva: “Sumo pai Satúrnio,

Jaz com razão punido esse perverso; Todo que o imitar, com ele
acabe!

Mas a aflição de Ulisses me compunge,

Que, há tanto longe dos amenos lares,

Em ilha está circúnflua e nemorosa, Lá no embigo do mar; onde é
retido Pela filha de Atlante onisciente,

Que o salso abismo sonda, o peso atura

Das colunas que a terra e o céu demarcam. A deusa com
blandícias o acarinha;

De Ítaca ele saudoso, o pátrio fumo

Ver deseja e morrer. Não te comoves? Irritou-te faltando, em sua
amada

E em Tróia, com ofertas e holocaustos?”

E o Junta-nuvens: “Que proferes, filha,

Do encerro dessa boca? eu deslembrar-me

Do mortal mais sisudo, o mais devoto, Aos celícolas pio e
dadivoso!

Da terra o abarcador é quem o avexa,

Por ter do olho privado a Polifemo,

O mor Ciclope, que, num antro unida

A Netuno, pariu Toosa, estirpe

De Fórcis deus do pego in semeável.

O Enosigeu d'então lhe poupa a vida,

Mas de Ítaca o arreda. Provejamos

Na vinda sua; aplaque-se Netuno:

Só contra todos contender não pode”.

A Olhicerúlea: “Ó padre, ó rei supremo, Se vos praz que à família torne Ulisses, Da ínsula Ogígia à ninfa emadeixada

Mercúrio o intimo, o herói prudente parta. A Ítaca baixo a confortar o filho:

Os comantes Argeus convoque ousado;

Suste aos vorazes procos a carnagem De flexípedes bois e ovelhas pingues. Dali, na Esparta e na arenosa Pilos,

Do amado genitor se informe e indague, E entre humanos obtenha ilustre fama”. Já liga alparcas de ouro incorruptíveis, Que a propelem como aura pelas ondas Ou pelo amplo terreno; a lança empunha De érea afiada ponta e desmedida,

Com que turmas de heróis desfaz metuenda, Progênie de tal pai. Do Olimpo frecha;

Em Ítaca, ao vestibulo de Ulisses

Tem-se, e de hasta na destra, parecia

O hóspede Mentis campeão dos Táfios. Ao pórtico acha intrusos pretendentes

Sobre coiros de bois que morto haviam, Os dados a jogar. Servos
e arautos Misturam nas crateras água e vinho,

Ou com povosa esponja as mesas pulem,

E partem nelas abundantes carnes. Distante a vê Telêmaco
deiforme: No meio, taciturno e consternado

No genitor pensava, que expulsá-los E reger venha o leme do
governo. Entrementes a avista, e não sofrendo Por mais tempo de
fora um peregrino,

Corre, aperta-lhe a mão, sua arma toma: “Hóspede amigo, salve;
o que precisas, Depois do teu repasto o saberemos”.

Ei-lo encaminha a déia, e já na sala

Ante celsa coluna encosta a lança

À nítida hastaria, onde em fileira

As de Ulisses valente em pé dormiam. Num trono a põe dedáleo
de alcatifa

E de escabelo aos pés, senta-se perto

Em variegada sela; à parte ficam,

Para que, à bulha e ao trato com soberbos,

O hóspede o apetite não perdesse, E do pai ele a folgo o
interrogasse.

De gomil de ouro às mãos verte uma serva

Água em bacia argêntea, a mesa lustra, Que enche a modesta
afável despenseira De pães e das presentes iguarias; Escudelas de
várias novas carnes

O trinchante apresenta e copos de ouro, Que arrasa de almo vinho
arauto assíduo. Suspenso o jogo, os feros pretendentes Ocupam já
cadeiras e camilhas;

Dão água às mãos arautos, pão comulam

Servas em canistréis; atiram-se eles Aos regalados pratos, e as
crateras Lhes coroam mancebos. Farta a sede, Farta a fome, em
prazer os embriagam Música, dança, adornos de banquetes:

Cítara ebúrnea entrega um dos arautos

A Fêmio, que forçado ali tangia

E o cântico ajustava ao som das cordas. Inclinou-se Telêmaco a Minerva, Dizendo à puridade: “Hóspede caro,

Vou talvez enfadar-te? Eles só curam

De cantigas e danças, porque impunes

Comem do alheio, os bens do herói consomem. Cujas ossadas ou jaz podre em longas terras,

Ou rola entre maretas; ah! se o vissem Cá reaparecer, mais que ouro e galas, Planta leve amariam. Fado acerbo

Urge-o porém, e embora algum terrestre A volta sua afirme, as esperanças Murchas estão, nem luzirá tal dia.

Ora, quem és? de que família e pátria? Com que gente vieste e em que navio? Vindo a pé não te creio. Uses franqueza, Hóspede me és recente ou já paterno?

A muitos nosso teto agasalhava,

E meu pai atraía os forasteiros”.

A de azuis claros olhos: “Não duvides,

Mentes sou, de ser nado me glorio

De Anquíale belaz, e os Táfiros mando Náuticos hábeis. Vim, com
meus remeiros Sulcando o negro pélago, a Temeses

De estranha língua permutar meu ferro

Pelo seu cobre: o vaso tenho surto

No Retro porto, fora da cidade,

Junto ao Neio frondoso. Antigo hospício Me une a teu pai, e o
diga o bom Laertes; Herói que, é fama, a corte mesto esquiva Em
campo solitário, onde ama idosa

Lhe apresta a mesa, ao vir cansado e lasso

De amañhar fertilíssimos vinhedos. Cuidei, corria voz, tornado
Ulisses;

Mas os deuses o impedem, que inda vive

Em ilha de mar vasto circunfusa, Por bárbaros detido e involuntário.

O que o Céu sugeriu-me, eu to assevero,

Se bem áugur não seja ou grã-profeta:

Não tardará; que, embora o tenham ferros, Ardis cogita. Sê sincero; os olhos

E a cabeça tens dele, és tu seu filho? Como agora freqüentes conversávamos; Desde que para Tróia, entre os mais cabos, Se embarcou, nunca mais nos avistamos”. E o príncipe modesto: “Hóspede, é certo Que minha mãe de Ulisses me diz prole;

Por si mesmo ninguém seu pai descobre. Oh! gerado fosse eu de um mais ditoso, Que em suas possessões envelhecesse!

A porvir de um herói, já que o perguntas,

Esse é desgraçadíssimo dos homens”. E Palas: “Deu-te o Céu preclaro berço, És da casta Penélope nascido.

Mas, dize, que festim, que turba é esta? Para que a tens? são núpcias? é banquete? Por escote o não fazem. Que insolência!

Qualquer homem de siso há de irritar-se De os ver assim”. —
Telêmaco prudente: “Hóspede, honesta e rica era esta casa,
Quando aquele varão conosco estava;
Mas obscuro ocultá-lo aprouve aos deuses.

Menos dor fora se acabasse em Ílion, Ou no meio de amigos
triunfante: Erigindo-lhe a Grécia um monumento, Ao filho seu
legara imensa glória.

As Harpias cruéis mo arrebataram;

Sem brilho algum morreu, só lutos, herdo. Outros prantos o fado
nos suscita:

Os chefes de Dulíquio ambiciosos, De Ítaca rude e Samos e
Zacinto

Pretendem minha mãe, que os não repulsa,

Bem que fiel tais himeneus deteste; Famélicos o haver me
dilapidam,

E malvados a morte me aparelham”. Palas com dó: “Precisas de
que Ulisses A mão carregue sobre audácia tanta. Oh! de seu paço
à entrada aparecesse

De elmo, adarga e hastas duas, qual chegando

O vi de Éfira e de Ilo Mermérida, Aonde fora numa nau veleira
Comprar veneno para ervar as setas;

Mas, como Ilo o negou temendo os numes, Lho deu meu pai, que
amigo em nossa casa O regalou de saborosos vinhos:

Surdisse, e a boda amargaria aos procos. Se cá deva o Laércio ou
não vingar-se, Arcano é divinal; tu considera

De enxotá-los o modo, eu to aconselho: Em assembléia aos teus
amanhã fala, Atesta o Céu, despede esses intrusos;

A desejar Penélope outro esposo,

Torne a seu pai, que as núpcias lá celebre, E um dote para a filha
haja condigno.

Se outro cordato aviso adotar queres,

Navegues, a indagar de Ulisses novas, Em ótimo baixel de vinte
remos:

Talvez alguém te informe, ou soe o brado

Com que Jove aos mortais gradua a fama. Interroga a Nestor
primeiro em Pilos,

Na Esparta ao louro Atrida, que o postremo

Dos lorigados reis entrou na Grécia. Vivo Ulisses, paciente um ano
esperes; Morto, regressa, um monumento exalça E consagra-lhe
exéquias dignas dele;

De ti novo marido a mãe receba.

Isto acabado, às claras ou por fraude, Sério dos procos desfazer-
te busca: De brincos pueris não é mais tempo. Ouves de Orestes o
renome honroso,

Por ter vingado o pai no infame Egisto? Sê no valor qual és no
garbo e talhe; Gabem-te, filho, as gerações futuras.

Vou-me à inquieta nau por minha ausência: Tudo observes, amigo,
e nada esqueças”.

E o moço: “Hóspede, os sábios teus conselhos

Preceitos são de pai, que eu n’alma guardo. Mas demora-te ainda,
a fim que um banho O coração te alegre, e prenda exímia

Aceites hospital, que tu conserves,

Doce memória da amizade nossa”.

“Não me estorves, replica, ansioso parto. A tua oferta para a volta
aceito;

A Tafo hei de levá-la, e dignamente Retribuir”. Eis voa a gázea
deusa, Águia Anopéia, infunde-lhe coragem,

Na alma avivando o pai. Crendo-a celeste,

O deiforme assombrado aos mais se agrega. Mudos a Fêmio
atendem, que o de Tróia Triste regresso dos Aqueus modula,

*Pom Minerva disposto. A nobre Icária

Penélope a divina cantilena

Do alto percebe, e desce pela escada.

Não só, com duas servas; ante os procos, À porta, o véu de pejo
ao rosto abaixa,

Entre as servas lágrima, ao vale fala: Fêmio, outros carmes e
trabalhos sabes De homens e deuses, da poesia assunto; Escolhe
um que a beber te escutem ledos:

Suspende esse cantar, que amargo sempre

O coração me rala e mo entristece,

À lembrança do herói, cuja alta glória Por toda Hélade e Argólida
ressoa”. “Reprovas, minha mãe, contesta o filho, Que nos deleite a
impulsos do seu gênio? Os poetas não culpes, culpa a Jove

Que a prazer os inspira e o estro acende. Não peca em celebrar de
Aqueus os males,

E se é nova a canção, mais prende os homens: Reforça o ânimo
teu para sustê-la.

Se luz não teve para a volta Ulisses,

Em Tróia outros heróis também ficaram. Mas dentro as servas
atarefa, intende

Na roca e no tear: varões discorram,

E eu mormente que sou da casa o dono”. Recolheu-se com pasmo,
na prudência Do filho meditando, pela escada,

Mais as fâmulas duas, vai carpindo

O amado ausente esposo, até que em sono

Boa Minerva as pálpebras lhe fecha. De compartilhar seu leito ávidos
eles, Na escurecida sala tumultuam;

A quem Telêmaco: “O alarido cesse De Penélope amantes
ultrajosos: Ora à mesa o cantor saboreemos,

Na harmonia parelho às divindades. Amanhã sem rebouço, em
parlamento, Exporei meu desejo de expulsar-vos: Mutuando os
festins, comei do vosso. A preferirdes consumir sem termo

Os bens de um só, recorro aos Sempiternos: Júpiter o castigo vos
fulmine,

E nestes paços expireis inultos”.

Aqui, mordendo os beijos, da ousadia Pasmavam do mancebo; a
Antino, garfo De Eupiteu, rebentou: “Do Olimpo, certo, A sublime
linguagem te ensinaram;

Se és audaz, é que de Ítaca circúnflua

Oh! destinam-te o cetro hereditário”.

Mui ponderoso o príncipe: “O que ajunto Não te exaspere, Antino:
eu de vontade Granjeara de Júpiter o cetro.

Mau reputas reinar? quem reina goza

Opulenta morada e as mores honras.

Na ilha há jovens e anciãos que aspiram, Morto Ulisses, ao mando:
quero apenas O rei ser desta casa, e dos meus servos Pelo braço
paterno conquistados”.

E Eurímaco de Pólibo: “Quem seja

De Ítaca rei, no grêmio está dos numes: Senhor és do palácio, e
enquanto a pátria For habitada, príncipe, não temas

Que da riqueza tua alguém te esbulhe. Mas conta-nos, amigo,
donde veio, Que herdades o teu hóspede cultivava, Qual é sua
prosápia. Anunciou-te Perto Ulisses, ou dívida reclama?

Foi-se rapidamente e se encobria;

Porém no aspecto seu nobreza inculca”. “Eurimaco, responde o
cauto moço,

Ah! não verei meu pai, nem creio anúncios,

Nem curo de adivinhos que na régia Consulta minha mãe. Aquele
é Mentos Hóspede meu paterno, que se jacta Filho do ilustre
Anquíales; é de Tafo, Governa os Tálios navegantes hábeis”. Fala
assim, mas conhece a divindade. Na dança e melodia eles se
enleiam,

Té que Vésper assoma, e fusca a noite Vão-se à casa lograr do
mole sono. Cuidados cem Telêmaco rolando,

Um pátio busca interno, onde aposento Soberbo tinha; avante,
aceso um facho Ia a castíssima Euricléia, filha

De Opes de Pisenor, que, enrubescida, Por vinte bois comprada,
igual da esposa A estimava Laertes, mas honesto

Nem lhe tocou, para forrar ciúmes; De Telêmaco a serva era diletta,

Porque infante o pensara. Esta é quem abre

O camarim formoso: ele na cama

Despe a macia túnica; dobrada

Em cabide a pendura junto ao leito

A boa velha, que ao sair, a porta
Por um anel de prata a si
puxando, Corre da aldrava o loro. De ovelhuna Lã coberto, a
cismar despende a noite Na viagem que a deusa lhe ordenara.

LIVRO II

Veste-se, à luz da dedirrósea aurora, Sai da alcova o amadíssimo
Ulisseida

Ao tiracolo a espada e aos pés sandálias, Fulgente como um deus,
expede arautos A apregoar e reunir os Gregos.

De hasta aênea, ao congresso alvoroçado, Não sem dous cães
alvíssimos, se agrega; Minerva graça lhe infundiu celeste.

Seu porte e ar admira o povo inteiro; Cedem-lhe os velhos o
paterno assento. Egípcio ergueu-se, de anos curvo e sábio, A
lembrar-se de Antifo, que audaz indo Com Ulisses a Tróia, do
Ciclope

Foi na seva espelunca última ceia;

O herói carpia o filho, e bem que houvesse Três outros, um dos
procos Eurínomo, Dous nas lavouras ocupados sempre, Concionou
lagrimando: “Nunca, atentos Cidadãos, em congresso nos
sentamos, Desde que Ulisses embarcou divino:

Que provector ou mancebo o ajunta agora? Que urge? anúncio há
exército inimigo? Ou tratar vem de público interesse?

Nas justas intenções o assiste Jove”.

O Ulisseida não mais fica em seu posto; Ledo, orar cobiçando, em pé recebe

Do arauto Pisenor sisudo o cetro,

Por Egípcio começa: “Eis-me, tens perto Quem, ancião, convoca esta assembléia; Nem há novas de exército inimigo,

Nem trato hoje de público interesse,

Mas do meu próprio. Hei duas graves penas: Falta-me o pai, que o era do seu povo;

O pior é que amantes importunos, Filhos dos principais aqui presentes, Minha mãe vexam, minha casa estragam. A Icário temem ir, que a filha dote

E escolha o genro que lhe for mais grato;

Em diários festins, meus bois tragando, Cabras e ovelhas, minha adega exaurem. Nem outro Ulisses que remova o dano, Nem forças tenho e militar perícia;

Mal seria tentá-lo: oh! se eu pudesse!

Da ruína e infâmia, cidadãos, salvai-me, Os vizinhos temeí, temeí
que os deuses Em vós a indigna tolerância punam:

E vos rogo por Júpiter, por Têmis,

Que demite ou congrega as assembléias, Socorro, amigos; só me
reste a mágoa

Do extinto pai. Se dele ofensas tendes, E contra mim os instigais,
mais vale Vós os móveis e imóveis consumirdes: Assim, tinha o
recurso de que a tempo Em Ítaca meus bens vos reclamasse,
Compensações recíprocas fazendo. Ora, insanável dor me infligis
n'alma". De cólera chorando, o cetro arroja; Comisera-se o povo. À
queixa amarga, Em roda emudeceram, mas Antino,

Rompe o silêncio: "Altíloquo e impotente

Da ignomínia o ferrete em nós imprimes? A ninguém mais,
Telêmaco, a mãe cara Somente arguas, que de astúcias mestra,
Quatro anos quase, nos contrista, ilusos

De promessas, recados e esperanças,

E al tem no coração. Com novo engano, Nos disse, ao predispor
fina ampla teia:

— Amantes meus depois de morto Ulisses,

Vós não me insteis, o meu lavor perdendo, Sem que do herói
Laertes a mortalha

Toda seja tecida, para quando

No longo sono o sopitar o fado:

Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo

Manto rico não ter quem teve tanto. —

Esta desculpa ingênuos aceitamos. Ela, um triênio, desmanchava
à noite À luz da lâmpada o lavor diurno;

Ao depois, avisou-nos uma escrava, E a destecer a teia a
surpreendemos: Então viu-se obrigada a concluí-la. Saibas nossa
resposta, e a saibam todos: Penélope de Icário ao paço envie,
Marido a sabor dela o pai lhe escolha.

De indústria, engenho e ardis, a ornou. Minerva, Quais não dera às
mais célebres Aquivas,

Tiro e Alcmena e Micena emadeixadas;

Mas dos dotes abusa em que as supera, A príncipes da Grécia atormentando.

A insistir na repulsa, na vontade

Que os imortais no peito lhe puseram, Terá glória perene, embora sintas Esgotados rebanhos e tesouros;

Pois, o assevero, a empresa não largamos,

Antes que ela um consorte a gosto eleja”. Logo Telêmaco: “A expulsar, Antino, Quem me pariu e amamentou me instigas? Viva Ulisses ou não, se tal cometo,

A meu avô dar cumpre estreita conta; Aflito pelo pai, depois que as Fúrias Penélope, este lar deixando, impreque, Me incitará mau gênio humanos ódios: Não, não proferirei tamanho crime.

Mutuando os festins, comei do vosso,

A casa despejai-me. A preferirdes

Gastar os bens de um só, recorro aos deuses: Júpiter o castigo vos fulmine,

E nestes paços expireis inultos”.

Aqui despede o pródigo Satúrnio

Do alto águias duas, que, de pandas asas Pelas auras a par, ante
o congresso Mirando em giro e sacudindo as penas Sobre as
cabeças, prometiam mortes; Lacerando-se à unha a testa e o
colo,

Da cidade por cima à destra voam.

No anúncio a refletir, pasmaram todos. Ergueu-se o herói
Mastórida Haliterse, Agoureiro o melhor entre os coevos,

E orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me,

Risco iminente pressagio aos procos: Não tarda Ulisses, que
vizinho traça Deles o exício e de outros Itacenses. De os refrear o
modo averigüemos,

Ou se abstenham por si, que é mais cordato.

Inexperto não sou; predisse aos Gregos, No embarcar para Tróia
o astuto Ulisses, Que sem nenhum dos seus, após vinte anos E
transes mil, ignoto aqui viria:

Quanto prenunciei vai ser cumprido”. Eurímaco retorque: “Eia, a
teus filhos Corre a vaticinar, para que um dia

Sério desastre, ó velho, não padeçam: Profeta eu sou maior; nem quantas aves Ao sol adejam, pronosticam males. Como Ulisses, ao longe oh! pereceras, Áugur falaz; com olho só no lucro,

O ódio nunca em Telêmaco excitavas. Mas, se de teu prestígio e idade abusas Irritando o mancebo, eu te asseguro, Funesto lhe serás, sem nada obteres,

E a ti multa imporemos, que te grave

E ao vivo doa. Mande, eu lho aconselho,

A Icário a mãe: as núpcias lhe aprontemos, E um dote para a filha haja condigno.

Cesse a porfia assim; pois ninguém medo, Nem o loquaz Telêmaco, nos mete. Predições desprezamos, cujo efeito Único é detestarmos o adivinho.

A desfalcar seus bens continuaremos, Enquanto ela indecisa entretiver-nos: Todos rivais, pela virtude sua,

Longos dias passamos na esperança,

Outras nobres senhoras enjeitando”.

Dissimula Telêmaco: “Não quero

Nisto, Eurímaco e ilustres pretendentes, Falar mais: tudo os Céus e os Gregos sabem. Mas dai-me ágil baixel de vinte remos,

No qual, o instável pélagos sulcando, Eu vá, na Esparta e na arenosa Pilos, Do suspirado pai colher notícias:

Talvez alguém me informe, ou soe o brado Com que Jove aos mortais gradua a fama. Vivo Ulisses, paciente um ano espero; Morto, aqui volto, e um monumento exalço E consagro-lhe exéquias dignas dele;

De mim novo marido a mãe receba”.

Mal toma o seu lugar, Mentor ergueu-se, Sócio do grande Ulisses que à partida Confiou-lhe interesses da família,

Que ao velho obedecia; este prudente Orou de grado: “Cidadãos, ouvi-me, Cetrígero nenhum benigno seja,

Nem precatado e bom, sim duro e injusto, Já que o povo deslembra o divo Ulisses, Rei homem, rei e pai, senhor e amigo.

Aos cegos procos a violência passo, Porque, a seu risco devorando a casa, Pensam que Ulisses nunca mais ressurgirá; Ardo só contra o povo, que estais mudos, Que, tantos sendo, ao menos com

palavras, Não reprimis o orgulho de tão poucos”. Bradou Leócrito
Evenório: “Bronco

E insolente Mentor, nós desistirmos! Disputar-se o festim será
difícil

Dos príncipes à flor: se o próprio Ulisses

Maquinasse expelir de casa os procos, Não folgava de o ver a
amante esposa; Crua morte os convivas lhe dariam. Fútil arenga.
Ao trabalho, ó povo; Naliterse e Mentor, muito há paternos
E amigos seus, dispunham-lhe a viagem. Falho o projeto,
longamente, eu creio, Tem de inquirir em Ítaca estrangeiros”.

Ei-lo, solve o congresso; os mais às próprias, De Penélope à casa
os procos foram. Telêmaco da praia ao longo parte;

No alvo mar banha as mãos, suplica a Palas:

“Socorro, ó nume que a meu lar vieste,

E ontem mandaste que, talhando as vagas,

De Ulisses fosse em busca; obstam-me os Gregos,

E sobretudo os feros pretendentes”. Palas à prece acorre, em voz e em corpo A Mentor semelhando: “Siso e esforço, Ó mancebo, terás, se em ti se instila

O ânimo de teu pai em dito e em feitos, Nem baldarás teus passos: a não seres De Penélope sangue e do Laércio,

Que lograsses o intento eu duvidara. Muitos filhos do tronco degeneram, Raros o imitam, raros se avantajam;

Pois de Ulisses herdaste o gênio e o brio, O teu projeto conseguir esperes.

Desses loucos e injustos não te importes; Sem previdência, ignoram que atra morte Para um só dia lhes comina o fado.

Não mais o teu propósito retardes: Mesmo agora aparece aos pretendentes; Vitualhas apresta e acondiciona,

Em ânforas o vinho e em densos odres

Mete a farinha, dos barões medula. Paterno sócio, te serei companha,

Em baixel que te esquipe: ondicerçada

Ítaca abunda em naus de toda a sorte;

A melhor se aparelhe e ao mar se deite”.

À voz da filha do Satúrnio, à casa

Dirige-se o Ulisseida angustiado;

Os soberbões encontra a esfolar cabras, A assar no pátio
suculentos porcos.

Rindo lhe ocorre Antino e a mão lhe trava:

“Fraco e loquaz Telêmaco, desterra

Mau pensamento; investe, como dantes, Ao comer e ao beber,
valente e guapo. Gregos te escolherão navio e remos, Onde a Pílos
divina, ao som da fama,

Tu vás de Ulisses indagando novas”. Sério o príncipe: “Antino, com
soberbos Folgar não devo ou conviver forçado.

Não basta que os meus bens dilapidásseis Na infância minha?
Alerta e mais crescido, Aconselhei-me, e a ira em mim referve:

Seja em Pílos ou Ítaca, procuro

Vossa ruína; os passos meus não frustrro. Passagem pagarei, pois
vos aprouve

De embarcação privar-me e de remeiros”.

E a mão da mão de Antino arranca fácil. Rompe o festim, e a charlear um deles: “Hui! Telêmaco a perda nos prepara!

Ou da arenosa Pilos ou de Esparta

Vingadores trará, se é que de Éfira Não nos trazer letíficos venenos, Que na cratera a todos nos propine”.

E outro a zombar: “Quem sabe se naufrague

E longe expire, como o errante Ulisses? Seria um grã trabalho o dividirmos Tamanhas possessões, à mãe deixando, Ou a quem a esposasse, este palácio”. Ele à paterna estância ampla e sublime Corre, onde amontoavam-se ouro e cobre, Óleo odorífero e de vestes arcas;

Dentro, em redor envelheciam pipas De almo divino baco, se inda Ulisses, Depois de tanta angústia, ao lar voltasse. Desperta as portas bífores cerradas

Guardava a ecônoma Euricléia, filha De Opes de Pisenor; chamou-a e disse: “Em ânforas bom vinho, ama, embotelha, Do mais suave que a tornada espera

Do infeliz nobre herói, se a morte o poupa, Delas enche uma dúzia
e arrolha todas; Alqueires vinte em odres bem cosidos

Vaza de grãos de elaborada Ceres.

Tudo arruma em segredo; à noite venho, Mal Penélope a câmara
procure.

A Esparta e a Pílos arenosa vou-me, Do pai dileto a recolher
notícias”. Clama Euricléia, debulhada em pranto “Filho, que
insânia a tua! ires sozinho

Por esse mundo! É morto o grande Ulisses,

Ai! longe do seu ninho, em terra ignota: Fica entre nós; para teus
bens gozarem, Se partes, eles te armarão ciladas;

Ao cruel vago mar não te confies”. “Ama, responde o príncipe,
sossega; Isto não é sem deus. Jura à mãe cara Onze dias ou doze
encobrir tudo,

Salvo se o tenha ouvido ou queira ver-me: Não deforme chorando
as faces belas”. Firma a velha um solene juramento,

E enquanto o vinho em ânforas transfunde

E despeja nos odres a farinha,

O jovem se reúne aos pretendentes. Mais excogita Palas:
disfarçada

No régio garfo, as ruas percorrendo, Incitava um por um a achar-
se prestes, Ao lusco e fusco, ante um baixel veleiro Ao de Frômio
pedido egrégio filho,

Que o prometeu benévolo e previsto. Obumbrava a cidade o Sol
no ocaso: Do porto à boca, a mesma Olhicerúlea, Em nado posta
a nau bem petrechada, Congrega e exorta a pontual maruja.

Depois anda ao palácio; os pretendentes Entre o vapor do vinho
em sono enleia, Turba-os, das mãos os copos lhes sacode: Eles
para dormir, da mesa erguidos, Carregadas as pálpebras, se
espargem. Retoma a forma de Mentor a deusa,

Fora chama a Telêmaco: “Nos bancos

Te aguardam prontos os grevados Gregos;

Não demorem a partida, vamos.” Já caminha, e Telêmaco após
ela. Chegados ao baixel, na praia encontram Comantes nautas, a
quem fala o moço: “Os víveres, amigos, transportemos

Que hei no aposento: exceto uma cativa, Nem minha mãe
conhece este segredo.” Ei-los, colocam tudo na coberta: Embarca
o príncipe, adiante Palas,

Que a par o assenta à popa. Safam cabos E abancam-se
remeiros, bem que a deusa Mande favônio Zéfiro, que aleia
E encrespa o turvo ressonante pego.

A vozes de Telêmaco, manobram:

De abeto o mastro levantado encaixam

Em sua base e o ligam de calabres,

Com táureas cordas brancas velas içam. Venta em cheio; a fremir,
purpúreas vagas O buco açoutam, que as retalha e voa. Finda a
mareação, do mais estreme

Em pé crateras coroando, libam

Aos imortais, principalmente à prole

De Júpiter Minerva, que da noite

À nova aurora viajou com eles.

LIVRO III

O Sol, do pulcro lago ressurgindo,

Em céu de bronze alumiava os deuses

E n'alma terra os homens, no abordarem

A celsa Pílos de Neleu fundada, Em cuja praia ao críniazul Netuno
Touros em tudo negros imolavam: Eram bancadas nove e de
quinhentos,

Bois nove a cada grupo. Ao n'ume as coxas, Consumidas as
vísceras, ardiam,

Quando, ferrado o pano, em terras saltam.

Guia e instrui a Telêmaco Minerva:

“Não mais te acanhes, pois rasgaste os mares,

A inquirir onde vive ou jaz Ulisses. Presto, a Nestor doma-corcéis;
vejamos O que há na mente, rogá-lhe a verdade; Nem ele mentirá,
sisudo e probo”.

“Como hei de, respondeu-lhe, apresentar-me? Como saudá-lo?
Sou, Mentor, noviço

Em discorrer com tento, e me envergonho

De interrogar um velho”. — E a de olhos zarcos:

“Telêmaco, tua alma há de inspirar-te, E um nune sugerir-te; eu
não te julgo Nado e nutrido sem favor celeste.

Então se apressa, e o príncipe atrás segue

Dos Pílios ao congresso, onde se achavam Nestor e filhos, que o
banquete aprontam; Quem assa, quem no espeto a carne enfia.
Ao vê-los grande número os abraça

E convida ao festim. Primeiro a destra

O Nestório Pisístrato lhes toma, Entre o irmão Trasimedes os
coloca E seu pai n’alva areia e moles peles;

Porção de entranhas lhes oferta; o vinho

Em áureo copo vaza, e reverente Fala à prole do aluno de Amaltéia: “Hóspede, ao rei Netuno ora conosco, A porto chegas para o seu festejo.

Liba e depreca, é justo, e ao sócio passes

O doce vinho com que os Céus invoque; Todos, julgo, dos Céus necessitamos: Jovem comigo em anos emparelha;

Terás primeiro o copo.” E aqui lho entrega.

Contente Palas do varão cordato, Que a velhice acatava, assim perora: “Digna-te, Enosigeu, de ouvir meus votos! Honra a Nestor e os filhos, agradece

A completa hecatombe aos outros Pílios; Dá-me e ao sócio o voltarmos tendo obtido O que imos procurando a remo e vela”.

O rito já preenche, e traspassado

O bicôncavo copo, à risca o mesmo Faz o Ulisseu mancebo. Do braseiro Tirando, assados superiores trincham, O solene festim lauto celebram. Vencida a sede e a fome, satisfeitos Completamente os hóspedes, o velho Gerênio cavaleiro os interroga:

“Donde vindes cortando as salsas vagas?

Traficais? ou piratas sois errantes,

Que para dano alheio a vida expondes?”

De Minerva Telêmaco animado,

Por ter informações do herói famoso

E nome entre os mortais, responde afouto:

“Nestor Nelides, ó da Grécia adorno,

Direi quem somos: de Ítaca selvosa, Não público negócio, mas
privado,

Que vou contar sincero, aqui nos trouxe;

Vogo após o rumor do pai querido O longânimo Ulisses, que a teu
lado Soa haver sovertido os muros Teucros.

Já consta o fim de quantos lá pugnaram;

Mas Jove esconde o seu: ninguém me explica

Se a mãos hostis em terra há sucumbido

Ou soçobrou nas águas de Anfitrite. Os pés te abraço, o fado seu declara,

Se o viste, ou se narrou-te um peregrino. Sem dita ah! veio do materno ventre!

Por dó nada me ocultes, eu to rogo;

E, se a ti fiel sempre, em dito e feitos,

Foi na guerra onde Aqueus sofreram tanto, Isto lembre-te agora e não me iludas.”

A quem Nestor: “Os males me recordas

Que entre esse povo, amigo, suportamos, Ou quando errantes pelo escuro pego

A depredar nos conduzia Aquiles,

Ou no cerco dos muros Priameios

De heróis sepulcro: o márcio Telamônio, O Pelides caiu, lá jaz
Pátroclo

Em destreza divina, lá meu filho

Antíloco gentil, ágil, brioso.

Mas quem memoraria as outras penas? Fiques cinco ou seis anos,
que no meio Da narração com tédio voltarias.

“Um novênio mil dolos maquinamos; Jove a custo pôs termo a
tantas lidas. Aos demais nos ardis se avantajava

Teu pai, se o é: com pasmo eu vejo o imitas, Moço egrégio, em
facúndia e gesto e porte. Nunca, no parlamento ou no conselho

De Ulisses dissenti, por bem dos povos. Derruída Ílion celsa e a
velejarmos,

O Supremo em furor dispersa os Dânaos, Que todos justos nem
prudentes eram; Muitos vítimas foram da olhigázea

Prole de iroso pai, que entre os Atridas A discórdia acendera. Os
dous, à tarde Contra o costume os nossos convocando, Que do
vinho turbados concorreram,

O motivo expressaram da estranheza: Queria Menelau que o dorso
imano Talhássemos do mar; o irmão queria Deter-nos, e com
sacras hecatombes

A Minerva aplacar. Cegueira e insânia; Fácil do intento um nume
não se abala. Insultam-se os irmãos, e Argeus grevados Com
sinistro alarido em pé disputam;

A noite, infenso o Padre, uns contra os outros A excogitar velamos.
N'alva, os lenhos Deitam-se ao divo salso mar, de escrava
Alticintas onustos e do espólio:

Fica-se em torno ao rei dos reis metade,

Metade voga. Um deus amaina as ondas, E em Tênedos portados,
suspirando

Pelo saudoso lar, sacrificamos. Aumenta o mal, nova descórdia
surde: Vários, ao sumo. Atrida por obséquio, Após o cauto Ulisses
retrocedem

Nos meus navios fujo, presentindo

Os designios de Júpiter funestos,

E Tidides me segue e os seus com ele

Mais tarde Menelau nos topa em Lestos Na extensa rota a
meditar: se, Psíria Dobrando à esquerda, iríamos acima

Da alpestre sáxia Quio ou desta abaixo,

Singrando ao longo da ventosa Mimas. Rogávamos ao deus, que
acena e manda Esquivarmos na Eubéia algum desastre: Brama o
vento, e sulcando o mar piscoso, A Geresto os baixéis de noite
abordam; Atravessado o pélagos, a Netuno Sagramos táureas
coxas. Entra em Argos Ao quarto dia a Diomedéia frota;

A Pilos me encaminho, sem que afrouxe

A brisa que souprou-me o Céu benigno. Assim, meu filho, nada sei
dos Graios, Salvos ou pericados; mas te explano Quanto em meu
teto já me tem constado: Corre que os bravos Mirmidões lanceiros
Pôs em casa o de Aquiles digno gérmen; Que os seus pôs o
Peânio Filoctetes; Que, em feliz travessia, o rei Cretense Todos já
recolheu de Tróia escapos.

De Agamemnon lá mesmo a sorte ouviste: Caro custou seu crime
a Egisto infame.

Quão belo um nobre herdeiro, como Orestes,

Que o pai vingou no pérfido homicida! Amigo, sê também, se és guapo e esbelto,

Sê de valor e esforço, e o mundo assombres.” E o mancebo: “Ó Neleio, Aquiva glória,

Sim, foi justa a vingança; honrado sempre

Orestes há de ser. Tivesse eu forças Contra insolentes e molestos procos! Eu nem Ulisses venturosos fomos;

Cumpre-nos suportar.” — Contesta o velho:

“Que me lembras? A fama aqui me veio Dos que oprimem-te e a casa te arruinam, Requestando a Penélope. Abaixaste

O colo ao jugo, ou por supremo influxo Aborreceu-te o povo? Inda quem sabe Se o pai sozinho ou com geral apoio, Não puna ultrajes tantos? Oh! Minerva

(Nunca um deus a mortal foi tão propício) Te protegesse com o amor que tinha

Em Tróia exicial ao grande Ulisses!

Eles de boda a sede apagariam.” Telêmaco porém: “Prometes muito; Espantas-me, ancião, mas nada espero,

Nem que os numes o queiram.” — “Desses dentes,

Minerva acode, que proferes, néscio?

A quem quer favorece ao longe um nune. Prefiro demorar-me
entre fadigas

E ver o dia do regresso à pátria,

A sucumbir no lar como Agamemnon, Pela traição de Egisto e
Clitemnestra. Contudo os imortais salvar não podem Da condição
comum qualquer valido,

Se a Parca o empolga para o sono eterno.”

Telêmaco atalhou: “Mentor, cessemos, Bem que isso me interessa:
aparecer-nos Veda-lhe o seu destino. De outro assunto Me
esclareça Nestor, que em três idades Se diz que reina, excele na
justiça,

É na presença um deus. Como foi morto O rei dos reis? como um
varão mais forte De Egisto ao braço pereceu doloso?

Onde era Menelau? Certo, ó Nelides,

Longe errava da Argólida ao momento Que a tal flagício o pérfido
arrojou-se.” Então Nestor: “Sabê-lo vais, meu filho. Ponderas bem;

se à volta o louro Atrida Inda o encontrasse, a Egisto sobre a cova
Ninguém terra espargira, e na campanha Tivera sido a cães e
abutres pasto,

Sem que uma só mulher chorasse o monstro. Nós em altas
façanhas, ele estava,

Lá num retiro de Argos pascigosa,

A seduzir em ócio com branduras

A nobre Clitemnestra, que a princípio

Resistiu, roborada na virtude

Por um poeta que, ao partir, o esposo

Ao lado lhe deixou; mas, quando Egisto Pôs numa ilha deserta o
Aônio aluno, Que o Céu votara às aves de rapina,

De grado ela se foi do amante à casa:

Conseguido o que nunca obter cuidava, Muita perna de rês
queima nas aras, Muita imagem pendura, alfaias, ouros. Parto
com Menelau, que me era unido;

Próximo ao sacro promontório Súnio, Febo asseteia-lhe o Onetório
Frôntis, Que meneava o leme, sem segundo Em dirigir a proa nas
tormentas.

Bem que à pressa, em Atenas celebrados

O enterro e funerais, o Atrida segue

Pelo sombrio pélago, e nas águas

Do cabo Maléia, o imbrífero Tonante Solta estrídulos ventos e em
montanhas Incha escarcéus; dispersa, a frota em parte A Creta
arriba, onde os Cídones moram Às abas do Járdano. Alcantilada

Nos Gortínios confins se eleva rocha

Do escuro ponto, e ali maretas Noto Quebra em Festo ao sinistro
promontório; Pelo pequeno escolho divididas: Naufraga, e apenas
a campanha livra Menelau, que em cerúleas proas cinco

O sopro e as ondas para o Egito impelem. Enquanto vaga entre
homens de outra língua E as naus de outro carrega e
mantimentos, Perfaz o dolo Egisto, e por sete anos
Duro impera em Micenas opulenta;

No oitavo, o divo Orestes vem de Atenas, Vinga seu pai ao
matador matando,
E ao sepulcral banquete assenta os Gregos

Do imbele adúltero e da mãe perversa: O afável Menelau surge
esse dia,
Nos baixéis de riqueza abarrotados.

Não muito e longe dos soberbos andes, Que devorem-te a casa e
os bens repartam: Seria, amigo, péssima a viagem.

Eu te aconselho a visitar o Atrida, Que veio donde vir já não
pensava,
Por temporais jogado além do horrendo

Pélago vasto, que nem aves podem Num ano atravessar. Ou corta
os mares No teu navio, ou se por terra queres,

Dou-te meu carro, e os filhos te conduzam

De Esparta à nobre corte: a preces tuas,

O probo rei te falará sincero.” Caído o Sol, adverte a gázea Palas:

“Sábio discorres, velho, mas das vezes

Talhem-se as línguas, e mesclado o vinho,

Libemos a Netuno e às mais deidades: Hora é de repousar;

sepulto o lume

Na opaca treva, recolher-nos cumpre

Deste festejo.” — Todos lhe obedecem: Dão água às mãos arautos;

as crateras Coroando moços, distribuem copos

Em derredor; e, no brasido as línguas.

Em pé libam de novo e à larga bebem. Já Minerva e Telêmaco

desejam

Tornar-se a bordo; mas Nestor o impede:

“De vos deixar partir o Céu me guarde, Como infeliz trapento, a quem falecem Agasalhos de mantas e tapetes:

Hei tudo, e à farta; no convés não durma

Do amigo o nada; eu vivo, ou meus herdeiros,

Para hospitais deveres exercermos.” “Justo, ancião, discorres, diz Minerva: Aqui pernoite o príncipe contigo;

Vou confortar a gente e prover tudo. Prezo-me eu só de velho; os mais vieram Eqüevos e a Telêmaco votados.

Hei de a bordo encostar-me, e alvorecendo,

Aos honrados Caucomes dirigir-me, Antiga a recobrar grossa quantia

Em coche um dos teus filhos o encaminhe,

Rijos lhe empresta alípedes cavalos.”

Dali, como um xofrango, a de olhos garços

Desaparece com geral assombro;

A Telêmaco a dextra o velho aperta: “Não serás, filho, imbele e sem virtude, Pois tão jovem te assiste uma deidade;

É certamente a predadora Palas,

Que a teu pai distinguia. Oh! tu rainha. Glorifica-me e a prole e a casta esposa! Imolarei do jugo intacta aneja,

De larga fronte com dourados cornos.”

Aceita a prece, à régia com seus filhos

E genros parte; e, em ordem colocados, Ele o vinho mistura de anos onze.

De ânforas que destapa a despenseira,

Brinda e roga à do Egífero progênie. Para dormir, saciados se despedem: Nestor o diviníssimo Ulisseida Retém no paço, e ao pórtico sonoro

Um recortado leito lhe oferece, De Pisístrato perto, belaz chefe,

Inda na adolescência; o rei descansa

Num retrete recôndito, onde a cama

Afofara a consorte veneranda. Ao roxear da pudibunda aurora,
Surge Nestor, ante o portão repousa, Em alva pedra a óleo bem
polida, Poial já de Neleu, divino engenho: Ali, depois que a Dite o
pai descera, Soía aquela dos Argeus custódia

O cetro alçar. Das câmaras saídos, Cercavam-no Equéfron e
Estrácio e Areto E Perseu e o deiforme Trasimedes,

Sexto Pisístrato, o menor da estirpe.

Era Telêmaco, a imortais parelho,

Junto ao régio Nestor, que assim começa: “Filhos, eia, a Minerva
engrandecemos, Que ao solene festim vi manifesta:

Um corra ao prado em busca do vaqueiro, Que uma novilha traga;
outro aqui chame O ourives Laerceu, que doure os cornos;

Ande à nau de Telêmaco o terceiro,

E os nautas, menos dous, nos apresente. Ficai-vos os demais; que
as servas dentro Lauta mesa aderecem, que nos sirvam

De cadeiras e lenha e de água pura.” Tudo obedece: A rês do campo chega; De Telêmaco chega a marinhagem; Com bigorna e alicates e martelo, Utensílios do ofício, o fabro chega; Chega Palas e atenta a cerimônia.

Ouro Nestor fornece; o artista o assenta, Para a deusa alegrar, da rês nos cornos; Por estes Equéfron e Estrácio a levam. Traz de cima em bacia floreada

Água Areto, e uma serva em cesta molas;

Afiada o guerreiro Trasimedes Secure empunha, a golpear disposta Para o sangue aparar Perseu tem vaso; Ora o pai, água esparge e farro pio,

Ao fogo lança da cabeça o pêlo.

Finda a prece, o Nestório Trasimedes, Rápido os nervos cervicais talhando,

As forças lhe dissolve; em gritos rompem

Filhas e noras, a pudica esposa, Eurídice, a maior das de Clímeno;

Do chão vasto a novilha erguem, sustentam,

E Pisístrato príncipe a degola:

Mana o sangue da vítima, que expira. Partem-na; e, como é rito,
as cérceas coxas Cobrem de pingue dúplice camada,

Postas várias por cima; o velho as torra, Negro vinho entornando;
ao pé mancebos Bons espetos sustêm qüinqüedentados. Ossos
combustos, vísceras comidas,

Picam-se as carnes, que enroscadas assam,

Os pontudos espetos revirando. Filha menor, a bela Policasta

O hóspede lava; e, de óleo perfumado, Ele, em túnica nova e gentil
manto, Saiu do banho com divino aspecto, Junto abancou-se do
pastor de povos.

Pronto o assado e o banquete, os mais prestantes O vinho em
copos de ouro em pé transfundem. Repleta a fome e a sede, ei-lo
o Gerênio:

“Filhos, ora a Telêmaco parelha

Crinita ao carro atai.” — Sem mais delonga, Jungidos os corcéis,
mete a caseira

Pão, vinho, provisões que os reis costumam;

Sobe Telêmaco à formosa biga;

Da juventude príncipe, o Nestório

Pisístrato a seu lado as rédeas move

E açouta os brutos, que por gosto arrancam

Da árdua Pilos formosa. O dia inteiro

De uma e outra banda o jugo não sossega, Té que, ao Sol posto,
em Feres se dirigem A Díocles, de Ortíloco nascido,

Que o foi do rio Alfeu: lá pernoitaram

Em jocunda pousada; e, mal fulgia A manhã dedirrósea, a biga
jungem Ao vário coche, e os brutos flagelados Ledos voam do
pórtico estrondoso. Por frugífero campo atravessando,

A carreira os ungüíssonos terminam, Quando as veredas
obumbrava a tarde.

LIVRO IV

Já no vale da grão Lacedemônia,

Em casa o Atrida glorioso encontram

Com pompa a celebrar do filho as núpcias

E as da filha sem pecha. Em leves carros

Ia enviá-la à Mirmidônia corte,

Ao do Rompe-esquadrões herdeiro Pirro, De Ílio cumprindo o
juramento sacro.

Do Espartano Aléctor une uma virgem Ao forte Megapentes, que
uma escrava N'ausência lhe pariu: de Helena prole

O Céu não lhe outorgou, depois da amável

Hermíone, rival da loura Vênus.

No amplo alcáçar opíparo convívio

Deleita a cidadãos e a forasteiros, À lira canta um músico divino,
Dous bailadores a compasso pulam; Mas o coche ao vestibulo e o
Nestório E Telêmaco estão. Pajem do Atrida,

O bravo Eteoneu, que os observava, De povos ao pastor a
informar veio:

“Dous hóspedes, quiçá de Jove garfos,

Temos: desatar cumpre a veloz biga,

Ou mandá-los, senhor, para outro asilo?” “Dantes eras, Boétidas,
sisudo,

O flavo rei troou; mas louquejaste, Compassível discurso. Ah!
quantas vezes O pão comi da mesa do estrangeiro!

De novas aflições me afaste Jove!

Solta a parelha, os hóspedes convida.” Eteoneu chama os
fâmulos, que o seguem: Aos suados corcéis, do jugo livres,

Meiam cevada e espelta a manjedoura; À parede luzente o carro
apoiam; Introduzem na régia os peregrinos, Régia brilhante como
o Sol e a Lua.

Já farta a vista, em limpa cuba os lavam

E ungem de óleo as escravas, que, em felpudos

Albornozes, e túnicas macias,

Do soberano a par os apoltronam.

De gomil de ouro às mãos verte uma delas Água em bacia
argêntea, a mesa lustra, Que enche a modesta afável despenseira

De pães e das presentes iguarias; Escudelas de várias novas
carnes

O trinchante apresenta e copos de ouro.

Dá-lhes a destra e fala Menelau: “Comei, saboreais; depois da
ceia, Saberemos quem sois. De escura estirpe Certo não vindes,
mas de heróis cetrados: Gérmen vil não rebenta em plantas
nobres” Aqui, tergo bovino assado e gordo.

Seu quinhão de honra, aos hóspedes oferta,

Que ao regalado prato as mãos estendem. Refeitos já, Telêmaco
ao Nestório

Inclinou-se em voz baixa: “Considera,

Amigo da minha alma, como ecoa

E esplende a sala, em bronze, em prata, em ouro, Em electro e
marfim! Do interno Olimpo

É tal o adorno imenso: espanta olhá-lo.” Menelau, que o percebe,
acode: “Filhos, Ninguém se iguala a Jove na opulência; Eterno é
seu palácio. Uns nos haveres Superam-me, outros eu: mas que
infortúnios Oito anos carreguei, vagando os mares!

Vi Chipre, vi Fenícia, vi o Egito,

A Etiópia, a Sidônia, Erembos, Líbios;

Onde aos cordeiros nascem presto os cornos, E há três partes a
ovelha anualmente:

Lá senhor nem zagal tem míngua nunca De queijo e carnes e
mungido leite. Enquanto eu cumulava tais riquezas,
Por dolo da consorte o irmão foi morto, E elas na amarga dor não
me consolam.

Ter-vos-ão vossos pais, quem quer que sejam,

Contado os meus pesares: de Ílio em cinzas

O precioso espólio os não compensa. Com pouco no meu lar me
contentava, Se incólumes vivesse os que remotos Da Argólida
ubertosa lá caíram. Amiúde, sentado a lamentá-los Saudoso verto
lágrimas que enxugo, Pois viver não podemos de tristezas;

Porém choro um mormente, e o recordá-lo

O sono tira-me e o sabor, dos Gregos O mais acérrimo e
constante, Ulisses. Quantas penas o fado reservou-lhe,
Quantas a mim também na ausência longa

Se respira ignoramos; e o pranteiam O decrépito pai, a honesta
esposa, Tenro o filho Telêmaco deixado.”

À lembrança de Ulisses, água chove

Dos olhos do mancebo, que às mãos ambas Esconde-os n'aba do
purpúreo manto: Menelau o descobre; em si reflete

Se o deixa declarar-se, ou prosseguindo

Lho pergunte e se explique. Entanto, Helena

Do alto assoma camarim fragrante,

Qual Febe de arco de ouro: Adestra logo Chega-lhe uma poltrona,
traz-lhe Alcipe De lã mole tapete, e Filo o argênteo

Rico açafate dádiva de Alcandra,

Mulher de Pólipo, o da Egípcia Tebas, Em maravilhas célebre.

Houve dele

O flavo rei de prata duas tinas,

Duas trípodas e áureos dez talentos; Houve de Alcandra Helena
roca de ouro, De ouro com orlas e redondo embaixo

O açafate que Filo apresentou-lhe

De preparado fio, a roca em cima

E roxa lã. No assento e de escabelo

Aos pés Helena, a Menelau inquire:

“De Jove aluno, que hóspedes nos honram?

Quer acerte, quer não, falar desejo: Tanto não vi, de vê-lo estou
pasmada, Mulher nem homem semelhar-se a outrem! Aposto
haver Telêmaco ante os olhos,

De Ulisses ramo, que o deixou de berço, Quando magnânimo
entre os nobres Graios Foi debelar, por minha culpa, Tróia.”

E o marido: “Consorte, o mesmo cuidado.

As mãos tem dele e pés, cabelo e testa,

O penetrante olhar; do herói me lembra, Do que por mim sofreu,
do que ainda sofre: Há pouco o moço, em lágrimas desfeito, No

purpurino manto as escondia.” Pisístrato ajuntou: “Pastor de povos,

Ele é sim, que modesto aqui primeiro De interpelar se peja a um rei tamanho, Cuja encantada voz nos regozija.

O ancião Nestor mandou-me acompanhá-lo;

Vem pedir-te ou socorros ou conselho; Sendo ausente seu pai, na própria casa Ah! padece, e lhe faltam protetores, Falta-lhe povo que remova o dano.”

E o rei: “Que! no meu teto o filho tenho De quem por mim correu perigos tantos! Sobre os outros heróis o amava eu sempre, Se feliz travessia às naus veleiras

Nos concedesse o próvido Satúrnio. Cidade evacuando a mim sujeita,

Paços lhe erguera, e de Ítaca ele a gente, Família e bens à Argólida passava.

Em contínua aprazível convivência,

Nada nos separava, antes que a morte Nos cobrisse de trevas.

Mas o Olímpio Tal dita inveja, nega-lhe a tornada.” Gera-se um vivo pranto: Helena chora, Chora o esposo e Telêmaco; o Nestório, Não enxuto, recorda-se de Antíloco,

Morto às mãos de Mênon da Aurora filho, E bradou:

“Prudentíssimo aclamar-te Nestor em nossas práticas saía;

Digna-te ouvir meu parecer, Atrida: À mesa nunca choros me
recreiam, Mas na alvorada removê-los cabe;

Só consagram-se aos míseros defuntos

Cortada a coma e lágrimas sentidas.

O irmão perdi também, que reconheces Não era o mais imbele:
ouvi que a muitos, Pois lá não fui, se avantajou garboso
Velocíssimo Antíloco e bizarro.”

Atalha o Atrida: “Em obras e palavras

Prudência inculcas de maduros anos; Saíste ao celso pai, querido
jovem.

Fácil o sangue de um mortal se estrema

A quem ditoso berço e casto leito O Satúrnio fadou; como o
Nelide, Que em velhice pacífica desliza Entre guapos herdeiros
valorosos.

Mas suspenda-se o luto; as mãos se lavem,

Toca a cear. Telêmaco à vontade, Raie a manhã, conversará comigo.” Água ministra Asfálio, atento servo; Deitam-se os convidados às viandas.

Helena al excogita: anexa ao vinho

De nepentes porção, que aplaque as iras E as tristezas desterre; o que a bebesse Não brotava uma lágrima no dia,

Por mãe nem genitor, irmão nem filho, Que visse degolar. De Jove à prole Dera bálsamos e ervas Polidana,

De Fono Egípcia esposa, cuja terra

Os reproduz saudáveis ou nocivos,

E onde o médico excede os homens todos E de Péon descende.

Helena exclama, Preparada a poção: “De heróis procedem, Sim, divo Menelau; mas poderoso

Dispensa o Eterno as mágoas e os prazeres. Discursando o festim saboreemos;

De gratas narrações vou deleitar-vos. Todas não posso referir proezas

Do sofrido varão durante o assédio;

Onde os Aqueus mil transe aturastes; Mas uma contarei. De
chagas torpes

E andrajos desfeito, qual mendigo,

Em Ílio introduziu-se, e em pobre escravo

Da mesma frota Argiva disfarçou-se. Por mim só conhecido, ele às
perguntas

Me quis tergiversar; mas, quando ao banho

O ungi, vesti-o. e lhe jurei segredo

Até que aos pavilhões e às naus voltasse, Me revelou dos Gregos
os projetos. Alguns matando à espada, cheio foi-se De
informações. As Teucras ululavam; Eu me alegrei, pois já de novo o
peito Patrizar me pedia, arrependida

Sentindo o haver, a impulsos da Cipônia, Largado a casa, a filha, o
toro, o esposo, Que em talento e beleza a ninguém cede.” O
marido aplaudiu-a: “Sim, consorte, Muito hei peregrinado, heróis vi
muitos;

O coração de Ulisses nenhum tinha: Paciente, engenhoso, e forte e sábio, Quanto ideou, quanta mostrou constância, No cavalo artefato, em que os melhores Clade e exício aos Trojúgenas levamos! Com Deífobo divino ali vieste,

E em seu favor um nume te inspirava;

Em três giros, palpaste a cava insídica, E com voz da mulher de cada chefe Os nomeavas todos. Eu no centro

E Tidides e Ulisses te escutam:

Surdir os dous ou responder quisemos; No ímpeto e fogo Ulisses nos conteve. Calam-se os mais, ia falar Anticlo;

Com mãos robustas pertinaz Ulisses Lhe aperta a boca, o exército preserva, Até que enfim reconduziu-te Palas.” Eis Telêmaco: “É duro que as virtudes, Sublime rei, da Parca o não livrassem, Qual se tivesse um coração de ferro.

Mandai-nos ora aonde ambos logremos As delícias do sono.” — Presto Helena Desdobrar faz ao pórtico umas camas De almofadas e espessos cobertores

E purpúreos tapetes: logo as servas

Aparecem de facho, e tudo aviam; Conduz arauto os hóspedes; lá dormem O herói Telêmaco e o Nestório egrégio. Pernoita Menelau na interna alcova,

E a mais gentil mulher nos braços dele. Do éter gênita, surge a roxa aurora: Desperta, veste-se o belaz Atrida; Cingindo a espada, as nítidas sandálias Calça, e ao pé do Ulisseida vem sentar-se:

“Que precisão, Telêmaco, rasgado

O equóreo dorso, te conduz a Esparta?

É pública ou privada? eia, franqueza.” Prudente o moço: “A ti, senhor, pujante, Vim para de meu pai colher notícias. Enchem-me a casa, arruinam-me a fazenda, Matam-me negros bois, e ovelhas pingues Os procos de Penélope, vorazes, Arrogantes, violentos e importunos.

Conta-me, eu te suplico, a morte sua,

Se a viste ou referiu-te um forasteiro. Foi no ventre materno à dor votado!

A minha tu não poupes, nada ocultes;

E, o caro genitor se em tudo e sempre

Te era fiel na desastrosa guerra,

Isso lembre-te agora e não me iludas.”

O Espartano suspira: “Oh Céus! cobardes

Ao tálamo aspirar de herói tamanho! Se, em covil de leão depondo
acaso

Os filhinhos de mama, o vale e monte

Lustra a corça a pastar, entrando a fera

Os esgana cruel: destarte Ulisses

Lhes dará morte certa. Ele se ostente, Ó Jove, Palas, Febo, como
em Lestos Quando com Filomelides em luta,

O prostrou com prazer dos bravos Gregos: A boda em breve
acerba lhe seria. Satisfazer-te vou no que me imploras;

Dir-te-ei sem rebuço quanto arcano

Aclarou-me o veraz marinho velho.”

“Os deuses, que nos punem, de olvidá-los, Impaciente no Egito me retinham,

Porque faltei com justas hecatombes. Lá Faro surge à flor da azul campina, De foz em fora, quanto em singradura Marcha popa a que vente aura sonora; Tem um porto seguro e boa aguarda, E ao pélogo os baixéis dali descendem.

Uns vinte dias, não soprando Eolo,
Que pelo undoso ponto os nautas leva

E a planície lhe encrespa, eu demorado, Com poucas provisões,
lassa a companha, Desesperava já, quando Idotéia,

Do potente Proteu marinha prole, Ocorreu compassiva a mim sozinho;

Que os mais de curvo anzol, do ventre urgidos,

De toda a ilha em derredor pescavam. Acometeu-me a deusa: —
“Estulto ou fátuo, Ficas-te, hóspede, em mágoas te apascentas, E

enquanto aqui sem termo estás detido, Langu e definha o coração dos sócios.”

“Ó deusa, contestei, seja qual fores,

Por meu gosto o não faço, mas suponho

A celícola algum ter ofendido. Ora dize, a imortais é claro tudo,

Quem assim me proibe o mar piscoso. — “Ela ingênua me foi: —

Do Egito o velho, De Netuno ministro, aqui se aloja,

Proteu meu pai, que as úmidas entranhas Tem sondado e conhece.

Há de ensinar-te, Se obténs prendê-lo, como a rota sigas,

E se o queres também, de Jove aluno, Os maus ou bons

domésticos sucessos Durante erros teus no instável pego —

Eu porém: — Com que insídias surpreendê-lo

Poderei, sem que fuja ao pressentir-me? Não é para mortais

vencer a numes. — “A guapa ninfa continua: Atende.

Ao meridiano Sol, do salso abismo, Hirtas sobre a cabeça as

fuscas ondas, Surde o ancião de Zéfiro aos sonidos; Numa

espelunca dorme, e em torno juntos Ápodes focas de Halosidna

bela,

A exalarem ascosa maresia.

N'alva, hei de colocarte em sítio azado, Com três que elejas da valente frota. Seus ardis eu te expendo. Cinco a cinco, Ronda e enumera as focas, e no meio Deita-se qual pastor com seu rebanho; Sopita-se depois. De jeito e força

Os agarreis, bem que anele escapulir-se;

E em serpe ao converte-se, em água, em fogo

Tende-o mais duro e firme, até que o velho,

Já volto à prima forma, a interpelar-te Comece. Inquire então que nume avesso Te fecha o mar piscoso. — Ei-la mergulha; N'alma comoto, às naus varadas corro. Depois da ceia, inteira a noite amena

Pela praia arenosa adormecemos.

“Já vermelha a manhã, do imenso lago À borda chego a suplicar os deuses, Mais três seguros destemidos sócios. Para enganar o pai, do fundo a ninfa De focas sai com frescas peles quatro;

Camas na areia escava, à espera tem-se; Vê-nos enfim, nas
camas nos concerta, A cada qual em sua pele enfronha.

Tetra cilada! os focas trescalavam

Nutridos na salsugem: de um cetáceo Quem pode ao pé jazer? útil
a deusa, Neutralizando o cheiro, doce ambrosia Nos unta às
ventas: A manhã passamos, Com paciência os quatro; acima os
focas Surgindo, junto a nós se enfileiraram. “Merídio vem Proteu;
conta, examina,

Por nós principiando, o gado obeso,

E sem dar pelo engano ali se estende. A vozearmos súbito o
agarramos:

Sem lhe esquecer o ardil, muda-se o velho

Em jubado leão, drago, pantera, Cerdo, riacho, ou tronco de alta
copa; Mas, com tenacidade urgido, o astuto Lasso vociferou: —
Que deus, Atrida,

A forçar-me instruiu-te? que pretendes? — Mas eu: — porque me
enganas, tu que sabes Que ansioso estou sem termo aqui detido?
Ora dize, a imortais é claro tudo,

Quem assim me proíbe o mar piscoso? —

“Devias, respondeu-me, antes do embarque

Sacrificar ao Padre e à corte sua, Para alcançares próspera
viagem. Amigos não verás, nem pátrio alvergue, Sem que ao Dial
Egito rio volvas

E às divindades hecatombes sagres: O teu desejo então será
cumprido. — “Magoadado por de novo irmos ao rio, Longa árdua
rota em borrascoso pego,

Inda insisti: “Proteu, quanto me ordenas

Preencherei; mas dize-me sincero

Se os Arquivos que em Tróia se apartaram

De Nestor e de mim respiram todos,

Se algum morte imprevista, após a guerra, Teve a bordo ou nos
braços dos amigos. Ele: — Indagas, Atrida, os meus segredos?

Olha que d'água os olhos não te banhem. Dos livres da matança
em que te achaste, Só morreram dous chefes arnezados,
E um vivo está no meio do Oceano.

Ante as remeiras naus, bebendo as ondas, Ajax de Oileu da Parca
foi preado: Primeiro às pedras o lançou de Giras Favorável
Netuno, onde escapara

Mal grado a Palas, se ímpio não bramasse Que era salvo apesar
dos mesmos deuses; Eis, da blasmêmia azedo, o rei dos

Pega do seu tridente e fere a penha

Aos pés de Ajax, que se abismou no fundo

Com porção do rochedo. Em cavo bojo

Foi por Juno Agamemnon preservado;

Mas, ao dobrar o Maléia, uma tormenta O arrojou pesaroso ao
campo extremo, De Fiestes morada, ora de Egisto: Seguro cria-se,
e mudado o vento, Recolhidos os deuses, o chão pátrio

Beija alegre e o ensopa em quente choro. Um vigia o avistou, que
o ano inteiro,

De dous áureos talentos com promessa. Pôs de atalaia Egisto, e
que era atento, Por temer que, aportando inopinado,
O herói do seu valor se recordasse; Denunciá-lo foi. Súbito Egisto,
Insidioso, valentões da plebe
Vinte escolheu, que estavam de alcatéia, Aprestado um banquete
em outra sala. O traidor, meditando, em coches parte
O Atrida a convidar, que à ceia incauto, Como a rês no presepe, é
trucidado; Nem sócio deste, nem de Egisto mesmo
Poupam na régia os brutos matadores. — “Cai na areia em pranto,
e compungido Viver nem ver queria ao Sol a face.

De prantear cansei-me e rebolcar-me,

E então Proteu: — O luto é sem remédio, Basta; a Micenas corre;
ou vivo ou morto Ou de Orestes punido, ao menos chegues Para
os seus funerais. — Isto me acalma

O generoso peito, e veloz falo:

— Pois bem, doa-me embora, esse outro ou preso

Ou morto no Oceano me declares. — “Prossegue o vate: — É o Ítaco Laércio. Na ilha o vi desfeito em grossas lágrimas. Por Calipso retido, e sem navio

Para vogar no páramo salgado. Genro de Jove, tu de Helena esposo, Morrer em campo Argólico não deves, Mas, junto ao flavo Radamanto, o Elísio Deleitoso habitar, confins da terra;

Onde os humanos docemente vivem, De temporais, de neves, de invernadas Sempre isentos, e de auras do Oceano Fresco bafejo e respirar suave. —

Então sumiu-se no espumoso ponto.

“Com meus divinos sócios, no embarcarmos,

Ia deliberando, e espessa a noite, Finda a ceia, no seco repousamos.

No matutino albor, em nado os lenhos

De amuradas iguais, mastros eretos E tendidas as velas, de seus bancos Batem remeiros o espumoso pego. De novo ao rio Egito navegamos,

E apaziguado o Céu com sacrifícios,

Do irmão levanto em honra um cenotáfio. Prosperamente os ventos assoprando, Mandam-me os deuses à querida pátria.

Agora, fica tu comigo uns dias,

Dez ou doze; haverás válido coche,

Três corcéis, linda copa, que, em sagradas

Libações, deste amigo te recorde.” “Não me detenhas replicou Telêmaco. Um ano, deslembado o lar paterno. Dessa boca eloqüente aqui pendera; Mas, já com tédio, na divina Pílos

Meus sócios, Menelau, por mim suspiram. Dás-me um tesouro; eu deixo-te os cavalos Nas mimosas campinas em que imperas,

Onde à larga germinam loto, junça, Trigo, cevada e espelta; lá nem tenho Vastos circos nem prados: só de cabras, Não de poldros nutriz, me é cara a terra; Pois, Ítaca mormente, em roda as ilhas Do nosso mar em pastos não verdejam.” Ri-se o pugnaz Atrida, e a mão lhe cerra: “És de bom sangue, acertas. Posso, filho, Pela mais bela a dádiva trocar-te

Por argêntea cratera de áureas bordas,

Lavor exímio de Vulcano mesmo: Foi do rei dos Sidônios glorioso

Prenda, ao nos despedirmos; de hoje é tua.”

E entanto em sala interna resplendente Concorrem: quem ovelhas,
quem trazia O vigoroso vinho; o pão, de fitas Ornadas moças.
Lauta a ceia aprestam.

Mas de Ulisses na régia, ao disco e dardo

Os procos num calçado se exerciam

Pátio, que da protérvia era o teatro;

E, ao pé de Antino e Euríniaco deiformes, Indagou Noémon, de
Frônio garfo:

“Sabe-se, Antino, da arenosa Pilos

Se Telêmaco é vindo? Em meu navio Foi-se, e a Élide vasta ir
necessito; Éguas doze lá tenho e mus bravios,

E alguns desejo acostumar ao jugo”.

Atônitos calaram, que o supunham

Em Pilos não, mas a velar nos prédios, No pastor e na grei. De golpe Antino: “Quando, como partiu? seletos jovens De Ítaca tem consigo, ou tão somente Mercenários e escravos? Que ardileza! Fala a verdade; a nau, por força a deste, Ou cedendo a seus rogos voluntário?” Súbito Noémon: “Fi-lo espontâneo.

A preces de homem tal quem não cedera,

E em tanta angústia? A gente mais luzida

E a Mentor vi no embarque, ou certo um nume, Que em tudo o parecia. Mas, oh! pasmo,

O divino Mentor bem que embarcasse,

Na manhã de ontem me encontrei com ele.”

Disse, e à casa paterna recolheu-se. Os audazes, comotos e aterrados,

Se abstêm dos jogos. O Eupiteio ruge, De rábido furor, olhos em brasa:

“Oh! que atrevida empresa! de acabá-la

Julgado era incapaz: mocinho, às ondas, A despeito de nós, deitou navio,

E com gente escolhida foi-se impune. Este começo nos agoura danos,

Se o não tolhe o Satúrnio. Já, ligeiro Baixel de vinte remos; que, à passagem De Ítaca e Samos numa espera, conto

Que a viagem por seu pai lhe seja amarga.” Aprovam todos e ao palácio montam. Médon, que ouviu de fora o atroz conluio, Pelo pátio açodou-se a anunciá-lo,

E Penélope indaga: “Eles te enviam,

Para que as servas do divino Ulisses Terminem seu trabalho e a mesa ponham? Basta de importunar-me e a quaisquer outros. Esta lhes fosse a derradeira ceia!

Ó vós que ao meu Telêmaco amiúde

A substância esbanjais, nunca em meninos

Quem seu pai era aos vossos escutastes?

Brando ao povo, em palavras comedido, Justo e humano, alguns reis não semelhana Que ódio e favor dispensam caprichosos. Ah! vós lho agradeceis com torpes feitos.”

E o sensato Médon: “Fosse, ó rainha, Esse o mal todo! os bárbaros meditam, Jove o remova, assassinar teu filho

Ao regresso de Pilos e de Esparta, Aonde foi colher de Ulisses novas.” Do abalo sufocada, esmorecida, Joelhos frouxos, lágrimas nos olhos, Estúpida soluça e balbucia:

“Que! nada urgindo, cavalgou meu filho

Num dos corcéis do mar que a salsa imensa Via atravessam! Nem pretende ao menos Renome entre os humanos!” — “Eu ignoro, Torna Médon, se um deus, se impulso próprio Fê-lo ir do pai no alcance, ou vivo ou morto.” Nisto, o arauto a seu posto recolheu-se.

Bem que a sala em cadeiras abundasse, Atormentada ao limiar sentou-se

Da câmara custosa, a lastimar-se;

Em ais cercam-nas as servas quantas eram, Velhas e moças, a quem diz chorando:

“O Céu me aflige, ó caras, mais que a todas

Que nasceram comigo e se criaram: Meu marido perdi, leão no
esforço

De virtudes complexo, espelho aos Dânaos, De Hélade e Argos
espanto; ora o só filho Preia inglório será das tempestades.

Cruéis, vós que o sabíeis, à partida

Acordar-me do leito não viestes:

Se eu da sua intenção fosse inteirada, Ele ou não ia ou morta me
deixara.

Uma aqui chame a Dólio, o velho escravo.

Paterno dom, cultor dos meus pomares; Corra, informe a Laertes,
e este ao povo Deplore a trama que extinguir a estirpe Dele e de
Ulisses divinal promove.”

A ama Euricléia então: “Querida ninfa,

Mates-me a duro bronze, ou bem me poupes, Não te oculto, ciente
o pão e o vinho

Eu mesma forneci; jurei sagrado

Por doze dias, salvo ou presentires

Ou vê-lo desejares: tinha medo

Que te ofendesse o pranto as faces belas. Tu purifica-te e alvas
roupas cinge,

No alto com tuas fâmulas implora

A Tritônia que o filho te conserve;

Não contristes o velho. Eu não presumo Que o Céu deteste a
geração de Arcésio: Sequer nos restará quem nesta régia

Mande em longínquos ubertosos campos.”

Com isto aliviada, enxuga os olhos; Sobe, e se purifica e se
reveste,

Ora com suas fâmulas, esparso

De açafates o farro: “Ouve-me, ó gérmen Do aluno e Amaltéia; se
o prudente Ulisses te queimou de ovelha ou touro Gordas pernas,
conserva-lhe o só ramo, Daqui me afasta os arrogantes procos.”

Geme e ulula; aceitou-lhe os votos Palas. Pelos escuros átrios em tumulto,

Sem suspeita, os protervos se diziam: “Certo, ignara do risco de seu filho, Cobiçada a rainha apresta as bodas.”

Mas Antino os atalha: “Endiabrados, Calai-vos, pode alguém denunciar-nos; Tácitos nosso plano executemos.”

Vinte escolhendo, lesto à praia os guia;

Eis, o baixel em nado, o mastro erigem, Remos aos bordos em correias atam, Armas carregam valorosos pajens,

E dos envergues fora as brancas velas, Comem de largo, esperam que anoiteça. Penélope, em jejum, no andar cimeiro, Só no inocente cuida, se ele escape,

Ou se aos golpes sucumba dos traidores: Como temendo, em círculo doloso

De montanheses, o leão cogita, Ela pensa e repensa, e recostada Lhe amolenta as juntas meigo sono. Palas, que isto aguardava, uma aparência Da Icária Iftima, em Feres com Eumelo Casada, aos paços de Laércio expede, Porque o pranto a Penélope refreie; Na câmara a visão, por entre o loro

Da fechadura entrando, à cabeceira:

“Adormeces, Penélope, lhe brada,

Aflita e mesta? Os numes não permitem

Essa tristeza; reverás teu filho,

Que nunca os ofendeu nem levemente.” Às portas já Penélope dos
sonhos Adormentada, fala: “A que vieste,

Irmã, que, ao longe moradora, nunca

Me visitavas? queres que eu deponha

As dores e aflições que n’alma sinto?

Perdi meu bom marido, exemplo aos Dânaos, Honra da Grécia:
agora o só renovo,

Inexperto em negócios e em trabalhos, Meteu-se em cava nau.

Mais choro a este; Que se afunde, ou padeça em clima alheio,

Temo e tremo: inimigos o insidiam,

E antes que volte aqui matá-lo anseiam.” “Ânimo, ajunta, o fusco simulacro;

Não te assustes que o segue uma de todos

Aparecida: a consolar-te as penas

A potente Minerva a ti mandou-me.” “Se és deusa, diz Penélope, ou da deusa Ouviste a voz, do outro infeliz me informes:

À luz do Sol acaso inda respira,

Ou jaz defunto na Plutônia estância?”

A sombra contestou: “Se é morto ou vivo

Omito, é vão discurso.” E como vento Por entre a fechadura esvaeceu-se. Desperta a Icária, exulta ao ver o sonho Da noite na calada sobrevir-lhe.

A úmida via os pérfidos sulcavam, De Telêmaco o exício ruminando. Fica entre Samos e Ítaca fragosas Ásteris, ilha exígua, de pastagens,

De abras, de uma e outra banda, ao crime azadas, Para a traição,
de espreita, ali se escondem.

LIVRO V

Mal surge a Aurora do Titônio leito, O mundo alumando, à corte
sua Preside o poderoso Altitonante,

E Minerva solícita o Laércio,

Pela Ninfa retido, assim deplora:

“Ó padre, ó vós beatos sempiternos,

Cetrígero nenhum será benigno,

Reto e humano, sim duro e injusto e fero; Pois ninguém, entre os
povos de que Ulisses Era um pai, já se lembra dos pesares

Que padece, impedido por Calipso, Faltando-lhe galé que à pátria
o leve

Pelo equóreo amplo dorso. O nobre herdeiro Traçam-lhe
assassinar, que a Esparta e Pilos Foi do afamado pai colher
notícias.”

E o Nubícogo: “Filha, que proferes? Não projetaste mesma o como Ulisses Venha e se vingue? O filho guiar podes, E a nau dos pretendentes retroceda”.

Vôlto a Mercúrio: “Núncio e amada prole,
Já já, que a ninfa de cabelos crespos

Solte o herói: Nem varão nem deus o ajude: Em tecida jangada a curtir penas,

Ao vigésimo dia arribe à esquéria;

Donde os Feaces, a imortais propínquos, Honrado a par de um nume, à terra o enviem, Em nau de alfaias e ouro e bronze onusta, Quanto nunca, se incólume tornasse,

Do espólio que lhe coube, transportara: O lar e os seus rever tem por destino.” Calça o Argicida os áureos seus talares,

Com que, parelho aos ventos, o amplo globo

E o vasto mar transcursea; a vara toma Que, a seu prazer, dá sonos ou desperta; À Piéria descai, e rui dos ares

E à tona d’água aleia, qual peixinhos Por inquieto golfo o guincho caça, Crebo na espuma as asas imergindo. Já do azul ponto à

ínsula apartada Voa, e à gruta caminha de Calipso: De longe tuia
recendia e cedro, Ardendo no fogão; melífluas árias

Ela entoava, a teia percorrendo

Com lançadeira de ouro. Em torno à gruta

Choupo, odor cipreste, alno viceja;

Ali — extensas no bosque aninham-se aves, Gaviões e bufos,
linguareiras gralhas,

Ao marinho bulício afeiçoadas. Fora, parreira de pubentes ramos
Flores em uvas; quatro fontes regam De água pura, chegando-se
e fugindo, Aipos e violais em moles veigas:

Um deus pasmado ali se deleitava,

E o fez Mercúrio assim. Deve ver saciado, Ele dentro penetra, e a
ninfa augusta

Num relance o conhece; porque os deuses

Por distantes que morem, dão-se todos. Lá não encontra o
generoso Ulisses, Que era na praia, os macerados olhos Pelo
ponto infrugífero estendendo,

Em suspiros e lágrimas. Num trono

Maravilhoso e esplendido sentado,

A ninfa o inquire: “Venerando amigo,

De áurea vara a que vens? não vinhas dantes.

Cumprirei, no que possa, os teus mandados. Hospitaleiros dons
vou apresentar-te.”

Ela, em mesa que alçou, mistura ambrosia

E rubro néctar. Saboreia alegre

E diz Mercúrio: “Deusa, em deus perguntas

A que venho? Obrigado fui por Jove: Quem voluntário atravessava
o ingente Pélago salso, onde cidade falta

Que nos sagre solenes hecatombes?

Mas transgredir-lhe as ordens não podemos. Dos que os Priameus
sitiados muros

Ao décimo ano destruíram, consta

Que tens contigo o mais desventuroso: No regresso ofendida,
excitou Palas Tempestade em que os sócios pereceram; Salvo
abordou só ele às praias tuas.

Quer Jove que o mais breve o deixes livre; Dos seus não morra
ausente: amigos, pátria, O alto paço rever, tem por destino.”

Freme Calipso e rápido responde:

“Cruéis sois todos, ívidos, ciosos

De que em seu leito às claras uma deusa

Mortal admita e ame e aceite esposo. Roubado Órion da Aurora
dedirrósea, O invejastes, vós deuses té que Febe Casta e
auritrônia o derribou na Ortígia Com brandas frechas; de Jasão
cativa, Quando num trietérico pousio

Com ele Ceres de anelada coma

Ajuntou-se amorosa, a fulminá-lo

Foi pronto Jove: agora, ó deuses, tendes Zelos desse homem, que
salvei lutando Sobre a quilha de nau despedaçada

Pelo mesmo Tonante, e que sozinho Arrojoram-me à ilha as negras
ondas. Carinhosa acolhi-o, na esperança

De isentá-lo da morte e da velhice;

Mas do Satúrnio o mando irresistível

Execute-se, vague pelos mares

De novo o herói. Não posso despedi-lo; Vasos faltam-me e nautas
que o transportem Por essa imana via: hei de contudo

Mostrar-lhe o como ileso à pátria volva.”

“Despede-o já, replica-lhe Mercúrio;

Nunca irrites a Júpiter, nem queiras Irado experimentá-lo.” Disse,
e foi-se. Dócil a ninfa, se dirige à praia

Onde Ulisses longânimo gastava

A doce vida, os olhos nunca enxutos, Saudoso e enfastiado; pois
com ela Por comprazer dormia constrangido,

E gemebundo, o ponto contemplando, Passava o dia em litoral
penedo.

Rosto a rosto lhe fala a deusa augusta:

“Cesse o pranto, infeliz, não te consumas; Parte, consinto. Abate a
bronze troncos, De alto soalho ajeita ampla jangada,

Em que o sombrio páramo atravesses:

De pão te hei de prover e de água e vinho, De agasalhada roupa;
auras favônias

Te levarão seguro à terra cara,

Se esta for dos Supremos a vontade,

Que em saber o júizo me superam.”

E arrepiado o herói: “Que teces, deusa? Numa jangada queres tu que eu tente As vagas horrendíssimas, difíceis

Às mesmas de iguais bordos naus altivas, Do Etéreo aos sopros a exultar afeitas? Não farei tal, solene se não juras

Que nenhum dano, ó deusa, me aparelhas.”

Sorri mansa Calipso, a mão lhe afaga:

“És ardiloso e desconfias sempre.

Já comigo o jurei; mas o orbe saiba, O céu vastíssimo, a infernal Estige (Grave aos numes terrível juramento), Que nenhum dano, Ulisses, te aparelho: No teu caso obraria o que proponho.

Férrea e iníqua não sou, mas compassiva.”

E anda e Ulisses também, que entrado ocupa

O trono de Mercúrio; em frente, a ninfa Lhe oferece o que os homens alimenta, E as serventes a ela ambrosia e néctar.

Saciados ambos, começou Calipso:

“Voltar queres, astuto, em breve aos lares?”

Embora, adeus. Se as penas antevisses

Que te aguardam, comigo em laço estreito

Imortal ficarias, bem que aneles

Tua esposa abraçar, cuja lembrança

Te rala de contino; em garbo e talhe

A sobrelevo; que as mortais não podem Comparar-se em beleza
às divindades.” Ulisses respondeu: “Sublime deusa,

Não te agraves portanto; eu sei que em tudo

A prudente Penélope transcendes,

Nem da morte és escrava ou da velhice; Mas para os lares meus
partir suspiro.

Se um deus me empece, como os já passados,

Suportarei constante os outros males.” Cai a noturna treva: ambos num leito No amor se deliciam. Na alvorada, Uma túnica e um manto Ulisses veste;

Veste a ninfa um sendal cândido e fino, Faixa de ouro gentil ata à cintura,

Orna a cabeça de elegante coifa. A despedir o amante resignada, Érea forte bipene lhe fornece

De oleagíneo cabo artificioso,

Enxó dá-lhe amolada; aos fins o leva

Da ilha, onde medram árvores gigantes, Choupo, alno, abeto e percutir as nuvens,

Secos e aptos a vencer caminho:

Depois que a selva mostra, à casa torna. Ardente ele derruba troncos vinte, Falca, desbasta, esquadra, alisa e talha.

Com trados volta a ninfa; o herói verruma, Cavilha, junta as peças: quanto é largo

De nau de carga o bojo, obra de mestre,

Era a barca de Ulisses. Finca espeques, Pranchas estiva, um tabulado forma; Antena ao mastro anexa; mune o leme, Contra escarcéus, com vergas de salgueiro; Alastram-na pesados lígneos toros.

De lona, por Calipso oferecida,

Vela engenha, e de escotas e calabres

O mastro apruma; enfim, sobre alavancas, A jangada escorrega ao mar divino.

Ao quarto Sol perfeito o seu trabalho, Por despedida ao quinto a ninfa o lava, Perfuma e veste; o vinho em odre fecha, Num maior água, em saco os acepipes, O sustento em surrão; tépidas auras, Meigas invoca. O pano o divo Ulisses

Contente expande, lesto agita o leme; Cortado o sono, as Plêiadas observa, Tardo Bootes, a Carreta ou Ursa

Em Órion sempre fita ao revolver-se

A só que foge os banhos do Oceano:

Ir desta à esquerda lhe ordenou Calipso

Dias vários navega, até que enxerga, Já no décimo oitavo,
umbroso topes Da mais vizinha terra, a dos Feaces, Qual pavês a
ondear no escuro pego. Vem da Etiópia e dos Sólimos serros
Netuno o avista; sacudindo a fronte,

Em si raiva: “Ah! que dele dispuseram

Na minha ausência os deuses! Quase tocas

Onde, Laércio, é fado os males findes;

Mas nem todos provaste”. Eis move o cetro;

Procelas concitando, altera as ondas,

A praia e o mar enfusca, assola os ventos; A noite rui do céu;
muge Euro, Noto, Bóreas árido, Zéfiro insolente.

No peito esmorecido o herói murmura:

“Ai de mim! temo o anúncio de Calipso,

Que à pátria eu chegaria atormentado. Jove de que bulções
enluta os ares!

Que lufadas, que brenhas, que borrascas!

Presente o exício tenho. Oh! três e quatro

Veze ditosos os que em Tróia sacra Por amor dos Atridas
feneceram! Acabasse eu na hora em que êneas lanças Do Aquileu
corpo em cerco me choviam! Lá funerais houvera gloriosos:

Força é hoje beber indigna morte.”

Nisto, empinado vagalhão desaba, Horríssono investido a frágil
barca: Demite o leme e fora cai Ulisses;

Um tufão rende o mastro, e vela e antena Longe arremessa. Os
ventos o soçobram; Vir ao de cima os escarcéus lhe tolhem;
Pesam-lhe as vestes que lhe deu Calipso. Surde enfim, da cabeça
escorrendo água, Com ânsias vomitando os salsos goles; Mas não
se olvida, a nado o lenho aferra, Senta-se vigoroso, engana a
Parca.

Ele à matroca em vórtices flutua,

Como Áquilo outonal pela campina Montões joga de folhas e de
espinhos: Noto, Euro, Bóreas, Zéfiro contendem; Ora um, ora
outro, apossam-se da presa. Ino Cadméia, já falante moça

De torneado pés, que entre as marinhas

Deusas é Leucotéia, amiserou-se

Do seu penar; do fundo na figura

De um mergulho saindo e na jangada A revoar pousando: “Infeliz,
disse, Porque o Enosigeu te aflige e vexa? Ruja, que não
sucumbes. Sê cordato,

As vestes e o madeiro entrega às vagas;

Lança-te a nado à ilha, onde um refúgio Se te destina; toma, e aos
peitos esta Cinge, para salvar-te, imortal banda.

Ao negro ponto, às praias mal que atinjas, Virando as costas, para
trás a arrojes”. Dada a banda, as maretas remoinhando Nas
entranhas a escondem. Cauto Ulisses Geme e hesita em seu
ânimo divino:

“De um nume que ilusão! Desobedeço,

Pois a terra indicada é mui remota. Antes sofrer com paciência,
enquanto A barca se sustém; nadar pretendo Assim que a
desconjunte a marulhada: Outra nenhuma salvação me resta”.

Grosso escarcéu Netuno eis sublevando, Qual dissipa em tufão de
palha acervos, Traves destroça e tábuas furibundo: Num dos
pedaços leve o herói cavalga, Despe-se, a banda cinge, prono
estira

Os braços vigorosos, ardente nada. A cabeça o tirano azul meneia,
Consigo diz: “Batido pelas ondas,

Padece agora, até que aos homens chegues De Jove alunos; desta
feita espero Escarmentar-te”. E ao ínclito palácio

De Egeu move os cavalos crinipulcros. Palas não se descuida: aos
outros ventos Obstrui as vias, e os sopita e calma;

Deixa o Bóreas soprar e os mares quebra, A fim que a salvo se
introduza Ulisses Entre os Feaces do vogar amigos.

Duas noites flutívago e dous dias

A cada instante a morte imaginava; Mas na aurora terceira, quedo
o ruído, Sereno o ar, de cima de uma vaga Olhos aguça e a ilha vê
mais perto. Como se alegra o filho, cujo enfermo Pai dileto, por
graças dos Supremos, Sara de uma longuíssima doença,

De que um gênio odioso o atormentava; Tal folga ele da terra e da floresta.

Nos pés se estriba e insiste; mas, a alcance

De um grito, ouve o murmúrio dos rochedos, E a maretá a roncar na árida costa

E de alva aspersa espuma a cobrir tudo. Busca em torno angra, porto ou surgidouro, Acha recifes e ásperos cachopos.

Dos joelhos frouxo e de alma quase morta, Geme e em seu grande coração discorre: “Ah! terra deu-me Jove inesperada, Brenhas de água venci, mas onde aborde Não me aparece; agudas pedras vejo

E a fremir escarcéus, e lisa penha

Escarpada e a raiz na profundez.

Não posso os pés firmar para evadir-me: Por mais que eu lide, à resvalente roca Talvez do fluxo o ímpeto me esbarre;

Se além nado a encontrar ou seio ou passo, Temo que entre gemidos a ressaca

Me empuxe e empegue, e infenso deus me lance

Algum dos monstros que Anfitrite cria; Sei quanto me é contrário o
grã Netuno”. Inda pensava, e à crespia riba um feio

Esto o rebate; e a cútis lacerava

E fraturava os ossos por Minerva

Se não fosse inspirado: a penha aferra

De ambas as mãos, e aguarda em ais que o rolo

O deixe ao recuar, mas o refluxo

Ao largo o arrasta e longe; e qual pólipos, Que destacam da cama,
traz pedrinhas Apegadas aos pés, retém o escolho

Das fortes mãos tenazes a epiderme. Da marejada opresso, ah!
perecera Contra o fatal querer, se a gázea Palas A prudência do
herói não reforçasse.

Do fundo acima vem, transnada e fende Marulhos que bramindo a
costa orvalham, Uma abra demandando, enseada ou praia; A foz
emboca enfim de um rio ameno, Tuto e limpo de pedras e
abrigado; Reconhecida a veia, orou devoto:

“Quem sejas, rio, atende as preces minhas;

Do furor de Neturno a ti recorro.

Um peregrino é sacro aos mesmos deuses: Eu, peregrino errante, há muito sofro; Suplico, ó rei, de mim te compadeças.” Tranqüilo a correnteza o rio amaina, Recebe-o em sua areia. Ele os nervudos Braços contrai e pernas; combalido, Inchado o corpo, alija amargas gotas

Pelos beijos e ventas; anelante,

Sem voz e extenuado, o corpo estende. Resfolga e areja, anima-se, descinge

E entrega a banda ao rio, que a transporta; Ino dela se apossa. Em apartado,

Num juncal se reclina, e o chão beijando,

Fala à sua alma grande: “Ai! que me resta?

Se ao relento pernoito às margens turvas, O rocio matutino e as graves auras

Me abaterão de todo: em selva opaca,

A consentir-me estar cansaço e frio, Dormirei sossegado; mas receio

Ser de feras escárnio e mantimento.” Reflete, e envia-se à floresta umbrosa, Em monte ao pé do rio. Uma figueira

E um zambujo, a medrar na mesma touça, Ali de modo achavam-se enredados,

Que nem úmidos sopros, sóis violentos, Nem chuveiros a copa transpassavam: Debaixo acama Ulisses tantas folhas, Quantas para a abrigar dous ou três homens Em rigoroso inverno bastariam;

Ledo se deita e chimpa-se no meio.

Qual, no extremo de um campo sem vizinhos, Conservando semente para o fogo,

Metete alguém seu tição na escura cinza; O paciente herói se esconde nelas. Palas, porque o descanse das fadigas, Lhe derrama nas pálpebras o sono.

LIVRO VI

Enquanto lasso e grave Ulisses dorme, Corre Minerva ao povo dos Feaces,

Que antes moravam na espaçosa Hipéria. De arrogantes Ciclopes infestada.

À Esquéria os trouxe o divo Nausíto, De homens cultos remota; ali fez muros, Casas e templos, dividiu seus campos. Desce a Dite, e por numes instruído

O substitui Alcino: aos paços deste Palas de Ulisses foi dispor a entrada. Na câmara dedálea de Nausica,

Na beleza e no porte sobre-humana,

Régia virgem, como aura introduziu-se, Bem que, êmulas das Graças, duas servas Lá de uma e outra banda repousassem

Às reluzentes e cerradas portas.

A eqüeva amiga da princesa, filha

Do marítimo Dimas afamado, Ela imitando, à cabeceira clama:

“Lenta a mãe tua te pariu, Nausica?”

Descuidas-te da roupa, e as núpcias instam; Para ti mesma e a comitiva toda,

Hás mister os vestidos mais formosos:

Ganhas assim renome, dás contento Aos genitores teus. N'alva, a caminho, O mais depressa lavaremos juntas; Pois longo tempo não serás donzela: Pretendem-te os melhores dos Feaces,

Da mesma estirpe tua. Ao rei mus pede, Carroça que amanhã transporte os cintos, Peplos e mantos: ir a pé mau fora;

Distam muito os lavacros da cidade.” Advertida a princesa, a déia ascende À beata mansão, que deleitosa

Nunca ventos açoutam, regam chuvas,

Ou neve asperge; onde ar sereno e limpo, Onde vivo esplendor eterno brilha.

A Aurora apoltronada esperta a jovem,

Que, atravessando as casas, vai comota Ao pai contar o sonho e à mãe augusta: Ela, ao fogão, fiava lã purpúrea

Entre as servas; tardio, ele à soleira,

Para o grande conselho ia saindo. A filha o atalha: “Genitor amado, Mandas-me aparelhar carroça leve, Onde carregue à fonte as pulcras vestes

Que cujas guardo? Em conferências cumpre

Estares com asseio ante os senhores; De cinco filhos teus, são dous casados, Mas lépidos os três querem solteiros De lavado ir à dança: eu tudo avio”.

Cala as núpcias ao pai, que assaz percebe:

“Nada, filha, te nego; ágil carroça

Terás de taipas cinta”. Ao mando, os pajens Tiram-na fora e os mus, que ao jugo prendem. Ela do plaustro ao leito a roupa desce;

Vários manjares traz a mãe num cesto,

Com sobremessa e um odre bom de vinho; À filha, já montada, uma áurea entrega Redoma de óleo, que as perfume. A jovem Brida flagela os mus, que estrepitosos

A carga e o flóreo bando arrebatavam. Junto ao rio, onde há poças de água pura Que a sordidez expurga, os brutos soltam

Nas margens a pascer melosa grama Tiram a roupa, acalcam-na
à porfia Dentro das covas, torcem-na, enxaguada A estendem
pela praia, onde os seixinhos

Tinha alvejado o mar. Enquanto a enxugam

Ao Sol fulgente, banham-se elas mesmas, E de óleo ungidas à
ribeira jantam.

Fartas já de comer, as toucas despem

E à pela jogam; doce cantilena

Entoa a bracicândida Nausica.

Se, no excelso Taígete cu no Erímanto, Javalis a caçar e gamos
leves,

Das de Jove escoltada agrestes ninfas,

Se diverte a frecheira irmã de Febo; Com prazer de Latona, alta
cabeça, Entre as belas belíssima se estrema: Tal as outras supera
a intacta virgem. Mas, jungida a parelha para a volta,

A roupa elas dobravam, quando Palas

Traça a maneira por que veja Ulisses A que aos Feaces conduzi-lo
deve. Eis a princesa a uma atira a pela,

Que errada cai no pego; as moças gritam, E Ulisses, despertando,
em si discursa:

“Ai de mim! que mortais aqui se alvergam?

Bárbaros são, injustos e ferozes,

Ou tementes aos deuses e hospedeiros? Senti femínea voz, talvez
de ninfas

Que habitem nestes coles, nestas fontes,

Nestes ervosos lagos. Inquiramos

Se homens são porventura e conversáveis”. Com mãos inchadas
quebra um denso ramo Que os genitais encubra, e da espessura

Sai qual montês leão, que, em si fiado,

Arrosta o vento e a chuva, e de olho em brasa Cães e ovelhas
comete e agrestes corças; Mesmo a curral seguro o ventre o
impele:

Tal, em nudez forçada, à companhia Pulcrícoma o varão se
apresentava Horrível da salsugem, dele fogem

Por entre as ribas: só de Alcino a jovem, Por Minerva animada, o
encara afouta. Reflete o sábio se lhe abrace as plantas, Ou rogue-
lhe de longe que um vestido

Preste e a cidade ensine: e, receoso De lhe ofender o pejo, este
segundo Meio prefere e brandamente implora: “Deusa ou mulher,
suplico-te, ó rainha. Se és íncola do Olimpo, representas

Em talhe e porte esbeíto a grã Diana, Prole de Jove sumo; se és
terrestre,

Oh! três vezes teus pais e irmãos felizes, Que alegrias nas coréias
graciosas!

De todos felicíssimo o que à cheia

Casa te guie bem dotada e rica!

Nunca de sexo algum meus olhos viram Tão formoso mortal:
admiro e pasmo. Nesta rota sinistra, eu fui-me a Delos Com boa
gente, e ao pé crescia da ara Apolínea um renovo de plameria,

Cujo aspecto assombrou-me; eu não pensava

Que maravilha tal brotasse a terra:

Assim, mulher, me espantas, nem me atrevo

Nesta grave miséria, os pés tocar-te. Pós dias vinte que da ilha
Ogígia Flutuava em borrascas, enfim ontem

Um deus cá me aportou, para outros males; Inda os Céus não
cansaram de afligir-me. De mim tem dó, rainha, a ti primeira

Na desgraça recorro; uma alma viva

Eu não conheço: aponta-me a cidade; Se o tens acaso, um roto ou
velho pano

Dá que me esconda as carnes. Justos numes

Te concedam, senhora, o que desejas, Marido e paz doméstica e
família:

Do acordo conjugal nasce a ventura;

Tudo medra, os consortes são ditosos; Causa prazer aos bons e aos maus inveja”. E a cândida Nausica: “Hóspede, ignóbil Nem insano te julgo. A seu falante Aquinhua os mortais o Olímpio Jove: Se te coube o infortúnio, a fronte acurva. Já que abordaste aqui, terás vestidos

E o que pede um mesquinho suplicante.

Vou guiar-te à cidade; habito nela

E em seu distrito o povo dos Feaces. Filha me honro de Alcino generoso, Que tem do império o cetro soberano”.

Vira-se à comitiva: “Olá! criadas, Fugis deste varão, como inimigo? Ninguém nos hostiliza; aqui num cabo

Do undoso campo, sem comércio externo,

São dos deuses validos os Feaces.

Um triste peregrino, o envia o Padre, Aos pobres compassivo; a contentá-lo

Tênuê dom basta. Ao nosso, ó companheiras, Dai bebida e comer; do rio em parte

Ide-o banhar dos ventos abrigada.”

Param; mútuo exortando-se, o conduzem Ao prescrito lugar, e apõem-lhe e entregam Manto, as mais vestes, a redoma de ouro,

E a meter-se o convidam na corrente. Mas o divino Ulisses:

“Apartai-vos, Quero mesmo limpar-me da salsugem,

E o que há muito não faço, ungir-me de óleo: Temo lavar-me todo nu, de moças Ofendendo o pudor.” — Elas se afastam

E o contam à contam à senhora. Imundas costas, Cabeça e largos ombros, ele esfrega;

Veste o que a virgem dera, enxuto e ungido.

Maior o torna e mais robusto Palas, Solta-lhe a coma ondada e semelhante À jacintina flor; qual fabro exímio,

Que ela mesma adestrara e o coxo mestre,

Graça lhe imprime na pessoa a déia. Marcha, e à praia sentado, em gentileza Resplandecia; às aneladas servas

Diz absorta a senhora: “Albinítes Companheiras, ouvi-me: sem mistério Não veio o herói; vulgar primeiro o cria;

E aos numes o comparo. Oh! se eu tivesse

Tal marido, e na Esquéria nos ficasse!

Vós do que houver servi-o.” Assim fizeram.

Por tão longo jejum, sôfrego Ulisses Come e bebe; e Nausica
bracinívea Na carroça depõe dobrada a roupa, Os ungüíssonos
ata, monta, amoesta

O alto varão: “Sus, hóspedes, à cidade;

Ao paterno palácio te encaminho, Onde os magnatas acharás
Feaces. Razoável te suponho, isto executes: Por agros e plantios,
eu diante,

Com minhas servas anda após o carro; Mas retém-te às muralhas
da cidade, Que dous portos possui de estreita boca Lá vara cada
um na sua estância

O açoutado baixel. Medeia aos portos

Largo foro, com lajes das pedreiras

Dos contornos calçado, e nele o templo

Alteia de Netuno. Ali conservam

Mastros, cabos, maçame, e remos talham; Que os Feaces não
curam de arco e aljava, Sim de antenas e velas, que bizzarros
Pelo espumoso pélagó os naveguem. O pé digo reprimas; que,
insolente Como é do bairro a plebe, a desluzir-me
Algum pode morder-me: — “Olhai Nausica;

Segue-a gentil estranho apessoadó; Será marido? Perto nenhum
mora; De um navio errabundo o ajuntaria?

Ou deus será do Olimpo que, a seus rogos Baixe e lhe assista
sempre? É bom que fora Fosse-o tomar; que os muitos que a
desejam Da Feácia nobreza, ela os despreza.”

Desta afronta e censura hei de correr-me; E em caso igual
censurarei aquela

Que, a despeito dos pais, antes das núpcias,

Com homens se mostrasse. Hóspede, à risca Preenche o meu
conselho, a fim que obtenhas Do rei gente e socorro e pronta
volta.

No caminho, alameda encontraremos,

Luco Paládio, e fonte e em roda prados, Onde meu pai tem quinta
e flóreos hortos, E dali à cidade em grito alcança:

Neste lugar espera, e quando penses Que é tempo já de estarmos
recolhidas, Entra no muro, indaga onde o palácio Do magnânimo
Alcino; outra morada Os Feaces não têm que a rivalize,

E um menino qualquer pode ensinar-ta. Do átrio penetres
velozmente à sala,

E busques minha mãe: sentada ao lume

Do aceso lar, é maravilha vê-la

E detrás dela escravas; encostada Ao pilar, volve um fuso
purpurino. Próximo está meu pai qual deus, no sólio

Almo vinho gostando: o rei pretiras, E os joelhos abraços da
consorte, Para que da partida a luz te raie;

Por distante que habites, se a comoves,

Ver conta a celsa casa e a doce pátria.” Ei-la verbera os mus, que
o rio deixam À desfilada, airoso o passo alternam; Mas de jeito

regia o açoute e as rédeas, Para os a pé de vista a não perderem.
Cai o sol; ao delubro de Minerva Demorando-se Ulisses, a depreca:

“Do aluno de Amaltéia, ouve-me, ó filha! Se tu não me atendeste
quando joga

Fui do ínclito Netuno, atende-me ora, Dá que os Feaces mísero me
amparem.” Palas o escuta, sem que lhe apareça, Com temor de
seu tio, que iracundo

Até Ítaca mesma há de vexá-lo.

LIVRO VII

Ora o sofrido herói; marcha a carroça, Pára Nausica ao pórtico
soberbo:

Os irmãos seus deiformes, que a rodeiam, Os mus disjungem,
dentro a carga levam. Ela à câmara sobe: o fogo acende

E a ceia lhe concerta Eurimedusa,

Do Epiro transportada em naus remeiras, Pelo povo escolhida em
recompensa

Para o potente Alcino, dos Feaces

Como um deus adorado; a qual na régia Nutriz foi da donzela, e é
camareira. Ergue-se Ulisses, e a propícia déia

O embuça em névoa grossa, que insultá-lo

E ofender ninguém possa, nem detê-lo Ou quem seja inquirir; mas,
da risonha Cidade ao começar, vem Palas como Rapariga de
cântaro à cabeça,

E o Laércio a interroga: “Filha, queres

Conduzir-me de Alcino aos reais paços? Estrangeiro e infeliz, de longe arribo;

Nem do lugar um morador conheço.” “Sim, respeitável hóspede, responde; Meu bom pai fica perto. Abro o caminho; Tu cala-te, que a turba hostil e acerba

Não sofre nem festeja os forasteiros.

Tal gente, ousada nas talhantes quilhas, Os mares trana, pois lhas deu Satúrnio Velozes qual a pluma e o pensamento.” Ela avança, ele a segue. À chusma oculto Marítima perpassa, que Minerva Lhe difundia divinal caligem:

Os portos vai mirando e as alterosas Naus e o foro e as muralhas estupendas Com valos guarnecidas. Mas, vizinhos Ao paço, adverte a guia olhicerúlea:

“Dentro, hóspede e senhor, de Jove alunos

À mesa encontrarás. Anda e não temas;

O audaz e franco, donde quer que chegue, Vence embaraços. A rainha busques,

A quem de Areta cabe o grato nome,

E é da real prosápia do marido. Eurimédon feríssimos gigantes

Altivo dominava, e o duro povo

Com ele pereceu; de Peribéia,

Menor filha e a mais guapa, houve Netuno

O bravo Nausítoo, aqui reinante,

O qual foi pai de Rexenor e Alcino; A Rexenor matando o
Arcitenente, Ele deixou, casado era de fresco, Não masculina
prole, única Areta; Com Areta esposou-se o tio Alcino.

Mais honrada não há matrona alguma

Dos caros filhos, do consorte mesmo; Quando passeia, divindade
a julgam E de seus lábios as palavras colhem;

Boa e inspirada, os cidadãos congraça. Rever esperes, se te for
benigna,

Os amigos e a pátria e a celsa casa.” Pelo ponto infrugífero, eis
Minerva Da Esquéria amena parte, e se dirige A Maratona e
Atenas de amplas ruas,

De Erecteu sobe o alcáçar. Ao de Alcino, Sem que o límen
transponha, tem-se Ulisses A cogitar. Magnífico palácio

Como o Sol fulge e a Lua: éreas paredes

Firmam-se em torno, da soleira adentro,

Com seus frisos de esmalte, áureas as portas, Argênteos os
portais ao brônzeo ingresso, Argênteadas vergas, a cornija de ouro;

De ouro e de prata uns cães, de lado a lado, Com alma e coração,
Vulcânio invento,

São de Alcino os custódios vigilantes, Imortais e à velhice não
sujeitos;

Para o interior há tronos desde a entrada,

Com finos véus de mãos femíneas obra, Onde em redor assentam-
se os magnatas A comer e beber, durante o ano;

Com primor fabricados, junto às aras Mancebo de ouro estão, de
acesos fachos A alumiar de noite os conviventes.

Servem cinqüenta moças: quais, em pedra Flavo trigo a moer;
quais, aos teares; Quais, a virar num rodopio os fusos, Como do
álamo as folhas buliçosas. Untado e bem tecido o linho estila:

Tanto os Feaces navegando excelem,

Quanto as mulheres têm, mercê de Palas, Para a teia e o lavor
engenho e arte.

Não distante, há vergel de quatro jeiras,

Onde florentes árvores viçosas,

De inverno e de verão, perene brotam; Zéfiro meigo lhes sazona os
frutos,

Um pula, outro arregoa, outro envelhece.

Nova sucede à pêra já madura; À escachada romã sucede nova;
Esta oliva é de vez, rebenta aquela;

Junto à maçã vermelha a verde cresce; Figo após figo, mela, uva
após uva. Medra abundante vinha: em área cachos Estão secando
ao Sol, quais se vindimam, Quais pisam-se em lagar; doces
roxeiam, Ou no desflorescer acerbos travam.

O arruado pomar fenece em horta,

De verduras mimosa em toda quadra. Pelo inteiro jardim corre
uma fonte; Jorra ao pátio a maior ante o palácio,

Donde bebe a cidade. Eis quanto os numes

Ao nobre Alcino em casa prodigaram.

Ulisses mira e pasma, e na caligem Paládia envolta, a limiar
transpondo, Acha-os libando a Hermes negocioso, Brinde final dos
que do leito curam;

E mal, vizinho ao rei, da augusta esposa Às plantas cai, a nuvem
se dissipa. Todos o encaram mudos, e ele exclama: “Filha de
Rexenor, divina Areta,

Mísero eu te suplico e a teu marido

E aos mais senhores: oxalá que extensa Vida obtenhais e
transmitir à prole Bens e fortunas que vos der o povo!

Breve porém mandai-me à pátria minha;

Fora dos meus padeço há largos anos.”

Nisto, ao fogão sentou-se no cinzeiro. O silêncio reinava, até
rompê-lo Equeneu venerando, o mais idoso

Dos Feaces heróis, mais eloqüente,

Mais douto no passado, e orou sisudo:

“O hóspede, Alcino, ali jazer na cinza

É pouco honesto; o aceno os mais te aguardam

Em sede claviargêntea, eia, o coloques;

Vinho manda infundir, para ao Fulmíneo, Que assiste a honrados
hóspedes, libarmos; Já, ministrei-lhe ceia, a despenseira.”

E o rei pega do sábio, em trono o assenta

Resplendido, que próximo ocupava

O forte e amado filho seu Laodamas.

Serva em bacia argêntea às mãos verte água De áureo gomil,
desdobra e espana a mesa; Pão traz modesta ecônoma e iguarias
Novas, que às encetadas acrescenta.

Come Ulisses e bebe, e o rei com força:

“Mistura, tu Pontono, e da cratera

O vinho distribui, para ao Fulmíneo,

Que assiste a honrados hóspedes, libarmos.”

O arauto o brando vinho que mistura. Em copos vaza e o distribui
aos chefes. Depois Alcino: “Egrégios conselheiros, Ide saciados
repousar, vos digo.

Os antigos do povo amanhã venham; Em festejo hospital
ofereçamos Completo sacrifício às divindades; Em seguida
curemos de que alegre

Ele, por mais remota, à pátria aborde, Sem moléstia nem danos;
acautelemos Qualquer mal no caminho. Já na terra, Sofra as
penas que as Parcas lhe fiaram

Desde o materno ventre. E a ser do Olimpo

Habitador, mistério aqui se encobre: Deuses muito há que a nós se manifestam; Conosco, nas solenes hecatombes, Demoram-se ao banquete; e se um Feace Os depara viandante, não se escondem, Pois neles entrocamos, como as tribos

De Ciclopes cruéis, gigantes rudes.” “Alcino, o herói tornou, perde essa idéia: Aos celícolas tu não me confrontes

Em índole e presença; humano e frágil,

Ao mais triste mortal sou comparável, Nem te posso explanar quanto infortúnio Tem sobre mim os deuses carregado. Mas, da mágoa apesar, deixa que eu ceie; O estômago importuno se aguilha,

No meio da aflição me pica e lembra

O comer e o beber, dá trégua às penas.

N'alva expedi-me: ao ver, pós tantas lidas, Minha terra e família e doces lares,

Acabe-se esta luz ali comigo.”

Aplaudem-no os Feaces, confiando Que o disserto orador o
intento logre, E trás farto libar foram-se ao leito.

O herói fica-se e Areta e o rei divino,

E as servas a baixela entanto arrumam. Logo Areta, que as obras
reconhece Dela e da gente sua: “A interrogar-te

Primeira, hóspede, sou. Quem és e donde? Como houveste essa
túnica e esse manto? Não dizes tu que náufrago abordaste?”

“Narrar-te já, responde, quantos males, Senhora, o Céu vibrou-me,
é mui difícil; Mas ao que me perguntas satisfaço.

De humanos e mortais mora apartada, Na Ogígia ilha do alto mar,
Calipso,

De Atlante gérmen, de encrespada coma, Ardilosa e tremenda; ali
mau gênio Lançou-me só, desfeito havendo Jove

A raio a embarcação no escuro abismo,

Onde os meus nautas soçobraram todos. Por nove dias, aferrado
à quilha,

De vaga em vaga, ao décimo de noite

A praia toco. A ninfa carinhosa

Me tratou, me nutriu, velhice e morte Quis tolher-me, e abalar-me
nunca pôde. Firme reguei de choro as dadas roupas
Incorruptíveis; mas, de Jove ao mando Ou volúvel, no curso do
ano oitavo

A partir me exortou numa jangada,

Pão forneceu-me e vinho e odoras vestes, Favônias a invocar-me
auras suaves.

Aos oito sóis de undívaga derrota,

Vossa alta umbrosa terra apareceu-me, E no peito exultei. Mas ai!
Netuno, Insensível ao pranto, em furor sempre, Com vastas
brenhas de surdir me impede, E a barca um vagalhão me
desconjunta.

As ondas meço a braço, té que à ilha Sanhudas nuns penedos me
remessam Inacessíveis. Novamente nado,

A foz emboco enfim de um rio ameno,

Tuto e limpo de escolhos e abrigado;

Em salvo, ânimo cobro. A tarde assoma, Deixo o rio Dial; em selva
opaca,

Inda que atribulado, acamo folhas,

E um deus noite e manhã me embebe em sono. Ao declinar do Sol,
acordo e avisto

A filha tua às imortais parelha,

N'alva praia, entre as fâmulas brincando; Suplico, admiro o tento
que, ó rainha, Esperar não poderas dos seus anos

De imprudência e loucura: fez banhar-me, De vestidos proveu-me
e de alimento. Nesta angústia, senhora, eis a verdade.” “Hóspede,
acode Alcino, a filha minha

Ao decoro faltou, que ao nosso alvergue

De antemão suplicada, lhe cumpria

Na comitiva sua conduzir-te.”

O manhoso atalhou: “Tu não censures A inocente princesa; ela
mandou-me Acompanhar as servas, e eu neguei-me. Temi quiçá,
que ao vê-lo te irritasses:

À suspeita é propensa a espécie humana.”

“Temerário não sou, replica Alcino,

Ou pronto em me irritar; o honesto e justo, Hóspede, em mim
domina. Oh! queira o Padre, Minerva e Apolo, tal qual és, de
acordo

Com meu sentir, que genro meu te fiques! Dão-te casa e bens. Mas
por violência Ninguém te reterá: condena-o Jove. Dorme em
sossego, disporei seguro

Teu regresso amanhã: durante as calmas Os nautas remarão, se
além de Eubéia Mesma o desejes, ilha a mais remota, Segundo os
que de Télus navegaram

Ao filho Tício o flavo Radamanto;

Porém num dia aqui se recolheram. Conhecerás que chusma e
naus possuo Para à voga arrancada o mar fenderem.” Folga e
depreca Ulisses: “Padre excelso! Cumpra Alcino a promessa; a
glória sua Encha a terra fecunda, e eu veja a minha.” Inda assim
praticavam, quando Areta Albinente ao pórtico uma cama

Estender manda, com purpúreas colchas,

Com tapetes, e espessos cobertores; Vão de facho na mão fazê-la
as servas, E o paciente herói depois avisam:

“Hóspede, vem dormir, que é pronta a cama.”

Ulisses com prazer no recortado Catre ao sonoro pórtico se estira.
Foi dentro Alcino se gozar do sono,
Com sua esposa o leito compartilhando.

LIVRO VIII

Do éter assoma a dedirrósea filha;

Ergue-se o rei, presenta o egrégio Ulisses

Ante as naus ao congresso convocado, E a par assentam-se em
polidas pedras. Cuidadosa do urbífrago Laércio,

Palas, de Alcino o arauto semelhando Na cidade apregoa: “Ao
foro, ao foro; Um de vulto imortal ide ouvir, chefes,

Que hóspede Alcino recolheu das vagas.” Incitados, a praça e os
bancos enchem. Mirando aquele em cuja fronte e espáduas Graça
divina despejou Minerva;

Mais guapo o fez e esbelto e majestoso, Para que, a todos
formidando e grato, Nos certames de si desse alta prova.

Conciona grave na assembléia Alcino: “O que hei no peito,
príncipes, declaro. Veio-me à casa este hóspede errabundo, Se do
Oriente ignoro ou do Ocidente, Mas passagem me pede e que a
fixemos.

A ida se lhe apresse; um forasteiro Nunca em meu lar se lastimou
retido: Novo negro baixel ao mar divino, Cinqüenta e dous receba
exímios nautas. Ligados presto os remos aos toletes,

Eia, a lauto festejo compareçam.

No me falheis, cetrados: convidai-me Demôdoco imortal, que em
estro aceso Por Jove, entoa cânticos melífluos.”

Ei-lo, avança; os cetrígeros o escoltam,

O arauto corre ao músico sublime. Cinqüenta e dous se elegem,
que submissos Vão-se à praia e o navio deitam n'água, Alçam
mastro, içam velas, prendem remos Com atilhos de coiro, e tudo
prestes, Abrindo o pano, o lenho põem de largo; Passam depois
ao régio nobre alcáçar, Salões, átrios, vestibulos se atulham

De mancebos, de velhos, turba imensa. Alcino doze ovelhas e oito
porcos

De alvos dentes imola e dous refeitos

E flexípedes bois, que os mais esfolam,

Deleitoso banquete aparelhando. Conduz Pontono o vate aceito à
Musa, Que o cegou, mas lhe deu canto suave E do bem e do mal o
entendimento; Num trono o põe de prata cravejado, Numa coluna
o encosta, e lhe pendura Sobre a cabeça em prego a doce lira

E de a tomar indica-lhe a maneira;

Pousa-lhe um canistrel em mesa ornada, Com cheia copa que à
vontade empine. Atiram-se aos manjares os convivas. Expulsa a
fome e a sede, a Musa instiga O poeta a cantar guerreiro canto,
Cuja fama às estrelas se exaltava; A rixa era de Ulisses e de
Aquiles, Com ditos agros num festim sagrado;

E o rei dos reis folgava, porque entrando, No estrear Jove a lide
Grego e Teucro,

Do Pítio Apolo no marmóreo templo, O oráculo a vitória prometeu-
lhe,

Dês que os melhores Dânaos contendessem.

Prossegue o vate, a Ulisses à cabeça

Com força deita o purpurino manto, Para encobrir nas morenadas
faces

As lágrimas que a pares borbulavam.

No intervalo da música, as enxuga

E desce o manto, liba às divindades Na bicôncava taça; quando, a
rogos Dos que a toada e a letra enamorava, O bom cego as
repete, o herói suspira

E, tornando a embuçar-se, esconde o choro.

Junto, o percebe o rei: “Feaces, basta.

Nós, de iguarias cheios e de acorde,

Glória e adorno da mesa, ao foro andemos:

Narre o estrangeiro aos seus quanto hábeis somos

Em luta e pugilato, em salto e curso.” Marcha, e os grandes com
ele; ao prego a lira Suspende o arauto, e à cola guia o cego

Dos que iam divertir-se nos certames, De infinita caterva
acompanhados. Jovens de pulso, Anquíalo, Acrônio, Nautes,
Elatreu, Ocíalo, se ergueram, Pronteu, Proreu, Toon, Prines,
Eretemes, Anabesinco, Anfíalo progênie

De Polineu Tectômides; nem faltam

O igual de Marte Euríalo, o formoso

E esbelto Naubólides mais que todos, Fora o guapo Laodamas;
este alçou-se Também com seus irmãos, de Alcino ramos, Hálío
gentil e Clitoneu galhardo.

Começam pelo curso, e da barreira

Entre nuvens de pó rápidos voam:

Quanto um pousio arando excedem mulas

A bois tardonhos, Clitoneu bizarro Pretere os outros e regressa ao
povo. Anfíalo em saltar, no disco Elatreu, Vence Euríalo os mais na
acerba luta, Na punhada Laodamas, que no meio Do regozijo
brada: “Amigos, vinde, Perguntemos se o hóspede é nos jogos
Exercitado: o corpo tem fornido,

Pernas, coxas, pescoço, espáduas, punhos;

Inda é verde, sofresse embora há pouco

O trabalho do mar, que tanto custa

E do varão mais rijo as forças quebra.” Euríalo aprovou: “Pois bem,
Laodamas,

Vai tu mesmo incitá-lo.” Eis ante Ulisses Tem-se o filho de Alcino:
“Hóspede padre, Entra, se os aprendeste, em nossos ludos;
Quadram-te à maravilha: é do homem timbre De pés e mãos
valer-se denodado.

Bane a tristeza, partirás em breve;

Em nado é teu baixel e os vogas prontos.”

Mas o astuto: “Laodamas, tu provocas

A que zombem de mim? Não penso em ludos, Penso na dores que
passei tamanhas;

A volta mendigando, ao rei depreco

E ao popular congresso.” Em face o ataca

Súbito Euríalo: “Hóspede, não cuida Que nos certames dos varões te exerças; Menos atleta válido parece

Que de marujos traficante mestre, A especular na carga e mercancia Da remeira galé, de roubos arca.”

Torvo Ulisses o mede: “E tu parece Doudo varrido a proferir dislates. Nem tudo Jove dá; beleza nega,

Ou loqüela, ou juízo: um não formoso

Com suave eloqüência orna o semblante, E olhado com prazer, modesto e firme, No parlamento se insinua e reina,

E na rua e na praça um deus o aclamam;

Outro, gentil como ícolas celestes, Insulso é no exprimir-se. Tu, mancebo, Nobre és de aspecto, mas no tino falhas; Com teu falar minha alma exacerbaste. Não me creias ignaro dos certames;

Da idade no vigor fui dos primeiros:

Hoje o pesar me oprime, e o que hei passado Na guerra e em salsas vagas; mas embora, Meu coração mordeste, os jogos tento.”

Aqui, de manto mesmo, um grosso aferra

Disco muito maior que os dos Feaces

O peso a revoltões zunindo expede:

Bem que pujante a chusma a remo e vela, Se agacha ao tiro, e sobrevoa a pedra Salvando as marcas todas. — Palas uma Logo fixando, em vulto humano fala: “Pode, hóspede, apalpando qualquer cego Teu sinal discernir, que é nímio avante

Sem confusão dos mais; nenhum Feace

Tirar-te-á do lanço, eu to aseguro.”

O herói folga de tal benignidade,

E brando ajunta: “À liça agora, moços; De novo jogarei, talvez mais longe. Vós me irritastes, a ninguém recuso; Ao cesto, à luta, ao curso, desafio

Todos, menos Laodamas, que hospedou-me: Pelejar com o amigo, é de um vil néscio; Quem quer que o tente num país estranho,

O jus perde ao respeito e a benefícios. Nenhum temo ou desprezo;
às claras venha O que me julgue imbele experimentar-me. No arco
mormente primo; sei na turba

De hostis frecheiros num dos seus a farpa

À vontade empregar: nos campos Tróicos

Só me vencia o archeiro Filoctetes;

Entre os mortais que o pão da terra, comem, Gabo-me e prezo de
lhe ser segundo.

Com prístinos varões não me comparo,

Com Hércules e Êurito Ecaliense,

Que na sua arte aos numes se atreviam:

O grande Êurito foi de curta vida, ímpio desafiando o iroso Apolo.

Meu dardo alcança como de outro a seta.

Só receio os Feaces na carreira,

Das ondas nimiamente quebrantado: Nem sempre era o navio
bem provido,

E frouxos tenho os trabalhados membros.”

Ao silêncio geral sucede Alcino:

“Tens hóspede, razão de te agastares

Contra esse audaz, e a peito o provar tomas

De constante valor munido seres.

Que homem sisudo nunca mais te argua. Ouve-me, outra
impressão de nós conserves, Para, ao festim com tua esposa e
filhos, Contares aos heróis quais prendas Jove Desde avós nos
transmite: em luta e cesto Não somos extremados, sim ligeiros

E na marinha exímios; o banquete

Nos praz, coréia e música, a mudança

De vestidos, bom leito e quentes banhos. Bailai vós, peritíssimos
Feaces;

O hóspede narre aos seus quanto exceleemos

Em navegar, em pés, em dança, em canto. Corra alguém, e a
Demôdoco da régia Depressa traga a cítara sonora.”

Pontono corre. Os públicos do circo

Nove eleitos juizes, levantados,

O lugar aplanando, o espaço alargam. O arauto volta; a cítara o
poeta Recebe, a quem na arena adolescentes

Cercam destros e airosos, em cadência Pulsando o chão divino:
absorto Ulisses O enredo, o passo, a rapidez contempla.

Demôdoco depois dedilha e canta

Como furtiva a coroada Vênus

Uniu-se a Marte, que o Vulcânio toro Maculou com mil dons
peitando a esposa. Pelo Sol advertido, o grão ferreiro

Parte, vingança a meditar profundo; No cepo encava a incude,
laços forja

Que desdar-se não podem nem romper-se. Mal os conclui, à
câmara caminha

Do seu leito amoroso; uns aos pés liga,

Outros ao sobrecéu, com tanta insídia,

Que de aranha sutil quais teias eram, Mas a qualquer celícola
invisíveis. Armada a fraude, simulou viagem

De Lemos à caríssima cidade.

Marte, cujos frisões têm freios de ouro, Não obcecado, o fabro viu
partindo; Veio-lhe presto à casa, cobiçoso

De gozar Vênus bela: esta pousava

De visitar o genitor Satúrnio;

Pega-lhe o amante na mimosa destra:

“Vazia a cama está; Vulcano é fora,

Aos Síntios foi-se de linguagem bronca.”

Ei-los ao leito jubilando ascendem,

E nas malhas do artista se emaranham; Nem desatar-se nem mover-se podem, Sem ter efúgio algum. Torna Vulcano, Antes que a Lemos chegue; o Sol o avisa. Ao seu pórtico pára angustiado, Urro esforça raivoso, que no Olimpo

Retumba horrendo: “Ó Padre, ó vós deidades,

Vinde rir e indignar-vos desta infâmia. Por coxo a Dial Vênus me desonra,

Amando ao sevo Marte, que é perfeito: Se esta iesão me afeia, é toda a culpa

De meus pais, que gerar-me não deviam.

Vêde-os, oh! triste aspecto como dormem

No meu leito enleados; mas duvido Que em seu ardor jazer assim desejem. Meu laço os reterá, té que haja o dote

E os dons feitos ao pai, que deu-me a filha De formosura exemplo e de inconstância.” No éreo paço Vulcânio já Netuno,

Mais o frecheiro Febo e o deus do ganho, As deusas de pudor não comparecem;

Do pórtico os demais, às gargalhadas,

O dolo observam do prudente mestre, Olham-se e clamam: “Da virtude o vício, Do inferno o lesto e forte é suplantado;

O manco aos mais veloz prendeu com arte, Pague o adúlterio a multa.” Apolo ao núncio De bens dador voltou-se: “Quererias,

Filho de Jove, assim dormir nos braços

Da áurea Ciprina?” Respondeu Mercúrio: “Oxalá, Febo Apolo, ao pé de Vênus

Vós me vísseis dormir, e as próprias deusas,

No tresdôbro dos fios envolvido.”

Renovou-se a risada; mas Netuno

Sério ao mestre pediu que solte a Marte: “Solta-o; prometo que a teu grado e à risca Hajas a multa aos imortais devida.”

“Rei, contesta o aleijado, não mo ordenes;

A caução para o fraco é fraca sempre: Como eu te obrigaria, se ele escapo

Se recusasse?” Então Netuno: “Marte

Se renuir, pagar-te-ei, Vulcano.”

Rende-se o ínclito coxo: “Não me é dado Negar-to.” E os laços desliou de um toque. Os réus fugiram: para a Trácia, Marte;

Para Pafos Ciprina, a mãe dos risos,

Que ali tem bosque e recedentes aras. Banhada em óleo divinal ungida,

As Graças do mais fino a paramentam.

Ulisses da harmonia se recreia,

E a gente em roda. Alcino bailar manda Laodamas e Hálios sós,
que a palma levam: Um, curvo atrás, às nuvens roxa pela,
Que fez Pólipo, alteia, e outro, a pulo,

Antes que aos pés lhe caia, a encontra e joga; A alma terra ao
depois, tripudiando, Alternos batem, com geral aplauso.

O estrépito sossega, e Ulisses fala: “Bem gabaste na dança os
teus Feaces; Estou, potente rei, maravilhado.” Alegre Alcino:
“Príncipes, decerto

É sábio e dons merece. Há cabos doze,

E eu treze: cada qual brinde-lhe um manto

Rico e túnica nova e áureo talento,

E junto obtenha tudo e à ceia folgue; A injúria apague Euríalo e o
congrace Com palavras e dádivas” — De grado

Seu próprio arauto unânimes despacham,

E Euríalo obedece: “De vontade

Quero aplacá-lo, ó maioral dos povos; Haja esta brônzea espada
com bainha De recente marfim e argênteos punhos,
Digna dele.” E ao passá-la: “Ó venerável,

Espalhe o vento irrefletidas vozes.

Longo há fora dos teus, hóspede, os numes
Restituam-te à pátria e à mulher cara.” “Salve, Ulisses responde, e
sê ditoso. Nunca, jovem amigo, a falta sintas
Do presente que afável me concedes.”

Aceita e cinge a espada claviargêntea. O Sol transmonta, e as
dádivas afluem Que ao real paço arautos conduziam; De Alcino os
filhos as recebem logo

E à mãe vão reverentes presentá-las; O pai à casa os principais
convida, Senta-os em tronos, volve-se à rainha:

“Traz, mulher, tua arca a mais luzente, Boa túnica e um manto; ao
lume aqueçam Caldeira para banho. Ele gozoso

Os dons remire dos heróis Feaces,

Divirta-se ao banquete e os hinos logre. Dou-lhe em memória uma
áurea fina taça, Por onde libe à Jove e à corte sua.”

Ela ordena; uma trípode as escravas

Põem ao fogo e por baixo lenha acendem; A água, lambendo a
labareda o bojo,

Ferve em caixões... N’arca louçã, que trouxe,

Dos Feaces a roupa e o ouro mete,

Mais a túnica e o manto: “A tampa, advertete, Hóspede, esguarda;
em nó seguro a feches, Para ninguém lesar-te na viagem,

Quando em ferrado sono a bordo pegues.” Na tampa o cauto
herói passa um nó firme, Invenção da engenhosa augusta Circe.

Da caseira a banhar-se convidado, Entra a prazer em tina de
água morna; Pois tamanha delícia não gozava,

Dês que a ilha deixara de Calipso, Onde ele como um nume era
tratado. Lavam-no, ungido vestem-lhe as escravas Túnica e
manto, e sai para entre os cabos Vinhos saborear. Então Nausica,

Beleza divinal, chega à soleira

Da magnífica sala; atenta Ulisses, Admira-o, diz veloz: “Hóspede,
salve;

Lá mesmo em teu país de mim te lembra, De mim primeira em te
guardar a vida.” Respondeu-lhe: “De Alcino ínclita filha. Assim de
Juno o altíssimo consorte

A luz ver da partida me conceda,

Como hei de lá qual déia honrar-te sempre,

A ti que me salvaste, ó nobre virgem.”

E junto ao rei sentou-se, quando as peças

Partiam já e o vinho misturavam. Com o amável cantor o arauto
vindo, No meio o encosta à sólita coluna.

A porção mais sucosa rasga Ulisses Do pingue dorso de albidente
porco: “Toma, a Demôdoco isto leva, arauto; Quero na minha dor
mostrar que o prezo. Os poetas venera e afaga a terra,

Caros à Musa, que os doutrina e inflama.”

Jubilando o cantor a oferta aceita, E começa o banquete
aparatoso.

E a Demôdoco Ulisses, finda a ceia:

“Eu te respeito sobre os homens todos; A Dial Musa ou Febo é
quem te inspira. Cantaste os casos e aflições dos Dânaos, Como
se própria testemunha fosses,

Ou de uma o ouvisses. Canta-me o cavalo

Que da madeira Epeu fez com Minerva,

Do Laércio artiloso introduzido,

Prenhe de heróis que Pérgamo assolaram: Exato sejas, e aos
mortais proclamo

Que um deus influi e te modula os hinos.”

Ei-lo, em fúria sonora; entoa o como.

As tendas abrasando, uns Gregos vogam, E outros, sujeitos ao
facundo Ulisses, Ficam no amplo cavalo, que puxaram

Da fortaleza a dentro os mesmos Teucros. Estes confusos em
redor concebem

Três projetos, brocar a bronze o lenho, Ou do castelo abaixo
despenhá-lo,

Ou santo voto oferecê-lo aos numes:

O último infausto parecer adotam; Fado era que a ruína em líneo
bojo

A escolha dos Aqueus levasse a Tróia. Canta o como, vazio o cavo
engano, Ílio os esparsos Dânaos depredaram; Como, enquanto a
cidade vai acesa, Outro Mavorte, o Ítaco, à Deifobéia Estância foi
com Menelau divino,

E ali, travada aspérrima contenda,

Coroou-lhe a vitória a Protetora. Ao cântico do vate, as maçãs
rega Debulhando-se em lágrimas Ulisses: Qual em braços o
esposo a mulher chora Que o viu cair em vascas moribundo Ante
a muralha, os cidadãos e os filhos Ao sevo dia subtrair tentando,

E em ais e em gritos sobre o seu cadáver, Dos soldados, que o
tergo lhe escalavram, Na amargura e na dor é constrangida

A cruel cativoiro; tal carpia

O Laércio infeliz. Somente Alcino, Sentado ao pé, seu suspirar
percebe: “Cale o poeta, ó chefes, o instrumento, Pois nem todos se
alegram do seu canto: Findo o repasto, à musica atendendo,
Mesto sempre nosso hóspede soluça; Poupar seu luto cumpre e
distrain-lo

Por ele é que esta festa preparamos, Com generosos dons, segura
escolta: É vero irmão para as sensíveis almas

Um súplice estrangeiro. Agora, amigo,

Toda a franqueza: como dos vizinhos Eras chamado? o bom e o
mau têm nome Que seus pais à nascença lhe impuseram. Qual é
tua terra e gente me declares.

A fim que a nau medite na viagem:

De mestre e leme as nossas não precisam, Pensam, calculam,
como a raça humana, Quaisquer povoações e campos sabem, Por
entre o nevoeiro as vagas tranam, Sem temor de soçôbro ou de
avarria. Previu porém meu pai que, da passagem E do socorro aos
náufragos Netuno Azedo, um nosso galeão de volta

Sumiria no pélagos, à cidade

Um monte empinadíssimo afrontando. Se há de ou não preencher-se o vaticínio Pertence ao deus. Mas sem refólho narra Que praias tens corrido, que paragens

E regiões trilhado; quais das tribos Agrestes eram, bárbaras e injustas; Quais, tementes á Jove e hospitaleiras. Porque em segredo gemes, as desgraças

Dos Gregos e dos Teucros escutando?

O Céu quis sucumbissem tais guerreiros, Para matéria a pósteros poemas.

Junto a Ílion morreu-te algum parente?

Morreu-te um genro, um sogro, os mais diletos

Após os consangüíneos? ou pranteias

Um camarada? o sócio íntimo e sério

Não é menos que irmão no amor e estima.

LIVRO IX

Toma Ulisses a mão: — Potente Alcino, De povos sumo rei, nada há
mais grato Que do cantor a divinal poesia;

Nada mais deleitável que esta gente

Lhe estar ouvindo a voz melodiosa

À tua mesa, de regalos plena,

E o vinho haurir que da cratera vaza

Nos copos o escanção: minha alma o escuta. Mandas-me renovar
a dor e o pranto:

Que princípio, que meio, que remate

A narração terá de imensos males

A mim fadados? Por meu nome enceto. Escapo aqui da morte,
hóspede vosso Perpétuo seja, inda que longe moro:

Sou Ulisses Laércio, encomiado

Por meus ardis, com fama até nos astros. Ítaca habito ocídua, e lá
tremula

Nerito a verde coma; circunstantes

Ilhas há povoadas, como Same

E Dulíquio e Zacinto nemorosa,

Orientais e ao sul; Ítaca humilde Última as trevas olha, áspera e
tosca, Porém não posso ver nada mais doce. Na gruta sua a
ótima Calipso,

Em casa teve-me a dolosa Eéia,

Sem nunca afagos seus me demoverem, Pois ledo homem não
vive e satisfeito Fora da pátria amiga e dos parentes, Bem que
noutro país nade em riquezas. Ora de Ílio a tornada lagrimosa
Referirei, disposição de Jove.

À Ísmara o vento impele-me e aos Cícones

Saqueio e os mato; com partilha justa As mulheres e a presa
dividimos. Presto os insto a largar; mas insensatos Na praia
indóceis a beber se ficam, Ovelhas abatendo e negros touros.

Os fugitivos por socorro bramam,

E n'alva em cópia do interior concorrem

Bons peões e adestrados cavaleiros,

Como as folhas vernais e as flores brotam. Jove de mil desgraças
nos oprime:

Eles às nossas naus o ataque apertam, Fervem de parte a parte
os êneos tiros; Toda a manhã enquanto a luz crescia, Do número
apesar, os contivemos;

Ao Sol cadente, quando os bois descangam, Em fuga nós,
poupando a Parca os outros, Armando seis de cada nau
perdemos. Salvos, contudo mestos velejamos,

Vezez três a invocar primeiro os sócios

Ai! nas Cicônias margens trucidados. O Nimbífero o Bóreas
assolou-nos; Tolda bulcão tristonho o mar e a terra, A noite rui do
céu; de esguelha o vento As velas farpa, e súbito arreadas,
Varei com susto. Lá cansaço e mágoa

Nos ralou; mas, à terça ruiva aurora, Mastros eretos, brancos linho
içado, Navego ao tom da brisa e dos pilotos. O natal chão tocava,
quando Bóreas

E do Maléia as correntes me empuxaram

Muito além de Cítera. Dias nove

Pelo piscoso ponto flutuando,

No dezeno aos Lotófagos arribo,

Que apascenta uma planta e flor cheirosa. Jantamos, feita
aguada; envio arauto

Com mais dous a inquirir de pão que gente

Lá se nutria. Aos três em nada ofendem, Mas lhes ofertam loto; o mel provando, Os nossos o recado e a pátria esquecem, Querem permanecer para o gostarem. Constrangidos e em lágrimas os trago

E amarro aos bancos; apressado os outros

Sócios recolho, a fim que do regresso

A doçura falaz os não deslembre.

Em fila, a salsa espuma a remos ferem, E dali pesarosos nos partimos.

Abordo a infanda plaga do Ciclopes,

Que, à fiúza dos deuses, nem semeiam, Lavram nem plantam; sem cultivo e relha, Cresce o trigo e a cevada, os bagos de uvas Lhes engrossa o imbrífero Satúrnio.

De conselho e assembléia e lei privados, Cada varão, de montes em cavernas, Rege absoluto filhos e mulheres,

Vizinhos olvidando. Ilha daquela

Tanto ou quanto remota, umbrosa estende-se, Altriz de agrestes
cabras: nunca a pisa Humano pé, campônio, zagalejo,

Ou caçador ao serro e à fraga atreito; Berrantes fatos inarada
pasce.

Nem construtores de vermelhos beques

Nem galés tem que os mares atravessem, Que em longínquas
cidades mercadejem, Donde a ilha deserta haja colonos.

Tudo em sua estação produziria: Junto à costa oferece regadios

E moles prados; ao vinhedo é própria;

É fofo o solo e para messes pingue.

De âncoras e de amarras prescindindo, Permanecer no porto os
nautas podem, Até que as auras prósperas aspirem;

De uma gruta, no topo, fresca fonte

Límpida mana, de áleamos sombrosa.

Lá jogou-nos a vaga, e um deus foi guia; Nada na cega noite se enxergava:

Na terra as naus, em densa escuridade

Esmorecida a Lua, a terra oculta, Nem rolar a maretá às praias vimos, Antes que as proas abicassem nelas. Colhido o pano saltasse, e na areia,

Da madrugada à espera, adormecemos. Do ar mal fulge a dedirrósea prole, Toda a ilha admirados perlustramos. Ninfas do aluno de Amaltéia agitam Para nosso jantar monteses cabras.

Das naus trouxemos arcos e azagaias;

Tripartidos, de caça o deus fartou-nos; Cabeças nove cada nau das doze,

Uma de mais somente obtive a minha.

Ao sol posto a comer, nos regalamos De roxo vinho; em ânforas a bordo, Roubo, do sacro burgo dos Cícones, Inda restava. Nos Cicolópeos cumes Fumo avistou-se, ouviram-se balidos. Anoitece e dormimos; na alvorada

Convoco a gente: “Cá vos deixo, amigos; Eu mesmo explorarei se aqueles homens São ferozes e injustos e intratáveis.

Ou tementes aos deuses e hospedeiros.” Ocupo o meu navio; os
da companhia, Desatando os calabres, abancados

A branca espuma a remos açoutavam.

Na próxima paragem, numa extrema, Junto ao mar descobriu-se
alta espelunca, De loureiros opaca, onde albergava

Cabrum gado e ovelhum, do pátio em roda

A pique rochas, com alvares pinhos E carvalhos de topes
verdejantes. Seus rebanhos ali desconversável Gigante pastorava,
em separado,

Só consigo maldades ruminando;

Monstro não comparável aos humanos De pão nutridos, mas do
monte ao cume Que selvoso dos outros se destaca.

À nau ponho de guarda os camaradas; Escolho doze, um odre lhes
confio

Do vinho de Máron de Evanteu nado, Em Ísmara Apolíneo
sacerdote;

O qual poupamos e mulher e filhos,

Na sagrada floresta, com respeito;

E áureas talentos sete, urnas de prata, Mais uma dúzia de ânforas
doou-me De almo licor nectáreo incorruptível. Desse vinho
melífluo, em casa ignoto,

Menos à esposa e à despenseira, um vaso

Com vinte se mesclava de água pura, E tal cheiro divino recendia,
Que dele alguém abster-se era um tormento. Encho um odre, uns
alforjes abasteço,

Audaz me deito a visitar o iníquo

De alma ferrenha e desmedida força. Então fora pastava o nédio
gado,

E no interno o antro seu nos foi pasmoso:

Nos cinchos pesam queijos; de cabritos E anhos currais se
atulham, segregados Os meãos e os tenrinhos e os maiores;
Mungido fresco em tarros e alguidares,

Nada no soro o coalho. Os meus imploram

Que, tomados os queijos e atraídos Cabritos e ambos, de
embarcar tratemos: Fora certo o melhor, mas eu quis vê-lo

E dons ter hospitais; futura aos sócios

Vista ingrata. Imolando, aceso o fogo, Do lacticínio come-se, e
aguardamos. Ei-lo, de lenha para a ceia, à porta

A grossa atira estrepitosa carga;

Tremendo no interior nos ocultamos. À espelunca recolhe as
gordas fêmeas Para, ordenhar, de fora tendo os machos No amplo
recinto, bodes e carneiros; Depois a entrada fecha, levantando
Rocha tal, que mover nem poderiam Vinte dous carroções de
quatro rodas. Sentado, ovelhas e balantes cabras

Em ordem munge, e às mães submete as crias:

Porções do leite coalha e aperta em fôrmas; Guarda metade, que
ceando beba.

Tudo aviado e em cobro, atença o lume,

E dá conosco e diz: “Quem sois vós outros?”

Navegais por negócio, ou ruins piratas Os mares infestais,
expondo as vidas Para infortúnio e dano de estrangeiros?” Frios,
do rouco som, do monstro mesmo Trememos todos; mas falar me
atrevo:

“Dos Gregos somos que, da pátria em busca,

Desde Ílios furacões nos remessaram

A estranhas plagas, por querer de Jove; No exército servimos de
Agamemnon, Cuja glória a qualquer mundana eclipsa, Pois
destruiu tal povo e tal cidade.

A teus pés agasalho deprecamos.

Ou brindes hospitais. Receia os deuses, Senhor; Júpiter vingá os
suplicantes,

E a bons e honrados hóspedes protege.”

Turvo me respondeu: “Louco! tão longe

Vens o temor dos deuses ensinar-me?

Os Ciclopes, que os deuses mais prestantes, Esse aluno da cabra
desdenhamos.

Se não por mim, de Júpiter por medo

Pensas que te perdoe e os companheiros? Onde ancoraste a nau?
distante ou perto? Declara-o já.” — Manhoso ao laço fujo: “Desfez-
ma o Enosigeu, na ponta e escolhos Dos fins da vossa terra; aqui,
dos ventos Rojado, a custo me salvei com estes.”

Ei-lo, sevo e em silêncio, a dous agarra,

No chão como uns cãezinhos os machuca, E o cérebro no chão
corre espargido;

Os membros rasga, e lhes devora tudo,

Fibra, entranha, osso mole ou meduloso, Qual faminto leão:
chorando as palmas, Em desespero e grita, a Jove alçamos. Pleno
de humanas carnes o amplo ventre, Leite bebe o Ciclope a
grandes sorvos,

E entre as ovelhas na caverna estira-se: Animoso de espada ia
feri-lo,

Onde o fígado junta-se ao diafragma, Quando à idéia me vem
que, nímio débeis Para o empacho movermos da saída,
Morreríamos todos morte acerba:

A aurora pois gementes esperamos.

Ao raiar da manhã, suscita o fogo, Ordenha e a cada mãe
submete as crias. O serviço afervora, e para o almoço

Mais dous empolga e traga; a pedra erguendo

Fácil, como na aljava a tampa ajusta, A repõe, já de fora com seu
gado;

E, indo-se ao monte, ouvíamos seus urros.

Vingança cogitada, invoco a Palas; Trás longo meditar, melhor
conselho Este me pareceu: de um tronco pego Oleagíneo e verde,
grosso e longo, No antro a secar jazendo para clava,

Que o mastro parecia de um mercante

Flutívago baixel de vinte remos;

Corto-lhe uma braçada, os sócios mando

O pedaço alisar, depois o aguço

E o tosto a fogo ardente, no monturo Pela caverna acumulado o
escondo. Sorteiam-se os que atrevam-se comigo No olho o pau
enterrar-lhe pontiagudo, Enquanto sopitado em sono esteja;

A sorte elege quatro, e eu faço o quinto.

Chega à tarde o pastor, e sem no pátio Conter os machos,
encurrala o gado. Ou por divino influxo ou por suspeita;

A boca do antro fecha, em ordem munge Sentado as fêmeas e
submete as crias. Presto acaba o serviço, e para ceia

Inda esquarteja dous; eu perto exclamo,

Taça a lhe oferecer de roxo vinho:

“De carne humana estás, Ciclope, farto;

Ora da nossa nau prova a bebida. Mais terias, se à casa me
enviasses Por compaixão: que fúria intolerável! Como, de tanta
crueldade à vista, Pode qualquer humano visitar-te?” Recebe a
taça, com delícia a empina,

E pede mais: “Dá-me de novo, dá-me; O nome teu me digas, para
haveres Dom que te aprazirá. Nossa alma terra

Vinho de uvas produz que orvalha Jove; Mas este, ambrosia é
doce e néctar puro.” Renovo a taça ardente, que três vezes Néscio
esgotou. Sentindo-o já toldado, Brando ajunto: “Ciclope, não me
faltas

À promessa. Meu nome tu perguntas?

Eu me chamo Ninguém, Ninguém me chamam

Vizinhos e parentes.” O ímpio e fero Balbuciou: “Ninguém, depois
dos outros Último hei de comer-te; eis meu presente.” E ressupino
cai e, a cerviz grossa

Dobrando, ao sono domador se rende;

A impar na embriaguez, ressona e arrota, Vomita o vinho e carne
humana em postas. Na cinza o lenho aqueço, animo os sócios

A não me abandonarem no perigo; O oleagíneo troço, inda que
verde,

Em brasa tiro, e um deus nos acorçoa;

No olho ficam-lhe os meus o pau candente, Eu de cima o revolve:
qual se broca

Naval madeira, que sustém com loros

Do mestre oficiais de uma e outra banda

E o trado gira sempre; assim viramos No olho o tição. Cálido
sangue espirra; O vapor da pupila afogueada

As pálpebras queimava e a sobancelha;

Do imo as raízes crepitar sentimos. Quando enxó n'água fria ou
grã secure Imergindo o forjeiro a temperá-lo Caldeia o ferro,
estrídulo este chia:

Da trave em roda o olho assim chiava. O urro tremendo ecoa nos
penedos; Assustados fugimos; ele, o tronco

Todo em sangue arrancado, o lança fora Na veemência da dor,
bramando horrível Pelos Ciclopes, que em vizinhas grutas Sobre
ventosos cumes habitavam.

Aos gritos acudindo, eles à entrada O que o aflige indagam:

“Polifemo, Porque a noite balsâmica perturbas

E nos rompes o sono com tais vozes? Acaso ovelha ou cabra te roubaram,

Ou por dolo ou por força alguém matou-te?”

“Amigo, do antro Polifemo disse,

O ousado que por dolo, não por força,

Matou-me, foi Ninguém.” — Replicam logo: “Se ninguém te ofendeu, se estás sozinho, Morbos que vem de Jove não se evitam;

Pede que te alivie ao pai Netuno.”

Com isto vão-se andando, e eu rio n’alma De que meu nome e alvitre os enganasse. Gemebundo o Ciclope e dolorido, Trêmulo apalpa, e removendo a pedra, Senta-se à boca do antro, as mãos estende A apanhar quem saísse entre as ovelhas.

Ele cria-me estulto; eu cogitava

Com que ardil me livrasse e os meus da morte

Horrorosa e iminente, e o plano formo: Três a três ligo tácito uns
carneiros

De lã violáceas, grandes e alentados, Com retorcido vime, em
cujos feixes Dormia o monstro; no do meio ajeito

Um sócio, que os dous outros conduzissem; Do maior da manada
abraço o tergo,

E ao ventre submetendo-me veloso,

Firme ao tosão me implico e me penduro. Carpindo à espera da
manhã velamos.

No arrebol urge o dono ao pasto os machos,

Dentro a balar as fêmeas de ubres tesos, E em dores, à passagem,
do que pára

O dorso afaga, néscio de que os sócios

Iam ligados aos lanudos peitos. Último andava o meu, tardio ao
peso

De mim, que em baixo astuto maquinava; A anca lhe amima
terno: “O derradeiro Hoje és tu, preguiçoso? A largo passo

Ias dantes em frente, a pascer flores

E a banhar-te no límpido riacho,

E de tarde ao redil vinhas primeiro. Do olho do senhor partes
saudoso, Que, de vinho domando-me a cabeça,

Cru mortal e os maus sócios me vazaram? Escapo inda o não
julgo: tu sentisses Comigo e articulasses, que dirias

Onde se oculta; e, esparsos os miolos

Por toda a cova, ao mal, que me há causado

O vil Ninguém, teria um refrigerio.” Solto o martinho então, se pôs
de fora. Distante um pouco da caverna e pátio,

O meu largo e desprendo os mais carneiros;

Salvos do monstro, à pressa o desviado Gordo rebanho para a
nau guiamos, Onde em pranto ansiosos companheiros Nos
receberam. Por acenos vedo

Esse lamento, e mando que o lanoso

Gado se embarque e o saldo mar cortemos. Dito e feito, e
verberam já remeiros

O encarnecido ponto, quando ao longe,

Mas a alcance de gritos, o invectivo:

“Não devoraste, Polifemo, os sócios

De um homem sem valor; cruel e iníquo, De hóspedes em teus
lares te sustentas; Júpiter castigou-te e os mais celestes.” Raivoso,
ei-lo de um monte o cimo quebra, Joga a rocha, que ao pé da
popa tomba:

Ao choque a nau se inunda, e refluindo

Sobre a terra a mareta nos empuxa.

De um longuíssimo croque armado, o casco

Da praia arredo, e por sinais ordeno

Que, o trespasso esquivando, a voga piquem. Sulcado espaço
igual, falo ao Ciclope;

Em redor brandamente me retinham:

“Incitar queres, mísero, o selvagem,

Que a nau com novo tiro atraia à borda, Onde acabar
cuidávamos? Se tuges,

Ao perceber-te a voz, com força bruta

Penedo vibrará, que nos esmague

E este frágil madeiro desconjunte.”

Preces vãs! generoso e inabalável

Em cólera bradei: “Se o perguntarem,

O olho dirás, vazou-te o arrasa-muros

Ítaco Ulisses, de Laertes nado.”

Trovejou Polifemo: “Encheu-se o agouro

Ah! de Telemo Eurímides, profeta.

Que envelheceu famoso entre os Ciclopes! Apagar-se-me a vista
às mãos de Ulisses Vaticinou-me: um forte e ingente e belo Varão
sempre cuidei que Ulisses fosse; Mas, falso embriagando-me, a
pupila Furou-me um pífiu imbele e pequenino! Hóspede, eis os
presentes, vem tomá-los; Meu genitor confessa-se Netuno,

Rogo-lhe que a viagem te encaminhe. Seja vontade sua, há de
sarrar-me;

De outro deus nem mortal socorro espero.” “Pudesse eu, repliquei-
lhe, de alma e vida Privar-te e remeter-te ao reino imano,

Como nem mesmo o genitor Netuno O olho te sarrará.” Súplices
palmas Ele à sidérea abóbada levanta:

“Ó rei Netuno de cerúlea coma,

Se teu sou na verdade, ó pai, te imploro

Que seu país não veja o arrasa-muros

Ítaco Ulisses, de Laertes nado;

Ou, se é fatal que à pátria amiga torne, Só de toda a campanha,
em vaso alheio, Tardio aporte, e em casa encontre penas.” Seu
rogo ouvido foi. Lasca outro pico Muito maior, que expede
volteando

Com sumo esforço: desta vez o leme

Quase alcança, e nos molha a erguida brenha; Mas surde a proa
azul, e a ilha toca

Onde as naus de coberta e os sócios eram,

Sempre a chorar por nós. Varado o casco, Saltamos, e conosco a
ovelhum presa, Que divido irmãmente: a aqueles bravos

Dão-me a parte o carneiro em que livreime, Eu na praia ao
nimbífero Satúrnio

Queimo-lhe as coxas; mas o deus supremo

Enjeita o sacrifício, e delibera

A frota consumir-me e os camaradas. Até Sol posto, à mesa nos
fartamos

De carne e doce vinho, e escura a noite,

Na areia adormecemos. Vindo a rósea

Aurora matutina, a gente embarco;

Desamarrados, alva espuma torcem

Dos remos ao compasso os marinheiros. Dali, da morte isentos;
mas tristonhos Pelos míseros sócios navegamos.

LIVRO X

Do Hipótades Eolo, aceito ao numes, A ilha abordamos, a nadante
Eólia, De éreo muro infrangível circundada Sobre liso penedo. Ele
os seis pares Consorciou de filhos, para todos

Junto ao bom pai e à casta mãe comerem À mesma vária mesa:
ao dia, a casa Harmônica recende; à noite, aos braços Das
consortes pudicas se repousam,

Em tapetes e leitos recortados

Nessa bela vivenda um mês inteiro Amigável tratou-me, a indagar
sempre De Ílion, da frota Argiva e da tornada; Eu recontava tudo.
Enfim licença

Rogo-lhe de sair, ao que ele acede

E dispõe a partida: os rijos ventos

Feche em pele de um touro de nove anos, Porque a seu grado,
permissão de Jove, Os subleva ou contêm; por um calabre
Argênteo os cerra no porão, temendo

Um hálito qualquer; único solto, Nos vai soprando Zéfiro propício.

Tais precauções frustou-nos a loucura.

Navego assíduo; na dezena tarde, Ítaca e os lumes seus me
apareciam: Rendo-me ao sono ali, cansado e lasso, Pois nunca o
leme a outrem confiara, Para em terra o mais cedo nos acharmos.
Do generoso Hipótades riquezas
Crendo que eu recebera, os da equipagem

Discorriam destarte: “Oh! quanto Ulisses Por onde quer que
aborde é festejado! Onusto vem de Iíacos tesouros,
E nós, tendo corrido iguais tormentas, Vamos ao pátrio lar de
mãos vazias. Brindes lhe fez agora o amigo Eolo;
Veja-se que ouro e argento esse odre guarda.”

Vencendo o mau conselho, o desataram: Os ventos a ruir, de Ítaca
os deitam,
A empegá-los em lágrimas desfeitos.

Acordo; ao mar calculo se me atire, Ou sofra a nova dor: sofri,
jazendo
No fundo oculto; os outros, suspiravam. Procela atrás à Eólia nos
remessa:
Feita aguada na praia e um jantar breve,

Como o arauto e um guerreiro me endereço De Eolo aos paços,
que ao festim seus filhos E a mulher tinha; sento-me à soleira,
E eles pasmados: “Foi-te um nume infenso?”

Tornaste, Ulisses? Tudo acautelamos, Para a salvo aos penates
reverteres.” Triste respondo: “Sócios temerários

E fatal sono, amigo, me perderam;

Auxílio, que o podeis.” Com brandas vozes Quis demovê-los, mas
seu pai retorque: “Fora, não devo proteger um homem Ingrato ao
Céu; fuge daqui, malvado,

És ódio aos imortais.” E agro e severo, Da Eólia nos despede a
soluçarmos.

A vogar, fatigada já do remo,

Do erro se argúi a gente esmorecida. Gastas seis, na setena
singradura Arribou-se de Lamos à eminente Lestrigônia Telépila,
onde o gado

Recolhendo o pastor, pelo outro chama, Que obediente sai; onde o
salário

O insone dobraria, apascentando

Já manadas, já greis de branco velo: Tanto ali se aproxima a noite
e o dia.

Do porto em roda a pique há celsas pedras, E a barra estreitam
cabos dous bojantes:

As naus dentro se amarram conchegadas, Que o mar dorme
tranqüilo e não se altera. A minha só de fora atei por cabos

A um rochedo apartado, e ao cimo trepo

A specular se em torno divisava

De homens ou bois trabalho; só rompia

Do solo um fumo. Escolho dous, que saibam, Com o arauto, a
quem lá sustente Ceres; Trilham por onde carreava lenha

Dos montes à cidade, e perto a filha Do Lestrigão Antífates
encontram, Guapa donzela, que de Artácia à fonte Clara descera,
donde o povo bebe; Quem no país mandava lhe perguntam, E o
paterno palácio indica a jovem.

Entram; com susto a esposa, igual de um morro, De Antífates
avistam; que, chamado,

Presto chega da praça, atroz empolga

Um para a crua ceia; os dous conseguem

Refugiar-se à frota. Ao grito régio,

Da cidade, homens não, gigantes fervem, E a penedos, que
arrancam, nos lapidam, O estrépito a soar de moribundos

E naus quebradas; para o triste pasto. Qual peixe os Lestrigões a
gente enfiam. Enquanto esses no porto assim perecem, Do meu
navio a gládio amarras talho;

A esquivar a desgraça insto a companha,

Que açodada e medrosa os remos força: O meu baixel evita os
sáxeos tiros;

Os mais daquela chuva ali soçobram. Da morte isentos, por
amigos tantos O negro mar tristíssimos cortamos. Na ilha aporto
Eéia, da terrível Música Circe de madeixas de ouro, Irmã de Etas
prudente, nados ambos Do claro Sol e da Oceânia Persa.

A largo surgidouro um deus nos guia; Lá, de cansaço e de ânsias
corroídos, Longamente e em silêncio repousamos. Da aurora
crinisparsa à luz terceira,

A espada e lança tomo, um alto subo Donde ouça vozes ou
culturas veja; Paro no áspero tope, enxergo um fumo Que dentre
um carvalhal saía em cerco Do palácio de Circe. N'alma volvo

Se após o fumo avance; mas prefiro

Ir a bordo, e à maruja dado o almoço, Enviar adiante
exploradores.

Da nau já perto, condoído um nume

Da minha soledade, ofereceu-me Galheiro cervo, que do pasto ao
rio Vinha beber, da calma estimulado:

A bronze o atravessei pelo espinhaço, E o bruto cai berrando e a
vida exala; Pulo, saco-lhe o hastil, por terra o deixo, Vimes
despego e silvas, e torcendo-os Corda formo de braça, os pés lhe
amarro; Firme n'hasta, ao cachaço o levo preso,

Porque de uma só mão, sobre uma espádua, Suster carga
tamanha era impossível.

Ante os sócios o arrojo, e em modo afável

Os conforto um por um: “A Dite, amigos,

Só baixaremos do fatal instante;

Comei, bebei, de fome não morramos.” Dóceis levantam-se, e na
praia admiram O enorme cervo, e os olhos tendo fartos, As mãos
lavadas, o festim preparam. Veação gorda e vinho, até ser tarde,

Nos regalaram; sobre a noite escura

Na marítima areia adormecemos.

No amanhecer, convoco e falo a todos: “Por mais graves que
sejam nossas penas, Atendei-me, consócios. Ignoramos

Se a terra é donde o Sol mergulha em trevas, Ou do fúlgido eão
em que ele nasce;

Quero vos consultar, eu nada afirmo.

Do cume de um penhasco, vi que a cinge

Mar infinito, humilde ilha pequena, Que dentre basto carvalhal
fumega.” Estala o coração, lágrimas chovem;

Das cruezas de Antífates se lembram, E do fero antropófago
Ciclope.

Chorar que vale? Em corpos dous os nossos,

Mando eu um, outro Euríloco deiforme: Sacudidas as sortes no
elmo aêneo,

Sai a do bravo Euríloco; este parte

Com vinte dous gementes companheiros, Que apartam-se de nós
também gementes. Num vale acham marmóreo insigne paço, Que
cercam lobos e leões, de Circe

Com peçonha amansados: contra a gente

Não remeteram de unhas lacerantes, Sim alongando a cauda os
afagaram, Como festejam cães o meigo dono

Que lhes traz do banquete algum bocado;

Mas, a tal vista, ao pórtico medrosos Retiveram-se os Gregos.
Dentro ouviam Cantar suave a crinipulcra Circe,

Teia a correr brilhante, que só deusas

Lavram tão fina e bela. Eis diz Polites,

Chefe que eu mais prezava: “No alto, amigos,

Mulher ou deusa tece; o pavimento

Ressoa todo ao cântico: falemos.”

Gritam; Circe aparece, e abrindo as portas

Resplendentes, convida esses incautos; Só, receoso, Euríloco
repugna.

Senta-os a deusa em tronos e camilhas; Escândeia e queijo com
Paneio vinho Mistura e fresco mel, poção lhe ajunta Que
deslembra da pátria. Mal a engolem, Toca-os de vara, na pocilga
os fecha, Porcos sendo no som, no vulto e cerdas,

A inteligência embora conservassem. Tristes grunhindo, a maga
lhes atira Glande, azinha e cornisolo, sustento Próprio desses
rasteiros foçadores. Veio Euríloco à pressa anunciar-nos O caso

infando, que articula apenas Pela força da dor, pois lhe excitava
Luto no coração, água nos olhos;

E, instado, o exício narra: “Ao teu preceito,

Fomos, Laércio, num convale achamos Em vistoso lugar
marmóreo paço. Mulher ou deusa que a tecer cantava,

Abre, ao nosso gritar, fulgentes portas: Este convite, eu só de fora,
temo;

De esperar canso, os mais desapareceram.”

De tachonado bronze a tiracolo

E o arco aos ombros, pela mesma senda Mando que me
encaminhe; ele os joelhos Chorando me abraçou: “Divino aluno,

A ir não me constranjas. Tu não voltas,

Sei que os nossos perderam-se; os restantes

Esquivemos, fugindo, o negro fado.” “Bebe e come, retruco, em
ócio a bordo; Por mim clama o dever.” E a trilha enceto. Já, pelo
sacro bosque, avisto o alcáçar

Da venéfica Circe, quando o nume Do caduceu me encontra,
afigurado Num gentil gracioso adolescente;

Ele trava-me a destra: “Ignotos serros,

Mísero, andas sozinho? os teus, quais porcos, Os tem Circe em
fortíssimo escondrijo.

Vens tu livrá-los? sorte igual te espera.

Antídoto haverás, que te preserve

Da encantadora. Seus ardis aprende:

Num misto lançará sutil veneno, Em meu remédio fia-te; ao
sentires

De vara o toque, puxa dante o fêmur,

Como para feri-la, a espada aguda;

Quase a medo, ao seu toro há de invitar-te. Amores não recuses
de uma deusa,

Que te socorra e desencante os sócios;

Mas dela exige o grande juramento,

A fim que outras ofensas não te apreste,

Nem do valor te dispa e te efemine.” Da terra aqui Mercúrio
extraiu planta, E ma explicou: raiz escura tinha

E láctea a flor; os deuses moli a chamam;

É-lhes fácil cavá-la, aos homens custa.

Foi-se da ilha espessa ao grande Olimpo; Nisto e pensoso dirigi-
me a Circe.

Eu da entrançada Eéia às portas grito, Que abre logo os
resplêndidos batentes, E a seu convite, contristado, a sigo.

Aos pés lindo escabelo, num dedáleo Trono me colocou de
argênteos cravos. Misturada a bebida em áurea taça,

Provei; não me fez mal; da vara ao toque, Disse: “Vai-te à pocilga,
aos mais te agrega.” Como para matá-la, o gládio sacou;

Brada, furta-se ao bote, a meus pés freme:

“Quem és? de que nação? de que família? Pasma de que resistas;
este encanto, Nunca o susteve alguém por cujos dentes Se
infiltrasse o veneno: alma inconcussa

Tens no peito. És por certo o sábio Ulisses, Que o de áureo
caduceu me afirmou sempre De Ílio cá surgiria em nau veleira.

Embainha essa espada; em nosso toro, Em mútua confiança, o
amor gozemos.” Repliquei-lhe: “A contigo humanizar-me Tu, Circe,
me alicias, tu que em porcos Meus sócios transformaste, e aqui
dolosa Me instigas ao teu leito, a fim que, inerme E despido me
enerves e efemines?

Solene jura, ó deusa, que em meu dano

Mais nada empreenderás.” — Jurou-me, eu subo

Ao tálamo loução. Criadas quatro

Fiéis com diligência ali serviam,

Ninfas de bosque ou fonte ou santo rio: Uma forra de púrpura as
cadeiras,

Pondo alvo linho em baixo; outra bufetes

Argênteos cobre de áureos açafates;

Outra em cratera argêntea o vinho infunde, Que em áureos copos
distribui melífluo;

A quarta ferve em trípode ênea e grande

Água sonora, que tempera e em ampla Tina me espargue por
cabeça e ombros Tépido grato banho, até que os membros Me
refaz do cansaço. Fresco e ungido,

Em manto airoso e túnica, de prata

Num trono cravejado e precioso,

De artefato escabelo, a mesma entorna Linfa às mãos de
elegante jarro de ouro Numa argêntea bacia, e me desdobra
Limpa mesa; que amável despenseira De pães enche e
abundantes iguarias, Instando-me a comer; eu com fastio

Abanquei-me a cismar e a prever males. Próxima Circe, a minha dor percebe: “De ânsias ralado, Ulisses, emudeces?

Nem tocas na bebida e nos manjares! Certo algum dolo temes, não refletes

Que jurei pela Estige.” — Eu logo: “Circe,

Que homem justo beber ou comer pode, Antes que valha aos míseros amigos?

Se a teu festim me queres satisfeito, Soltos eu veja os prediletos sócios.” Ela, pegando a vara, sai de casa

E abre o chiqueiro; tira-os parecidos

A varrões de nove anos, em fileira

Um por um vai com bálsamo esfregando, Cair fazendo o pêlo que o veneno

Exicial criara, e mais os torna

Jovens e esbeltos. A chorar de gosto, Beijam-me a destra, o pranto ressoava. Doeu-se a déia: “Ulisses engenhoso

Em seco o vaso, nas vizinhas grutas Guarda o que tens, riquezas e
aparelhos; Venham contigo os prediletos sócios.” Persuadiu-me;
encontro os meus na pra A nutrir-se de choro e de suspiros:

Quais agrários bezerros, quando as vacas

Ao curral vêm de relva saciadas,

Sem que os vedem redis, mugindo pulam Das mães em derredor;
assim me cercam Lagrimando os consócios; cuidam quase Ítaca
ver em mim rude, mas terra

Onde foram gerados e nascidos,

E dizem-me a gemer: “De Jove aluno,

De rever-te folgamos, qual se aos campos

Volvêssemos da pátria. Ora nos conta

O infortúnio dos nossos.” — Eu me apresso

A animá-los: “Varemos o navio,

O que ele encerra em grutas recolhemos; Vinde comigo todos, que os amigos

No palácio de Circe à farta vivem.” Prontos obedeciam, mas bradando Euríloco os deteve: “Ah! desgraçados, Onde imos? à mansão da maga Circe,

Que em porcos, lobos ou leões, vos mude,

E a rodar seu palácio vos constanja? Tereis outra caverna do Ciclope, Matadouro dos sócios por audácia

Do insano Ulisses”. Cala, e eu saco a espada,

Pretendendo a cabeça decepar-lhe, Bem que parente fosse; mas os nossos

Com doçura o impediram: “Se o permites,

Ele cá permaneça e a nau vigie,

E da deusa à morada nos conduzas.” Saímos pois da praia, e da ameaça Medroso o mesmo Euríloco nos segue. Circe os outros cuidosa em casa banha Perfuma e paramenta: em lauto bodo Os achamos de túnicas e mantos. Mestos a prantear se comunicam,

E o paço retumbava; a veneranda

Circe atalhou: “Não mais, divino Ulisses, Vos exciteis ao luto. Eu sei dos transe Padecidos por vós no mar piscoso,

De hostilidades mil que em terra houveste. Comei, bebei, refocilai; no peito

Renasça o ardor que tínheis ao deixardes

Ítaca alpestre: agora ah! desabridos

Por tão penoso errar, por tantas mágoas, Ao júbilo e prazer sois insensíveis!” Comoveu-nos, e em mimos lá ficamos

Um ano inteiro. As estações decorrem

E longuíssimos dias, e em segredo

Os meus advertem-me: “Infeliz, deslembras

O chão natal? O fado reservou-te

À pátria e aos lares teus.” Meu brio esperta. Enquanto o Sol não
cai, bom vinho e carnes Desfrutamos; à noite, por obscuras
Salas dormindo os mais, subo ao divino

Tálamo refulgente e me ajoelho:

“Cumpre, Circe, a promessa, a pátria anelo; Por mim to rogo, pelos
ais de tantos

Que em tua ausência o coração me partem.”

A augustíssima ninfa respondeu-me: “Divo astuto Laércio,
constranger-vos Não quero; mas convém baixéis primeiro De
Prosérpina e Dite à feia estância,

O vate a consultar cego Tirésias, Único morto a quem a inferna
Juno O saber e o pensar tem conservado,

Não sendo os outros mais que aéreas sombras.”

De alma rasgada, a Circe a cama inundo, Enjeito a vida, o claro
Sol odeio;

Mas, de chorar e revolver-me lasso: “Quem há-de, perguntei, pilotar-me? No Orco nenhum desembarcou té hoje.” “Isso, replica, não te dê cuidado:

Arma, Ulisses, o mastro, expande as velas; Senta-te, e a Bóreas encomenda o rumo. Quando, por entre o pego, à mole praia

E ao luco de Prosérpina chegares,

De salgueiros estéreis e altos choupos, Surjas lá no Oceano vorticoso,

E à casa opaca de Plutão caminhes, Onde o Cocito, que do Estige mana, Com o ígneo Flegetonte, separando Celsa penha os ruidosos confluentes, Mete-se no Aqueronte. Ali, te aviso, Em cova cubital por toda parte, Libações vaza herói, de mulso e leite

Às mãos ambas, depois de mero vinho,

Terceira de água, e branco farro mescles. Implora os oucos manes e promete,

Em Ítaca imolada a melhor toura,

De dons a pira encher, e ao mesmo vate

Sacrificar sem mancha atro carneiro, Flor dos rebanhos vossos.
Dos finados Assim que às gentes ínclitas orares, Pretas reses
degola, macho e fêmea,

Do Érebo em face, e averso atenta o rio; Hão-de presto acudir
enxames de almas. Queimar as hóstias esfoladas manda: Vota a
Plutão pujante e à seva esposa.

De espada em punho, junto à cova, impede Que, antes de
questionares a Tirésias, Provem do sangue os manes: pronto o
vate Virá mostrar, ó capitão de povos,

Como sulques o ponto e à pátria voltas.”

A Aurora em cróceo trono radiava: Circe de capa e túnica vestiu-
me; Vestiu-se de alva estola fina e bela, Cinto áureo atou, pôs à
cabeça coifa. Pelos salões desperto os camaradas,

Brando os careio: “Ao sono, sus, furtai-vos; A partir me suade a
mesma Circe.” Afervoram-se alegres; mas não pude

Salvar a todos: Elpenor imbele,

Estólido e o mais moço, da vinhaça

Para se refrescar, dormiu sozinho

De cima no terraço, e ao movimento E estrépito acordando,
entontecido Não desce a escada longa, mas do teto

Rui, fratura o pescoço, ao Orco afunda.

Falo aos demais: “Talvez cuideis que à pátria

Vamos, amigos; prescreveu-me a ninfa

Que, a Prosérpina e Dite visitando, O Tebano Tirésias
consultemos.” Consternam-se a tal nova e se arrepelam. A dor que
importa? À praia aproximados, Chorando mestos, em pessoa
Circe, Rápida e invisível, à nau já tinha presos
Carneiro e preta ovelha: quem, se um nume

Quer subtrair-se, rastejá-lo pode?

LIVRO XI

Deitado ao mar divino o fresco lenho,

Dentro as hóstias, o mastro e o pano armados, Em tristíssimas
lágrimas partimos.

Bom sócio, enfuna e sopra o vento em popa,

Que invoca a deusa de anelado crino. Tudo a ponto, abancamo-
nos entregues Às auras e ao piloto; sempre à vela,

Sobre a tarde, os caminhos se obumbravam, E aos fins chegamos
do profundo Oceano. Lá dos Cimérios de caligem feia

Cidade jaz, do Sol ao olho oculta, Quer ao pólo estelífero se eleve,

Quer descambe na terra: intensa noite Aos mesquinhos mortais
perpétua reina. Da nau varada os animais tirando,

O Oceano abeiramos até onde Nos indicara Circe. Perimedes,
Mais Euríloco, as vítimas sustinha; De espada a cova cubital
escavo; De mulso e leite libações vazamos

Às mãos ambas, depois de mero vinho, Terceiras de água, e
branco farro mesclo. Imploro aos oucos manes e prometo,

Em Ítaca imolada a melhor toura,

De dons a pira encher, e ao só Tirésias Preto carneiro consagrar
sem mancha, Flor dos nossos rebanhos. Evocados Os defuntos, as
vítimas degolo,

Flui na cova o cruor: do Érebo as almas Congregavam-se em
turmas, noivas, moços, Melancólicos velhos, virgenzinhas

Do luto prematuro angustiadas,

Muitos guerreiros em sangrentas armas De êneas lanças
passados; ante a cova, Num confuso rumor, se atropelavam.
Pálido e em susto, exorto a que esfoladas Queimem-se as reses
pelo bronze troncas; Voto a Plutão pujante e à seva esposa.

De espada arredo os mortos, que não bebam Sem que eu tenha o
adivinho interrogado. Veio primeiro de Elpenor a sombra.

Que nos paços de Circe, pela urgência,

Não chorado e insepulto abandonamos. Lagrimo, ao vê-lo,
comovido clamo:

“Como, Elpenor, mais presto ao reino escuro,

Que eu no alado navio, a pé chegaste?” Ele em suspiros: “Sábio e
grã Laércio, Um nocivo demônio embebedou-me: Do terraço de
Circe, entontecido,

Pela escada não dei, caí do teto;

Fraturou-se-me o colo, eis-me no inferno. Sei que do Orco irás
inda à ilha Eéia:

Por teus caros ausentes, pela esposa, Pelo pai que de ti cuidou na
infância, Por Telêmaco exoro, único filho

Que tens no doce lar, de mim te lembra: Teme os numes, enterra-
me e pranteia; Comigo, tais quais são, me queima as armas,
N’alva praia o sepulcro, por memória

De um miserável, planta em cima o remo

Que entre os meus camaradas me servia.” “Tudo, infeliz, bradei,
será cumprido.”

E alternamos quietos mil tristezas,

De espada eu sobre a cova, e o simulacro

A derramar queixumes. Ao da madre

Minha, filha de Antolico, Anticléia,

Que ao ir-me a Tróia a luz inda gozava, Vedo, a gemer com dor,
que loque o sangue Primeiro que Tirésias. De áureo cetro,

A alma aparece do Tebano cego, Reconheceu-me: “Ao claro Sol
fugindo, Ai! vens a estância visitar funesta?

Pois da cova te arreda e o gume esconde, Para que eu beba o
sangue e profetize.” Dês que embainho a espada claviargêntea,
Bebe o vate infalível e começa:

“O mel da volta, nobre Ulisses, buscas?

Netuno irado, a quem cegaste o filho

To embarga. A seu pesar, tens de alcançá-lo, A seres comedido e
os companheiros,

Do atro pego arribados à Trinácia, Onde achareis pastando bois
e ovelhas Do Sol, que tudo vê, que exouve tudo: Ileso o gado, a
custo ireis à pátria; Ofendido, ao navio agouro a perda,

E a te salvares, tornarás tardeiro,

Só dos consócios teus, em vaso estranho. Depararás no interno
uns prepotentes, Que estragam-te a fazenda, e requestando A
diva esposa tua, a presenteiam;

Mas, por tamanha audácia, a bronze agudo Às claras ou por dolo
hás de puni-los. Depois toma ágil remo, a povos anda

Que o mar ignoram, nem com sal temperam, Que amuradas
puníceas não conhecem,

Nem remos, asas de baixéis velozes.

Guarda o sinal: assim que um viandante Pá creia o remo ser que
ao ombro tenhas, Finca-o no chão; carneiro e touro imoles, Varrão
que inça a pocilga, ao rei Netuno; Em Ítaca, aos celícolas por
ordem Hecatombes completas sacrifiques

Ali do mar vir-te-á mais lenta a morte, Feliz velho, entre gentes
venturosas. Preenchidos serão meus vaticínios.” “Tirésias,
prosegui, tal é meu fado. Lá, do sangue remota, olhar seu filho
Nem ousa tácita a materna imagem:

Como há de perceber-me, ó rei, me ensina.” E ele: “É simples:
sincero, a quem permitas Provar do sangue, falará; contidos,
Os mais recuarão”. Nisto, o profeta

Pela estância Plutônia esvaeceu-se. Aguardei minha mãe, que o negro sangue Beber veio, e bradou-me lamentosa:

“Que! filho meu, chegaste à escura treva!

É difícil aos vivos, entre enormes

E válidas correntes; nau compacta

Há mister o Oceano invadeável.

De Ílio, há muito errabundo, os sócios trazes?

Ítaca inda não viste, a esposa tua?”

“Ah! minha mãe, respondo, urgiu-me a sorte

A vir ao Orco interrogar Tirésias.

Não fui à nossa terra, ou mesmo à Grécia; Desde essa expedição,
vagueio aflito. Conta-me, adormeceste em sono eterno Por
doença aturada, ou pelas doces

Farpas da sagitífera Diana?

Conta-me de meu pai; se o caro herdeiro

Dos meus haveres goza, ou tem-nos outrem,

E cuidam que não volto. A esposa minha Mora com nosso filho, os
bens zelando, Ou já foi por um grande conduzida?”

E a veneranda mãe: “Constante em casa,

Dia e noite suspira atribulada.

Ninguém dos teus domínios apossou-se; Lavra-os Telêmaco, e a
festins o atraem Próprios de quem justiça aos povos rende. Só teu
pai, da cidade sempre fora,

Sem macios colchões, tapetes, mantas,

Como os escravos, deita-se de inverno Ao pé da cinza, veste
humildes roupas; De outono e de verão, na fértil vinha, Em cama
dorme de caídas folhas;

Por ti chora, e é dos anos molestado,

Em contínua tristeza. Tal finei-me,

Não da frecheira deusa a tiros brandos, Não de mal que definha e
roi a vida,

Mas de dor, meu bom filho; a tua ausência

E as lembranças de ti me sepultaram.”

Três vezes ao materno simulacro

Fui me abraçar, três vezes dissipou-se

Igual ao vento leve ao sono alado.

Mágoa punziu-me acerba: “A meus desejos Te esquivas, minha
mãe? ao colo os braços, Ambos nos deleitássemos de pranto

Pela casa Plutônia! És vácuo espectro, Pela augusta Prosérpina
enviado

Para agravar meus ais? — “Não, contestou-me,

Filho amado, oh! misérrimo dos homens, Não te engana a de
Júpiter progênie;

É nossa condição depois da morte:

Os nervos carnes e ossos não mais ligam, A fogueira os consome
irresistível;

Tanto que a vida os órgãos desampara,

A alma como visão remonta e voa.

Quanto antes volve à luz, e tudo aprendas

Para à casta Penélope o narrares.” Durante a nossa prática,
incitadas Pela ínclita Prosérpina, se apinham

De heróis muitas ou filhas ou mulheres: A fim de uma por uma
interrogá-las, Sacar prefiro o gume dante o fêmur, Para juntas o
sangue não beberem;

Todas à espera, a cada qual pergunto, E ia-me de seus casos
informando. Tiro primeira vi, que se aclamava

Do temerário Salmoneu vergôntea,

E de Creteu Eólides consorte. Amorosa do fresco Enipeu divo,
Da pulcra veia à borda se entretinha:

Disfarçado no rio verticoso,

À foz se encosta o Enosigeu, cambiante

Curvo aqueu monte empina, que em seu grêmio

Sorve a mortal e o nume; o cinto à virgem Ele desata, em êxtase
embebida. Cumulado o prazer, da mão lhe trava: “Alegra-te,
mulher, no giro do ano

Lindos gêmeos terás, que terna cries;

Ósculo de imortais sempre é fecundo.

Anda, cala contigo, eu sou Netuno.”

E se afundou no flutuante pego.

Tiro houve a Pélias e Neleu, de Jove Régios ministros, na arenosa
pilos Neleu, Pélias na fértil em manadas Ampla Iaolcos. A Creteu
marido

Pariu também a guapa soberana O éqüite Amitáon e Éson e Feres.
Antíope de Asopo eu vi: nos braços Concebeu do Satúrnio Anfion e
Zeto, Que alcançaram Tebas a de sete portas E a muniram de
torres, pois sem elas, Bem que heróis, habitá-la não podiam.

Alcmena Anfitriônia eu vi, que, ilusa Unindo-se ao Tonante,
Hércules teve De ânimo de leão; depois, Megara,

Do semideus mulher, de Créon prole. Epicasta eu vi bela, em cujo
toro,

Fatal engano! entrou seu filho Édipo,

Ignaro parricida. O fato horrível Tendo o Céu revelado, ele, por
dura Sentença divinal curtindo penas,

Os Cadmeus regeu na amena Tebas; Ela em agro pesar, suspenso
um laço

De Celsa trave, do Orco às portas baixa, Ao cúmplice legando
quantas fúrias Sabe evocar do inferno a dor materna.

A de Anfíon Iásides mais jovem,

Clóris vi, que Neleu com pingue dote Esposou por formosa, herói
que em Pilos E na Miniéia Orcômeno imperava;

Do qual teve os gentis Nestor e Crômio,

Periclímeneo ilustre, e aquela Pero

De todos maravilha ambicionada.

Por Neleu prometida a quem furtasse

De Íficio as negras vacas largifrontes,

Só tentou vate exímio essa árdua empresa; Mas, por destino austero, o agrilhoaram Em Filace os boeiros. Já corridos Meses e dias e estações de um ano, Tendo agouros solvido ao rei potente, Libertou-se, de Jove por vontade.

A Leda eu vi, que a Tíndaro excelentes

Filhos pariu, Castor na picaria, No pugilato Pólux: vivos ambos.

No térreo bojo, alternam vida e morte;

Por turno o Padre sumo os diviniza. Vi de Alopeu a cônjuge Ifimedia,

Fera de concebido haver dous filhos

De Netuno, Efialtes e Otogemeos,

Da alma terra pulquérrimos gigantes, Após Órion, se bem de alento breve: Aos nove anos, já tinham de cintura Cúbitos nove, com tresdôbro de alto.

Movendo ao mesmo Céu guerra estrondosa, Para a escalada, sobre o Olimpo o Ossa Tentaram pôr e sobre o Ossa o Pélion:

Talvez na puberdade o acabariam,

Se o de Latona e Jove os não matasse Antes que o buço as faces
lhes pungisse: Ou flórea barba sombreasse os mentos. Prócris e
Fedra vi, de Mimos sábio Ariadna filha, que Teseu de Creta
Para Atenas levava culta e fértil;

Mas de caminho lha embargou Diana, De Baco a instâncias, na
circúnflua Dia Mera e Climene, Erifile odiosa,
Que traiu seu marido à força de ouro.

Mas, se nomeio quantas vi mulheres

Ou gênitas de heróis, ir-se-ia a noite,

Que, entre os sócios a bordo ou neste paço, Já me empenha
balsâmica ao repouso.

A volta minha incumbe a vós e aos deuses.” —

Na eloqüência enlevados os convivas, Silêncio guardam pela sala
umbrosa.

A alva Areta o quebranta: “Em forma e talhe

Que vos parece tal varão, Feaces,

E em mente sã? Bem que hóspede meu seja, Da honra participais:
daqui não parta,

Sem dons lhe prodigardes na indigência, Pois tendes muito por
mercê divina.” Equeneu ponderou, maior na idade: “Obedecei-lhe,
amigos, não sem tento Exprimiu-se a rainha; o exemplo e as
ordens Manem de Alcino.” E Alcino: “Enquanto reja A marítima
gente, igual aviso

O meu será. Comprime a impaciência,

Té que, hóspede, amanheça e os dons colhamos

Da tua volta os nossos curam todos,

E eu mais, cujo poder no povo estriba.” Logo o astuto: “Em
preparos da viagem Com magníficos dons, ó rei possante,

Se um ano me entretens, um ano fico:

De mãos cheias à pátria ir me aproveita,

Para ser venerado e mais querido.” O rei continuou: “Prudente Ulisses, Quem atentar em ti, não pode crer-te Impostor, quais a terra esparsos nutre A decantar mentiras sem contraste: Sisudo e simples, como um vate narras

A história dos Aqueus e os lances próprios.

Viste algum bravo sócio em Tróia extinto? Cedo é para dormir, a noite é longa:

Se a tua dor consente o prosseguires,

A alvorada me encontre a ouvir teus casos.” Ulisses prosseguiu: “Preclaro amigo,

Horas há de falar e horas de sono;

Mas, se o levas em gosto, não recuso

Dos meus contar-te os lutos e infortúnios, E dos que, livres da cruenta guerra,

Na pátria sucumbiram pela infâmia

De uma falsa mulher. — Disperso tendo

Prosérpina os femíneos simulacros,

O de Agamemnon surge, e os dos que Egisto

Com ele assassinou. Bebido o sangue, Braços me estende, em
lágrimas a pares;

O alento lhe falece, que era dantes

Em seus membros flexíveis, e eu carpindo

Lhe brado condoído: “Ó glorioso

Rei dos reis, como houveste o fatal golpe? Domou-te o azul tirano
em tempestade? Ou mãos hostis em terra, ao dcpredares
Armentio e rebanho? ou defendo

O pátrio muro e a honra das famílias?” “Divo e sábio Laércio,
respondeu-me, Não me domou Netuno em tempestade, Nem
mãos hostis em terra: Egisto à casa, Com minha atroz consorte
conluiado, Atraiu-me, e no meio de um banquete, Como a rês no
presepe, derribou-me;

E estes sócios comigo estrangularam,

Quais porcos de um ricaço destinados

A função por escote ou bródio ou núpcias. Estiveste em conflitos e
carnagens,

Mas por tão feio horror nunca choraste: Cratera e mesas e comer
e sangue Mistos rolam; no chão pungentes gritos Soam-me de
Cassandra Priaméia,

Que ante mim trucidava Clitemnestra; Soergo-me, e inda busco
moribundo Pegar do alfange; aparta-se a impudente,

Nem quis, no instante que eu baixava a Dite

Cerrar-me os olhos e compor-me os lábios. Nada há mais sevo
que a mulher indigna Capaz de conceber tamanhos crimes.

A que esposai donzela assim tratou-me: Crua morte me urdiu,
quando eu pensava Prazer vir dar a fâmulos e a filhos. Torpemente
manchou-se, e tanta infâmia Tem as mais virtuosas deslustrado.”

“Hui! de Atreu contra a raça, exclamo, é fado

Que a Jove irrite feminis conselhos: De tantos funerais foi causa
Helena; Traições tramou-te ausente Clitemnestra.” E ele: “Austero à
mulher nunca fraquejes; Reveles o preciso, o mais lhe encubras.
Não virá de Penélope desastre,
Sábua filha de Icário intemerata;

Inda noiva a deixamos, ao partirmos,

Com seu filho de mama, hoje homem feito;

Ditoso há de abraçá-lo, há de ele ver-te: No meu vedou-me
saciar os olhos Clitemnestra cruel. Mas, n’alma o graves, Não fiar
de mulheres; cauto e oculto Aborda à pátria, conta-me,
entretanto,

Se no seio de Orcômeno ou de Pilos, Ou junto a Menelau na vasta
Esparta, De meu filho soubeste; pois da terra

A Dite inda não veio o divo Orestes.” “Para que hei de enganar-te?
respondi-lhe Se é vivo ignoro.” E enquanto lagrimamos,
Aparecem-me Aquiles e Pátroclo,
Mais Antíloco e Ajax, que ao só Pelides

Entre os Gregos cedia em gentileza. O Eácida ligeiro, ao conhecer-
me, Gritou: “Sábio Laércio generoso,

Que te falta, infeliz, para empreenderes? Vires ao reino escuro, só
de aéreos Incorpóreos fantasmas habitado!” “Valente dos
valentes, vim, lhe torno, Perguntar a Tirésias como à pátria
Fragosa aportarei. Mesquinho e errante,

Nela não estive, nem sequer na Acaia. Tu, feliz no passado e no
futuro,

Eras em vida qual um deus aceito,

E ora as almas dominas; do trespasso Não deves pois te lamentar,
Aquiles.” “Íclito Ulisses, retorquiu, da morte Não me consoles;
pago anteporia Servir escassa rústica choupana

A defuntos reger. Dize, meu filho

Na frente sempre ou no tropel combate? Que é de Peleu brioso?
inda o veneram, Ou na Hélade e Pítia hoje o desdenham, Por que
a velhice pés e mãos lhe tolhe? Ao sol não mais respiro, como em
Tróia,

Batalhões derrotando em pró dos Gregos:

Se eu tocasse um momento o pátrio alvergue, A intrepidez e
audácia embotaria

Dos que o privem das honras e homenagens.”

“Nada, lhe digo, de Peleu me consta; Mas de Neotólemo aqui te
informo: De Ciro transportei-o em nau bojuda

Aos grevados Aqueus. Sempre em consultas

Primeiro, sem desvio discursando,

A mim próprio e a Nestor se equiparava; Sempre avante, na turba
não se tinha,

Na refega a ninguém rendia a palma,

Sem conto propinando o acerbo trago. Uma façanha apontarei
samente:

A Euripilo Teléfides com muitos

A bronze derribou, dos Ceteus cabo, Que, por dons feminis,
passara a Tróia, E após Mênon divino era o mais belo.

O cavalo de Epeu quando montamos, Abrir, fechar as cálidas
insídias,

Ficou tudo a meu cargo: os reis e os chefes

Estremecendo o pranto sufocavam; Pálido nunca o vi nas gentis
faces,

Nunca uma lágrima enxugando. Oh! como

Do cavalo sair me suplicava!

Como apunhava a espada e a lança aênea, Aos contrários minaz!
Depois de rasas

As muralhas Priâneas, embarcou-se

Com rica presa, ileso de êneos golpes

Ou de longe ou de perto, a comum fúria
De Marte sem provar na atroz contenda.”

A alma do Velocípede, orgulhosa

Das notícias do filho, corta alegre

Em marcha triunfante o verde prado. Outras males seus também
me expunham; Mas a de Ajax, de parte, irosa estava

Pelas armas de Aquiles, que a mãe Tétis

Ante as naus presentara, e por sentença

Me adjudicaram Teucros e Minerva. Ah! nunca me coubera essa
vitória,

Que o herói tumultou dos Gregos todos O mais formoso e bravo,
exceto Aquiles! Meigo lhe imploro: “Exímio Telamônio, Nem morto
esqueces a fatal porfia, Celeste punição da gente Argiva!

Da pátria ó fortaleza, o luto nosso

Não foi maior quando morreu Pelides. A culpa é só de Júpiter, que
os Dânaos Abomina e te impôs tão dura sorte

Chega-te, ouve-me, ó rei, teu ódio aplaca,

No ânimo generoso me perdoa.”

Não deu palavra, e tácito ia andando

No Érebo a esconder-se. Inda que torvo, Me falara por fim; mas
outras sombras Examinar o peito me pedia.

Minos, gérmen Dial, tendo áureo cetro,

Sentado o avisto a conhecer dos mortos,

Que, esparsos no Orco, se erguem por seu turno, Dizem do seu
direito. Órion avisto,

Por várzeas de gamões a acossar feras Que vivente abatera em
montes ermos, De érea clava na mão. — Eis Tício, aluno Da
gloriosa Terra, que estendia-se

Por jeiras nove, e abutres, sem podê-los

Despregar, às entranhas aferrados, Lhe estão roendo o fígado, em castigo Da tentada violência à do Tonante Casta esposa Latona, indo ela a Pito Pelas do Panopeu ridentes margens. Vi Tântalo também, num lago imenso

Que o mento lhe banhava, ardendo em sede. Pois, a apagá-la se perdia o velho,

A água absorta escoando-se, um demônio

Aos pés seco atro lodo lhe mostrava.

Sobre a cabeça corpulentos galhos Suspendiam-se frutas sazoadas, Figos doces, romãs, pêras e olivas; Mas, se o velho faminto ia colhê-las,

O vento as levantava às densas nuvens. Vi Sísifo, anelante e afadigado,

Em pés e mãos firmar-se, pedra ingente

Para um monte empurrando, e lá do cume

Galgado por Crateis, rolar de novo O pertinaz penedo; ei-lo persiste, Suor escorre e a testa se empoeira.

Hércules se me antolha, em simulacro, Pois no céu liba o néctar,
caro esposo De Hebe de lindos pés, de Jove e Juno

De áureas sandálias filha: em guinchos de aves,

Cercam-no, espalham-se, a fugir os mortos; Cor da noite, ele
ajusta a frecha ao nervo, Na ação de disparar, tétrico olhando.

Ao peito áureo talim cinge estupendo, Onde leões, javardos e
ursos, tinha Com primor esculpido, e recontros

E batalhas e estragos e homicídios:

Mestre algum peça igual fabricou nunca, Nem há de fabricar. O
herói sem custo Reconhece-me e fala comovido:

“Nobre e sábio Laércio, ai! tens a sorte

Misérrima que tive, quando aos raios

Eu respirei do Sol. Nasci de Jove,

Mas fui de angústias mil atormentado, Sujeito a homem de valor
somenos,

Que me impunha asperíssimos trabalhos! Cargo o pior, mandou-me o cão trifauce Cá prender; eu do inferno o tirei fora,
Por Mercúrio ajudado e por Minerva.”

Disse e foi-se ao profundo; eu quedo espero Por mais outros
varões dos priscos tempos: Gostoso a muitos vira, e contemplara
Pirítoo e Teseu, divina prole;

Mas com harto ruído infinda chusma Ávida concorrendo, enfim de
medo Que do imo a soberana me enviasse A Gorgônia
horrendíssima cabeça.

Rápido embarco a gente e safo os cabos;

Nas tostes a maruja, a correnteza

Pelo Oceano rio nos levava,

Ao som da voga e favorável brisa.

LIVRO XII

Do rio Oceano ao pélagos saímos,

Donde o Sol nasce e os coros são da Aurora, E na praia da Eéia, a
nau varando,

À espera que alvoreça, adormecemos.

Da manhã mal assoma a rósea filha, De Elpenor o cadáver buscar
mando: Num teso litoral cortam-se troncos,

Em pranto o corpo e as armas lhe queimamos; Túmulo erguido e
uma coluna em cima,

No alto sepulcro se lhe fixa o remo.

Durante os funerais, Circe, que do Orco

Nos sabia de volta, apressurou-se

Com servas, que trouxeram pães e carnes E roxo ardente vinho: “Ó
tristes, clama, Tendes, vivos calando ao fundo abismo, Dupla

morte, e os mais homens têm só uma. Comei, bebei de dia, e na
arraiada

Navegai; vossa rota, e em mar e em terra

Como eviteis o dano, hei de ensinar-vos.”

Persuadiu nosso peito. Em pingue bodo

Libanos; e, ao crepúsculo da tarde,

Sobre amarras dormindo a marinhagem, Circe me toma a destra,
a par se encosta, Pergunta-me de parte; eu por miúdo

A satisfaço, e ela assim discorre:

“Pois bem; atende agora, e um deus na mente Meu conselho te
imprima. Hás de as sereias Primeiro deparar, cuja harmonia

Adormenta e fascina os que as escutam: Quem se apropinqua
estulto, esposa e filhos Não regozijará nos doces lares;

Que a vocal melodia o atraí às veigas,

Onde em cúmulo assentam-se de humanos

Ossos e podres carnes. Surde avante; As orelhas aos teus com
cera tapes, Eusurdeçam de todo. Ouvi-las podes Contanto que do
mastro ao longo estejas De pés e mãos atado; e se, absorvido
No prazer, ordenares que te soltem,

Liguem-te com mais força os companheiros.

“Dali passado, a via não te aponto

Que te cumpre seguir; tu mesmo a escolhas.

Há dous penedos, que os Supremos chamam

Errantes onde fremem de Anfitrite Ondas azuis, por onde nem
transvoam Fracas pombas, que a Jove ambrosia levam; Precipita-
se alguma, e o Padre logo

Produz outra e seu número completa. Ai da próxima nau! maruja e
lenho Devoram chamas, furacões destroçam: À de Argos só
fadado foi transpô-los, De Etas vogando; e ali talvez jazera,

Se não fora Jasão tão caro a Juno.

“De um fere os céus o tope, calvo e a pique De inverno ou de
verão sempre enublado; Vinte pés tenha e mãos, ninguém trepá-lo
Ou deslizar por seu declive pode.

Antro abre em meio para as trevas do Orco; Lá forçar cumpre a
voga, ó nobre Ulisses. Dos bancos, por mancebo vigoroso,

Vibrada seta ao fundo não vingara, Onde a ladrar se aloja o
monstro Cila, Como tenrinhos cães, horrenda aos olhos

Dos próprios deuses: pernas doze informes,

Seis tem longos pescoços, nas seis bocas

Dentuça tríplice, os colmilhos cheios De negra morte; no antro
semi-oculta, Fora do báratro as cabeças lança,

Para cações pescar, delfins, baleias, Que a sonora Anfitrite em
barda cria. Baixel de além surgir não mais se gaba, Sem que um
varão cada garganta engula. O outro, fronteiro e ao pé, se eleva
menos, De frecha o atingirias. Tem florente Copada baforeira, e as
turvas águas

Em baixo ao dia vezes três Caríbdis

Sorve e revessa três; mas, quando as sorve, Se ao vórtice terrível
te acercasses,

Nem por Netuno tu serias salvo.

Cose-te a Cila pois, amiúda o remo;

Seis é melhor perder que os sócios todos.” E eu: “Livre, ó deusa, da voraz Caríbdis, Como de Cila poderei vingar-me,

Da ofensora dos meus?” — Tornou-me Circe: “Guerras sonhas, demente, e contra numes? Imortal, seva, tetra, inexpugnável,

O remédio é fugir da imana Cila:

Se tardas, junto à rocha armando o braço. Temo que novamente as seis cabeças

Mais outros seis remeiros te arrebatem.

Veloz navegues, e a Cratéis implores, Que essa pariu flagelo dos humanos, Para do assalto posterior contê-la.

Vai rumo de Trinácia, onde o Sol gordos

Há sete armentos e rebanhos sete, Cada manada com cinqüenta reses,

Que nunca se propagam, nunca morrem: A Faetusa e Lampécia
de áureas tranças, Do Hiperião e de Neera filhas,

A mãe deusa educou-as, e em Trinácia As destacou por guarda a
pretas vacas E ovelhas de seu pai. Se intactas forem, Dificilmente
abordareis à pátria;

Senão, te agouro aos teus e à nau ruína,

Ou tarde e só te salvarás aflito.” Circe retira-se ao luzir da aurora;
Embarco e mando suspender amarras; A gente, pelas tostes
ordenada,

A compasso verbera a salsa espuma;

Bom sócio, enfuna e sopra o vento em popa

Que invoca a ninfa de anelado crino; Tudo a ponto, embarcamo-
nos entregues Às auras e ao piloto; eu mesto falo:

“Não somente um nem dous, amigos, saibam

O que a deusa das deusas me predisse, Para informados ou
morrermos todos Ou da Parca fugirmos. Das Sereias Evitar nos
ordena o flóreo prado

E a voz divina; a mim concede ouvi-las, Mas ao longo do mastro
em rijas cordas. E se pedir me desateis, vós outros

De pés e mãos ligai-me com mais força.”

Mal acabava, à ilha das Sereias

Avizinha-se a nau com vento fresco.

Súbito acalma, e um deus serena as ondas; Já ferrado no bojo o
pano arreiam,

Do liso abeto ao golpe alveja a espuma.

De cera um disco a bronze em porções corto, Forte as machuco e
as amoleço ao lume

Do Hiperiônio Sol, de homem por homem

Os ouvidos entupo; ao mastro em cordas Atam-me pés e mãos, e
aos remos tornam. Eis, a alcance de um grito, elas, que atentam O
impelido baixel, canoro entoam:

“Tem-te, honra dos Aqueus, famoso Ulisses, Nenhum passa daqui,
sem que das bocas Nos ouça a melodia, e com deleite

E instruído se vai. Consta-nos quanto O Céu vos molestou na larga
Tróia, Quanto se faz nos consta n'alma terra.” Destarte
consonavam: da harmonia Encantado, acenei que me soltassem;
Mas curvam-se remando, e com mais cordas

Perimedes e Euríloco me arrocham. Nem já toava ao longe a
cantilena, Quando os consócios, desuntada a cera, Desamarram-
me enfim. Remota a ilha,
Vejo em fumo e escarcéus, um ruído escuto;

Ao marinho rumor, de susto as vogas

Largaram de repente, a nau parou.

De banco em banco, afável os conforto:

“Provado, amigos, temos outros males;

Este não é maior que o da caverna

Do violento Ciclope; recordai-vos

Que o venceu meu denodo, engenho e tino; Ânimo! obediência;
altas maretas

Curvados açoutai. Permita Jove

Que do passe escapemos! Tu, piloto, Pois meneias o leme, não te
olvides: Fora daquele fervedouro e fumo

Orça, o escolho fronteiro não te assalte; Se discrepas incauto, a
morte é certa.” Rendem-se às minhas ordens. Só de Cila Não
menciono o perigo inelutável, Temendo que eles, de remar
cessando,

Se agachassem no fundo. Eu mesmo esqueço

De Circe avisos; arnesado, empunho Piques dous, e ao bailéu da
proa corro Para enxergar primeiro o pétreo monstro Pernicioso
aos meus: não pude, os olhos Se bem cansasse em torno da atra
rocha. Pelo estreito gementes navegamos:

Cila é daqui; dalém, Caríbdis seva

Os salsos goles chupa: ao vomitá-los,

Ferve a chiar como a caldeira ao fogo, Sobe o rocio e borrija os
cimos ambos; Ao sorvê-los, parece remexer-se,

Toa horrorosa a penha, e em baixo a terra

Mostra areia cerúlea. Amarelecem

E, estando nela o exício afigurado,

Cila é que me arrebatava uns seis guerreiros De esforço e brio:
olhando para os bancos, Pernas lhes vejo e braços pelos ares;

Na agonia final por mim bramavam.

Qual de alto o pescador, por um caniço Lançando em chifres de
selvagem touro Isca e dolo a peixinhos, para cima Palpitantes os
puxa; tais levanta

Cila os meus, que devora à boca do antro.

As mãos rugindo os míseros me estendem! Mares vaguei, sofri
cruéis tormentos; Nunca um tal espetáculo assombrou-me. Atrás
Cila e Caríbdis, avistamos

Ilha onde os nédios bois de larga fronte

E os rebanhos do Sol pastam sublime; O mugir e o balar de bordo sinto:

Lembram-me anúncios do Tebano cego: Lembra-me Circe, que vedou-me a entrada Na ilha do Sol, delícias dos humanos; Atribulado amoesto: “Ouvi-me, sócios. Com paciência agouros de Tirésias

E os de Circe, que à ilha me proíbem Do Sol portar, a todos nós funesta; Dela o fusco navio impeli fora.”

Este anúncio os confrange, e molestou-me

Euríloco tenaz: “Ímprobo Ulisses,

Tu não cansas, teus membros são de ferro, Pois de fadiga e sono a gente opressa

Na ilha vedas saltar onde aprestemos

Boa ceia, e à matroca temerário

Em trevas pelo ponto errar nos mandas. Em procela, e noturna, onde abrigar-nos, Se Noto ou Zéfiro em tufão rebenta,

Os mais duros às naus, mau grado aos numes?

Ceda-se à escuridão; toca a cearmos,

E o pélagos amanhã sulque-se embora.”

Do consenso geral tirei que a perda

Nos traçava um demônio: “Eis-me vencido,

Clamo, Euríloco! Ao menos jurai todos, Em rês alguma não bulir nefandos;

O que Circe nos deu comei tranqüilos.”

Juraram-me formais, e em porto ancoro Ante uma fonte amena.

Ao desembarque, Curam da ceia; já repletos, lembram

Os que Cila voraz nos engolira,

Até que ao pranto lhes sucede o sono. Da noite por um terço indo-se os astros Grã borrasca o Nimbífero carrega,

Pego e terra embruscando, e rui do pólo Denso negrume; e assim que a matutina Aurora aponta, em gruta a nau pusemos, De ninfas gentilíssimas assento.

Oro em conselho: “Mantimentos sobram;

Será fatal comermos bois e ovelhas

Do acre Sol, que vê tudo e tudo exouve.” Seu brio suadi. Sós Euro e Noto Sopraram de contino um mês inteiro:

Pão tendo e vinho, abstinham-se das reses, Cuidadosos das vidas; gastam mesmo

As vitualhas, pela fome urgidos

Que o ventre nos roía, à caça andamos

De aves e peixes, do que anzóis pilhavam, Dardos, seta ou rojão. Pela ilha fui-me

Os deuses a rogar, se algum maneira

De sair me indicasse: as mãos lavando Num abrigado, imploro à etérea corte, Que me infundiu nas pálpebras o sono. O mal, no entanto, Euríloco sugere: “Desgraçados, a morte é sempre feia, Mas a pior é perecer de fome.

Os bois do Sol carnudo imolemos

Aos imortais, e ao claro deus sublime Na pátria precioso orne-se um templo; E se irritado, os outros consentindo, For seu gosto afogar-nos, antes quero

Beber de um trago a morte em salsas ondas Que ir em deserta ilha definhando.” Aplaudem-no; e, prendendo os mais vistosos, De larga frente e retorcidos cornos,

Que ante a rostrada fusca nau pasciam, Das vítimas em torno aos deuses votam Uns grelos de carvalho alticomado,

Por faltar branco farro. Preces findas, Matam, esfolam, separando as coxas;

Das quais por cima, em duplo zerbo envoltas,

Põem miúdas porções do corpo inteiro, E por não terem vinho para o fogo, Água libando os intestinos assam.

Ao fixarem no espeto as gordas postas,

Sacudo o brando sono, e alvorotado À praia me encaminho. Já não longe Das carnes sinto o recendente cheiro; Aos Céus triste bradei: “Júpiter padre, Numes, em divo sono me ensopastes, Para um tal sacrilégio perpetrarem!” Ao Sol voa Lampécia amplo-velada

O crime a delatar, e o Sol furente

Bramiu: “Jove, ó beatos sempiternos,

Puni-me do Laércio os companheiros;

Ah! mataram-me os bois, meu gosto e enlevo, Quando eu subia ao céu, descia à terra:

Se vós não me vingais, vou-me a Sumano

A alumiar as sombras.” — E o Tonante:

“Ó Sol, aos deuses de luzir não cesses

E aos terrestres mortais: a raio ardente

Hei de o baixel ferir e incendiá-lo

No seio do atro mar.” — Isto Calipso Me declarou, que o soube de Mercúrio. Chegando à praia, increpo homem por homem; Nenhum remédio havia às mortas reses. Manifestou-se a cólera suprema:

Peles serpeiam; carne assada ou crua No espeto muge, a voz bovina soa. Seis dias, não obstante, se nutriram

Do melhor da manada; e, o borrascoso Vento acalmando ao sétimo, embarcamos, E ereto o mastro, as velas desferimos. Some-se a ilha, o pólo e o mar só vemos Eis cerúleo bulcão sobre o navio,

Retém-no um pouco, enegrecendo as ondas; Mas em rajada Zéfiro estridente

Rompe os ovéns do mastro, que à ré tomba

Atirando o maçame na sentina,

E à popa o crânio do piloto racha; Da tolda qual mergulhador caindo,

A alma gentil os ossos lhe abandona.

Jove troveja; o raio a nau revira

E enche de enxofre, deita a gente fora; Como alcatrazes de redor flutuam,

Da volta os priva um deus. Ando e regiro,

Té que descose a vaga as amuradas

E joga o inerme lenho; pela base

Fende o mastro, e o sustenta uma correia; Com esta ao casco o
ligo e em tal jangada Leva-me o vento. Zéfiro sossega;

Mas Noto áspero angústias me acrescenta,

Ir outra vez receio ao frete imano.

Vago a noite; mas n'alva o escolho enxergo De Cila e de Caríbdis,
que medonha Absorvia as maretas: eu, na altura

Da baforeira, à guisa de morcego

Me implico; os pés nem sento nem remonto, Longe estando as
raízes e a ramada

Que sombreia a voragem. Lá me agarro,

Té que, à hora em que o foro e os litigantes

Larga o juiz para cear, Caríbdis,

A meus desejos lenta, o mastro e o buco

Vomita: eu me despego, e na jangada

Baqueio estrepitoso, a braços remo.

O pai de homens e deuses, por salvar-me, Tolheu que Cila então me lobrigasse. Nove dias labuto, e o Céu me aporta

Já na décima noite à ilha Ogígia,

Onde acolheu-me e acarinhou Calipso, Deusa de humana voz. Que resta? Em casa Ontem me ouviste e a casta soberana: Repetir o narrado é fastidioso.”

LIVRO XIII

Calam-se todos, em deleite absortos,

Pela ampla sala opaca. E Alcino: “Ulisses,

Pois que vieste a meu palácio aêneo, Teus males findos creio e
teus erros.

Vós que a branda harmonia e o vinho de honra

Gozais em meus festins, às ricas vestes E ouro acendrado n’arca
sua inclusos, Dádivas dos senhores, por cabeça Grandes bacia e
tripode ajuntai-me;

Já que sós não bastamos, brinde o povo

Conosco à larga este hóspede bizarro”. Aprovou-se, e a dormir se
retiraram. No arrebol da manhã de róseos dedos,

Levando o forte bronze, à nau concorrem; Vindo Alcino em pessoa,
nas bancadas, Para a folgo remarem, dispõe tudo.

Ao paço tornam, do banquete cuidam: O rei mata ao nimbose
onipotente

E as táureas coxas torra; à mesa alegres, O canto logram do
acatado vate.

Ulisses, para o Sol volto a miúde,

No ocaso o quer, o embarque apeteendo: Como a sombria tarde
e a ceia anela

Quem, já de joelhos frouxos, pelo alqueive

Regeu de negros bois no arado a junta O dia todo; a luz tal vê
murchada Ulisses, que aos marítimos Feaces

E ao rei perora: “Ó maioral de povos, Despedi-me e libai; vós
outros, salve! Cheio o meu voto, com presentes parto,

De que o Céu por mão vossa enriqueceu-me

Ache eu no lar a esposa irrepreensível E incólumes os meus. Ficai-
vos todos Satisfeitos com filhos e consortes;

Para impedir o público infortúnio,

Toda virtude os numes vos concedam.” Louvando o siso do hóspede facundo Que despedi-lo cumpre a oito votam; Alcino o arauto afronta: “Na cratera Mescles, Pontono, do licor ardente; Em despedida a Júpiter brindemos.”

Mescla Pontono e distribui o vinho:

Libam do assento aos imortais beatos; Mas Ulisses divino em pé, depondo

A bicôncava taça em mãos de Areta,

Rápido exclama: “Ó grã rainha, vale!

Parto; mas sê ditosa com teus filhos,

Teu povo e o nobre Alcino, até que venham,

Humana condição, velhice e morte.” Aqui, salva a soleira: avante o arauto Condu-lo à praia; à voz de Areta, as servas Uma a túnica bela e o manto puro,

Outra uma arca tapada, enfim terceira

O pão leva consigo e roxo vinho.

Ledos a carga e o mantimento arrumam, Cama de branco linho e moles colchas Alastram no convés, onde silente

O herói deitou-se; da furada pedra

Solto o calibre, em renque a espuma agitam. Enleiam-se as pálpebras num sono

Doce e quieto, semelhante à morte. Como, incitada pelo açoute, o espaço Mede orgulhosa máscula quadriga, Das vagas ao rumor desfecha a popa;

Em seu vôo segura, preterira

Ao gavião, levíssima das aves.

O Ítaco rei, no tento igual aos deuses, Molestado em procelas e batalhas, Esquece tudo em plácido sossego. Abordou-se ao luzir a estrela d'alva, Núncia a melhor da rubicunda aurora. Tem no agro de Ítaco o marinho Forco Porto, que a prumo cabos dous estreitam E de ventos estrídulos defendem,

Onde vaso alteroso escusa amarras. Espalmada, no fundo, uma oliveira Gruta ensombra, de Náiades sacrário: Ânforas há lapídeas e crateras; Sussurrantes abelhas melificam;

Bancos de pedra encerra; as ninfas tecem

Maravilhosos purpurinos panos; Possui água perene; dupla a entrada, Uma ao norte acessível aos humanos,

Outra ao sul para os deuses. Meio impelem De voga o lenho os práticos Feaces; Adormecido Ulisses desembarcam,

Nas mesmas colchas e lençóis envolto; À sombra da oliveira os dons colocam, À larga obtidos por mercê de Palas,

Fora da estrada, a fim que não lhos toque,

Antes que ele desperte um viandante. Isto acabado, para a Esquéria voltam. Das ameaças ao divino Ulisses

Lembrado, ao grande irmão sondou Netuno: “Como hão de honrar-me, Júpiter, os deuses, Se homens de mim provindos me desonram? Sem proibir de Ulisses o regresso,

Que tu juraste mesmo, inda eu cuidava, Antes de recolher-se, escarmentá-lo; Mas puseram-no em Ítaca os Feaces,

Meu reino atravessando, e o cumularam

De ouro e bronze e tecidos, quanto nunca Salvo de Ílio trouxera e
teve em sorte.” Respondeu-lhe o Nimbífero: “Hui! Netuno,
Desprezarem-te os numes! Árduo fora,
Que és mais velho e prestante e prepotente. Se um mortal
altanado não te adora,
Puni-lo a teu prazer te cabe sempre.”

De novo o Enosigeu: “Fá-lo-ei, se o queres; De irar-te, anuviador,
me abstenho e fujo: Para que mais ninguém transportar ousem,
Destruída na volta a nau Feácia,

À cidade oporei montanha ingente.” E Júpiter: “Irmão, da praia
quando Olhar curiosa a turba a nau que abica,

Trocada em penha, a forma lhe conserves, Futuro assombro, e
essa montanha elevas.” Busca Netuno a Esquéria, e quedo
aguarda A flutívaga nau, que às bordas voa;

A mão carrega-lhe e a converte em rocha, As raízes lhe afunda e
se retira.

E a marinheira gente, uns para os outros: “Ai! quem prendeu no
pego, à vista nossa, A nau que ao porto alígera aproava?” Assim
discorrem; mas arenga Alcino: “Deuses, verificou-se o triste
agouro! Vaticinou meu pai que, por valermos

Aos náufragos, Netuno em ira ardendo

Pulcro baixel à volta abismaria,

De alto monte a cidade circundando.

Cumpriu-se tudo; agora, obedecei-me: Ninguém mais deste porto
conduzamos; Sacrifiquemos touros doze eleitos,

A fim que piedoso o rei Netuno

Desse monte a cidade nos preserve.” Com medo eis logo as reses
preparavam, Da ara em torno deprecam Neptunina Dos Feaces os
príncipes e cabos.

Abre os olhos na pátria o divo Ulisses. Ausente há muito, a
estranha, pois de névoa Palas Dial o cinge, para ignoto

O aconselhar, nem ser da esposa e amigos

E dos mais cidadãos reconhecido,

Sem dos procos vingar-se; pareceu-lhe

Diverso tudo, o acomodado porto, Os extensos caminhos, os penedos, As verdejantes árvores; desperto,

Olha em cerco, de palmas fere as ancas,

E lamenta e se carpe: “Ah! nestas plagas

Gente bárbara mora injusta e fera,

Ou pia e hospitaleira? onde é que vago? Onde esconder os meus tesouros posso?

Estivesse na Esquéria, e me asilara Outro brioso rei, que boa escolta Me daria ao trajeto. Ignoro o meio

De guardar estes bens, que não mos roubem.

Certo nem eram probos nem cientes

Os que a Ítaca amiga prometeram

Levar-me a salvo e aqui me depuseram: Desagrava-me, ó Júpiter, que amparas Os suplicantes e a traição condenas.

Mas compute-se tudo, examinemos

Se eles de qualquer dom me desfalcaram.”

Já trípodas, bacias e ouro conta, Conta os belos tecidos: nada falta. Por Ítaca ele chama, Ítaca chora Pelas praias do mar circunsonante, Quando no vulto lhe aparece Pallas De um jovem ovelheiro, delicado

Como os filhos dos reis: pelico airoso

Aos ombros traça; aos pés chapins luzentes, Floreia um dardo. Ulisses a encontrá-la Corre contente, rápido profere:

“Pois me ocorres primeiro, amigo, salve!

Guarda-me estas riquezas e a mim próprio. Como a nune to imploro de joelhos; Declara-me que terra e povo é este:

Por acaso ilha amena, ou de gleboso

Continente um bojante promontório?” A Olhicerúlea: “És, hóspede, insensato, Ou de país remoto. Que perguntas?

É conhecido o nosso dos que habitam Para o noturno ocaso e a roxa aurora: Alpestre e avesso a poldros, pouco vasto, Viceja em

trigo e vinha, que fecunda Orvalho ou chuva; grato a bois e a cabras, Tem várias selvas e perenes águas.

De Ítaca o nome em Tróia alto ressoa, Em regiões da Acaia mui distantes.” Folga o divino herói de estar na pátria, Que do Egíaco a filha anunciava; Discursa presto, com desvio e austúcia, Ardis sempre no peito revolvendo:

“De Ítaca ouvi na transfretana Creta,

Larga e longínqua. Aos meus deixando parte, Fugi com estes bens, lá tendo morto

O régio garfo Orsíloco ligeiro,

Que no curso vencia os bravos Cressos; Pois quis privar-me dos despojos de Ílio, Ganhos com tanta lida nas batalhas

E a tanto mar escapos, de ciúmes

Que eu, a outros mandando, às ordens nunca

Do genitor Idomeneu servisse.

Tendo um sócio, no campo numa espera, Orsíloco atravesso ao pé da estrada: Oculta a morte pela opaca noite, Ninguém por ela deu. Porção da presa

A ganância fartou de nau Fenícia, Que me largasse em Pilos ou na diva Élide Epéia. O rijo oposto vento Afastou-nos do rumo, e constringidos,

Não por fraude, arribamos pelo escuro; No posto aqui saltando, sem tratarmos De preciso repasto, nos deitamos.

Lasso peguei no sono; eles, na areia

Depositadas as riquezas minhas, A Sidônia se foram populosa:

Triste ah! fiquei na praia abandonado.”

A Glaucópide rindo a mão lhe afaga, Disfarçada em mulher vistosa e guapa, Ilustre no labor: “Sagaz e astuto,

Só te excedera um deus! matreiro e fino,

Mesmo exerces na pátria os falsilóquios, Dolos e ardis, que desde o berço amaste. Não uses tu comigo de rodeios:

Se aos mortais no juízo te avantajas,

Eu me aventajo aos deuses. Desconheces Tritônia, que te assiste em dúbios transes? Eu te fiz agradável aos Feaces;

Agora venho consultar contigo,

E o tesouro esconder que ao povo egrégio

Inspirei te doasse. Em teu palácio

Olha que inda é forçoso padeceres:

A varão nem mulher tu não descubras

O teu regresso; tácito suportes

A própria dor e injúrias e insolências.” Prudente Ulisses: “Deusa, ao mais sabido Conhecer-te é custoso em tantas formas. Sei que nas Tróicas lides me escudavas; Mas dêes que, rasa a Príamo a cidade,

Um deus nos dispersou, nunca a nau minha Te viu, Dial progênie, em meus trabalhos: De alma chagada, errei de praia em praia, Até

que o Céu de mim compadeceu-se, Depois que entre os Feaces
opulentos

Me confortaste enfim, me foste guia. Eu não me julgo em Ítaca
risonha; Vago, e me iludes: por teu pai suplico, Declara-me se
estou na pátria amada.”

“És, volve a deusa, um poço de suspeitas!

Facundo e sábio, de altaneiro engenho, De ti não me descuido no
infortúnio. Quem não ardera, após tamanha ausência, Por ver
seus lares e mulher e filhos?

Mas nada ouvir te agrada, sem provares

A constância da esposa, que em retiro Dia e noite lamenta e curte
mágoas. Seu temor nunca tive, sim previa

Que só dos teus voltasses. A Netuno Não quis opor-me, tio meu,
que irou-se Por cegares seu filho Polifemo.

Ítaca vou mostrar-te, não duvides:

De Forco é este o porto; jaz no fundo

O antro e a basta oliveira, estância amável, Das Náíades sacelo,
onde lhes debes Sacrificar perfeitas hecatombes;

Aquele monte é Nerito selvoso.” Dissipa a deusa a névoa; alegre a terra O Ítaco reconhece, o almo chão beija,

E exalça as palmas e depreca às ninfas: “Progênicas de Jove, eu não pensava Rever-vos mais; contente vos saúdo,

Mil dons hei de, como antes, ofertar-vos: Assim de Jove a predadora prole

Me consinta viver, medrar meu filho!”

Palas então: “Sossega, ânimo cobra.

No antro guarda-se tudo, e resolvemos

O melhor.” Eis penetra os escondrijos;

O herói carreta o ouro e o cobre e as roupas; E, estando a bom recado esses presentes,

Ela aos portais arrima grossa pedra. À raiz ambos da oliveira santa,

No castigo dos procos meditavam,

E Palas começou: “Divo Laércio,

De carregar o modo consideres

A mão nos insolentes que um triênio

Há que em teu paço imperam, dadivosos

A casta mulher tua requestando. Ela porém suspira-te e pranteia,

E um por um entretendo com promessas, A todos esperança e
embai a todos.” “Céus! acode o Laércio, em meu palácio O fado
me aguardava de Agamemnon,

Se não me houvesse, déia, esclarecido!

Eia, a maneira tece de vingar-me;

Está comigo, minha audácia aumenta, Qual a soberba Tróia ao
suplantarmos. Se me ajudas, augusta protetora,

Eu basto só contra varões trezentos.”

Presto a Glaucópide: “Eu serei contigo No executar-se a empresa;
o vasto solho Conto que o sangue e cérebro enodoem

De cada um dos vis que os bens te comem. Vou, para ignoto seres,
enrugar-te

A lisa pele dos flexíveis membros,

Sumir-te a loura coma, em despiciendos

Andrajos envolver-te, e aos vivos olhos O brilho embaciar, para
que a todos, Mesmo a filho e mulher, pareças torpe. Tu, busca o
teu porqueiro, amigo vero, Que a Telêmaco e à mãe fiel tem sido;
Entre os marrões o encontrarás, da penha Do Corvo em torno e da
Aretusa fonte, Onde, cevados com macia glande

E água lodosa, gordurentos viçam: Indaga dele o mais, enquanto
a Esparta Ando-me em formosuras afamada,

A teu filho chamar, que novas tuas

Foi recolher de Menelau na corte.”

“Por que, argúi o herói, pois tudo sabes, Não lho disseste? queres
que erradio Pelo indômito pélago padeça,

E que outros a substância lhe consumam?” Minerva retorquiu:

“Não te inquietes;

Eu mesma o encaminhei; porque destarte

Bem reputado seja: ora em seguro

Se acha do Atrida na abundante casa. Almejando matá-lo antes
que aborde,

Armam-lhe os procos numa nau ciladas; Mas tenho que primeiro a
terra oprima Alguns dos que a substância lhe consomem.” Aqui,
de vara o toca: a pele toda

Se lhe encarquilha, escalva-se a cabeça, Olhos murcha; um
decrépito afigura. Deita-lhe um mau gabão, túnica em tiras Suja e
tisonada, e espólio nu de corça;

Dá-lhe um bordão, com torsos loros preso

Roto a lugares desmarcado alforje.

Isto enchido, apartaram-se, e Minerva

Endereçou-se à grã Lacedemônia.

LIVRO X IV

O herói, por serros e áspera azinhaga, Segue do porto, à selva, o
divo busca Leal pastor, que lhe afirmou Tritônia Ser dos escravos
dele o mais zeloso. Achava-se ao portal, num sítio alegre Onde,
n'ausência do amo, edificara, Sem da senhora auxílio ou de
Laertes, Vistoso amplo curral de pedra ensossa;
De espinho sebe em roda, e cerca de achas

Do cerne de carvalho externa havia.

Na área em chiqueiros doze conchegados, Em cada qual
cinquenta, se espojavam Prenhes porcas; dormiam fora os
machos, Poucos, pois de contínuo aos pretendentes O mais nédio
cevado remetia:

Trezentos e sessenta eram por todos. Ao pé jaziam quatro cães de
fila,

Pelo porqueiro maior mantidos.

Este a seus pés talhava umas sandálias

De táureo tinto coiro; três ajudas

As varas pastorar, mandara o quarto Conduzir constrangido um bom capado, Que na régia a gulosos recheasse. Ladrando os brabos cães a Ulisses correm, Que assenta-se manhoso e o bordão larga; Mas vítima seria, se o porqueiro,

Cair deixando o coiro, à pressa e em gritos

Não viesse a pedradas encho-tá-los.

E a ele se virou: “Meus cães, ó velho,

Quase, por meu labéu, que te espedaçam,

E os deuses de outras penas me acabrunham: Choro a engordar os cerdos para estranhos,

E o meu divo senhor quiçá faminto

Vaga de povo em povo, se é que vive E goza a luz do Sol. Comida e vinho Terás naquela choça, e tu repleto,

Me refiras teus males e aventuras.”

Na choça introduzido, em ramas densas, De agreste cabra com
velosa pele,

Do porqueiro acamadas, pousa Ulisses,

E lho agradece: “Abençoado amigo,

Compensem-te os Supremos o agasalho.”

Tu respondeste, Eumeu: “Ninguém desprezo,

Qualquer acolherei de ti somenos; Jove os mendigos e hóspedes
protege, Aprova os ténues dons que a medo faço, Pobre servo, a
mancebo submetido!

O Céu de meu senhor veda o regresso, Que tanto me queria, e,
como é de uso Para com bons escravos laboriosos,

A envelhecer aqui, me enriquecera Com mulher e pecúlio, pois os
deuses Têm prosperado meu serviço. Ai dele! Pereça toda a
geração de Helena,

Dano e exício de heróis! Para essa Tróia

Também foi meu senhor vingar o Atrida.” E ataca mal o cinto, e
dous farroupos Trazendo, os mata e lhes chamusca pêlo, Corta,
espeto, e no espeto o assado quente Oferece e apolvilha de
farinha;

Vinho melífluo em copo de sobreiro Mistura, à face do hóspede se
assenta: “Anda, ora come do que aos servos cabe; Os cevados aos
procos se reservam,

Que do castigo olvidam-se impiedosos. Néscios! os numes a
violência odeiam

E a virtude honram só. De alheias plagas

Invasores hostis, que em naus de espólios

Onustas partem pôr favor de Jove, Temem-se do castigo; os
procos, julgo, Voz divina informou da triste morte.

Nenhum de núpcias trata ou de ir-se embora, Todos em voraz ócio
os bens estragam:

Uma nem duas vítimas lhes bastam;

Noites e dias, quantos Jove alterna, Consomem carnes, ânforas
esgotam. Em Ítaca e no escuro continente,

Não há magnata que possua tanto, Nem vinte juntos; a resenha
escuta: Pastam-lhe em terra firme doze armentos, E há porcadas
iguais, iguais rebanhos, Vastos cabrums encerros, com pastores
De fora ou do país; nesta ilha mesma, Guardam fiéis cabreiros
onze fatos,

E eu reço estas pocilgas. Nós forçados,

Pensão quotidiana, remetemos

A mais nédia cabeça a tais senhores.” Tácito Ulisses come e ávido
bebe, Ideando a vingança; e, confortado,

A copa do porqueiro aceita plena,

Jubiloso e veloz: “Rico era e forte

Quem te comprou, qual, hóspede, o apregoas? Morto o crês pela
causa de Agamemnon: Talvez o conhecesse eu vagamundo;

Sabe a etérea mansão, quando o nomeies, Se ocultar testemunho
em mim depares.” “Velho, constesta Eumeu, não mais se apoiam
Em peregrino algum a esposa e o filho: Quanto são mentirosos os
mendigos!

A senhora os socorre e asila e inquire; Mas incrédula geme, qual
viúva

Que lamenta o marido ao longe extinto. Urdir hoje uma fábula
pretendes,

Para de capa e túnica mudares?

As entranhas cães e aves lhe tragaram, Ou, dos peixes roído, a
vaga os ossos Lançou-lhe à praia e os cobre densa areia. Morreu,
morreu, deixando em luto amigos,

Mormente a mim, que o não terei tão brando, Nem que de pai e
mãe voltasse à casa,

Onde a luz vi primeiro e me criaram:

Tão saudoso os não choro e a pátria amada, Como Ulisses me
lembra. Até receio,

Pois tanto me estimava e distinguiu, N'ausência nomeá-lo, irmão
n'ausência Mais velho o chamo, a suspirar por ele.”

E o divo herói: “Bem que emperrado o negues,

Não temerário to assevero e juro, Ulisses vem; de alvíçaras me
aprontas Capa e túnica, inteira vestidura;

Mas, inda que indigente, o prêmio enjeito,

Antes que ele se mostre em seu palácio: Como do inferno as
portas, abomino Falácias da pobreza. Atesto Jove,

De teu amo o lar puro a que me encosto E a mesa hospitaleira, o
anúncio é vero: Neste ano e lua mesma, ou na vindoura, Cá de
retorno, punirá severo

Os ultrajes da esposa e de seu filho.”

Não ganharás alvíçaras, meu velho,

Ajunta Eumeu; não conto mais com ele. Bebe tranqüilo; outras
lembranças volve, Que este assunto angustia-me e contrista.

Juramentos a parte, oh! se viesse,

Qual o anelo, Penélope e Laertes,

E o deiforme Telêmaco. Esta agora

Única planta choro, que ao celeste

Bafo eu supunha igual de rei medrasse Em garbo, esforço e
mente; mas, iluso Por imortal ou por humano, a Pilos

Do pai foi-se em procura, e à volta os procos

O incidiam cruéis, para que arranquem Da ilha a estirpe do divino
Arcésio. Basta; se escape ou não, toca ao destino, E o Satúrnio o
proteja. Ora me explanes Quem és, de que família, de que terra,
Os infortúnios teus; que exímios nautas E em que navio aqui te
conduziram?

A Ítaca não creio a pé viesses.” Começa Ulisses: “Narrarei sincero.

Se de espaço a lograr teu vinho e pasto,

Incumbido o serviço a outros sendo,

Fôssemos nesta choça, inda que um giro

Decorresse anual, não me era fácil Expor as penas que infligiu-me
a sorte. “O Hilácides Castor, na extensa Creta. Gerou-me numa
pelice comprada,

E a par de seus legítimos criou-me

E honrava em seu palácio; é glória minha De um pai vir dos
Cretenses endeusado, Por opulência e muita clara prole.

No Orco o sumiu fatal necessidade:

Meus irmãos tudo em lotes partilharam, Escassos bens e um teto
me cederam. Casei por meu valor com rica herdeira, Pois fugaz,
nunca fui nem vil e inerte: Posto porém que as forças me falecem,
De tamanha miséria quebrantadas,
Pela palha avalia o que era a messe.

De Mavorte e Minerva obtive audácia: Hostes rompi; se, infenso e
belicoso

Da emboscada elegia os camaradas,

Nunca da morte o horror se me antolhava; Sempre avante, os
contrários punha em fuga,

De lança indo alcançando os mais ronceiros: Tal em combates fui.
Nunca me aprouve

Na família cuidar, cuidar nos filhos;

Sonhava em remos, naus, zargunchos, frechas, Em petrechos de guerra sanguinosos:

Dos homens são diversos os prazeres; Um deus nesse meu ânimo cevava. Antes de irmos a Tróia, vezes nove Regi corsários: da escolhida presa,

Aos matalotes sorteado o resto,

Locupletou-se a casa, e entre os Cretenses

Tive grande renome e autoridade. Mas, decretando Jove aquela empresa Tão matadoura, os povos me expediram Adido a Idomeneu; sem resistirmos,

Que o público rumor nos obrigava, Velejamos. Nove anos pelejou-se: Ao décimo, assolada Ílio Priaméia,

Dispersa no regresso a frota Aquiva,

Ai! guardou-me o Satúrnio outros pesares!

“Um mês único estando em meus haveres

Com filhos e a mulher que esposai virgem,

A vogar para o Egito inclino a idéia,

E nove embarcações tripulo em breve, Reses degolo e sagro; os
divos sócios De solenes festins seis dias gozam.

De Creta largo ao sétimo, e do puro Bóreas ao fresco alento, qual
se fosse Veia abaixo, aportamos sem perigo, Aos pilotos e ao
vento encomendados. À quinta singradura o Egito enxergo, No rio
surjo caudaloso e belo;

Exorto a se manter a bordo a gente,

E encalho as naus flutívagas, mandando

À terra exploradores. Estes loucos,

A impulsos do apetite, agros depredam, Matam, mulheres e
crianças roubam: Mas, ao rumor, de madrugada acorrem Éqüites
e peões erifulgentes

Que enchem toda a campina e o Fulminante

Medo incutindo aos meus, nenhum resiste; Cercados, parte a
bronze agudo acaba,

É reduzido o resto a cativoiro.

Mesmo o deus (mais valera que eu no Egito

Falecesse e os trabalhos atalhasse) Isto inspirou-me: o elmo da
cabeça,

Do ombro tiro o broquel, deponho a lança;

Do rei boto-me ao coche e as plantas beijo. Com mágoa do meu
pranto, ele consigo Dirigiu-me a seu paço; e, bem que de hastas O
sanhoso tropel me acometia,

Contê-los soube, atento ao Padre sumo, Às injúrias dos hóspedes
avesso.

“Sete anos lá no Egito enriquei muito,

Pois muito me brindavam; mas, no oitavo, Cadimo comilão,
vezeiro e useiro,

Induziu-me à Fenícia pátria sua,

E me reteve. As estações volveram; Para ajudá-lo na descarga, à
Líbia Fingido o avaro me arrastou, vender-me Tencionando:
embarco suspeito.

Creta avistamos com sereno Bóreas;

Mas, alagada a ilha, os céus e o ponto

Sós nos rodeiam; Júpiter cerúlea

Grossa nuvem desfecha, ofusca os mares, Fuzila, toa; um raio a
nau revira

E enxofra toda; a gente cai nas ondas, Como alcatrazes de redor
flutuam,

Da volta os priva um deus; que, em tanta afronta,

No mastro me salvou. Nele abracei-me Dias nove, e à dezena
escura noite, Quase a morrer de frio e de fadiga, Arrojou-me à
Tesprócia um rolo d'água. Do régio herói Fídon o amado filho,
Levantando-me, ao pai guiou-me afável, Que me proveu de túnica
e vestidos.

“Lá foi que ao bom monarca ouvi de Ulisses, Hóspede seu;
mostrou-me os dons em cópia, De ouro, de bronze ou trabalhado
ferro,

Para dez gerações talvez sobejos: Em depósito achavam-se no
erário, Dês que ao Dodônio falador carvalho Foi-se o Laércio
demandar a Jove

Se, após tão largo tempo, aqui regresso

Oculto ou claramente. O rei jurou-me, Com libações, que a nau já
tinha prestes

E a companhia que à pátria o conduzissem.

“Fídon, sendo teu amo inda em consulta,

Num Tesprócio navio, que a Dulíquio

Frumentária partia, remeteu-me

À real proteção do ilustre Acasto;

Mas, com malvado arbítrio, ao largo a gente, Maquinando afundir-me em servil dia, Despojam-me, e o que vês grosseiro trapo Vestem-me e este gabão. Na tarde abordam, Prendem-me à toste com torcida corda, Saltam para cear na praia amena:

Fácil os mesmos deuses me desatam;

À cabeça o capuz, do leme ao fio N'água deslizo, a braços remo e nado; Inadvertido escapo, terra tomo,

De flório carvalhal me estiro à copa. A suspirar procuram-me, e cansados Vogam de novo: o Céu, pois meu destino Inda é viver, manteve-me escondido,

E a benfazejo teto encaminhou-me.”

E Eumeu: “Tal vaguear, tanto infortúnio, Me abalou. Só de Ulisses nada creio: Homem cordato, como assim mentiste? Balda esperança! Em Tróia o Céu vedou-lhe

Morte egrégia ou nos braços dos amigos: Honrara ao filho o túmulo exalçado,

E as harpias inglório o têm roído!

Solitário entre os porcos, só me movo

Da prudente Penélope ao chamado,

Quando há qualquer notícia. Os que a ladeiam, Ou chorem meu
senhor ou se comprazam

De gastar-lhe a fazenda, me interrogam: Nada investigo, dêis que
um vago Etólio, Neste alvergue hospedado por homizio, Jurou que
o viu na régia, estando em Creta As naus a reparar de uma
tormenta:

Que no estio ou no outono aqui seria

Com imensa fortuna e os divos sócios.

E tu, velho infeliz, que o deus me envia, Não penses me agradar
com tais embustes: Não te honrarei nem te amarei por eles,

Sim porque temo a Jove e hei de ti mágoa.”

Ulisses replicou: “Nem juramentos

Vencem-te a pertinácia! Ante os Supremos, Sacro ajuste se firme:
a vir teu amo, Segundo os meus desejos, me transportes,
Com manto novo e túnica, a Dulíquio; Senão, de alto os ajudas me
despenhem, Para que outro mendigo não te engane.” Logo o
pastor: “Minha virtude e fama Agora e no porvir se manchariam.
Como! a vida arrancar-te, neste asilo Depois de te acolher! Ao grã
Tonante Nunca mais suplicar me atreveria.

Hora é de ceia, e os sócios cá não tardam, Para mais abundante a
prepararmos.” Chegam nisto os serventes, e as manadas A
pernoitar encerram nos chiqueiros,
Que ressoam de roncós e grunhidos.

Insta-os o maioral: “Trazei-me um porco Ótimo, que, imolado ao
peregrino, Regale-nos também, já que albidentes Animais com
fadiga pastoramos

E outros sem trabalhar impune os comem.”

Eis racha a bronze a lenha, e ao lar presentam

Um quinquene cevado. Não se esquece

Dos imortais; raspa da nuca o pêlo,

Queima em primícias, do amo a volta implora.

Um troço de carvalho não fendido

Na rês descarga; sangram-na, chamuscam, Desentranham,
dividem; na gordura Eumeu porções do corpo todo envolve

E ao fogo os pões de farro apolvilhadas; As postas a preceito
assam de espeto;

E, do brasido à mesa vindo as carnes,

Alçado o justo Eumeu, conforme ao rito, Forma sete quinhões: um
vota às ninfas

E ao que nasceu de Maia, e os mais reparte

A cada comensal; o dorso inteiro

Do albidente por honra a Ulisses coube, Que em júbilo exclamou:

“Dileto a Jove Tanto fosses, Eumeu, quanto me és caro. Tu que
nesta miséria assim me tratas!”

“Do que há, disse o pastor, come a teu gosto O deus, hóspede
egrégio, os bens outorga, Ou tira a seu prazer, pois tudo pode.”

E as primícias oferta aos Sempiternos, Liba, o copo ao turrífrago
sentado

Junto ao quinhão transmite. Os pães Melausio

Distribui, que o pastor, ausente Ulisses,

Sem sabê-lo Penélope ou Laertes,

Do seu comprara aos Táfiros. Satisfeitas Sede e fome, levanta o
escravo a mesa, E os convivas contentes vão deitar-se. Brusca a
noite, chovia sempre Jove, Mádido sempre o Zéfiro espirava;

Por tentar se o capote lhe conceda

Solícito o pastor, ou qualquer outro,

Um conto Ulisses tece: “Eumeu, vós todos, Escutai-me a vanglória;
pois com vinho Doudeja o sábio, cantarola e dança,

Ri solto, parla o que era bom calasse: Ora desato a língua, e nada
encubro. Oh! saúde eu tivesse e o vigor d’antes, Ao pormo-nos em
Tróia de emboscada! Ulisses comandava e o louro Atrida,

Sendo eu terceiro por escolha de ambos. Ante o muro jazíamos armados,

Entre urzes e morraças pantanosas; Bóreas esfria o tempo, geia e neva, Encaramela o arnez; de escudo aos ombros,

Dormindo os mais embrulham-se em capotes;

O meu tinha esquecido, não cuidadoso De que gelasse, e de broquel e banda Nítida vim somente. Um terço a noite Já decorria, os astros resvalavam;

O cotovelo do vizinho Ulisses,

Que prestes me sentiu, belisco e falo:

— Solerte herói, domado pelo inverno Vai-se-me a vida: falta-me o capote; Que a túnica bastava persuadiu-me

Algum demônio, e agora é sem remédio. —

“Ele, exímio no prélio e no conselho,

Com pronto aviso em baixa voz responde:

Cal-te não te ouça a escolta. — E ao braço e punho

Apoiando a cabeça: — Amigos, disse, Visão divina o sono
interrompeu-me; Longe estamos da frota; alguém se apresse A
pedir a Agamemnon um reforço. — Lesto levanta-se o Andremônio
Toas,

Larga o purpúreo manto e à frota corre; Seu manto enfio, e durmo
até que fulge

A aurora em trono de ouro. Ah! se eu tivesse

Aquela idade e força, um dos pastores

Me daria um capote, em reverência

Ao homem de valor; mas, roto e velho, Pouco socorro espero e
poucas honras.” Acode Eumeu: “Foi guapa a tua história Nem
discorreste em vão, cordato amigo. Não te faleça roupa, ou cousa
alguma Que há mister suplicante peregrino;

Mas teus andrajos de manhã retoma; De muda nada temos, uma
andaina

De roupa há cada qual. Em vindo o filho

De Ulisses, te dará túnica e manto,

E os meios de partir para onde queiras.” Nisto, ao fogão lhe
achega e alastra a cama, Que de espólios cabruns e ovelhuns
cobre; Deita-lhe em cima o gabinardo espesso

Que em temporais tremendos envergava. O herói se estira, muito
perto os moços; Porém não pôde Eumeu longe dos porcos Pegar
no sono, e, com prazer de Ulisses

De que houvesse tal zelo em sua ausência, Para sair cortante
espada ombreia,

Veste albornoz ao vento impenetrável,

Mais uma pele de crescida cabra;

Contra os mastins e os malfazejos dardo

Rijo empunha, e dormir foi com seus porcos

Em caverna de Bóreas abrigada.

LIVRO XV

Foi-se a Lacedemônia a instar Minerva A que volte o magnânimo
Ulisseida. Ele e o Nestório ao pórtico repousam De Menelau:

Pisístrato num meigo Sono estava; desperto o companheiro,

N'alta noite em seu pai medita e pensa. “Telêmaco, a Glaucólide
bradou-lhe,

Não mais vagues, soberbos tendo em casa Que, entre si
partilhando, os bens te gastem: A viagem falharia. Ao bravo Atrida

Requer a despedida, para achares

A casta mãe, do pai e irmão rogada A casar com Eurímaco, o
mais largo Nos presentes e dote. Ela é possível Que te desfalque; a
natureza ignoras Do peito feminil? Ao novo esposo

Quer aumentar: o antigo não lhe importa, E dos primeiros filhos se
deslembra. Anda, à cativa que melhor julgares

Tudo comete, enquanto uma consorte

Não te destine o Céu. Mas, n'alma o graves,

Os mais valentes procos te insidiam, Da áspera Same e de Ítaca
no estreito,

Na ânsia de assassinar-te: eu creio que antes

Há de engolir a terra esses vorazes. Navega ao mar das ilhas e de
noite;

Vento haverás galerno e um deus propício.

Assim que abiques na Itacense plaga, Manda à cidade a nau; tu
só de pronto

Vai-te ao porqueiro Eumeu, que te ama tanto;

Lá pernoita, e a Penélope despacha-o, Que te anuncie incólume de
Pilos.” Acaba, e voa para o vasto Olimpo. Telêmaco, ao Nestório o
pé calcando, O acorda: “Sus, Pisístrato, a caminho, Aparelhem-se
ungüíssonos ginetes.”

Mas Pisístrato: “Embora apressurados, Não convém que trotemos
pelo escuro. A manhã vai luzir; os dons aguarda Que Menelau no
coche te acumule,

E nos despeça com gentis maneiras:

De herói tal a amizade não se olvida,

E a nossa gratidão será perpétua.”

A aurora então raiou. Vem ter com eles

O marcial Atrida, que se erguia

Do toro da pulcrícoma Lacena.

O de Ulisses querido, ao pressenti-lo, Alva túnica cinge, aos largos ombros

O manto enfia grande, e fora o encontra:

“Príncipe excelso, à pátria me remetas; Já já partir o coração me pede.”

Responde-lhe o guerreiro: “A teus desejos

Não me oponho, Telêmaco; reprovos Que, por nímia afeição ou nímio enfado, Seja detido o hóspede ou repulso;

Dá-se igual dano, e todo excesso é vício: Parta à vontade, amemo-lo presente. Espera que no carro os dons te alegrem, E um almoço abundante se te apreste: Viajardes sem fome, é lucro e honra. Toda a Hélade e Argólida, consintas,

Em coche meu perlustrarei contigo: De cidade e cidade não sem
fruto, Sequer aênea trípode haveremos,
Ou caldeira, ou dous mus, ou taça de ouro.” E o sisudo mancebo:
“O divo aluno,
De povos maior, quero-me em casa:

Lá não deixei quem zele os meus haveres

Procurando a meu pai, temo a ruína,

Ou ser de meus tesouros defraudado.”

O rei pois encomenda a Helena e às servas O almoço, e do
melhor: do leito surge Eteoneu Boetóides, que era perto,
E ao fogo, à voz do Atrida, as carnes assa.

Menelau desce à câmara odorosa, Descem com ele a esposa e
Megapentes: Copo tira dos cofres duplifundo,
E de prata a cratera traz o filho;

Da arca, onde os peplos tinha variegados, Lavor seu, a formosa
das formosas

Tira o mais amplo e lindo, que debaixo Entre os outros fulgia como
estrela. Sobem de novo, e Menelau perora: “Cumpra o de Juno
troador marido

O que anseias, amigo. Obra Vulcânia,

E a melhor que possuo, te ofereço,

Uma argêntea cratera de orlas de ouro:

Deu-me em brinde hospital, à volta minha, Fédimo o rei Sidônio;
eu dou-ta agora.” Nisto, passou-lhe às mãos primeiro o copo; Mas
a cratera, o forte Megapentes.

A rainha pegou do fino peplo:

“Toma, Helena o teceu; tal prenda, filho, Orne-te a noiva à hora
apetecida. Entanto, a mãe to guarde em seu palácio; De mim
terno conserva esta lembrança.” Ele contente o aceita; o herói
Pisístrato,

Que admira os dons, num cesto os acomoda. À sala os endereça o
flavo Atrida:

Em camilhas sentados, uma serva

Água em bacia argêntea às mãos entorna De áureo jarro, e
desdobra e limpa a mesa; Os pães a despenseira atenciosa
Traz da copa e iguarias reservadas;

Eteoneu trincha e distribui as carnes; Ministra o vinho o ilustre
Megapentes; Logram-se do banquete os comensais. Depois
jungem Telêmaco e o Nestório

O árdego tiro, ao vários coche montam, E o vestíbulo deixam
ressonante. Menelau vai com eles, áurea taça

Tendo na destra, a fim que à despedida

Libem do almo licor, e ante a parelha Venerando lhes fala: “Adeus,
mancebos; Recomendai-me ao ínclito Gerênio;

Doce pai me foi sempre, enquanto aos muros

De Ílion nós os Grajúgenas pugnamos.” “À risca, ó generoso, o teu
recado,

O Ulisseida acudiu, referiremos.

Oh! se na volta, os ricos dons à vista, Eu contasse a meu pai
favores tantos!” Súbito uma águia à destra sobrevoa, Empolgando
no pátio enorme ganso; Mulheres e homens a gritar a seguem;
Apropinqua-se aos moços e à direita Alteia o surto; em regozijo
atentam, Mas Pisístrato: “Observa, ó rei sublime, Se é para ti, se
para nós o agouro.” Considerava o Atrida na resposta,

E o precede a mulher de peplo ornada:

“A solução do agouro o Céu me inspira.

A águia, ao baixar da brenha onde há seu ninho, O ganso
arreatou nutrido em casa:

Tornando Ulisses de aflições e erros,

Ultrajes punirá; se é que não veio,

E, plantada a vingança, o fruto espera.” Telêmaco, do carro: “Oh!
permitisse-o

De Juno o esposo! A ti, que se um deus fosses,

Deprecaria.” Nisto, açouta os brutos,

Que por entre a cidade ao campo correm, Sem todo o dia
desjungidos serem. Cadente o Sol e escuros os caminhos,
Em Feres hospedados por Díocles,

Filho de Orsíloco, o do Alfeu renovo, Pernoitam; mas, na aurora, o
coche arreiam, Do sonoro vestibulo despedem.

Incitada a parelha e por si voa,

Até que a celsa Pilos descortinam. Ao Nestório Telêmaco virou-se:

“Como é que hás de a promessa preencher-me?

Hóspedes nossos pais, idade a mesma, Esta viagem nos liga: além
do embarque

Não me leves, aqui me apeio, amigo; Temo instâncias do velho
afetuoso,

E urge a partida.” — O jovem pensa um pouco,

E à nau ligeiro trota; nela encerra

As dádivas do Atrida: “Amigo, disse,

Antes que eu entre em casa, embarcai todos. O ânimo e fogo de meu pai conheço:

Há de vir em pessoa demorar-te, Sem de vazio andares; já prevejo
Contra mim seu furor.” Os crinipulcros

Toca para a cidade e se recolhe.

“Aparelhai, Telêmaco aos seus grita,

Eia, à derrota.” E enquanto aparelhavam, À popa ora a Minerva.
Ao libar, chega Por homicídio um de Argos exilado, Geração de
Melampo, que habitara

Em Pilos, mãe de ovelhas, celso alcáçar. Desterrou-se Melampo,
receoso

Do preclaro Neleu, que inteiro um ano Reteve-lhe os tesouros,
quando preso No torreão de Fílaco estivera,

Penas curtindo, por amor de Pero,

Da atroz Erínis sugestão ruinosa. Livre, trouxe de Fílace os
mugintes Bois a Pilos; do cru Neleu vingou-se,

Raptada a esposa para o irmão levando.

Passou-se ao povo de Argos pascigosa, Onde era fado em muitos imperasse:

Lá casando, um palácio ergueu soberbo,

E houve os bravos Antífates e Mântio. Antífates foi pai de Oicleu brioso; Oicleu, de Anfiarau da gente amparo, Do coração do Egíaco e de Apolo:

Da velhice, contudo, sem que à porta Batesse, em Tebas sucumbiu traído, Por enfeites, peitada a mulher sua,

Já de Alcméon e Anfíloco mãe sendo.

Gerou Mântio a Polifides e Clito:

Da amante Aurora Clito arrebatado,

Por formoso entre os numes se numera; A Polifides, morto Anfiarau,

Fez Apolo um profeta, que eminente

Vaticinava a todos, na Hiperésia

Pelas iras paternas emigrado.

Profeta era também Teoclímeno, Filho seu, que, a Telêmaco avistando Em preces e a libar, alvoroçado: “Amigo, lhe clamou, já que te encontro Num sacrifício, pelo deus que honoras, Pela cabeça tua e a dos consócios, Franco as minhas perguntas satisfaças:

Quem és? de que família? de que terra?” Ei-lo sério e prudente: “Eu não te iludo Ítaco, hóspede, sou; meu pai, Ulisses: Neste negro baixel, com estes, ando

A investigar da triste morte sua.”

“E eu, torna-lhe o adivinho, expatriei-me, Tendo matado um cidadão potente: Perseguem-me os irmãos, e a tribo inteira, De alta influência e poderio em Argos; Vago a fugir da Parca. Tu me asila,

Eu to imploro.” — E Telêmaco: “Por certo

Não te repulso; em meu baixel, amigo, Igualmente que nós serás provido.”

Aqui, toma e ao convés lhe encosta a lança;

Consigno à popa o assenta. À voz tonante,

Cabos safa a maruja, à faina atende: Reto encaixam na base o
grosso abeto E o firmam nos ovéns, por tortos loros Içada a vela
expandem. Manda Palas Brisa feliz, que pelas salsas ondas

Faça o navio despejar caminho.

Do Nubicogo ao sopro, o Sol no ocaso, Perpassa Feres, Élide
costeia,

De Epeus domínio; entre ilhas eriçadas

Voga dali, da morte ou vida incerto.

Na choça entanto o herói com seus pastores

Ceava, e após sondou se Eumeu queria Inda mantê-lo: “Agora a
vós me explico. Tenciono de manhã de porta em porta, Por não
vos ser pesado, ir às esmolas; Fiel guia hei mister para a cidade,

A mendigar meu pão sou constrangido. Vou dar notícias do divino
Ulisses

À modesta Penélope, e o sustento

Pedir aos soberbões, que o têm de sobra. Servi-los-ei; pois, graças
a Mercúrio

Que honra e prospera as obras, to assevero,

Ninguém melhor o fogo arruma ou poupa, Racha lenha, cozinha,
assa, escanceia:

Primo no que o pequeno ao grande presta.”

E o porqueiro indignado: “Enloqueceste? Projeto infausto! Se
perder-te anseias, Busca essa corja desdenhante e ingrata, Cuja
violência o férreo céu penetra.

Não como tu, sim bem trajados moços, Louçãos de unguida coma,
lhes ministram Vinho e manjares na profusa mesa.

Fica, a mim nem aos sócios enfastias; Venha Telêmaco, e terás
vestidos

E os meios de partir, como é teu gosto.”

Paciente o Laércio: “Ao rei dos numes, Quanto me és caro, Eumeu,
dileto sejas, Pois de tamanho peso me alivias!

Nada há pior que errar sem domicílio: Flagela ao triste o vitupério,
a fome

O rói e abate, e o pungem mil desgostos. Já que esperar Telêmaco
me ordenas,

Da mãe de Ulisses, de seu pai me informes,

Da velhice deixado às negras portas:

Gozam do Sol, ou do Orco estão nas sombras?” Franco Eumeu:

“Vivo o pai, morte ao Supremo Roga, dê que a mulher, do
ausente filho Agravando-lhe a mágoa, falecida

A velhice apressou-lhe: a um fim tremendo

Foi da materna dor precipitada!

Ah! fujam quantos amo a tal miséria. Mau grado às aflições, lhe
era jocundo Entreter-se comigo: a par criou-me

Da velada Ctímena, última filha,

E quase amor igual me demonstrava. Na leda puberdade, em
Same a casam

Com dote infindo, e aos seus currais preposto,

Bem vestido e calçado, meiga e boa Envia-me Anticléia. Amarga perda! Mas o Céu frutifica os meus granjeios; Deles me nutro e valho a desditosos.

Oh! se ouvir da senhora inda eu pudesse

A amiga voz! O paço lhe invadiram

A insolência e a desgraça: interrogá-la, Ou já da própria mesa é-nos vedado

O comer e beber, ir para o campo

Com seus dons, o que a fâmulos consola.” “Ah! da pátria e parentes, clama Ulisses, Roubaram-te em menino! Ingênuo expõe-nos: És de vasta cidade sovertida,

Que teu pai habitasse e a casta mãe; Ou junto a bois e ovelhas te furtaram, E a teu senhor venderam-te piratas?”

E Eumeu: “Pois bebe e escuta, a noite é grande:

Apraz dormir, também deleita o conto; Nímio sono aborrece, e não te quadra.

Se algum destes o quer, pode ir deitar-se, E n'alva almoce e o gado heril pastore. Nossas penas à mesa recordemos.

Quem longo há padecido e vagueado, Acha prazer em memorar
seus males. “Demora Ciros (se hás notícia dela) Ilha onde estão
marcados os solstícios, Além da Ortígia; embora pouco vasta,
Em greis abunda e armento, em grãos e vinho. Lá fome nem
doença invade os homens:

No grêmio da família acabam velhos,

Do Argentiarquivo e Febe asseteados.

Lá, nas duas cidades, o Ormênides Ctésio meu divo pai reinava,
quando Chatins Fenícios dobres a abordaram, Onusta a nau de
industres bagatelas. De casa esses velhacos seduziram Feniça
esbelta e linda, em obras destra:

Lavava, e um deles, junto à nau gozando-a,

A embriagou de amores e carícias,

Que à mulher mais honesta o juízo enturvam. Rogado a moça,
declarou quem era

E o paço meu paterno: — Ser blasono Da erífera Sidônia, do
opulento Aribas filha; Táfiros me roubaram

Ao vir do campo, a Ctésio me venderam, Que lhes pagou por mim
preço avultado. — “O amante acrescentou: — Pois vem conosco;
Verás teus pais, que o nome têm de ricos,
Em seu alto palácio. — Isso eu faria,

Prosseguiu, se a meus pais restituir-me

Salva jurásseis todos. — Eles juram,

E a moça: — Nunca mais, em fonte ou rua, Nenhum de vós me
fale; que, se o velho

O suspeita, em prisões há de lançar-me E urdir a morte vossa. Eia,
segredo; Completo o vosso escambo e a carga dentro, Avisai-me
com tempo: quanto pilhe,

Ouro trarei. Mor frete oh! se eu vos desse! Nas casas do senhor
penso um menino Travesso e andejo; à nau guiá-lo posso: Com ele
alcançareis copioso lucro,

Se for mercado ao longe. — Disse e foi-se.

“Um ano inteiro a traficar despendem;

E, abarrotada a nau de veniagas,

De meu pai veio ao paço um núncio esperto

Com brilhante colar de electro e ouro

Que remirando minha mãe e as servas

De mão em mão passavam: justo o preço, O sinal faz à escrava e se retira.

Ela trava de mim, sai fora; encontra

Nas mesas ao vestibulo a baixela,

Que de meu pai servira aos convidados, Para o conselho popular partidos;

No seio três esconde copos de ouro:

Com pueril descuido a vou seguindo.

Cedia o Sol à treva: ao porto fomos, Onde o navio estava,
pressurosos; Embarcados, soprando amigo Jove, Fendemos logo
as úmidas campinas. Seis dias e seis noites navegamos:
Subitamente, à sétima jornada,
Como gaivota, a péssima Feniça,

Aos golpes tomba da frecheira deusa

No bojo do navio, em pasto aos focas

E aos peixes foi dos cúmplices entregue, Eu triste fico e só. Do mar
e vento

Aqui trazido, me comprou Laertes:

Ítaca assim de então meus olhos viram:” “Eumeu, responde o
herói, tocou-me n’alma A simples narração das mágoas tuas!

Mas Jove misturou-te os bens e os males; Depois desse revés,
entraste em casa Benévola, onde a vida se te escoá

Sem fome e dissabor: de praia em praia Errante chego, da
pousada incerto!” Finda a conversação, dormiram pouco; Veio em
breve luzindo a roxa aurora.

A vela os de Telêmaco arriando,

O mastro abaixam, para o porto vogam, Amaram, saltam. Já na
areia almoçam; E, saciada a fome e ardente sede,

Ergue o príncipe a voz: “Para a cidade Remai; que eu vou-me aos
campos e pastios, À tarde, assim que os vir, serei convosco,

E em prêmio desta rota, na alvorada Almo havereis convívio e
doce vinho.” “E eu, reclamou Teoclímeno vate,

Onde irei filho? à casa de um magnata Que em Ítaca domine, ou
da mãe tua?” Prudente o moço: “A nossa eu te indicara, Em dons
hospitaleiros abundante;

Mas pior te seria, pois me ausento,

Nem verás minha mãe, que em cima tece

E raramente mostra-se. Eu te inculco

O de Pólibo Eurímaco, adorado

Em Ítaca, o rival mais extremoso

Que de Ulisses o reino e o toro afeta.

O Olímpio etéreo o sabe, e se tais núpcias

Não tem de alumiar da morte o facho.”

Aqui, núncio de Apolo, um circo à destra

Voa e depena a unhas uma pomba,

E entre o navio e o chefe atira as plumas. A Telêmaco o vate, em separado,

A mão pega e lhe diz: “Sem nune à destra

Essa ave não voou; de frente olhando,

O agouro conheci: mais que outra, sempre

Reinará neste povo a estirpe vossa.” O príncipe gritou: “Se tal se cumpre, Liberal provarás minha amizade; Poderão proclamar-te venturoso.”

Vôlto ao filho de Clito: “És dos que a Pílos Me seguiram, Píreu,
quem mais distingo Na obediência: este hóspede agasalha,
Acarinha e afeiçoa, até que eu venha.” Responde-lhe Píreu: “Por
mais que seja Longa a demora tua, hei de afagá-lo
E prevenir em tudo os seus desejos.”

Então Píreu se embarca, e a seu mandado Soltam cabos e
abancam-se nas tostas. Pulcros talares calça, e de érea ponta
Lança arvora Telêmaco robusta.

Para a cidade os sócios navegavam, Como ordenara o ínclito
Ulisseida; E ele às pocilgas parte, que o zeloso
Fiel porquero a seu senhor mantinha.

LIVRO XVI

O herói de madrugada e Eumeu divino Fogo acendem na choça e
almoço aprestam, Indo os serventes pastorar os porcos.

Sem latir, a Telêmaco aventando,

O festejavam cães; sentindo Ulisses

As caudas a mover-se: “Eumeu, gritou-lhe, Ou sócio ou conhecido
se aproxima;

Tropel me soa, e os ledos cães não ladram.”

Mal acabava, à porta o jovem pára;

E, pulando o porqueiro atabalhado, Caem-lhes os vasos e o licor
transfuso;

A encontro, as mãos lhe beija e a testa e os olhos.

Qual pai, ao décimo ano, ameiga a prole De longes terras vinda, a
só que em velho Teve e lhe suscitou mil pesadumes;

Tal o pastor seu amo acaricia,

Como um ressuscitado, e exclama e chora: “Eis-te, meu doce lume!
dês que a Pilos Navegaste, rever-te não contava.

Entra, meu coração deleita, ó filho,

A nós restituído: raro o campo Visitas e os pastores; na cidade,
Contino observas os funestos procos.” “Velho irmão, diz Telêmaco,
obedeço;

Ver-te e ouvir-te aqui venho; tu me informes

Se inda está minha mãe no seu palácio, Ou se casou: talvez
aranhas torpes Jazam de Ulisses no vazio leito.”

“Ela, o informa o pastor, no teu palácio

Constante sofre; a suspirar consome

A noite aflita e o lagrimoso dia.”

A lança então recebe, e o amo salva A lapídea soleira. O assento
Ulisses Quer ceder, mas Telêmaco o proíbe:

“Não te incomodes, hóspede; um assento

Me ajeitarão.” Seu posto Ulisses toma; Ele abanca-se em ramos
que de peles Eumeu forra. O pastor pães em cestinhos, De
assados pões de véspera escudelas, Num canjirão mistura o doce
vinho,

Do grã Laércio em frente se coloca;

Os comensais atiram-se às viandas.

Fartos enfim, Telêmaco interroga:

“Velho irmão, como este hóspede aqui veio?

Que nautas o trouxeram? de que terra?

A Ítaca não creio a pé viesse.”

Assim falaste, Eumeu: “Digo a verdade. Ser de Creta blasona, e
haver corrido Muitas cidades por divino influxo.

De nau Tesprócia escapo, aqui chegou-se. Dispõe dele a prazer, eu
to encomendo; Súplice teu se ufane.” — “Amigo, o jovem Lhe

bradou precavido, que proferes? Comigo ter um hóspede! Não posso,

Tão moço, defendê-lo de uma afronta:

Minha mãe ora no ânimo cogita

Se, dedicada ao filho, a seu marido

E ao público respeite, ou se dos Gregos

Se una ao melhor que à larga a presenteia. Já que nesta choupana o recolheste,

Capa e túnica, ancípite uma espada

E sandálias terá, terá passagem

Para onde se lhe antoje. Hei de mandar-lhe, Se o cá deténs, a roupa e o mantimento,

Para não te comer e aos sócios tudo. É perigo na régia apresentá-lo;

Os soberbões cruéis o insultariam,

Agra dor para mim: do herói mais forte Contra muitos e tais é
baldo o empenho.” O pai se entremeteu: “Se opinar devo,

O que, amigo, te ouvi rói-me as entranhas:

Sendo quem és, tiranos tais protervos A teu olhos conspiram! Não
resistes, Ou por celeste voz te odeia o povo? Acusas tu a irmãos,
em cujo esforço Nas maiores discórdias confiamos?

Por que a idade ao valor não corresponde!

Por que não sou seu filho, ou mesmo Ulisses, Em quem inda se
espera! Esta cabeça

Me cerceassem, do Laércio aos paços Despejo tal se castigar não
fosse. Antes morrer, da vil caterva opresso

Nos lares meus, que vê-los sem decoro, Violadas servas, hóspedes
vexados,

Sem fruto as produções e o vinho exausto.”

Respondeu-lhe Telêmaco: “Em verdade,

Nem povo hostil, nem meus irmãos acuso, Em quem mais nas
discórdias confiamos. Fez Jove solitária a nossa estirpe:

De Arcésio foi gerado o só Laertes;

Só foi deste meu pai; só fui de Ulisses, Que não fruiu das filiais
carícias.

Tem ora inçada a casa de inimigos:

De Ítaca bronca, de Zacinto umbrosa, E de Same e Dulíquio, os
optimates Requestam minha mãe, seus bens consomem Ela as
núpcias odiosas nem rejeita,

Nem as conclui; entanto, os pretendentes

Hão de em breve de todo arruinar-me:

Jaz porém minha sorte aos pés dos numes. Eumeu, sus, à rainha
me anuncies Incólume de Pilos: cá não tardes;

Nenhum te sinta que meu dano teça.” “Percebo, diz Eumeu; terei
cautela.

De uma via posso eu participá-lo

A teu mesquinho avô? Com mágoa embora

Do ausente filho, aos servos presidindo, Se nutria à vontade; mas,
a Pilos

Dês que te foste, o vinho enteja e o pasto, Esquece-lhe o trabalho,
e geme e chora, Tábida a cútis se lhe apegas aos ossos.” “Triste
aflição! Telêmaco pondera;

Mas deixá-lo na dor convém por ora: A nosso arbítrio se estivesse
tudo,

Era aqui já meu pai. Tu anda e volta,

Para o avisar no campo não divagues; Minha mãe que despache a
despenseira,

E esta em segredo o comunique ao velho.”

As sandálias Eumeu calçado, parte. A partida a Minerva não se
esconde Que tem-se à entrada, na gentil figura De moça airosa e
no lavor perita.

A Telêmaco invisas (um nume a todos

Não se apresenta), Ulisses a descobre,

E os cães também, que sem ladrar fugiam

Pelo pátio a ganir. Das sobancelhas

Ao sinal, entendido sai da choça

E extramuros o herói; fronteira Palas:

“Divo Laércio, diz, abre-te agora

Com teu filho; à cidade encaminhai-vos

O extermínio a tramar dos pretendentes: Sem mora a combater
serei convosco.” Eis de áurea vara o toca; da alva capa

E da túnica dantes o reveste,

O engrandece e vigora o nédio rosto, Morena a cor de novo, azula
a barba. Isto completo, retirou-se Palas.

Volve Ulisses; pasmado o filho caro

Vira os olhos, temendo que um deus fosse,

Veloz fala: “Diverso me apareces,

Tens, hóspede, outras vestes e outra cútis; Certo és um dos
celícolas. Benigno

Tu nos perdoa, e gratos sacrifícios

E áureos dons haverás.” Súbito Ulisses:

“Não sou deus, a imortais não me equipares; Sou teu pai, sou
quem choras, quem suspiras, Por quem padeces vitupérios
tantos.”

Nisto a seu filho beija, e à terra a pares,

Não mais contidas, lágrimas borbulham.

Mas Telêmaco incerto: “Eu não te creio;

Não és meu pai, és deus que assim me enganas

E aumentas minha dor. Um simples homem

Por si não se transforma em velho ou moço: Tu, decrepito há pouco e mal trajado,

Um íncola do Olimpo ora semelhas.”

Contesta o sábio herói: “Não te é decente

Filho, surpresa tal, nem outro Ulisses

Verás; sou eu, que, após tremendas provas, Chego ao vigéssimo ano à pátria amada.

A predadora Palas me converte

Num apôsto mancebo ou num pediente: A prazer, aos celícolas é fácil

Tornar qualquer mortal formoso ou torpe.” Aqui, sentou-se; o príncipe entre os braços O estreita a soluçar: incita o amplexo

O desejo de lágrimas em ambos:

Seus gemidos estrugem, quanto os grasnos

De abutres e águias de recurvas unhas,

A quem pilhou pastor ninhada implume. E o Sol cadente em
prantos o deixara,

Se Telêmaco ao pai não perguntasse: “Que nautas cá, meu pai, te
conduziram? A Ítaca a pé de certo não vieste.”

O paciente Ulisses respondeu-lhe:

Transportaram-me os ínclitos Feaces,

Que usam fazê-lo aos mais que lá naufragam. No ligeiro baixel
dormindo sempre,

Fui deposto na praia, de ouro e cobre

E belas teias rico; dons que em antro Por divino favor se
arrecadaram. Palas mandou-me aqui tratar contigo

Do estrago desses procos: quais e quantos Numera-os tu; pois no
ânimo valente Pesarei se podemos debelá-los,

Ou se nos é mister auxílio estranho.” Mas Telêmaco: “Eu sei,
pregoa a fama,

Quão prudente és, meu pai, guerreiro e forte;

Nímio porém me assombra o teu discurso: Dous sós, tantos
valentes combatermos!

Nem dez são, nem o dobro: enviou Dulíquio Cinqüenta e dous
galhardos, com seis pajens; Oitenta e quatro, Same; tem Zacinto

Vinte Gregos de prol; Ítaca mesma, Ótimos doze, com Médon
arauto

E o cantor, mais dous hábeis cozinheiros.

Temo, se a todos atacarmos dentro,

Que proves ao regresso amargos transes:

Olha se ativo auxiliar careias.”

Ulisses retorquiulhe: “Ouve-me; atenta Se nos bastam Minerva e o pai Satúrnio, Ou se outro ajudador nos é preciso.”

Logo o filho: “Esses podem lá das nuvens,

Mais que homens e outros numes, socorrer-nos.” De novo Ulisses:

“Longo tempo fora

Não serão da peleja, ao decidi-la Em meu palácio o marcial denodo. Vai n’alva reunir-te aos arrogantes;

Serei, na forma de um mendigo anoso, Guiado por Eumeu. Sofre no peito

Que da nossa morada eles me enxotem, Rojem-me a pontapés e golpes vibrem; Com doçura os modera, a dor sopeia: Nenhum te escutará, que os cerra o fado. N’alma isto agora imprime: quando Palas Mo influir, ao meu nuto as armas leves, Que estão na sala, para o andar cimeiro;

E caso alguém o estranhe, assim te escuses:

— Quais as deixou meu pai, já não luziam,

Do vapor do fogão fui preservá-las;

E outro medo o Satúrnio suscitou-me: Entre os copos, ferir-vos
poderíeis,

Nosso convívio e os sponsais manchando;

Pois a força do ferro atrai o homem. Reserva para nós só dous
alfanjes, Dous maneiras broquéis e lanças duas,

Para a divina empresa: hão de Minerva

E o providente Jove conturbá-los.

E se és meu sangue, filho, em ti sepultes Este arcano; de Ulisses
ninguém saiba. Laertes, o pastor, qualquer dos servos, Nem
Penélope mesma. Só tentemos

O pensar das mulheres; qual dos nossos

Nos respeita e aprecia; de seus amos

Qual ingrato se esquece e te honra pouco.” E o filho: “Ó pai,
conhecerás, espero,

Que nem cobarde sou, nem leviano:

Mas julgo, e tu reflitas, que a nós ambos

É dúbio o lance. Ao passo que examines

Os servos um por um, de prédio em prédio, Os tais sem dó nem pejo a casa esbanjam.

Das mulheres, concordo, é bom que indagues, Das ruínas que teus lares enxovalham:

Quanto aos homens, difere até que acene,

Se teu acenar, o egípero Satúrnio” Entretanto, abordava a nau remeira Que trouxera a Telêmaco de Pilos;

Em seco e desarmada, os da equipagem

De Clito em casa os ricos dons puseram. À prudente rainha arauto expedem

A anunciar que o filho, já no campo,

Os mandava vogar para a cidade;

E a mãe suspenda os prantos e os temores:

O arauto e Eumeu se encontram no caminho. Do rei divino ao pórtico chegados,

O arauto grita em público: “Senhora

Veio o caro Telêmaco.” Em voz baixa Expondo Eumeu do príncipe o recado, Sai do recinto e a seus currais se torna. Mestos os pretendentes, ante as portas Sentam-se externas. De Pólipo o nado

Eurímaco encetou: “Cumpriu-se, amigos,

Plano audaz que julgávamos falhasse,

E regressou Telêmaco: esquipemos

Outro lesto baixel que advirta os sócios.” E vólto ao mar Anfínomo, um navio Entrando a remos no profundo porto Viu, já dobrado o pano, e a rir começa:

“É supérfluo um aviso, ei-los que arribam. Ou lho disse algum deus, ou deram caça

E lhes fugiu Telêmaco.” Eles presto Vão-se à praia; a maruja, a nau varada, A despia de enxárcias e aparelhos.

Ali junto um conselho, sem que ou moço Ou velho se abancasse, Antino enceta: “Os Céus a ponto, amigos, o salvaram! De dia assíduas em ventosos cumes Sentinelas havia; ao Sol ocaso.

Rumo do mar, à noite navegando, Nunca em terra dormíamos, à espera Que ao rosicler da aurora aparecesse E insidiado vítima nos fosse:

Um nume o protegeu. Deliberemos: Se viver, malgrado é nosso intento. Ele é firme e discreto, e já não somos

Como dantes benquistos: crede, ao povo

Excitado arengando em parlamento, A nossa trama explicará baldia;

E o povo em sanha, desta ação bramindo

Pode exilar-nos para estranha terra.

Ou no campo ou na estrada combinemos Dar cabo dele: haveres e tesouros Partilhando igualmente, à mãe cedemos, E ao marido que eleja, este palácio.

Vivo se inda o quereis, e em plena posse

Dos bens paternos, é melhor cessarmos De lhos comer; e cada qual, dotando-a, A resqueste de casa: ela que espose

Quem mais a prende ou favoneie a sorte.” Emudeceram; mas ergueu-se Anfinomo, Do Axetíades Niso real prole,

Chefe dos procos de Dulíquio herbosa E pingue em cereais, por bom e afável Mais à rainha grato, e orou sisudo: “Amigos, eu me oponho. A régio garfo Árduo é matar; os deuses consultemos:

Se o reto Jove o aprova, eu mesmo os golpes

Hei de vibrar afouto e compelir-vos;

Do contrário, nos cumpre aquietarmos.”

Prevalece este aviso, e levantados,

Vão-se ao palácio em tronos se recostam. A sensata Penélope, instruída

Pelo arauto Médon do atroz conluio, Presentar-se resolve aos afrontosos; Entre mulheres, véu luzido ao rosto, Majestosa ao limiar da ornada sala,

Increpa Antino: “Em vão, cruel, te aclamam

Dos coevos primeiro em siso e falas; Néscio, ante Jove aos
súplices atento, Urdes ao meu Telêmaco a ruína!

É ímpio de outrem cogitar a morte, Esqueces que teu pai teve este
asilo, Fugindo à multidão, pós ele acesa

Porque aos Táfiros ladrões se unira em dano

Dos aliados nossos os Tesprotes?

Rasgar-lhe o peito e os bens queria o povo Destruir-lhe; o furor
susteve Ulisses: Desonras deste a casa, a esposa tentas, Matas-lhe
o filho, minha dor cumulas.

Cessa, Antino, e teus cúmplices que cessem.” Eurímaco arengou:

“De Icário, ó prole,

Bane d’alma o temor; nem há, nem houve,

Nem haverá quem mãos ponha em teu filho, Enquanto eu vir o
Sol. Digo e executo:

Nesse traidor ensoparia a lança. O turrífrago Ulisses amiúde

Aos joelhos me serviu de vinho e carnes: A Telêmaco eu amo sobre todos.

Não receies que a morte lhe inflijamos:

A que vem do Supremo não se evita.”

Ele a conforta, e o crime ruminava. Ela sobe, e na câmara estupenda

Geme o querido esposo, até que os lumes A olhi-cerúlea em sono lhe abebera. Vindo o pastor à tarde, para a ceia

Um bácoro feriu. Da vara ao toque, Logo, ao Laércio avelhantou Minerva, Em trapos o envolveu: se o conhecesse, Poderia a Penélope ir contá-lo,

E um nem outro conter-se. — “Eumeu divino,

Adiantou-se o mancebo, que há de novo?

Estão já dentro os arrogantes procos,

Ou de espera no estreito me insidiam?” Respondeste, ó pastor: “Vagar não tive De o saber; apressado as ruas corto, Noticio e regresso. Mas um núncio Topou-me, que teus sócios expediram;

Ele é que a tua mãe falou primeiro. Ouve agora o que vi: já fora
estava

De Mercúrio no monte, quando o porto

Navio entrou veloz, de gente cheio,

De éreos broquéis e bipontudas lanças: Que eles eram suspeito, eu
não to afirmo.” Olhos volvendo ao pai, sorri-se o moço

E esquiva os do pastor. Já pronto o assado, Logram-se do
convívio, sem queixume

De porções desiguais. Depois, refeitos, Na cama em sono doce
adormeceram.

LIVRO XVII

Calça Telêmaco, ao raiar da aurora, Belas sandálias, forte lança adapta: “Irmão, disse o pastor, corro açodado; Sem que me veja minha mãe, duvido Que ela suspenda o lagrimoso luto. Nosso hóspede infeliz, eu to prescrevo, Guia à cidade; ali seu pão mendigue, Nem faltará quem dê: com tantas penas, É-me impossível sustentar a todos.

Não se agrave, é pior; praz-me a franqueza.”

E ele: “Nem quero me deter no campo;

Melhor, amigo, esmola-se nas ruas.

De útil ser aos currais não sou na idade,

Nem de curvar-me em tudo à voz de um chefe. Anda; irei com teu servo, assim que ao fogo

Me aqueça e alteie o Sol: com tais vestidos,

Longa a via se diz, o orvalho temo.” Do Laércio o querido veloz
parte, Semeando na mente o mal dos procos. Chegado, a uma
coluna encosta a lança

Entra o portal marmóreo: é visto logo

Da ama Euricléia, que em dedáleos tronos

As peles estendia, e vem chorando;

Beijam-lhe em torno as mais a testa e os ombros. Sai, de Artêmide
igual e da áurea Vênus,

Da câmara Penélope, a seu filho Consigo estreita, o rosto e pulcros
olhos Terna lhe oscula, e suspirando geme: “Eis-te, meu doce lume!
não mais ver-te Cria, dêz que a saber do pai notícias, Oculto e a
meu pesar, te foste a Pilos.

Conta-me o que passaste.” — “Ó mãe, responde,

Livre eu do risco, o pranto não me excites. Lava e de limpas vestes
cinge o corpo; Com tuas servas monta, aos numes vota, Vingue-
me Jove, inteiras hecatombes.

À praça irei chamar um forasteiro

Que também embarcou-se, e adiante veio Com meus divos consócios; no ausentar-me, A Pireu confiei sua hospedagem.”

Vozes tais sem efeito não voaram:

A mãe lava-se e veste, aos numes vota,

Se o vingar Jove, inteiras hecatombes. Atrás com dous alãos e em punho a lança Graça divina a lhe infundir Minerva,

No garbo o admira o povo; em roda os procos,

Traição n'alma incubando, o lisonjeiam. Ele se afasta, e ao pé de amigos velhos De Ulisses vai sentar-se, de Haliterses,

E de Antifo e Mentor, que o interrogam. O lanceiro Pireu pela cidade

O hóspede guia ao foro, e a poucos passos

A Telêmaco diz, que os topa e encara: “De minha casa aqueles dons, amigo, Manda buscar.” — Telêmaco responde: “O que será, Pireu, nós ignoramos.

Se matam-me em segredo e o meu partilham,

Goza esses dons, não eles; se triunfo,

Então ledo a mim ledo os restituas.”

Do hóspede miserando aqui se apossa, Condu-lo ao seu magnífico
apartamento; E, em poltronas e escanos posto o fato, Banham-se em
lisas tinas; das criadas Sendo ungidos e envoltos em felpudas
Moles capas e túnicas macias,

Recostam-se em camilhas. Qual das servas Água lhes verte às
mãos, qual mesa limpa Desdobra; a despenseira atenciosa
Traz com pão reservadas iguarias. Senta-se a mãe junto ao pilar
defronte, Um volve ténue purpurino fuso. Refeitos já, Penélope
queixou-se:

“Ao toro, filho, subirei viúva,

Quem lágrimas ensopo desde a empresa Letal, e antes que
intrusos nô-lo empeçam, De teu pai as notícias não me fias!”

E ele: “A verdade, minha mãe, te exponho.

A Pilos navegamos; recebeu-me

O maioral Gerênio, como a filho

De fresco vindo ao lar pós longos anos, E houve-se amiga a sua
ilustre prole.

De Ulisses nada ouviu; mas num seu carro

A Menelau me fui, com quem vi junta

Helena, a causa de fatais horrores. De ir à divina Esparta o régio
Atrida Perguntou-me a razão: contei-lhe tudo.

Indignado o valente: “Hui! vis imbeles

De um guerreiro completo ao leito aspiram! Se de mama os
cervatos mete em pouso

De um leão cerva incauta, e ao vale ou bosque

Vai pascer, no covil os traga a fera: É como os tragará na volta
Ulisses. Permitti que se mostre aos pretendentes, Ó Jove, Palas,

Febo, como em Lesbos, Quando ao provocador Filomelides
Prostrou na luta, com prazer dos Gregos: A boda em breve acerba
lhes seria.

Dir-te-ei sem rebuço o que me imploras: Descobriu-me o veraz
marinho velho

Que em pranto o vira, e que o retém Calipso; Que dessa ilha, sem
baixel nem vogas, Romper o dorso equóreo não podia. —

Assim de Menelau sendo informado, Cá regressando, com
favônias auras Conduziram-me a Ítaca os Supremos.” Comovida
Penélope, exclamou-lhe Teoclímene vate: “Ó veneranda

Mulher de Ulisses, muito ignora o filho;

A profecia escuta: a Jove atesto,

A mesa hospitaleira, a que me asila Casa do forte herói, que já na
pátria, Ou quedo ou serpeando, ora o castigo Traça do mal.

Telêmaco os agouros

Que observei no baixel, presente os soube.” A quem Penélope:

“Oxalá se cumpram!

De mim terás penhores de amizade,

Que hão de, hóspede, aclamar-te venturoso.” Ao pórtico,
entretanto, os pretendentes, N’área onde a contumélia
exercitavam,

A disco e a dardo se entretêm jogando. Já do pastio as greis se
recolhiam,

E admitido aos festins, Médon graceja: “De jogos basta, ó jovens,
ao banquete; A seu tempo um jantar é bem cabido.”

Entram; pousando os mantos em poltronas, Para o convívio
imolam gordos porcos, Ovelhas, cabras e armental novilha.

Ir do campo à cidade se dispunham Ulisses e o pastor, que diz
primeiro: “Por guarda, hóspede, aqui te aceitaria;

Mas, prescreve-o Telêmaco, partamos,

Se é teu desejo: de um senhor me custam

Repreensões e ameaças. A caminho;

O dia aumenta, e esfriará de tarde.”

Presto Ulisses: “Recordo-me e compreendo

Vamos, tu me dirige; um bordão corta

Em que me apoie na escabrosa rota.”

E o remendado alforje por seus loros

Às costas prende. O maioral porqueiro, Fornecido o bordão, fiando
a casa

Aos bons servos e aos cães, vai conduzindo

E sustendo seu rei, que parecia Decrépito mendigo esfarrapado.

Já, por áspera via, à fonte chegam

De alvo cristal, de que a cidade bebe,

Construída por Ítaco, primeiro, Nérito e Politor, bosque o circula

De uns aquáticos choupos; frio o arroio

Da penha rui; tem ara as ninfas no alto, Em que todo o viandante
sacrifica.

De Dólio o filho os encontrou, Melanto

Que ia, com dous zagais, levar aos procos

Do cabrum gado a flor. Minaz, ao vê-los, Ao Laércio pungiu com
seus doestos:

“Um mau leva outro mau; deus há que sempre

Une os iguais. Aonde, ó vil porqueiro, Guias esse glutão, das
mesas peste,

Que aos portais gaste os ombros, não caldeiras, Armas não, sim
migalhas pedinchando?

Venha dos meus currais para vigia, Expurgue o lixo, traga aos
chibos folhas; Beberá soro e criará panturra.

Mas, vadio chapado e mestre em vícios, Trêmulo a escorregar por
entre o povo, Quer encher o bandulho insaciável.

Se ele aos paços reais, eu to asseguro,

Do grande Ulisses for, de mãos nervosas

À cabeça, voando-lhe escabelos,

Tem de a partir, moê-lo ou derreá-lo.”

Na perna eis louco um pontapé lhe senta: Firme Ulisses da trilha
nem se arreda; Cogita se a cajado o estire e acabe,

Ou se o erga e no chão lhe esmague a testa;

Mas coíbe-se e atura. Eumeu rebenta,

Alça as palmas a orar: “De Jove ó Náíades, Se de anhos e cabritos
coxas pingues Ulisses te queimou, torne, eu vos rogo,

E um deus nô-lo encaminhe! A ti, cabreiro,

Dissipavam-se os fumos com que arruas,

A zagais incumbindo o pobre gado.”

E Melanto: “Hui! que rosna o cão matreiro? Olha, que, em negra
nau socado, ao longe Não vão por mantimentos escambar-te.

Assim, de Apolo às frechas ou dos procos Hoje aos golpes,

Telêmaco sucumba,

Como é perdido para sempre Ulisses.” Então ambos deixou, que lentos andam, E em casa do senhor sem mora entrado, Põe-se em face de Eurimaco, de todos

O seu maior amigo; os moços carne,

Pão lhe abastece a ecônoma. Os dous chegam, Ouvem cantar ao som da lira Fêmio;

Toma Ulisses a destra e ao pastor fala:

“O palácio real este é suponho;

Entre os mais facilmente se distingue, Por seus andares, átrios, muro e ameias,

E bífores portões inexpugnáveis:

Que se está num banquete o nidor mostra;

Mostra a lira, às funções divino adorno.”

Tu respondeste, Eumeu: “Não lerdo, amigo, Em tudo acertas.
Consultemos: queres Primeiro oferecer-te, eu cá ficando;
Ou ficar, entrando eu? Resolve, e presto;

Se fora alguém te vir, talvez te espanque E te repulse.” — E o
paciente Ulisses: “Percebo o que ponderas. Vai, que é tempo;
Suportar sei feridas e pancadas:

Afeito à guerra e às ondas e a reveses, Por estes passarei. Mas,
não to escondo, Conselheira do mal urge-me a fome,

A fome, que entre vagas furibundas,

Armadas leva contra alheias terras.” Aqui, deitado um cão, de
orelhas tesas A cabeça levanta, Argos tem nome:

Hoje langue, e o nutria o próprio Ulisses, Antes que se embarcasse.
Costumava Lebres caçar e corças e veados;

Ora de bois e mus no esterco o deixam,

Que às portas se amontoa, enquanto os servos

Para estrume da lavra o não carregam. Jazia ali de carrapatos
cheio,

E meigo, assim que a seu senhor fareja,

As orelhas bulindo, agita o rabo;

Mas não pôde acercar-se. O bom Laércio

Uma lágrima enxuga às escondidas,

E questiona o pastor: “Um cão tão belo Pasma que esteja, Eumeu, nesse monturo; Talvez, com tanto garbo, ágil não fosse,

E à mesa por formoso é que o tratavam.” “É do herói, dis Eumeu, roubado à pátria! Pasmaras sim, ligeiro e forte e guapo

Se fosse qual no tempo era de Ulisses: O animal dele visto, ou rastejado,

Não lhe escapava em brenha ou fundo vale. Morto meu amo, enfermo e débil Argos, Negligentes mulheres nunca o pensam:

Do senhor quando a voz não soa, escravos Furtam-se a obrigações. O Altitonante Metade anula da virtude ao homem

Que a triste luz da servidão respira.”

Argos nesse momento, após vinte anos Seu dono a contemplar, morreu de gosto. Eumeu vai-se direito aos feros procos;

No atravessar, Telêmaco lhe acena;

Ele, em circuito olhando, um banco puxa, O do trinchante
cozinheiro, e em face

Do príncipe repousa. O arauto à mesa

Traz-lhe pão do açafate e o seu conduto. Curvo ao bastão se
arrima e surde Ulisses, Como um rafado esquálido mendigo;
Dentro ao fraxíneo limiar descansa,

No umbral cuprésseo encosta-se, que destro

Esquadrara e polira um carpinteiro. Sólido um pão Telêmaco
tomando, E nas mãos quanta carne lhe cabia:

“Do hóspede, Eumeu, lhe disse, o quinhão leves; Ele esmole depois
da sala em torno:

A vergonha a pedintes é nociva.”

Do hóspede Eumeu de pronto se aproxima:

“Este quinhão Telêmaco te manda;

Quer pelos circunstantes que mendigues: A vergonha a pedintes é nociva.”

Sem demora o prudente: “O rei Satúrnio

A Telêmaco adite, e lhe conceda

O que tem no desejo!” —Aceita Ulisses

A mãos ambas os dons, que aos pés coloca Sobre o indecente alforje; enquanto come, Fêmio divino à cítara cantava.

Cessa a música, e os procos tumultuam.

Ao Laércio apropinqua-se Minerva, A exortá-lo a pedir aos pretendentes, A conhecer qual duro ou justo fosse, Bem que a nenhum exima do castigo. A mão pela direita ia estendendo,

Como vero mendigo; os mais piedosos

Dão-lhe, quem era atônitos indagam. Melanto os interrompe: “Ó da rainha Dignos amantes, eu não sei quem seja, Bem que visse o porqueiro a dirigi-lo.” Minaz Antino contra Eumeu dispara: “Aqui,

pastor famoso, o endereçaste? Os desmancha-prazeres já não
bastam

Que esta cidade infestam? poucos julgas

E à mesa de teu amo esse outro queres?”

Tu retorquiste, Eumeu: “Bom és, Antino,

E não discorres bem. Que homem convida Vindiço algum sem
préstimo e sem arte? Um médico, um profeta, um marceneiro, Um
deleitoso músico divino,

Estes granjeia e atrai a imensa terra;

Mas ninguém chama um comedor inútil. Aos servos és de Ulisses o
mais duro, Mormente a mim: que importa? eu nada temo,
Enquanto aqui Penélope sisuda

E o divinal Telêmaco viverem.” Telêmaco ajuntou: “Cala, és sobejo

Em responder. Com chascos sempre irrita,

Provocando a imitá-lo os companheiros.” E então virou-se: “Antino,
como o filho Me governas, meu hóspede enxotando:

Um nune o não permita. A mal não tenho, Amo à larga lhe dê; perde o receio

De minha mãe, dos servos desta casa. Mas um tal pensamento nem te ocorre: Comer sem repartir é teu cuidado.” Replicou ele: “Altíloquo Telêmaco,

Soberbo destemperas? Dessem-lhe outros Como darei, que ao menos por três luas Daqui se iria.” Então levanta e mostra O escabelo que estava aos pés luzidos.

De carne e pães o alforge os mais lhe enchiam. Ei-io à soleira a desfrutar se volta

As esmolas dos Gregos; junto pára

De Antino e clama: “Tem piedade, amigo;

Não te creio o pior, no aspecto régio

Vê-se que és maioral: dá mais que os outros, E hei de louvar-te pela imensa terra.

Já ditoso habitei palácio altivo,

E acolhi peregrinos e indigentes; Servos em cópia tive, e a pompa
toda

Com que os mortais se inculcam venturosos.

Quis Júpiter porém, para meu dano, Que ao rio Egito eu fosse
com piratas: Mantenho a bordo a gente, e as naus em seco,
Despacho exploradores. Estes néscios,

A impulsos do apetite, agros talando, Matam, mulheres e crianças
preiam; Mas, ao rumor, de madrugada acorrem

Éqüites e peões erifulgentes

A juncar a campina, e o Fluminante

Medo incutindo aos meus, nenhum resiste: Cercados sendo, a
bronze agudo expiram,

E é reduzido o resto a cativoiro. Ao rei Dmétor Iáside fui dado,

Que transportou-me a Chipre onde imperava:

Dali vim cá, passando horríveis transes.”

Torvo Antino: “Que peste um deus nos trouxe!

Desta mesa te aparta, ao meio tem-te:

Olha outro Egito e Chipre não te amarguem. Descarado mendigo,
a sala corres,

E cada qual, nadando na abundância,

Do alheio às cegas e sem dó largueia.”

E afastando-se Ulisses: “Hui! não quadra Com teu desplante o
siso: à tua porta Mesmo sal a um pedinte recusaras,

Tu que do alheio na abundância nadas,

E um pedaço de pão sem dó me negas.”

De cólera abafado, o encara Antino: “Já que insultos proferes,
fico-te ora Que não saias daqui sem vitupério.”

E despede o escabelo, que lhe apanha Do ombro direito a ponta:
firme rocha, Do tiro zomba, tácito a cabeça

Meneia e urde vingar-se. Ao portal volve

Com seu provido alforje: “Amantes, clama, Da grã rainha, est’alma
vos descubro: Mágoa e opróbio não é feridos sermos

Em defesa dos bens e bois e ovelhas; Mas Antino feriu-me,
porque a fome, Causa de infindos males, me atormenta. Se o
pobre é caro aos numes e às Erínies, Antes do seu noivado a
morte o sorva!” E o filho de Eupíteu: “Come tranqüilo,

Ou mosca-te, importuno, antes que os servos

Por mão ou pé rojando-te, insolente,

Retalhem-te esse corpo.” — Os mais se indignam,

E um diz: “Por que esse mísero maltratas? Nume será talvez: que
em trajo os numes De peregrinos as cidades vagam,

Mil formas revestindo e inspecionando A dos homens justiça ou
petulância.” Ele surdo mofafa; mas seu golpe

A Telêmaco no íntimo doía,

Que mudo, a ruminar, também meneia, Sem verter uma lágrima, a cabeça. Ouviu dentro Penélope o sucesso,

E imprecou: “Tal o fira o arqueiro Apolo!” Mas a ecônoma Eurinoma: “Valessem Pragas nossas, que um só do rubro eôo Não reveria o coche.” E inda a senhora: “Maus, ama, todos são, maquinam todos; Porém Antino iguala a nera Parca.

Da penúria impelido, um miserável

Pedia esmola: os príncipes lha davam;

Ele o escabelo à espádua arremessou-lhe.” Ceava o herói; na câmara entre as servas Desabafa Penélope, e chamado,

Ao bom pastor ordena: “Eumeu divino, Aqui venha teu hóspede informar-me, Pois ter parece errado pelo mundo,

Se viu, se há novas do sofrido Ulisses.”

A quem Eumeu: “Deixassem-te, ó rainha, Os Aquivos silentes escutá-lo,

Para no imo folgares! De um navio

Em meu teto abrigou-se, e por três noites

E três dias narrou seus infortúnios,

Se todos memorar. Quando um poeta Canta inspirado e cessa o
doce canto, Que o repita anelamos: tal na choça Me aconteceu.
Inculca-se de Ulisses, Paterno amigo, da Minóia Creta;

Que veio cá ludíbrico da fortuna;

Que dos Tesprotes soube que opulento Já teu marido à pátria se
encaminha.” “Pois tudo me refira, insta a senhora. Eles ao pórtico
e na sala jogam;

Porque poupam seus víveres, a servos

Só nutrindo, e em banquetes nesta casa Diariamente à grande
nos consomem Cabras e ovelhas, bois e ardente vinho. Falta varão
que ensine esses intrusos; Ulisses nos ressurja, e incontinenti
Punirá com seu filho audácia tanta.” Nisto, espirra Telêmaco,
estrondando Em redor; a mãe solta uma risada:

“Vai pelo hóspede, Eumeu. Sentiste agora

O espirro de meu filho às vozes minhas? É que infalível morte os
cerca todos.

Se o teu mendigo, na memória o imprimas

Falar verdade, espere bons vestidos.” Apressou-se o pastor:
“Hóspede padre, Quer-te a mãe de Telêmaco sisuda Inquirir do
marido, angustiada.

Sê franco, e a roupa ganharás precisa, Capa e túnica: o pão, que
mate a fome,

A quem quer pedirás de porta em porta.”

“Nua a verdade, Eumeu, responde Ulisses ,

Vou revelar à comedida Icária: Dele sei tudo, e padecemos juntos.
Receio o ruim tropel dos pretendentes, Cuja violência o férreo céu
penetra:

Um com cego furor, pouco há, vibrou-me Golpe que me doeu;
nenhum dos outros, Nem Telêmaco, obstou. Portanto, amoestes A
conter-se a rainha até Sol posto;

Ao depois, do marido me interroque, Sentada ao lar: primeiro eu
supliquei-te; Rotas as vestes, bem conheces, tenho.”

Volta o pastor, e ao limiar Penélope:

“Que é dele, Eumeu? que pensa? há de alguém medo,

Ou da casa vergonha? Ai do pedinte

Mui fácil em vexar-se!” — E Eumeu: “Rainha,

Falou como o fizera o de mais tino, Os prepotentes príncipes
receia; Roga-te paciência até Sol posto. Conversardes a sós é
preferível.”

Penélope acudiu: “Quem quer que seja, Lerdo não é. Convenho tais
perfidias Nunca os maiores monstros intentaram.” O divino pastor,
isto acabado,

Aos demais se reúne, e a fronte inclina

Em voz baixa a Telêmaco advertindo:

“Ó dileto a cuidar me vou dos porcos,

Dos teus bens e dos meus. Tem cobro em tudo, E vigia-te e
guarda: o mal projetam

Ímpios, a quem primeiro o Céu castigue!”

“Sim, pai, torna o mancebo acautelado. Anda, merenda, a noite não te apanhe; De manhã traze as reses do costume.

O mais fica a meu cargo e dos Supremos.”

Senta-se Eumeu de novo, e bebe e come, Do recinto saindo, a casa deixa

Plena de comensais, que, ao vir a tarde,

A dançar e a cantar se divertiam.

LIVRO XVIII

De insano ventre em público mendigo, Que a todos por glutão
levava as lampas, Alto e vistoso, se cobarde e fraco,

Ali surgiu: da mãe chamado Arnaios, Iros a rapaziada o apelidava,
Por solícito e pronto recadista.

A Ulisses do seu pórtico expelindo,

Ultrajoso bradou: “Sai daqui, velho;

Senão, de um pé te arrasto: vêς que em roda

Piscam-me os olhos? de o fazer me pejo; Mas põe-te fora, ou te
haverás comigo.” Turvo Ulisses: “Ruim, nem te injurio, Nem te
invejo as fortunas e os proveitos. No largo limiar cabemos ambos:

Que mesquinho ciúme! Um vagabundo, Como eu, pareces: a
riqueza aos numes Toca a distribuir. Não me provoques

E encolerizes; velho embora, os peitos

E os beijos hei de em breve ensangüentar-te; Estaria amanhã
mais sossegado;

Pois do Laércio à casa não voltavas.”

É Iros em sanha: “Hui! ronca o parasito

Como velha fornalha! Se nos queixos

Lhe finco os punhos, rolarão seus dentes, Qual se os de cerdo
fossem rói-searas.

Os lombos cinge, combater nos vejam: A arrostar um mancebo te
abalanças?” Ante os portões brilhantes a pendência Antino
adverte, e galhofeiro grita:

“Oh! que novo prazer o Céu nos manda!

Iros e o forasteiro, amigos, tentam Vir às mãos: a brigar os
aticemos.” E todos, levantando-se às risadas,

Aos dous pobres trapentos se avizinham. Prossegue o de Eupiteu:

“Valentes procos, Há no fogão ventrículos de cabras,

De gordura e de sangue repassados

Para a ceia: o mais forte e vitorioso

Escolha um que lhe apraza; e de hoje avante

Seja em nossos festins, nem admitamos

Outro qualquer mendigo.” — O aplauso ecoa. E o manhoso Laércio humilde fala:

“Velho e estragado, cumpre-me, senhores,

A um moço me arrojear; a expor-me a golpes

Força a insensata fome. Eia, jurai-me

Iros nunca ajudar com mão traidora;

Ser-me-ia dura a prova.” — Eles juraram, Mas Telêmaco enérgico se exprime:

“Se, hóspede, o peito varonil te pede

Rechaçá-lo, a nenhum dos Gregos temas; Quem te ofender, se baterá com outros. Agasalhei-te, e basta; não mo estranham Os reis Antino e Eurímaco atinados.”

A aprovação retumba; e Ulisses panos Aos pudendos ligando, pulcros braços, Pernas, coxas desnua, peitos, ombros: Dos povos ao pastor Minerva engrossa Os rijos membros. Foi geral o espanto, E entre si boquejavam: “Desta feita

Iros, não Iros já, cai no seu brete;

Que músculos ostenta o forasteiro!” Iros turbou-se; os fâmulos o cingem, Trazem-no a rojo, e as carnes lhe tremiam; Antino lho exprobou: “Nunca nasceras;

Mal hajas, fanfarrão, que estás convulso Por um velho alquebrado! Se és vencido, Irás, te afirmo, em barco de Epirotas

Ao régio Aquetos, cru flagelo de homens,

Que orelhas e nariz te corte a bronze,

E arranque os genitais e a cães os deite.” Iros mais estremece; ao meio o arrastam; Armam-se os punhos logo. O divo Ulisses, Calculando se exânime o prosterne

Ou só ferido, acha melhor poupá-lo;

Teme excitar suspeita. No ombro destro

Iros deu; mas ao colo sob a orelha

Murro apanhou que os ossos lhe machuca: Vomita rubro sangue, a mugir tomba,

Os dentes entrechoca, e esperneando

Bate e recalca a terra. Os feros procos, Alçando as mãos, de riso rebentavam; Mas lesto um pé lhe trava e o roja Ulisses Do vestibulo ao pátio, e fora o encosta;

Um pau lhe entrega e diz: “Com este agora Porcos afasta e cães; vil, não te arrogues Predomínio em pedintes e estrangeiros:

Olha que inda pior não te aconteça.” E, preso às costas com torcidos loros O torpe alforge, ao liminar descansa. A rirem de prazer, o lisonjeiam:

“Hóspede, o Céu te faça o que mais queiras,

Pois todo o povo de um glutão livraste; Será do rei do Epiro.” — Do presságio O divo herói folgava. Antino um gordo Ventrículo de cabra lhe apresenta; Anfínomo lhe tira do açafate

Alvos dous pães, e de áurea taça o brinda: “Salve! um dia opulência, ó padre, alcances, Já que tanta miséria hás padecido.” “Anfínomo, o adverte o sábio Ulisses,

És fecundo, e a prudência denuncias

De teu pai Niso, que de rico e humano Campa em Dulíquio; atende-me e pondera. De quanto cá respira e cá rasteja,

Nada é mais lastimável do que o homem: No seu vigor e próspera fortuna,

Com desgraça não conta, e se esta o assalta,

Não sabe suportá-la e acusa os deuses;

Pois têm versátil ânimo os terrestres, Segundo altera Júpiter os dias.

No tempo em que eu passava por ditoso,

Muita injustiça obrei, nas próprias forças, No genitor e meus
irmãos, fiado,

Ímprobo ninguém seja; em paz gozemos

O que o Céu nos outorgue. Os procos vejo

Consumindo, abatendo, violentando

A mulher de um varão, que perto enxergo. Levem-te à casa os
deuses, não te encontre À hora da vingança: eu não presumo
Quem sem sangue se expurgue este palácio.”

Eis liba o doce vinho, e a taça rende

Ao maior al Anfínomo. Este a sala, A cabeça tristonho sacudindo,
Pressago atravessava, e à Parca adicto, Sentar-se foi, reposto por
Minerva, Que à lança de Telêmaco o destina.

De Icário à filha a mesma Olhicerúlea

Mostrar-se inspira, a fim que excite os procos

E ante o filho e o marido mais se exalte.

Com leve riso: “Eurínoma, diz ela.

Desejo ir aos amantes odiosos,

E a meu filho avisar que o trato fuja

De homens com fel no peito e mel nos lábios.” “Tens razão, filha, a econôma responde; Repreende-o, nada omitas. Mas primeiro Banha o corpo, unge as faces; não turvado Apareça de lágrimas teu rosto:

Chorar contínuo dana. Vai, com barba Ei-lo já, como aos numes suplicavas.” “Ama, insiste a rainha, tu zelosa

De abluções e perfumes não me fales: Os imortais meu brilho embaciaram,

Dês que ele a Tróia andou. Por companheiras

Cá me envie Autônoe e Hipodâmia:

De ir só ter com varões tenho vergonha.” A chamar as mulheres
corre a velha. Súbito Palas em suave sono

Os membros ensopou da Icária prole,

Que adormeceu no leito reclinada; Limpou-lhe o vulto com divina
ambrosia, Para que mais a admirem, como Vênus Engrinaldada se
unta e purifica,

Das Graças quando parte ao coro amável; Fê-la mais alva que o
marfim recente, Mais nédia e esbelta. Retirou-se a deusa, Das
braciníveas servas ao ruído;

Ela acorda, e a falar se entrega e enxuga:

“Aliviou-me o sono os pesadumes. Doce morte ah! mandasse a
casta diva, Para não mais gastar os anos tristes, Saudosa do
marido, que era aos Dânaos Em qualquer das virtudes vivo
espelho!” Não só, das duas fâmulas no meio,

Gentil baixa da câmara estupenda; À portada soberba, o véu
luzido Proclina, e ao vê-la, de joelhos frouxos, Em êxtases de amor,
ficaram todos

Por seu leito almejando. Assim prorrompe:

“O juízo, meu Telêmaco, perdeste. Menino, eras cordato: hoje, que és púbere, E quem quer, pelo talhe e galhardia,

De opulento senhor dir-te-á nascido, Não tens mais sisudeza nem justiça. Nesta casa cometem-se atentados,

A teu hóspede insultam: que! permites, Sem temor da desonra e eterno opróbrio, Que em nosso lar um peregrino vexem!” “Minha mãe, torna o jovem, que te agastes

Não o estranho. Hoje n’alma o justo e injusto

Sei pesar; mas, há pouco na puerícia, Ter não posso prudência consumada. Falto de auxílio, empecem-me contrários,

Que uns dos outros a par forjam meu dano: Só culpa eles não têm na briga de Iros

Com o estrangeiro, vencedor pujante. Jove, Palas e Apolo, assim permitam

Que nesta sala ou no átrio os procos jazam,

As cabeças nutando esmorecidos, Como, qual ébrio, às portas jaz externas Laxo dos membros Iros, não podendo Em pé ter-se ou voltar ao seu tugúrio.” Entremeteu-se Eurímaco: “Rainha,

Se outros em Argos de Jasão te vissem, Amantes amanhã mais
numerosos Conviver cá viriam; pois superas

As demais em beleza e garbo e tino.”

Contestou-lhe modesta: “O Céu tirou-me Forças, beleza e tino,
assim que os Dânaos Me levaram consigo a Tróia Ulisses. Venha,
mande-me e reja, e a minha glória Mais resplandeceria: hoje um
demônio

Me entristece e comprime. Ele, à partida, A destra me travou: —
Mulher nem todos Escaparemos; pois tem fama os Teucros

De hábeis em dardo e seta, em coches destros, Que a vitória
decidem na refrega:

Se um deus me salve ignoro, ou se ali morra. Tudo regra; inda mais
te recomendo

Meu pai e minha mãe. Barbado o filho,

Deixa-lhe os bens e casa-te. — Assim disse, E o tempo se per fez:
negreja a noite

Em que às núpcias me obrigue o infausto Jove. Mas uma dor me
pesa: era o costume

Dos que herdeira opulenta requestavam,

Prodigando-lhe prendas, bois e ovelhas, Banquetear amigos da
esposada;

Mas não comer impune à custa alheia.”

Folga o herói de que as dávidas atraia,

E o pensamento encubra com lisonjas.

E Antino: “Aceita, Icária, ofertas nossas,

Mau seria enjeitar; mas cá seremos, Té um marido livremente
escolhas.” Eles, de acordo, arautos já despacham. O Eupiteides
recebe um fino peplo,

De áureas doze fivelas abrochado

E curvos alamares, grande e vários; Eurímaco, artefata gargantilha

De electro e ouro, como o Sol fulgente;

Eurídamas, dous brincos de três gemas; O régio Politórides
Pisandro,

Colar brilhante; os mais seus dons apresentam.

Sobe ela, e tudo as fâmulas carregam. Em danças e tangeres permanecem;

E, quando aponta Vésper, três lucernas Acendem, sêca lenha em roda, a bronze Pouco há fendida, e archotes acrescentam: As servas por seu turno o fogo atiçam.

Cauto o herói: “Vós do triste ausente escravas, Ide, ou fusos torcendo ou lãs cardando,

Aliviar a augusta soberana.

Do lume para todos me encarrego,

Bem que os ache a velar a pulcra aurora; Pois, avezado, a lidas não fraqueio.” Riram-se umas olhando para as outras,

E o insultou Melântia, gentil prole De Dólio, de Penélope em menina Como filha amimada, e ingrata sempre À criação, de Eurímaco era amásia: “Mentecapto, o argúi, tu nem te abrigas De um fabro na oficina ou vil baiúca,

Nem de galrar te pejas entre os grandes: Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso De Iros, ufano estás. Pode um, que surja, Calamocado e em sangue rechaçar-te.” Ele a mediu: “Cachorra, esse descôco, Para em peças Telêmaco picar-te,

Lho contarei.” De susto e esmorecidas,

Crendo que era verdade, pela sala Vão-se a tremer. Atento e em pé vigia Nas lucernas Ulisses, mas revolve

No âmago planos, que írritos não foram.

Prosseguem nos insultos, porque Palas

Quer do Laércio o peito mais pungido. Eurímaco de Pólibo chasqueia

E excita o riso: “O coração vos abro,

Claríssimos rivais. Foi certo um nume

Que o dirigiu de Ulisses à morada: Na cabeça não tendo um só cabelo, A lisa calva é mais uma lanterna.” E vólto ao forte urbífrago: “Salário

Enjeitarás, vindiço, em minha herdade, Sebes tecendo e árvores plantando? Que! só no mal sabido e preguiçoso, Preferes mendigar de porta em porta, Por cevares o ventre insaciável.”

“Se em jejum, diz o herói, té vir a tarde,

Fouce na mão, nos longos vernais dias,

Num vasto campo, Eurímaco, apostássemos, Roçaria eu mais
erva. Junta eu reja

De bois iguais, robustos e medrados,

A charrua a puxar por quatro jeiras; Verás ceder-me a gleba, e
como rasgo Profundos regos. Se hoje o grã Satúrnio, Guerra
ateando armasse-me de escudo

E lanças e éreo casco, antessignano

Ver-me-ias combater, sem que exprobrares A penúria e pobreza.
És nímio injusto, Nímio orgulhoso; bravo te apregoam, Porque
estás entre poucos e cobardes:

Surja Ulisses; as portas, bem que largas, Ser-te-iam todas para a
fuga estreitas.” Eurímaco em furor, carrega o vulto: “Ah! mísero,
teu mal te aumento agora. De galrar não te pejas entre os
grandes: Turba-te o vinho, ou louco, ou vitorioso De Iros, ufano
estás.” Eis do escabelo,

Subtraído o Laércio aos pés de Anfínomo,

O golpe do escanção na destra bate; Supino cai chorando, e o
jarro tine. Tumultuam na sala umbrosa os procos, A dizer: “Que
alvorôto lamentável! Longe antes percesse o vagabundo! Que

rixemos consegue um vil mendigo, E o prazer dos festins
dessaboreia.” Enérgico Telêmaco: “Insensatos!

Basta. Algum deus por certo vos concita.

A dormir saciados retirai-vos,

Quando quiserdes; a ninguém expulso.” Todos, mordendo os
beiços, da ousadia Pasmavam; mas Anfinomo, de Niso Aretíades
filho, assim discorre:

“Não vos irrite, amigos, o que é justo; Não trateis com dureza o
forasteiro, Ou qualquer servo do divino Ulisses.

Eia, o escanção de novo arrase os copos; Libemos, e a deitarmo-
nos partamos.

Do hóspede recebido nos seus lares Incumba-se Telêmaco à
vontade.” Aproveu o dito. Múlio, o Dulinquiense Arauto e seu
ministro, na cratera Mescla a bebida e em cerco a distribui; Aos
beatos celícolas brindando, Repletos vão-se do licor melífero,
Cada qual em seu leito a repousar-se.

LIVRO XIX

A meditar com Pallas na matança

Fica o divo Laércio, e diz: “Meu filho,

Agora as armas recolher te cumpre;

E caso algum o estranhe, assim te escuses: Quais as deixou meu pai, já não luziam; Do vapor do fogão fui preservá-las.

E outro medo o Satúrnio suscitou-me:

Entre os copos ferir-vos poderíeis,

Nosso convívio e os esponsais manchando; Pois a força do ferro atrai o homem.” Telêmaco obedece ao pai querido,

Chama Euricléia à parte: “Eia, as mulheres

Retém, ama, lá dentro, enquanto acima Reponho as pulcras armas, desprezadas E do vapor do fogo denegridas

Na ausência de meu pai. Menino eu dantes, Ora quero do fumo preservá-las.”

A ama logo: “Oxalá com tal prudência

A casa rejas! Mas diante, filho,

Quem te há de alumiar, senão as servas?”

“Este hóspede, responde acautelado; Que do meu coma ocioso, não tolero.” Ordem fútil não foi, porque os batentes Fecha Euricléia. À pressa ambos carregam Elmos, cavos broquéis e agudas lanças; Precede-os Pallas de lanterna de ouro. “Meu pai, observa o moço, que milagre! As paredes, as traves abietinas, As grossas vigas, as colunas altas,

Em lume vivo aos olhos me lampejam: Um deus parece dentro esclarecê-las.” “Tá! não tujas, o atalha o sábio Ulisses: Os íncolas do Olimpo assim costumam. Deita-te: à espreita eu fico das criadas; Esperarei que em pranto me interroque

Tua mãe.” — Ei-lo busca a própria alcova No meio do esplendor, e em brando sono Pega até que desponte a diva aurora;

Mas o herói permanece com Minerva, A pensar no horroroso morticínio.

Sai, qual Diana casta ou loura Vênus,

Penélope do tálamo, e lhe achegam

Ao lar o usado assento, obra de argêntas

E ebúrneas orlas, do famoso Icmálio, De apto escabelo e forro de pelame. As cativas gentis ali vieram

Erguer das mesas muito pão restante, E a copa que servira aos convidados; Em terra as brasas dos fogões depondo, Lenha renovam, que ilumine e aqueça. Doesta a Ulisses outra vez Melântia:

“À noite, malandrino, inda importunas?

Espias as mulheres? Farto e impando, Fora, fora; ao contrário, atiçoadas

Eu te farei mais presto escafeder-te.”

Averso a encara: “Insultas-me, demônio, Por que, em vez de luzir, mesquinho e roto A mendigar meu pão sou constrangido?

É de errabundos sina. Eu já palácio

Tive e escravos, e o mais que adita os homens, E a quaisquer indigentes socorria:

Ora o querer de Jove arruinou-me!

Também murchar-te a formosura pode, Que entre as servas te exorna; pode irada

Reprimir-te a rainha, e mesmo aquele Que inda esperar se deve. Mas, se Ulisses Perdeu-se enfim, outro ele e não criança, De Apolo por favor, conhece o filho Quantas mulheres esta casa infetam.”

Ouve-a e grita a rainha: “Descarada,

Em ti recairá tanta ousadia.

De mim triste soubeste que informar-me Do esposo vem.” A Eurínoma virou-se; “Traze-me, ecônoma, um forrado escano; Em repouso, comigo ele converse.”

À pressa o escano de tosões coberto,

Lhe trouxe a velha; ao divo herói sentado Penélope interroga: “Hóspede, vamos Quem és; de que família? de que pátria?” E o

circunspecto: “No orbe, alta senhora, Ninguém te vitupera, e a glória tua

Penetra o céu; qual a de um rei sem pecha,

Que é pio e seus magnatas justo enfreia, A quem do fruto as árvores se vergam,

O agro viça e engradece, a quem produzem

Greis e armentios, ferve o mar com peixes,

E cujos povos a bondade exercem.

De outra cousa me inquiras, não da pátria, Não da família; ao recordá-las, custa Gemer em casa alheia. Enfada o choro:

De alguma serva o escárneo atrairia,

Se o teu não fosse, e pode ser que ao vinho

Meu luto lagrimoso atribuíssem.”

E ela: “O Céu me tirou beleza e forças, Desde que a Tróia Ulisses me levaram. Venha, mande-me e reja, e a minha glória Mais resplandeceria: hoje um demônio

Me entristece e comprime. A flor dos Gregos De Dulíquio, Zacinto, Ítaca e Same, Requestando-me invita, os bens me estragam. Já nos pobres nem hóspedes provejo,

Ou nos arautos, público ministros: Saudosa a prantear consumo a vida;

Urgem-me os procos, e eu maquino enganoso.

Um gênio me inspirou tramar imensa

Larga teia delgada, e assim lhes disse:

— Amantes meus depois de morto Ulisses, Vós não me insteis, o meu lavor perdendo,

Sem que do herói Laertes a mortalha

Toda seja tecida, para quando

No sono longo o sopitar o fado:

Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo

Manto rico não ter quem teve tanto. —

A diurna obra desfazia à noite,

E os entretive ilusos por três anos;

Mas, gastas luas e horas, veio o quarto,

E então, por traça de impudentes servas Apanhando-me,
encheram-me de afrontas, E a concluir a teia me forçaram.

Nem mais efúgio nem recurso tenho: Muito a casar instigam-me
os parentes;

Leva meu filho o mal que os bens lhe comam, Pois, homem já, da
casa tratar pode,

Como os que de honras Júpiter cumula. Dize-me assim quem és;
tu não das penhas, Não do robre nascestes fabuloso.”

E ele cortês: “Mulher de Ulisses digna, Já que insistes, conhece-me a linhagem; E, bem que obedecendo agrave as penas, Inerentes aos tristes que errados

Têm andado, como eu, de povo em povo, Satisfazer-te vou. — De escuras vagas Circúnflua jaz recunda e linda Creta,

Com cidades noventa e infintos homens

De língua mista: Aqueus, Cídones, Cressos

Indígenas de prol, divos Pelasgos,

Dórios cristados. Na ampla Gnosso Minos, Cada nove anos comensal de Jove,

Pai de meu pai Deucalião brioso,

Os governava. Éton me chamam todos. Meu régio irmão

Idomeneu de Tróia

Foi-se à guerra, mais velho e mais valente. Na mesma empresa, à força de procelas

Do Maleia a Creta Ulisses impelido, Surgiu do Aniso num difícil porto, Onde é das Ilitias, a espelunca. Apenas salvo, a Idomeneu procura, Que hóspedes seu dizia venerando;

Mas este era partido em naus rostadas, Uns onze sóis talvez. Do porto a Ulisses Escoltei mesmo, e na abundante casa Amigo o recebi. Do povo obtidos,

Bois, pães e vinhos dei, por doze dias

Os seus provi de tudo, porque o Bóreas, De um sevo deus movido, não deixava Em pé ter-se ninguém; mas no trezeno, Calmado o vento, o pano desferiram.” Assim fingia verossímeis contos,

E ela a chorar de ouví-lo definhava:

Qual, por Zéfiro a neve amolecida,

Liquesce do Euro ao sopro em celsos cumes, Desata-se em arroios e incha os rios;

Tal inundava as rubicundas faces, Anelando o marido ali sentado. Compunge a Ulisses da consorte o pranto;

Mas, como ou ferro ou corno, firme e seco, Por não trair-se, as pálpebras continha.

De lágrimas saciada, continua:

“Quero, hóspede, sondar se na verdade

A Ulisses recolheste: qual seu traje,

Qual seu porte, quais eram seus guerreiros?” O marido prossegue:

“Árduo é, senhora,

Indo em vinte anos que saiu de Creta,

Exato ser; mas ouve o que me lembra.

De áureo firmal e duplo anel, seu manto Era encorpado e mórbido
e púrpureo, De alto lavor: nas anteriores patas

Um cão tinha trememente corçozinho,

E ávido o sufocava; ele a escapar-se

Com palpitantes pés se debatia:

Foi pasmo a todos o recamo e a tela. Notei-lhe ao corpo a túnica
lustrosa, Fina qual seca tona de cebola,

Alva imitante ao Sol, macia e leve,

Que espantava as melhores tecedeiras. Toma sentido, ignoro se
tais vestes

Houve-as de casa, ou deu-lhas em viagem

Hóspede ou matalote; pois de muitos Era benquisto, e poucos o
igualavam. Eu doei-lhe ênea espada, roxo e duplo Manto e roupa
talar, e à despedida

À tabulada nau fui respeitoso.

Do arauto seu, mais velho alguma cousa, Eu me recordo: Euríbato
giboso

Era e trigueiro e de cabelo crespo;

Ulisses entre os sócios o estimava,

Por atinado concordar com ele.”

A tão veros sinais, dobrou de pranto; Mas acalmada: “Se eras um pedinte, És, hóspede, hoje o amigo desta casa.

Trouxe eu mesma da câmara essas vestes, Eu mesma do firmal ornei luzente.

Ah! não mais torna à pátria o caro esposo!

Fatal partida para a infame Tróia!”

“Bem que a dor justa seja, o herói contesta,

Real consorte, o corpo não maceres: Nunca chorou mulher perdido um jovem Pai amoroso de seus doces filhos

Melhor que Ulisses, comparado aos numes;

Porém sossega e atende, eu serei franco. Tesprotes opulentos me contaram

Que, de riquezas o Laércio onusto, Na praia ali sozinho aparecera; Pois, ao vir da Trinácia, irado Jove

E o Sol, do armento seu pela matança, No undoso ponto os sócios afundaram; E ele, agarrado à quilha, enfim surgindo Na Esquéria, aceito foi dos bons Feaces

Como um deus, e de ofertas carregado Quiseram transportá-lo.
Há muito Ulisses Ileso fora aqui, se em outros climas
Não preferisse cumular tesouros;

Para o que ninguém há de astúcia tanta. Fídon rei dos Tesprotes
me jurava,

Com libações, que a nau já tinha prestes

Para o trazer, e num baixel mercante

Remeteu-me a Dulíquio frumentária;

Mas primeiro mostrou-me hospitais brindes, A uma dez gerações
talvez sobejos,

Postos no erário, enquanto ia o Laércio

Ao de Dodona falador carvalho, A indagar dos oráculos de Jove

Se, após tão largo tempo, cá regresso

Oculto ou claramente. Ele é pois salvo, Nem da casa está longe; eu vou jurar-to: Atesto o Padre sumo e o lar de Ulisses. Onde me asilo, aqui virás sem falta, Mesmo este ano, esta lua ou na seguinte.” “Oxalá, diz Penólope! Eu faria

Liberal que ditoso te aclamassem.

Mas temo, hóspede meu; nem ele volta, Nem tu conseguirás daqui passagem. Outro Ulisses não tenho (oh! se o tivesse!) Que afague e expeça honrados forasteiros.

Depois de um pedilúvio, em cama, ó servas, De mantas bem se aqueça e belas colchas;

E, assim que a manhã brilhe em trono de ouro,

Banhado e ungido com meu filho coma. Ai do que ouse ofendê-lo petulante!

Sem trabalhar descanse, inda que raivem.

De sisuda mulher me louvarias,

A estares mal vestido à nossa mesa? Duram breve os mortais: o iníquo e fero, Sempre de imprecações coberto em vivo, Maldizem-no defunto; o afetuoso

E de alma nobre, os hóspedes lhe estendem

A glória e fama, e todos o abençoam.” Opõe-se o herói: “De
Ulisses digna esposa, Mantas e moles colchas aborreço,

Dês que em remada nau de Creta os cimos Deixei nevosos: deito-
me, como antes Noites passava insones, e outras muitas,

À espera da alva aurora, adormecia

No duro chão. De banhos eu prescindindo, Nem me toque nos pés,
senão prudente Anciã no mal provada e officiosa.”

E ela: “Nunca de amáveis peregrinos Tive outrem como tu: quanto
proferes Siso respira. No infeliz conservo

A ama discreta, que, nascido apenas, Da mãe o recebera e
amamentara: Inda que fraca, os pés lavar-te pode. Anda,
Euricléia, este coevo banha

De teu senhor: talvez que ele tal seja

E dos pés e das mãos; pois no infortúnio Rapidamente os homens
envelhecem.” Tapa a nutriz o lagrimoso rosto

A soluçar: “Ai filho, em vão te anseio! Pio embora, és de Jove o detestado! Ninguém tantas queimou sucosas coxas, Nem lhe deu mais solenes hecatombes, Viver quando rogava longa vida

E teu filho educar; mas o Tonante

Sumiu-te a luz da volta! Alhures, zombam

Ah! dele, amigo, em pórticos soberbos, Outras como as que foges despejadas. Lavo-te os pés, não só porque mo ordena De Icário a boa filha, mas de grado,

Por mera compaixão. Têm vindo muitos

Peregrinantes cá; nenhum, te afirmo, A Ulisses como tu se assemelhava,

No meneio e no andar, em voz e em gesto.” Cauteloso a atalhou: “Sim, todos eram Desse teu mesmo aviso.” Reluzente

Bacia a velha toma, onde água fresca

Vaza e a fervente em cima. Ao lar no escuro

Senta-se vólto Ulisses, receoso

Que a cicatriz o arcano revelasse.

Ela, o senhor banhando, essa conhece Marca do alvo colmilho de um javardo, Quando ao Parnaso visitou seus tios

E avô materno Autólico, entre os homens

No pilhar e jurar manhoso e mestre;

Por Mercúrio assistido, a quem de chibos E anhos queimava as agradáveis coxas. Veio Autólico a Ítaca ubertosa

De seu neto ao nascer; e, mal cearam, Põe-lhe o infante aos joelhos Euricléia: “Tu o almejavas tanto, agora inventa Um nome ao filho da querida filha.”

Disse o avô: “Genro meu, minha Anticléia,

Eu ressentido contra muitos venho

De um e outro sexo na selvosa terra;

Um nome lhe imporei, chame-se Ulisses. Crescido, a casa a visitar
materna,

Vindo ao Parnaso, onde as riquezas tenho,

Hei de brindá-lo e despedir contente.” Foi-se do prometido em
busca Ulisses: Antólico e família o abraçam ternos; Carinhosa
Anfitéia avó beijou-lhe

A testa e olhos gentis. Ao pátrio mando,

Para o banquete opíparo, a preceito, Quinquene touro os príncipes
esfolam,

Picam-no, assam de espeto, e em roda servem;

E, o dia inteiro à grande regalados, Liga-os a noite opaca em
brando sono. Ulisses, no arrebol, em montearia Trilhando as selvas
do íngreme Parnaso,

A ventosas fraguras segue os tios;

E, no arraiar o Sol do mudo Oceano, Precedendo a matilha
farejante,

Vibra o dardo num vale o divo moço.

Em brenha oculto um javali jazia, Brenha à diurna torreira
impenetrável, Ao sopro aquoso, à desatada chuva, Pleno o covil
de bastas secas folhas:

Ao latir e ao tropel, sanhuda a fera

Sai, de eriçado pêlo e a vista em brasa, Tem-se de perto; Ulisses o
primeiro Com forte ávida mão levanta o pinque; Prevenindo-lhe o
golpe, o dente o cerdo Lhe aferra no joelho, mas oblíquo,

Sem osso lhe ofender, na carne o embebe:

De ênea cúspide o herói na destra espádua O atravessa; ei-lo
grunhe e tomba e morre. Expertos a ferida ao bravo pensam,
Vedam-lhe por encantos o atro sangue; Curam-no em casa, e dele
satisfeitos,

Ledo com riscos dons à pátria o mandam.

Laertes e Antícléia, jubilosos,

Da cicatriz a causa e tudo inquirem; No Parnaso ele conta que o
mordera, Junto a seus tios, javali terrível. Palpando, a cicatriz
conhece a velha,

Nem pode o pé suster; cai dentro a perna, E a bacia retine e se derrama.

Dor a assalta e prazer; nos olhos água,

Presas às fauces a voz, lhe afaga o mento,

E balbucia enfim: “Tu és, meu filho, És Ulisses; depois que te hei palpado, Ora por meu senhor te reconheço.”

E olhou para Penélope, o dileto

Marido a lhe indicar; mas, por Minerva

Distraída, a senhora o não percebe.

Da destra ele sustendo-lhe a garganta,

A si da esquerda a puxa: “Ama, a teus peitos

Amamentado, queres tu perder-me? Volto ao vigésimo ano, após mil transes; Mas, já que um nune to mostrou, silêncio, A ninguém me delates. No imo o estampes: Se me der Jove debelar soberbos,

Não pouparei culpada a nutriz mesma,

Furioso a todas que o palácio infamem.” “Filho, acode Euricléia, que proferes

Do encerro desses dentes? Inflexível

Tu bem sabes que sou, qual pedra ou ferro. Toma sentido: a permitir-te Jove

Soberbos debelar, as que te mancham

A casa apontarei.” — De pronto Ulisses: “Ama, nem é mister, nem te isso cabe; Toca-me descobri-las e julgá-las.

Guarda o segredo, e o mais aos deuses fique.”

Sendo o primeiro banho extravasado, Sai pela sala a velha em busca de outro, E o lava e unge; o herói senta-se ao fogo Se aquece e cobre a cicatriz com panos. Ata a rainha a prática: “Inda um pouco,

Hóspede meu, que a hora se apropinqua Do meigo sono, alívio
dos cuidados, Menos dos que um demônio me pródiga. Sequer de
dia em choro desabafo, Inspeccionando as servas; mas de noite,
Ao reinar o sossego, eu só no leito

Sou de pungentes mágoas salteada.

A Pandareida verde Filomela,

Na doce quadra amena, entre a folhagem

Flébeis queixumes sonora trina

Pelo dela e de Zeto amado filho

Itilo, a quem matou por erro infando: Assim lamento, a revolver
incerta

Se ao pé do meu conserve, respeitosa

Ao toro conjugal e à voz do povo, Servas, paço e riqueza; ou, bem
dotada, Siga o melhor de assíduos pretendentes. Enquanto o meu
Telêmaco era débil, Não quis largar a marital vivenda;

Mas, púbere hoje, me insta que lha deixe,

Contra os vorazes procos irritado. “Explica-me ora um sonho.
Gansos vinte Folgo de ver comendo os grãos no pátio; Porém de
bico adunco montês águia Sonhei que, tendo lhes quebrado os
colos, Amontoados no terreiro os mortos,

Pelo ar divino alou-se; e eu grito e choro, E emadeixadas Gregas
me circundam

Na minha dor, ao tempo que, voltando,

A águia fala da grimpa em voz humana:

— Ânimo, ó filha do pujante Icário! Não é sonho, é visão realizável:
Gansos os procos são; eu, antes águia, Sou teu marido, e castigá-
los venho.

Nisto, acordo, olho em torno, e como é de uso, Vejo os gansos na
praia a comer trigo.” Pausado o herói: “Interpretar o sonho

De outro modo que Ulisses me é defeso: Iminente é dos príncipes
a perda;

Nenhum tem de esquivar-se à morte escura.” Ela acrescenta: “Os
sonhos são difíceis; Muitos, hóspedes, nunca se efetuem.

Têm eles dous portões, ebúrneo e córneo: Os do ebúrneo, falazes,
mentem sempre; Nunca os do córneo falham. Que o meu, deste
Vindo, a mim e a Telêmaco aproveite,
Não me lisonjo. Agora sê-me atento.

O albor nefasto aponta em que dos paços Me apartarei de
Ulisses, e um certame Vou propor. Inda em casa há meu marido
Secures doze, que erigia em hastes,

E por seus olhos doze em direitura De longe a frecha rápida
enfiava: Seguirei quem mais fácil o arco estenda E as secures
traspasse, abandonando Ah! tão saudosa e farta e bela estância,
Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.” E Ulisses: “Do Laércio
augusta esposa,

Não retardes a prova. Hás de o consorte Aqui ter, antes que eles o
arco verguem E, tesa a corda, os ferros atravessem.” Inda
Penélope: “Hóspede, a querereres

Junto a mim conversar, de ouvir-te o gosto

Me estancaria o sono; mas não devem

Os mortais velar sempre, e na alma terra Lei sobre tudo os numes
impuseram. Subo a deitar-me enfim no amargo leito Que de
contínuas lágrimas ensopo,

Dês que Ulisses partiu para essa Tróia

De execranda memória. Tu repousa

A teu prazer, no solho ou numa cama Que se te aprestará”: Disse,
e montando Não só, com duas fâmulas, na excelsa

Maravilhosa câmara pranteia

Seu caro esposo, até que amigo sono

Lhe infunde pelas pálpebras Minerva.

LIVRO XX

Ulisses ao vestibulo descansa:

Em cru taurino coiro estende peles De imoladas ovelhas, e por cima Eurínoma lhe deita espessa manta; Lá, na vingança meditando, vela. Eis risonhas de cara e delambidas

As que davam-se aos procos vêm saindo:

Vivamente comoto, em si ventila

Se de súbito as mate, ou lhes consinta

A extrema vez coabitar com eles; E o coração lateja-lhe apressado,

Como a galga, a cercar seus cachorrinhos,

Ladra investindo a estranho. A ira enfreia,

Bate nos peitos e cogita: "Cala,

Meu coração! mais suportaste quando O atroz Ciclope devorou-me os sócios: Com prudência da cova te livraste, Onde supunhas trucidado seres.” Assim reprime o palpitar interno,

Tem-se; mas anda pela cama às voltas.

Qual de um brasido ao lume o esfomeado

Vira um gordo ventrículo sangüento Com desejos de assá-lo; inquieto Ulisses Assim de toda parte se remexe, Traçando o meio de bastar a tantos Insolentes rivais. Em vulto humano, Palas se lhe oferece à cabeceira:

“Por que velas, misérrimo dos homens? Tens casa, tens mulher, tens nobre filho, Filho que outro qualquer te invejaria.” “Sempre acertas, responde, onisciente;

Mas posso haver-me, ó deusa, contra a chusma

Que infesta o meu palácio? Inda rumino Outro cuidado: se os vencer, por graça De Jove e tua, escaparei com vida?

Rogo-te me aconselhes.” — “Insensato! Grita Minerva, um homem noutra néscio Homem se fia, e tu de mim duvidas? Guardo-te sempre, e deusa te protejo.

Eu to declaro: embora multilíngües

Cinqüenta batalhões, a rodear-nos,

O exício teu conspirem, bois e ovelhas

Tu lhes depredarias. Dorme, é grave

Passar a noite em claro, e o teu mal finda.”

E espreme-lhe nas pálpebras o sono,

E ao céu volve no instante em que o sossego Lhe absorve as
penas e amolenta os membros. Cedo acorda, e sentada ao fofo
leito,

Lassa do pranto, ora a Diana a diva,

Das mulheres modelo, honesta esposa:

“De Jove augusta prole, ou tu me arranques Esta alma a tiros, ou
tufão me jogue, Arrebatada pelos ares cegos,

Às fauces do retrógrado Oceano;

Sorte que outrora às Pandareidas coube. Órfãs, sozinhas, por
querer supremo,

De leite e mel suave e doce vinho

Citeréia as nutria, deu-lhes Juno

Formosura e juízo incomparáveis,

O talhe Délia, os dotes seus Minerva; Mas, remontando Vênus ao
Tonante, Que a fundo a sina dos mortais conhece, A pedir flóreas
núpcias para as virgens, As Harpias, roubando-as, ao serviço

Das medonhas Erínies as puseram.

Levem-me assim do Olimpo os moradores, Freche-me Artêmide;
eu no abismo horrendo, Ulisses, te contemple, nem se goze

De mim outro varão que não te iguala. Geme o infeliz no dia, à
noite ao menos Esquece adormecido os bens e os males;

A mim sempre um demônio me persegue: Acaba de antolhar-se-
me a figura

De Ulisses tal qual era; cria eu leda

Isto visão real, não mero sonho.”

Atento o herói divino a tais queixumes, Ao reluzir da Aurora em
trono de ouro, Cuida-se descoberto e que ela o busca; Veste o
manto, em cadeira os tosões pousa, Remove o coiro, em preces
alça as palmas: “Júpiter, se por seca e úmida via

A Ítaca imortais me conduziram,

Dentro ouça de um desperto o bom presságio,

Fora algum teu prodígio mo confirme.”

De Ulisses com prazer, fulgure e toa

De resplendida nuvem; perto, o agouro

Solta uma escrava do pastor dos povos. Das doze que ao moinho
o trigo e azeite, Medula de homens, preparar soíam, Fraca ela só,
deitadas as parceiras,

Não findava a tarefa: “Ó sumo Jove, Clamou, do éter sereno assim
trovejas? Anúncio é para alguém. De mim coitada Os votos
cumpre: o dia extremo seja

Que à mesa de meu amo se regalem

Esses a quem, de afã desfalecida,

Eu môo esta farinha; acabem todos.”

Do agouro e do trovão contente Ulisses, Os réus conta punir. Vêm
logo as servas Acender o fogão da pulcra sala;

O deiforme Telêmaco vestido

Vem da alcova, de nítidas sandálias,

No bálteo a espada, aguda lança em punho, E ao limiar com
Euricléia fala:

“Ama, honrastes meu hóspede vós outras,

Ou maltrado jaz? Embora sábia,

Minha mãe de um parleiro às vezes cura

E despede um melhor.” — Mas Euricléia:

“Injusto a acusas, filho. A gosto o velho

Bebeu sentado, abstendo-se da ceia,

Que ela ofertou-lhe mesma. À hora própria

Mandou cama estender; mas ele, afeito À pena e dor, não quis
macias colchas, E ao vestibulo em coiro e ovinas peles,

Com manta que lhe demos, repousou-se.”

Hasta na mão, Telêmaco atravessa

A grande sala, com dous cães ligeiros, Aos grevados Aqueus indo
juntar-se. De Opes de Pisenor zelosa a filha Esperta as mais
cativas: “Borrifada,

Já já, varrei-me a casa, e de tapetes

Forrai purpúreos as louças poltronas; Lustre as mesas a esponja, a
copa e a frasca Purifiquem-se, e lestes ide à fonte:

Eles madrugam sempre, e o dia de hoje

A todos é festivo.” — Obedeceram:

Ao profundo olho d’água partem vinte; As mais dentro o serviço
desempenham. A preceito, chegando, a lenha racham

Os soberbões; da fonte as servas tornam;

O porqueiro também com três cevados

Entra, em vastas pocilgas escolhidos,

E brandamente fala: “Hóspede, os Gregos Te menoscabam
sempre, ou já te poupam?” “Eumeu, responde o herói, provera aos
deuses Os insultos punir e os maus desígnios

Desses que estão, sem pinga de vergonha,

Maquinando um alheio domicílio.” Entrementes, Melântio se aproxima, Com dous ajudas, conduzindo cabras As melhores do fato aos pretendentes, E amarrando-as ao pórtico sonoro, Pica a Ulisses de novo: “Inda importunas

A todos pedinchando, e não te safas? Sem estas mãos provares, vil mendigo, Cuido que insistirás. Há comezaina Entre os outros Aqueus.” Tácito a frente Sacode o herói, vinganças ruminando. Presenta-se Filétio, o mor vaqueiro, Uma toura guiando e gordas cabras,

Que as passaram barqueiros do costume, E ao ligá-las ao pórtico, pergunta:

“Que estranho é este, Eumeu? que gente a sua? Donde veio? O mesquinho um rei parece:

Em dor o Céu mergulha os vagabundos,

Mesmo a reis enovela os infortúnios.” Vólto ao mendigo então, lhe cerra a destra: “Hóspede padre, salve! hoje em miséria, Inda sejas ditoso! Ó tu Satúrnio,

Ó deus o mais cruel, não te comovem As mágoas dos varões por ti criados. Choro e suor agora me rebentam, Lembrando-me de Ulisses, que afiguro Assim roto a vagar, se é que o Sol goza. Mas se ele no Orco jaz, ai de mim triste!

A quem tão bom senhor, ainda eu menino, Aos armentos prepôs-me em Cefalênia. Inúmeros os bois de larga fronte

Medram mais que a nenhum: cá trago deles

A gulosos, que o filho desfalcando, A punição dos numes nem receiam;

Do ausente os bens tragar é quanto anelam.

Dupla aflição me rói: com meus bois todos, Vivo Telêmaco, emigrar é feio;

Mas dói muito engordá-lo para intrusos. Longe outro herói buscado eu já teria, Nesta angústia insofrível, se esperança De vir não me alentasse o miserando

A profligar infames insolentes.”

Ulisses respondeu: “Nem mau nem lerdo

Pareces-me, pastor; eu pois to juro, Por Jove, pela mesa
hospitaleira, Por este lar e asilo: com teus olhos

Teu bravo amo verás, se o tu quiseres,

Usurpadores crus mandar a Dite.”

O vaqueiro ajuntou: “Permita-o Jove!

Meu braço e minha fé conhecerias.”

E Eumeu também rogava aos deuses todos

Que de seu rei a vinda apressurassem. A Telêmaco, entanto, os
corpos tecem Morte e ruína. Altívola à sinistra

Pávida pomba uma águia eis traz nas garras

E branda Anfínomo: “Ao convívio, amigos;

O plano de matá-lo está frustrado.”

Eles dóceis na sala sobre escanos

E camilhas os mantos depuseram.

Cabras e ovelhas, porcos sacrificam, E a grã novilha: as vísceras
assadas Repartem, mesclam nas crateras vinho; Eumeu taças
ministra; o pão, Filétio; Escanceia Melântio: o bodo encetam.

À soleira, mas dentro, baixa mesa

E tosco assento o filho pôs a Ulisses,

Que astúcias combinava, e das entranhas

O serve e entorna o vinho em áureo copo:

“A gosto, hóspede, bebe entre os guerreiros; Salvar-te-ei de golpes
e convícios:

A casa não é pública; é de Ulisses,

E herdeiro eu sou. Vós procos, refreai-vos,

Ou lide cá teremos infalível.”

Todos pasmam da audácia e os beijos mordem;

Mas o Eupitéio: “Amigos, suportemos

De Telêmaco as fúteis ameaças.

A querer o Satúrnio, ora açaimado

Aqui seria o parlador canoro.”

Cala Antino, e Telêmaco o desdenha. Pela cidade arautos
hecatombe

Guiam sacra, e no umbroso Febeu luco

Reúnem-se os Grajúgenas crinitos;

Ao tempo que, do fogo assadas carnes

Os príncipes tirando, as distribuem,

E o festim saboreiam: coube a Ulisses, Como ordenara seu dileto
filho,

Igual porção, que os servos lhe ministram. Não consente Minerva
que arrogantes Abstenham-se de afrontas, para o anôjo Mais do
Laércio profundar no seio.

De Same habitador, iníquo e duro

Ctesipo, que alistou-se entre os amantes

No rico pai fiado, assim vozeia: “Rivais extremos, é decente, é
justo, Aquinhoá-lo bem; nada faleça

De Telêmaco aos hóspedes, quais forem:

Meu dom receba amável, com que brinde

A quem, nos paços do imortal ausente,

O banha ou trata.” Aqui, toma de um cesto

E arroja um pé de boi; mas a cabeça Ulisses, com sardônico sorriso, Desvia, e o osso na parede bate.

Em cólera Telêmaco lho exprobra:

“Melhor te foi, Ctesipo, que evitasse

O hóspede o golpe teu; senão, tu foras Desta lança varado, e em vez de núpcias Teu pai te aprestaria a sepultura.

Proíbo em minha casa iniquidades;

Não mais criança, o bem do mal distingo: Só contra muitos, passo os desperdícios

Do meu pão, do meu vinho, do meu gado; Mas cesse a hostilidade. E a bronze frio

Se desejais matar-me, antes a morte

Que ver-nos espancar meus protegidos,

Na honrosa casa viciar as servas.”

Lavra em roda o silêncio, até que o rompe

Agelau Damastórides: “Amigos,

Não braveje nenhum contra a justiça; Nem se maltrate o hóspede,
nem outrem Que habite na mansão do nobre Ulisses. Grato seja a
Telêmaco e à rainha

O que tranqüilo exponho. Enquanto a vinda

Esperáveis do grande e sábio Ulisses, Causa havia de aqui nos
demorardes, E era justificável a constância;

Mas que ele está perdido é manifesto. Pede pois a Penélope que
eleja

Quem lhe aprouver e a dote com largueza;

Em paz a herança paternal desfrutes, E tua mãe do noivo orne o
palácio.” Cauteloso Telêmaco: “Por Jove, Agelau, to assevero,
pelas dores

De meu pai, que está morto ou longe vaga: Minha mãe não coíbo,
antes a empenho

A esposar quem lhe agrade e muito oferte;

Mas hei pejo e temor, tolham-me os deuses

Desta casa bani-la ou violentá-la.” Aqui, Minerva os procos enlouquece, Um riso inestinguível excitando,

Riso que erra nas bocas louquejantes:

Comem cruentas carnes; de água os olhos Se lhes arrasa; n’alma o luto versa. Teoclímeno a vozes profetiza: “Misérrimos, que noite vos rodeia

De alto a baixo! que lúgubre ululado! Estou já vendo lagrimosas faces,

Em sangue estas paredes e estes postes,

Cheio o vestibulo e a brilhante sala

De espectros, que ao profundo Érebo descem! Morre o Sol, e se esparge e adensa a treva!” Eles às gargalhadas o chasqueiam,

E o de Pólibo grita: “O forasteiro,

Cá vindo não sei donde, é mentecapto. Moços, ponde-o na rua; ande-se ao foro Quem por noite hoje toma o dia claro.” Mas o adivinho: “Eurímaco, retorque, Não hei mister escolta; olhos e orelhas, Bons pés tenho, e alma sã no peito alojo;

Vou-me donde um mal grave está pendente: Nenhum se livrará dos que este asilo Manchais de insultos e de ações infames.”

Disse, e foi-se a Pireu, que pronto o acolhe. Olhando-se e às risadas, mofam todos,

E um moteja a Telêmaco: “És na escolha De hóspedes infeliz: tens um mendigo Sitibundo e famélico e vadio,

Sem préstimo e valor, da terra peso; Outro a vaticinar pouco há surdiu-nos. Mais útil, eu proponho, é que à Sicília,

Porque hajas pingue lucro, os embarquemos.”

Desdenhoso o mancebo, taciturno Fita os olhos no pai, à espera sempre Do funesto sinal. De cima a Icária Prudente, em belo escano recostada, Os escutava. E rindo e zombeteiros, Tendo eles bastas reses abatido,

Em festim novo e lauto iam cuidando;

Mas, da injustiça em troca, lhes dispunham

Uma deusa e um varão mais agra ceia.

LIVRO XXI

Já da rainha à mente influi Minerva Propor na sala do arco e das
secures A contenda, princípio da carnagem. A escada monta, pelo
ebúrneo cabo Na mão toma carnuda a chave aênea

Curva e artefata, e vai com boas servas À superior instância, onde
o rei tinha Muito ouro e cobre e trabalhado ferro; Pleno acha o
letal coldre e o fléxil arco, Dons hospitais do Eurítides Ífito,
Lacedemônio herói. Com este Ulisses No palácio topou do bravo
Ortíloco, Indo a Messena, embaixador imberbe, Do pai e outros
antigos deputado, Longa viagem, reclamar trezentas Ovelhas e
seus guardas, que Messênias Galés dos campos de Ítaca levaram.
Para seu dano, Ífito ali buscava

Éguas doze perdidas e a seus ubres

Doze pacientes mus: foi quando Ulisses,

Que doou-lhe uma espada e forte pique, Esse arco teve, que,
morrendo Êurito

Em seu palácio transmitira ao filho.

Ah! que nunca um do outro à mesa esteve! Atalhou-se a amizade,
porque Ífito, Hospedado por Hércules, de Jove

O mais valente e façanhoso garfo,

Este o matou sem pejo dos Supremos, Ímpia as éguas solípidas
retendo.

Por memória do amigo, o arco aceito,

Partindo Ulisses, o deixou na pátria. Vizinha à câmara a mulher
egrégia, Tem-se ao portal de robre, esquadriado E polido, a que o
fabro acomodara Esplêndidas ombreiras e batentes:

Solto o loro do anel, para o ferrolho Da armela desprender, enfia a
chave; Com jeito ao revolvê-la, as altas portas,

Qual muge em várzea o touro, abertas rangem. De sobre estrado,
em que pousavam grandes Caixas de roupa odora, as mãos
alçando,

O arco e a funda lustrosa despendura;

Sentando-se, o coloca aos seus joelhos, E lamenta e pranteia, ao
destojá-lo. Torna, enxutas as lágrimas, à sala, Setas fatais e o arco
sustentando;

Uma canastra escravas lhe carregam Do cobre e ferro do certame
régio. Entre fâmulas duas, à soleira

Pára, e abatendo o fino véu perora:

“Vós que, à pretexto de esposar-me, ausente

Meu marido, estragais toda esta casa,

Ouvi-me. O arco eis aqui do nobre Ulisses,

E eu proponho um certame: quem mais fácil

O atese e freche atravessando os olhos Das machadinhas doze,

hei de segui-lo Da conjugal estância, farta e bela,

Da qual me lembrarei té nos meus sonhos.” O arco e acerado ferro
então lhes manda Pelo fiel choroso Eumeu. Filétio,

Ao ver o arco do rei, suspira e geme.

Antino os apodou: “Rústicos parvos,

Que só cuidais no de hoje, ah! miseráveis, Enterneceis com
lágrimas aquela

Que, perdido o consorte, em mágoas vive? Comei calados, ou
carpi de fora;

Deixai-nos o arco da custosa empresa:

Há quem fácil o curve e se equipare

A tão completo herói? Pequeno eu era, E de Ulisses divino estou lembrado.” Assim falou; mas no ânimo contava

O arco tender e traspassar os ferros, Ele que provará primeiro a frecha

Do rei sem tacha, a quem no mesmo alvergue

Tinha afrontado, os sócios concitando. Forte exclama Telêmaco:

“Hui! por certo Jove desjuizou-me: em que prudente, Minha dileta mãe diz que por outrem Larga esta casa, eu rio e insano folgo!

Procos, eia, ao certame: em Graias terras Mulher, vós o sabeis, não há como ela, Em Pilos santa, em Argos, em Micenas, Nem mesmo em Ítaca ou no Epiro negro: Para que pois levá-la? Decidamos,

Sem mais tergiversar, tente-se a prova.

Também o ensaiarei: se o arco ateso

E as secures enfio, a mim dolente

Não me há de abandonar a augusta madre, Caso ao paterno jogo
eu leve a palma.” Direito surge, e o manto purpurino

Depõe dos ombros e a cortante espada. Abre a cada secure funda
cova,

Certo as alinha, em torno calca a terra:

Que o faça admiram, sem que nunca o visse. Da soleira, o arco
tenta, ávido e firme;

Três vezes falha. Espera inda animoso

Tender o nervo e atravessar o ferro;

E ao quarto esforço o gosto conseguira, Se Ulisses não lhe acena,
e então se teve. “Oh! céus, brada, ou serei débil guerreiro, Ou
moço inda não posso braço a braço

A ofensa repelir. Vós mais pujantes, Exp’rimentai; findemos a
contenda.” E o arco pousa e encosta aos alizares, Do arco ao
remate belo a seta apoia,

E ao posto volve. — Logo Antino: “Em cerco

Pela destra comece e donde o vinho

Se distribui.” O dito aprovam todos.

Ergueu-se o vate Enópides Liodes, Junto à cratera assídua
sentinela Censor dos sócios, à injustiça avesso. Ao limiar, pegando
o arco e as setas,

Malogra o esforço; as tenras mãos doridas Pouco atreitas
molesta: “Eu cesso, amigos; Outrem cometa a empresa. Este arco
a muitos Estrenuos privará de alento e alma;

E antes morte que vida, a quem frustrou-se

Longa esperança. Aquele que inda fia E pensa haver de Ulisses a
consorte, Verá presto que deve outras Aquivas Requestar e dotar:
com esta case

Quem mais lhe oferte e a sorte lhe destine.” Também pousa arco e
seta, e vai sentar-se. Brame Antino em furor: “Que dito acerbo
Desses beijos, Liodes, proferiste?

O arco anuncias, por que em vão lidaste,

A muitos privará de alento e alma? Não gerou-te a mãe tua para
archeiro; Mas outros pulsos poderão dobrá-lo.” E ao cabreiro
virou-se: “Fogo acende,

Grande escano lhe acerca bem forrado; Lá dentro há unto e um disco dele traze: Aqueçamo-lo e o arco amaciemos, Para em breve o certame concluirmos.”

Melântio o fogo acende, o escano acerca;

O unto, que não falece, ao lume aqueçam: O arco a vergar seus braços não bastaram. Abstêm-se Antino e Eurímaco deiforme, Que facilmente aos outros superavam.

O vaqueiro e o porqueiro ambos saíram

E inda após eles, fora e já no pátio, Lhes falou com doçura o divo Ulisses: “Filétio e Eumeu, calar quiçá me cumpra, E descobrir-me o coração me pede.

Se um deus súbito Ulisses vos mostrasse,

Deles serieis vós ou desses procos?

Da alma explicai-mo.” — Exclama-lhe o vaqueiro:

“Jove, a meu voto anui! um deus o traga! Velho, meu brio e ardor
conheceria.”

E Eumeu também depreca ao sacro Olimpo

Que volte o rei prudente aos seus penates.

Deles seguro, brada: “Eis-me, entre angústias

Chego ao vigésimo ano. Reconheço

O vosso amor e fé: dos servos todos

Sois quem me desejais com zelo e afinco. Agora me atendei: se
me dá Jove

Os intrusos domar, consortes, prédios, Casas tereis ao pé da
minha própria; Sócios e irmãos sejais do meu Telêmaco. Não há
dúvida alguma: eis dos colmilhos Do javardo o sinal, quando ao
Parnaso

Os de Autólico filhos me guiaram.”

Da cicatriz então separa os trapos: Certificados, o senhor
abraçam

E beijam-lhe a chorar a testa e os olhos;

O mesmo Ulisses faz. Durara o pranto Ao posto Sol, se o cauto o não vedasse: “Basta, alguém ver-nos pode. Vou primeiro, E entrai, com intervalo, um após outro.

Se eles do arco pegar me proibirem,

Traze-mo com a aljava, Eumeu divino, Através da ampla sala; as servas manda Aferrolhar as portas; nem que sintam Estrondo e ais, de seu lavor se bulam.

Os cancelos do pátio, ó bom vaqueiro, A chaves tranca e fortemente amarra.” Disse, e dentro sentou-se no seu posto; Seguem-no a tempo os dous fiéis criados. O arco Eurímaco ao lume aqueça e vira, Mas nem sequer o verga; no orgulhoso Peito suspira, e suspirando fala:

“Ai de mim e dos mais! Bem que as deseje, Não choro as núpcias, que Ítaca e outras ilhas Têm muitas belas; choro a clara prova

De superar-nos tanto o grande Ulisses:

Oh! futuro desdouro!” — A quem Antino:

“Tal não será, Eurímaco; reflète: Hoje a festa celebra-se de Apolo,
Quem arco dobrará? depô-lo cumpre, Inda que em pé deixemos
as secures, Pois ninguém penso as tirará da sala. Eia, escanção,
de novo os copos vaza;

Larguemos nós libando, o arco e as setas

Traga cedo Melântio nédias cabras;

Ao Longe-vibrador queimando as coxas, A contenda amanhã
terminaremos.”

Aplaudem-no. Água às mãos arautos vertem; As crateras
coroando, em roda os moços

O vinho distribuem. Já perfeitas

As libações, manhoso o herói discursa: “Franco, dignos rivais, serei
convosco; A Eurímaco mormente me dirijo,

E ao régio Antino, que opinou cordato:

O arco repouse e confiai nos deuses;

A quem quer amanhã dê Febo a glória.

Mas emprestai-mo, a ver se as forças tenho

Que outrora os membros fléxeis me animavam, Ou se o mar e a desgraça as confrangiram.” Indignaram-se os príncipes, temendo

Que ele o arco dobrasse, e Antino estoura:

“Mísero! endoudeceste. Pouco julgas Farto comer tranqüilo à nossa mesa, Ouvir-nos praticar, vantagens que outro Vagamundo ou mendigo nunca obteve? Vinho ardente e melífluu te perturba, Como a quem nele imódico se encharca. O vinho a Eurítion, Centauro insigne,

De Pirítoo magnânimo nos paços.

Inflamou contra os Lápitás; a injúrias

Embriagado se moveu tamanhas,

Que os heróis do vestibulo o expulsaram, Cerceando-lhe as ventas e as orelhas.

De alma chegada e leso, errando insano, Aos Lápitás urdiu
cruenta guerra,

E o vinho d'antemão lhe foi desastre.

Mal do vinho haverás, se o arco vergas. Tu advogado algum não
tens no povo; Irás a Équeto rei, flagelo de homens,

Em negra nau, sem que dali te salves.

Bebe em sossego, e a jovens não te afoutes.” A rainha o
impugnou: “É torpe e injusto Que de meu filho o hóspede
molestes,

Ou quem se abrigue, Antino, em minha casa.

Supões que ele, se em forças estribado, O rijo arco de Ulisses
estendesse,

Levar-me-ia consigo por esposa?

Nem sonha o pobre em tal, nem vos contriste Nos festins
semelhante pensamento.” Respondeu-lhe o de Pólibo: “Rainha,
Crermos que ele te espose indigno fôra.

Teme-se a língua de homens e mulheres; Talvez diga o mais vil: —
O amor cobijam Da mulher de um valente os que o seu arco Não
puderam dobrar, quando erradio Pedinte o fez, atravessando os
ferros.

Tais motetes opróbrio nos seriam.” “Eurímaco, Penélope retorque:
Respeita acaso o povo os que desonram

E os bens estragam de um varão sublime? Sois vós que há muito
vos manchais. Fornido E apessoado, o velho se gloria

De um sangue ilustre: o arco lhe dai; vejamos. Se Febo o ajuda,
manto lhe asseguro

Belo e túnica rica, aos pés sandálias,

Dardo e anticípita espada que o defendam, E o mandarei para
onde for seu gosto.” Sábio Telêmaco. “A nenhum dos chefes

De Ítaca branca, ou de ilhas que vizinham

Com a Élide em cavalos abundante,

Mais do que a mim, querida mãe, compete O arco negar ou dar;
nem há quem obste, Se eu quiser a este hóspede ofertá-lo.

Vai curar do lavor, da roca e teia,

E assiste às servas: o arco aos homens toca, Mormente a mim,
que neste paço mando.” Retira-se a rainha, e pasma e guarda

O maduro discurso de seu filho. Sobe com suas fâmulas, chorosa
Pelo marido caro, até que Palas

Sono doce nas pálpebras lhe entorna. O arco o divo porqueiro ia
levando;

Mas rumor cresce imenso, e um deles brame

“Onde, abjeto porqueiro, esse arco levas? A proteger-nos Febo e
os outros numes, Breve hão de nas pocilgas devorar-te

Cães nutridos por ti, sem que te acudam.” A arma depôs Eumeu
todo assustado; Minaz também Telêmaco bradou-lhe:

“Avante, avante, a chusma não te embargue Ou, posto que menor,
eu te hei-de a pedras Ao campo repelir, que sou mais forte.

Assim tanto excedesse aos pretendentes, Que destes paços os
tivera expulso,

Onde exercem flagícios e torpezas.”

Ei-los a rir a cólera esqueceram.

O arco o fiel pastor, por entre a sala, Entrega a Ulisses, e à nutriz
adverte:

“As servas manda, o príncipe te ordena,

Aferrolhar as portas; nem que sintam Estrondo e ais, do seu lavor
se bulam.” Executa Euricléia à risca e pronta. Mudo Filétio furta-se;
os cancelos

Do pátio fecha, e os liga de biblino

Cabo naval, que ao pórtico jazia,

E os olhos no senho, torna a seu posto. O arco o herói tenteia, e
vira e indaga Se de vermes roído estava o corno.

Um disse: “Admirador é certamente, Será de arcos ladrão; possui
em casa Muitos iguais, ou fabricá-los busca: Destramente o
meneia o vagabundo!” Outro ajunta: “Bem haja, como agora
Tem de o vergar.” Zombando galrejavam.

Solerte enfim Ulisses o examina: Qual estende perito citaredo

Com nova chave do alaúde as cordas,

As torsas adaptando ouvinas tripas, Fácil o atesa, a destra o
nervo estira, Que soou como chilro de andorinha. De cor os procos
doloridos mudam; Forte Jove troveja, e o divo Ulisses Folga ao
sinal: da mesa pega a nua Leve seta, na aljava as outras sendo
Que hão de os Aqueus experimentar; sentado, Embebe-a no arco,
puxa o nervo e as barbas; Da mira não desvaira a brônzea frecha,
Das secures zunindo os furos passa.

Ao filho clama: “O hóspede que abrigas

Não te desonra; o tiro foi certo

O arco tendi sem lida: hei sãs as forças, Cessem do vitupério estes
senhores. Hora é de preparar com dia e ceia;

Orne a lira o banquete, o canto o alegre.”

As sobancelhas move: aguda espada

Eis Telêmaco cinge, empunha a lança;

Do pai senta-se ao pé, de bronze armado.

LIVRO XXII

Despe os trapos o herói, pula à soleira

De arco e de aljava, e aos pés derrama as flechas, Dizendo aos
procos: “A árdua empresa é finda; Num alvo nunca dantes
alcançado

A mira tenho, e dê-me glória Febo.” A Antino aqui dispara o tiro
acerbo, Quando ele as duas asas d’áurea taça Maneava, e o licor
ia empinando,

Não cuidadoso da morte. Quem previra Que entre muitos um só,
famoso embora, À Parca o renderia? A ponta o vara

Da goela à cerviz tenra; ao golpe, Antino

Deixa a taça cair, deilharga tomba; Sangue das ventas jorra, e a
pés convulso A mesa empurra; espalha-se a comida, Suja-se a
carne e o pão. Ferve o tumulto; Erguem-se alvorotados,
procurando

Em vão, pelas paredes esculpidas,

Escudo ou lança, em cólera fremiam:

“Que! forasteiro, aos homens é que apontas!

Final proeza: abutres vão tragar-te; Mataste a flor dos Ítacos mancebos. Louco! accidental suponho o caso, Nenhum tão iminente o fado cria”;

Mas carrancudo Ulisses: “Cães! julgando Que eu de Ílio não viesse, consumida Nossa fazenda, as servas estupráveis,

E de um vivo a consorte pretendíeis,

Sem pejo nem temor de homens e deuses! Agora transporei o umbral da morte.” Susto e palor os cobre; olhando buscam Alguém refúgio, e Eurímaco responde:

“Se és na verdade Ulisses Itacense,

Tens razão, porque os Dânoas cometeram

Neste paço e no campo iniquidades. Mas ali jaz quem foi de tudo causa, Antino: a tais ofensas induziu-nos, Por amor não das núpcias, por cobiça

E ambição de reinar; quis de teu filho, O que o Satúrnio lhe tolheu, dar cabo. As traições expiou; poupa teus povos. Será pública a emenda, e prometemos,

Pagando quanto aqui te consumimos, Cada um com vinte bois
satisfazer-te,

Com ouro e bronze que teu peito alegrem.

O desagravo aplaque-te os furores.” Tétrico o herói: “Toda a
paterna herança E muito mais, Eurímaco, me dêsseis,

A desforra cruenta era infalível.

Só vos pode salvar combate ou fuga; Nenhum cuidado porém que a
Parca evite.” Esmoreceu com isto, os joelhos frouxam, E Eurímaco
replica: “Aljava e arco

Ele não deporá das mãos invictas,

Sem que do limiar nos prostre, amigos. Sus, dos gládios puxai,
fazer das mesas Reparo aos tiros seus; num grupo unidos, O
expilamos do ingresso, e reclamemos Pela cidade auxílio: último o
dia

Seja em que setas rápidas jacule.”

O bronze afiado arranca de dous gumes, Salta horrendo a rugir
contra o Laércio; Que lesto à mama o fere, e a veloz farpa No
fígado lhe prega: a espada vai-se;

Revolto em cerco à mesa, donde rola Comida e louça, de cabeça
em terra Bate, e a pés, convulsivo e agonizante, Sacode o assento;
a vista se lhe entrava. Corre Anfínomo a Ulisses glorioso,

De alfanje nu, para o expelir da entrada; Mas o pique Telêmaco
entre os ombros Atrás lhe enterra e os peitos lhe traspassa; Só não
lho extrai, de medo que, ao sacá-lo, Prono o apunhalem. Súbito
recorre

A seu pai: “Vou trazer-te aêneo casco,

Dous dardos e um broquel. Tempo é de armar-me

E os pastores fiéis.” — “Sim, volve Ulisses, Não tardes, filho;
enquanto as frechas durem, Todos eles das portas não me
arredam.”

À voz do caro pai, despede aonde Recolheram-se as armas; oito
escudos, Hastas oito, quatro elmos traz cristados, E ao campeão
de pronto vem juntar-se; Arneza-se primeiro e os dous pastores,
Com quem de Ulisses em redor se posta. Do cauto herói cada
frechada abate

Um dos procos, e em pilha iam caindo. Esgotado o carcás, à
ombreira o encosta E o válido arco à nítida fachada; Quádruple
escudo abraça, rígido elmo Nutante enfia de cocar eqüino,
Éreos dardos fortíssimos apunha. Alta janela havia na parede,
E ao cabo do vestíbulo de tábuas

Estreita rampa, a única subida:

Manda Ulisses a Eumeu que ali vigie. Agelau, que o percebe:
“Amigos, disse, Não há quem monte à superior janela, Pelo povo a
bradar? com sua ajuda, Este homem nunca mais dardejaria.”
Melântio refletiu: “Não é possível,

Divo Agelau; que a rampa, junta ao pátio, Por empinada e
angusta, um só valente Basta a guardá-la. Acima eu vou pôr
armas, Ânimo! estão, suponho, em celsa estância, Onde Ulisses e
o filho as depuseram.”

Por interior escada ei-lo que passa

À câmara de Ulisses, donde aos procos

Doze dardos fornece e broquéis doze, Doze êneos cascos de
camada crista.

O herói tituba um tanto, ao ver arnêses

Fugir aos peitos e nas mãos remessos; Maior a empresa então se
lhe afigura,

E grita: “Armou-nos, filho, uma das servas

Cruel certame, se não foi Melantio.”

“A culpa é minha, o príncipe confessa, A câmara, meu pai,
deixando aberta; Eles desse descuido se valeram.

Anda a fechá-la, e observa, Eumeu, se alguma

Escrava é quem nos trai, ou, como julgo,

De Dólio o filho.” — Entanto, Eumeu lobriga

Melântio a remontar: “Solerte Ulisses,

O traidor é o ruim que suspeitamos.

Se o venço, hei de matá-lo, ou conduzir-to

Por que pene os excessos perpetrados?” E o rei prudente: “A lhes conter a fúria Eu basto com Telêmaco. Vós ambos

Na câmara o tranqueis: atai-lhe às costas Mãos e pés; ao pilar da corda o extremo O ice; da trave atormentado penda.”

Apressuram-se os dous. Sem que os bispasse Já dentro, armas catando, o guarda-cabras, De sentinela ao patamar ficaram;

Até que sai, com reluzente casco

Na esquerda, na direita um ressequido Largo e velho broquel do bom Laertes, Que estava ali de loros despegados. Com juvenil ardor, no solho interno

Rojam-no preso, amarram-no e penduram, De seu senhor executando as ordens. Mordaz, Eumeu, clamaste: “Ora, Melântio, Na mole veles merecida cama;

E, ao raiar do Oceano a matutina

Aurora em trono de ouro, não te esqueças De lhes trazer para os banquetes cabras.” Arrouchado e suspenso, o abandonaram,

Fechando a porta; e em bronze reluzindo, A respirar vigor, juntam-se ao divo

Sábio guerreiro: à entrada apenas quatro, São muitos os da sala e não cobardes.

Em Mentor se disfarça e vem Minerva;

Ulisses a folgar: “Mentor, socorro;

Amigo teu fui sempre, e me és coevo.” Ora assim, mas suspeita ser Tritônia. Rompem logo em doestos, e é primeiro Agelau

Damastórides: “Ulisses

Contra os procos, Mentor, não te seduza; Ou com teu sangue expiarás a culpa, Assim que ele e Telêmaco sucumbam,

Como é de crer. Depois que o bronze expire, Teus bens de fora e urbanos confundidos

E os do Laércio, de Ítaca a família,

Os filhos teus, as filhas, casta esposa, Nós surdos à piedade expulsaremos.” Em mais cólera a déia: “Já te falta, Ulisses, o valor que, da alva e nobre Helena a pró, nove anos despregaste,

Varões tantos rendendo em graves prélios, Ílion por teus conselhos derrocada:

Como! nas tuas possessões recusas

A insolentes punir! Ânimo, filho;

O Alcimides verás como te é grato.” E a fim de comprovar o
esforço dele E do excelso Telêmaco, a vitória

Inda balança, e em resplendente poste, A revoar, qual andorinha,
pousa. Eurínomo, Agelau, Demoptólemo, Anfimédon, Pisandro
Politório,

Pólibo armiperito, aos seus roboram; Os fortes são que vivos
pleiteavam,

Pois o arco assíduo os outros já domara.

“Vêde-o, grita Agelau, que as mãos invictas

Retêm; Mentor jactancioso foi-se;

À entrada, amigos, sós pelejam quatro. Eia, brandi, não todos,
mas seis dardos: Jove nos glorifique, o herói firamos;

Dos mais não se nos dê, se ele é vencido.”

Frustra Minerva os dardos seis que voam: Prega-se à porta um freixo de érea choupa, Outro ao grosso alizar, outro à parede. Malogrados os tiros, manda Ulisses Paciente e firme: “Toca-nos, ó caros,

Punir os que ardem consumir seus crimes Com nossa morte.” Lanças quatro zunem: Ele a Demoptólemo, o filho a Euríade, A Élato Eumeu, Filétio ao Politório, Morder o vasto pavimento fazem.

Recua ao fundo a chusma, e os quatro os freixos

De chofre dos cadáveres desprendem. De novo os procos a vibrar forcejam,

E as hastas quase inutiliza Palas:

No portal finca-se uma, outra num poste, Ou num lanço da sala; mas o corpo

A Telêmaco esfolia a de Anfimédon,

E a de Ctesipo, a Eumeu roçando a espádua, Salva o escudo e
baqueia. Em torno ao chefe Mantêm-se inda mais bravos: a
Eurídamas

O eversor de muralhas, a Anfimédon Fere Telêmaco, o porqueiro a
Pólibo; A Ctesipo Filétio os peitos vara,

E ufaneia: “Insultante Politérside,

Cessas de encher a boca de estultícias; Cabe o discurso aos
poderosos numes. Pago és do pé de boi com que hospedaste O
divo herói mendigo em seu palácio.” Ao falar o vaqueiro, fronte a
fronte

Seu amo a Damastórides lanceia;

Por Telêmaco a bronze roto o ventre,

Se debruça Leócrito Evenório,

Bate no solo a testa . Eis do fastígio Alça Tritônia a égide
homicida: Vagam todos atônitos, qual fogem Do vário ágil tavão
picadas reses

Nos vernais longos dias. Da montanha, De garra e bico adunco,
abutres saltam

Sobre aves, que tremendo alam-se às nuvens; Eles porém,
folgando os campesinos,

Sem mais refúgio, alcançam devorá-las:

Assim de cabo a cabo a turba acossam, Rompem, vulneram;
mestos ais ressoam, E todo o pavimento em sangue ondeia.
Súbito abraça a Ulisses os joelhos Suplicante Liodes: “Compassivo
Me sê, Laércio. Nunca obrei, nem disse

Cousa que as servas tuas ofendesse;

Antes continha os sócios, que emperrados

O mal purgaram já com morte feia. Vate e inocente, padecer não
devo: Recompensa futura aos bons compete.” Sombrio o rei
troveja: “Eras seu vate,

Longe me ansiavas dos queridos lares, Ter de minha mulher
quisestes filhos;

Trago amargo haverás.” E, erguendo a espada

Que ao morrer Agelau deixara em terra, Com mão forte a Liodes,
que ainda orava, A cabeça mutila e em pó lha envolve.

O Terpiades Fêmio, dos intrusos

Cantor coato, esquiva-se ao trespasso; E, em punho a lira arguta,
considera, À superior saída, se abrigar-se

Na ara de Jove iria, onde o Laércio

E o pai queimaram coxas mil taurinas, Se deitar-se-lhe aos pés: foi
deste aviso. Entre a cratera e a sede clavi-argêtea

Pondo o cavo instrumento, implora e estreita

Os joelhos do herói: “Príncipe augusto, Perdão! há de pesar-te se
exterminas Vate que humanos e imortais celebra.

Eu doutrinei-me, o Céu me inspirou mesmo

Onígenas canções; posso entoar-tas,

Qual a um deus: no meu sangue ah! não te manches. Por
indigência não, teu filho o sabe,

Dos procos aos festins forçado vinha; Tantos e mais potentes me obrigavam.” Enérgico Telêmaco: “Este insonte,

Nem o arauto castigues, pois na infância

De mim curava, se é que Eumeu, Filétio, Ou golpes teus letais o não prostraram.” Ouve-o Médon alerta, que medroso,

De baixo do seu trono, em fresca pele Bovina se escondera; e, sacudindo-a, Ajoelha-se a Telêmaco: “O paterno

Cru bronze, amigo, aos loucos não me iguale Que, esbanjados os bens, te desonravam.” Sorrindo o herói: “Telêmaco salvou-te

Sus, apregoa que vantagem leva

Sempre a virtude ao vício. Ao pátio aguarda Mais o cantor famoso, que eu preencha Quanto me cumpre.” — Da carnagem fora, Ambos da ara de Jove tudo espreitam.

Na sala, circunspecto, ele examina

Se inda algum respirava, e em pó sangrento

Jaziam todos: qual à praia curva

Arrasta a malha os peixes, que, empilhados

Na areia, mudos cobiçando as vagas,

À luz do Sol em breve o alento exalem; Tais os procos ali se amontoavam.

E Ulisses: “Da nutriz já já preciso,

Telêmaco.” O postigo o moço volve: “Olá, quer-te meu pai, não tardes, ama, Que és das fâmulas todas superiora.”

Fútil mando não foi; que, abrindo as portas, Caminha após Telêmaco Euricléia:

De mãos e pés imundo encontra a Ulisses

De fresca mortualha circundado; Como o leão, que, tendo a rês comido, Cruento o peito e a cara, avulta horrível. Nos mortos atentando e no alto feito,

Ia a velha gritar; seu amo o atalha:

“Folgues embora em ti, mas não jubiles; Causa é torpe exultar por homicídios. Cru destino os domou, sua impiedade:

Sem respeito a ninguém, por bom que fosse, Pecados seus à Parca os devotaram.

Agora as delinqüentes me enumera,

Que esta casa honestíssima desdouram.”

E a diletta nutriz: “Meu filho, escuta. Fâmulas tens cinqüenta, que ensinamos A lavar, a cardar, a submeter-se

À escravidão: na impudícia doze,

De mim não se lhes dá, nem dá senhora Telêmaco, inda há pouco adolescente, Que a mulheres governe a mãe proíbe. Eu já subo a falar com tua esposa,

Por divino favor adormecida.”

Mas ele: “Não é tempo de acordá-la. Aqui me chama as impudentes servas.” Apressura-se a velha mensageira.

A Telêmaco o rei e aos dous pastores

Juntos prescreve: “A transferir os mortos Começai, das mulheres ajudados; Expurguem-se depois com água e esponja Tronos e mesas. Toda a sala em ordem,

As rês daqui levai; de espada a fios

Da cerca do átrio em meio e da rotunda, Expire uma por uma, e esqueçam Vênus Que furtivas as ligava aos pretendentes.” Elas em pranto e ais chegadas foram;

Soluçando, os cadáveres às costas, Ao pórtico do pátio os depuseram,

Mútuo auxílio a prestar-se; o mesmo Ulisses

As concitava, e a custo prosseguiam. Limpos à esponja os móveis elegantes, O solo os três com pás iam raspando, O lixo as criminosas carregavam.

E concertada a sala, as conduziram

Da cerca do átrio ao meio e da rotunda, Augusto sítio, impedimento à fuga.

Lá Telêmaco disse aos companheiros:

“Não morram simples morte as que, nos braços

De infames tais, enchiam-me de opróbrio E a minha casta mãe.”

Nisto, um calabre Naval de uma coluna atando, em roda

No alto passa da torre, que nenhuma O chão de pés tocasse.

Qual, entrando Pombas ou tordos num vergel, da moita Em rede
caem de estendidas asas,

Triste poleiro e cama; assim, por ordem Elas em laços, curto
esperneando. Cessam de palpitar estranguladas.

Ao vestíbulo e átrio, a sevo bronze, Ventas e orelhas a Melântio
cortam, Lançam-lhe os genitais a cães famintos,

Pés decepam-lhe e mãos. — Completa a obra,

Vão-se purificados ao Laércio, Que determina: “Salutar enxofre
Traze e fogo, Euricléia; defumada Seja a casa. Ao depois a vir
exortes

A rainha e as escravas.” — Mas a velha: “Otimamente, filho meu,
discorres; Outras vestes porém dar-te-ei primeiro: Decoroso não é
que em teu palácio

Forres de andrajos os robustos membros.”

Insta o senhor: “O fogo é já preciso.” Fogo e enxofre sem réplica
ela trouxe. Com que Ulisses defuma a sala e o pátio. Sobe a ama
de novo e intima as ordens: As servas em tropel sustendo fachos,
Ledas em torno, abraçam-no e saúdam,

Beijando-lhe a cabeça e as mãos e espáduas; E ele, que n’alma as
reconhece, um doce Desejo tem de choro e de suspiros.

LIVRO XXIII

Às risadas a velha os joelhos move, Celérrima a informar que é vindo Ulisses, E a Penélope fala à cabeceira:

“Surge, anda, filha, a veres com teus olhos O que tanto almejaste: eis bem que tardo, Castigou teu marido os que, estragando Casa e fazenda, o filho te oprimiam.”

E ela: “O Céu, que à vontade, ama Euricléia,

Do louco um sábio faz, do sábio um louco, Transtorna-te a razão que te assistia.

Como! zombas de mim, que hei tantas penas,

E as pálpebras do sono me descerras, Sono o mais saboroso dêz que Ulisses Foi-se à nefanda Tróia? Desce e vai-te.

Se outra com tais anúncios me acordasse, Eu mais dura e severa a despedira;

Mas vale-te essa idade.” — A escrava insiste:

“Filha, de ti não zombo; em casa o temos;

É o hóspede que todos insultavam. Já sabia Telêmaco o segredo;

Ocultava-o prudente, a fim que Ulisses

A soberba e violência refreasse.”

Leda salta Penélope do leito,

Em lágrimas a abraça: “Ama querida

Se isso é verdade, se ele aqui se alverga, Os audazes, que sempre
estavam juntos, Como só derribou?” — E a nutriz: “Nada Eu vi,
nem mo contaram, mas ouvia

O estrondo, o pranto, os ais dos moribundos, Lá nos retretes, a
trancadas portas,

Em susto éramos todas, e teu filho Por ordem paternal veio
chamar-me. Achei teu bravo Ulisses entre os mortos Uns por cima
dos outros: exultaras

De o ver leão sangrento e encarniçado!

Ele, fora os cadáveres em montes, Fumiga o paço, e ordena que me sigas, Anda, ambos de alegria abeberai-vos, Depois de tantas mágoas; a tão longa Saudade se mitigue. Ele nos torna Vivo e são; cá te encontra e o filho vosso;

Puniu já desta casa os malfeitores.”

Logo a rainha: “A rir não te glories. Sim, grata a vinda sua a todos fora, Mormente a mim e ao filho que geramos; Porém, ama, não creio o que me afirmas: Indignado algum nune de arrogâncias E injúrias tais, livrou-nos de insolentes

Que a ninguém, por melhor, tinham respeito;

Mas longe Ulisses acabou decerto.” “Filha, insiste Euricléia, que proferes? Duvidas inda, e ao lar já tens o esposo! É muito. Ora um sinal te manifesto:

Ao lavá-lo, do cerdo conheci-lhe

A cicatriz. Eu ia anunciar-to,

Cauto a boca tapou-me. Vem; consinto,

Mata-me, se te engano.” — “É-te impossível, Penélope argüiu, por
mais ciente,

O arcano, amiga, perceber divino. Contudo, ao filho corro; esses
perversos, Aquele que os prostou, meus olhos vejam.” Desce, do
caro esposo revolvendo

Se as mãos e as faces beije, ou tão somente

O interroque distante. Já transposto

O pétreo limiar, defronte, ao lume, Noutra parede fica: ele,
encostado Numa coluna, arreda a vista, à espera Que o fite e que
lhe fale a mulher forte; Ela, em silêncio estúpido, ora o encara, Ora
pelo seu traje o desconhece.

Rompe e a censura o filho: “Que! tão dura

Esquivas a meu pai, nem dele inquires! Que outra mulher assim
desamorosa Recebera um marido, após vinte anos

De ânsias cruéis? Tens coração de pedra.”

Escusou-se a rainha: “De pasmada, Meu Telêmaco, olhar nem falar posso. A ser teu pai, a todo mundo ignotos,

Sinais temos que o provem.” — Tolerante

O herói sorriu-se: “A mãe consintas filho,

Que me tente e afinal se desengane;

Sujo e torpe, ela estranha-me e repugna. Consultemos agora. Se alguém mata

Um popular de asseclas mal provido,

Foge, terra e parentes abandona:

De Ítaca a flor e esteios derribamos;

Deliberemos nós.” Cordato o jovem: “Cabe-te isso, meu pai; fama é constante, Mortal nenhum te iguala no conselho; Seguir-te só me cumpre, e eu forças tenha,

Que outrem não há de em ânimo vencer-me.” E o cauteloso: “Pois meu voto escuta.

Primeiro vos lavais, mudai vestidos,

E ordenai-me às cativas que se enfeitem. O músico na lira preludie

Dança amorosa, a fim que núpcias dentro

Haver pense ou vizinho ou viandante. Fora a carniçaria não
persintam,

Antes que os agros e vergéis busquemos:

Lá do Olimpo o senhor deve inspirar-nos.”

Lavam-se, dóceis, de vestidos mudam,

Às mulheres prescrevem que se adornem. Fênio na ebúrnea lira já
consona

Dança ligeira e doce melodia:

Ao tropel toda a casa reboava

De esbeltos jovens e de airosas moças. Cruzam vozes da rua:

“Algum de tantos A rainha esposou, que mais valera

Se fiel ao marido os bens guardasse.” Assim, néscios do caso, discorriam. Lava a cuidadosa Eurínoma e perfuma O brioso Laércio, e o paramenta. Aformoseia-lhe a cabeça Palas; Majestoso e maior, na espalda a coma

Cor de jacinto em ondas se lhe esparge;

Tamanha graça lhe vestiu Minerva, Quantia infunde em lavor de prata e ouro Dela e Vulcano artífice amestrado.

Como um deus sai do banho, torna ao posto Fronteiro ao da consorte, e assim perora: “Tão duro coração, fêmeo monstro,

Nunca foi dos celícolas forjado!

Que outra mulher tão fria se portara

Ao chegar seu marido após vinte anos

De pena e dor? Sus, ama, um leito apresta, Quero dormir. Sua alma é toda ferro.” “Monstro eu! retorque; nem te apouco altiva,

Nem me assombro demais: qual te embarcaste No instruto
galeão, me estás na mente.

Eia, fora da alcova alça, Euricléia,
O reforçado leito, obra de Ulisses,

Com mantas e tosões, com moles colchas.”

Tal foi para o marido a prova extrema. Ele à casta mulher
gemendo exclama: “Quem removeu-me o leito? oh! triste nova!
Isso nímio custara ao mais sabido,
Salvo intervindo um nume; empresa enorme

Fora a humano qualquer, por mais viçoso: Fi-lo eu sozinho; este
sinal te baste.

Grossa como coluna, vegetava

No pátio umbrosa e flórida oliveira: Densas pedras em roda, em
cima um teto, Câmara edifiquei de unidas portas;

Já desgalhado, a bronze descasquei-lhe Desde a raiz o tronco, e
de esquadria Artífice o puli, verrumei tudo, Formando um pé,

começo do meu leito; Marfim neste embutindo e prata e ouro,
Táureas correias lhe teci vermelhas.

Esta a verdade. Ignoro se está firme Esse leito, ou, serrando-se-lhe
o tronco, Por algum dos varões foi transplantado.”

Aqui, tendo Penélope a certeza, Desfaleceu; depois, toda alvoroço,
Em pranto o colo do marido abraça,

E o beija e diz: “Uilsses, foste aos homens

O exemplo da prudência, não te enfades. Iremos juntos logrando os
flóreos dias

O Céu nos invejou; perdão, se ao ver-te

Não fui logo lançar-me no teu seio:

De que outrem com discursos me iludisse

Tremia sempre; os dolos não falecem. A Dial Grega Helena o toro
nunca

Do estranho compartira, a ter previsto Que à pátria e casa os
belicosos Dânaos Tinham de a reduzir: a tanto opróbrio, Causa da
nossa dor, cruel deidade

A infeliz arrastou, que o não cuidava. Porém veros sinais
manifestaste:

Outro nenhum varão viu nossa alcova,

Nós e a fiel Actóride somente,

Por meu pai concedida, e que é porteira. Minha justa esquiva
embrandecestes.” Ele com isto em lágrimas rebenta,

Mais ao peito cingindo a casta esposa. Da praia quando à vista os
naufragados, Por Netuno e por vagas sacudidos, Poucos no vasto
pélago nadando,

Sujos da maresia, à morte escapam, Não têm maior prazer do que
a rainha Teve ali. Não despega os alvos braços Do colo do
consorte; e a ruiva Aurora Os encontrara, se não fosse Palas:

A olhicerúlea, prolongando as sombras,

No Oceano a retinha em áureo trono, Sem que até ao coche
alípides ginetes

Lampo e Faeton, que a luz no mundo espalham.

“Mulher, diz-lhe o marido, não findaram Nossas provas; uma
árdua imensa empresa Me cumpre executar: assim Tirésias,
De mim, dos sócios meus, soltando os fados, Profetizou-me na
Plutônia estância.

Mas vamos, doce amiga, ao leito nosso Deleitar-nos em brando e
meigo sono.” Penélope acedeu: “Já que em meus braços Pôs-te o
Céu, no meu leito a gosto sejas.

Mas que perigo anunciou-te o vate?

Se hei de saber depois, que o saiba agora.” “Se o queres, anjo
meu, responde Ulisses, Não to escondo: ah! matéria é de tristeza
Para ti, para mim! Que peregrine

Remotas plagas me ordenou Tirésias, E ágil remo sustendo, a
povos ande

Que o mar ignoram, nem com sal temperam Que amuradas
puníceas não conhecem, Nem remos, asas de baixéis velozes.

Deu-me o sinal: assim que um viandante Pá creia o remo ser, eu
do ombro o desça Finque-o no chão, carneiro e touro imole,
Varrão que inça a pocilga, ao rei Netuno; Mas na pátria
hecatombes sacrifique

Aos imortais celícolas por ordem.

Do mar cá me virá mui lenta a morte, Feliz velho entre gentes
venturosas. Certos me asseverou seus vaticínios.” Ela acudiu: “Se
os deuses te prometem Melhor velhice, espero que triunfes

Inda uma vez.” — Enquanto praticavam,

Eurínoma e a nutriz, de acesas tochas, A cama afôfa e mórbida
estendiam. Isto acabado, a velha foi deitar-se,

E a camareira ao quarto alumiou-os

E retirou-se. Com delícias ambos Do antigo toro o pacto
repetiram. Também Telêmaco e os leais pastores Suspensa a
dança, despedindo as servas, Pelos sombrios paços repousaram.

Ao desejado amor depois de entregues,

Em colóquios os dous se regozijam: Conta a mulher divina os
dissabores De olhar contínuo a turba dissoluta, Que, bois, cabras e
ovelhas degolando, E os tonéis exaurindo, a requestava; Ele, as
dores impostas ou sofridas.

Leda a esposa de ouvir, só depois dorme. Primeiro expôs o
estrago dos Cícones,

E a terra dos Lotófagos ubérrima; Como vingou-se do feroz
Ciclope,

Que os sócios lhe comeu; como, inda à pátria

Ir não sendo seu fado, com doçura

De Eolo aceito, mais por fim repulso; Jogo ah! foi da procela em
mar piscoso; Como, aportado à Lestrigônia, tantos Perdeu,
salvando seu baixel apenas. Expôs os dolos e dobrez de Circe;

Como, a Plutão vogando em nau compacta, Viu, do Tebano vate
após consulta,

Irmãos de armas e a mãe que amamentou-o; Como as Sereias lhe
cantaram; como

Chegou-se a instáveis rochas e a Caríbdis,

E a Cila que sem perdas não se evita. Expôs que, a raio o Altíssono
a matança Dos bois do Sol punindo, a nau ligeira

E os demais soçobrou; que, à ilha Ogígia

Arribando ele só, foi por Calipso Detido em cava gruta e
acarinhado; Que a ninfa, de esposá-lo cobiçosa, Prometeu-lhe
uma eterna juventude, Sem jamais demovê-lo da constância.

Findou pelos Feaces, que de um nume

A par o honrando, em nau de cobre e alfaias

E de ouro onusta, a Ítaca o mandaram.

Do sono aqui dulcíssimo assaltado, Solve os pesares; e, julgando-o
Palas De repouso e de amores satisfeito, Chama a fulgente Aurora
do Oceano, E na alvorada o sábio herói desperto Se endereça à
mulher: “Sobejas penas

Tivemos: tu, chorando a minha ausência;

Eu, delongas e empeços que o Satúrnio E outros deuses à vinda
me opuseram. Ora, que o nosso tálamo ansiado

Já tocamos, dos bens restantes cura: Para suprir os meus currais e
enchê-los, Hei de apresar, e parte haver do povo.

Aos bosques vou-me e campos, as saudades

Aliviar do genitor. Consorte,

Bem que discreta, observa os meus preceitos: Alto o Sol, desses
procos a matança

Ressoará; com tuas servas monta,

Sem comunicação lá permaneças.” Vestindo logo as suas, manda que armas Também Telêmaco e os pastores peguem. Arnesando-se os quatro, as portas abrem;

Ulisses marcha à frente. Era já dia; Mas enublados os dirige Palas.

LIVRO XXIV

Dos procos o Cilênio evoca as almas,

De ouro empunhado o caduceu que os olhos

Mortais a gosto esperta e os adormece; Elas ao toque ciciando o
seguem.

Em divo antro profundo a revoarem, Guincham morcegos, se um
dos cachos tomba Da rocha a que aderiram: tal se move

Trás Mercúrio benévolo, em murmúrios

Pelo hediondo espaço, o tropel todo;

Vão-se ao fluido Oceano e à Pedra-Branca, Do Sol às portas e ao
dos Sonos povo.

Em prado verde, habitação dos manes,

Os do Pelides acham, de Pátraço,

De Antíloco, de Ajax galhardo e forte, Que os Dânaos superava,
exceto Aquiles. Eram deste em redor, quando Agamemnon Surge
dolente, e as sombras dos que Egisto Em seu paço com ele
assassinara.

“Atrida, enceta Aquiles, ao Tonante

Nós julgávamos seres o mais caro,
Por dominares nos heróis que em Tróia Padecemos sem conto. Ah!
que o tributo Não rendeste primeiro à Parca dura! Naqueles
campos com supremas honras Tu falecesses! dos Aqueus ereto,
Glória a teu filho o monumento fora;

Era fatal misérrimo acabares!”

E Agamemnon: “Beato herói divino,

Em torno a quem, longe da Grécia extinto, Bravos Teucros e
Argeus caíram tantos! Em túrbida poeira amplo jazias,
Dos corcéis esquecido; e a combatermos

Ante o cadáver teu, só conturbados

Por um tufão de Júpiter, cessamos.

Posto em féretro a bordo o corpo egrégio,

Em quente água expurgado e ungido, os Gregos Choravam, tonsa
a coma. Eis, das Nereidas Ouvida a grande voz, tremeram todos,

E nos porões iam meter-se, quando

Experiente Nestor, com douto aviso,

De grado concionou: — Tá! vem do pego

Tétis madre e as irmãs carpir seu filho. —

Coibida aos Grajúgenas a fuga, Cercam-te as filhas do marinho
velho, Cobrem-te em ais de incorruptível manto. As Musas nove
alternam-se em lamentos: Ninguém podia, à lugubre toada,

As lágrimas conter. Por dezassete Noites e dias, de mortais e
deuses Regou-te o pranto e na seguinte aurora

Demos-te ao fogo, e ovelhas te imolamos Gordas e negros bois;
nas divas roupas, Em óleo e doce mel, queimado foste; Muitos
peões e armados cavaleiros Circundaram-te a pira estrepitosos.

De manhã, gasta a carne, os brancos ossos, Em perfumes e vinho
e ambalsamados, Recolheu-te a mãe terna em urna de ouro, Dom
de Baco e trabalho de Vulcano.

Estão mistos aos teus os de Pátroclo,

Dos de Antíloco perto, a quem dos sócios, Morto o Menécio,
maiormente honravas.

E os do exército sacro te exalçamos,

Do amplo Helesponto em prominente riba

Um magnífico túmulo, que ao longe

Aos vivos manifeste-se e aos vindouros. Prêmios obteve dos mais
numes Tétis,

Que os pôs no circo aos príncipes Aquivos.

A régios funerais tenho assistido, Onde o páreo mancebos
disputavam; Tu se os visses, Pelides, admiraras

Da mãe déia argentípede as ofertas.

Grato aos Céus, teu renome não perdeste, Que de evo em evo
troará no mundo.

Mas que valeu-me a guerra? Na tornada, Júpiter propinou-me o
copo amaro,

Por mãos de Egisto fero e da traidora.”

Entretanto, o Argicida arrebanhava

As almas dos que Ulisses abatera,

A cujo encontro as mais com pasmo correm. Agamemnon conhece
incontinênti

O Melanteides ínclito Anfimédon,

Que em Ítaca o hospedara: “Que desastre,

Escolhidos e eqüevos, cá vos trouxe Ao reino tenebroso? Não
podia Alguém numa cidade achar melhores.

Com soltos ventos e escarcéus furentes Vos afundou Netuno? ou
de inimigos Preia fostes em terra, aos saqueardes Armentos e
rebanhos? ou pugnando Pela pátria e família? Nada encubras;
Hóspede teu me chamo. Não te lembra Que me acolheste e a
Menelau divino,

Quando a embarcar-se para Tróia Ulisses

Fomos nós suadir? Um mês inteiro

O largo ponto aramos, e a bem custo O eversor de muralhas
demovemos.” “Rei dos reis, Anfimédon respondeu-lhe, Tudo me
lembra, e franco vou narrar-te Nosso funesto fim. Do ausente
Ulisses

A esposa ambicionávamos; que, avessa

A morte a nos tramar, nos entrctinha E, com sutil pretexto, imensa
enrola Teia fina ao tear, e assim discursa:

— Amantes meus, depois de morto Ulisses, Vós não me insteis, o
meu lavor perdendo, Sem que do herói Laertes a mortalha

Toda seja tecida, para quando

No sono longo o sopitar o fado:

Nenhuma Argiva exprobre-me um funéreo

Manto rico não ter quem teve tanto. —

Esta desculpa ingênuos aceitamos. Ela, um triênio, desmanchava
à noite À luz da lâmpada o labor diurno;

Ao depois, avisou-nos uma escrava,

E a destecer a teia a surpreendemos: Então viu-se obrigada a
concluí-la,

E aos olhos despregou-nos a luzente

Obra insigne, imitante ao Sol e à Lua.

Não sei donde um mau gênio trouxe Ulisses Ao campo que
habitava o guarda-porcos: Nesses confins se reuniu seu filho,

Já da arenosa Pilos aportado;

E ambos, disposto o plano da matança, Para a nobre cidade
caminharam,

O herói depois, Telêmaco primeiro.

Eumeu guiava o pai, que abordoou-se

Em traje de um decrepito mendigo, E era tão roto e sujo e mal
vestido,

Que aos mais idosos conservou-se ignoto.

A golpes e baldões o acometemos; Tudo curtiu paciente em seu
palácio. Mas, do Egíaco Jove espiritado,

As armas com Telêmaco afastando,

Em cima as tranca, e pela astuta esposa O arco nos apresenta e o
claro ferro, Donde se derivou nosso infortúnio. Nenhum de nós
dobrou-lhe o forte nervo,

Baldo o esforço; e, ao momento que o Laércio

Dessa arma ia apossar-se, blasfemamos Que, apesar das
instâncias, não lha dessem; Mas Telêmaco insiste, e o pai, seu arco

Fácil dobrando, enfia as machadinhas.

Ao limiar, derrama a pronta aljava,

E gira a vista horrendo e frecha Antino; A lutíferas setas
rechinantes

(Um deus o protegia) uns após outros Seu furor em cardumes nos
prostrava: Aos gemidos, aos botes, muge a casa

E se inunda em cruor. Tal fim tivemos! No pátio os corpos nossos,
ora, Atrida, Isso amigos não sabem, que chorando,

Enxuto o negro sangue, nos sepultem; Honra devida aos míseros
finados.” Grita Agamemnon: “Venturoso Ulisses, Possuis mulher de
uma virtude rara!

Do varão que pudica amou primeiro Nunca olvidou-se; obtém
perene glória, Que hão de inspirados celebrar cantores. Quão
diversa a Tindárida ao marido, Que houve-a donzela! odiosa nas
balatas Será do povo, e nódoa às mais sisudas.” Enquanto as
almas de Plutão conversam No vácuo reino, Ulisses e companha
De Laertes entravam pelo enxido,

Que a muito preço e lidas o comprara: Tinha ali casa, e da
varanda em roda Os servos, com prazer cultivadores, Comiam,
repousavam; diligente

Do amo tratava, em rústico retiro,

Sícula velha. Aos três voltou-se Ulisses: “Preparai para o almoço
um bom cevado. Verei se o pai me reconhece ainda,

Ou se ignoto me faz tamanha ausência.”

E as armas dando aos sócios, que partiram, Ao pomar foi-se logo
para o intento:

Não topa a Dólio e filhos e os mais servos

No grã vergel, do velho conduzidos

A colher espinheiros para sebes;

Só acha o pai no amanho de uma planta: Sórdida a capa e
remendada a roupa, Luvas grosseiras, borzeguins de coiro, Para
evitar esfoladuras, tinha;

Gorra caprina o luto lhe aumentava.

Desde que o divo sofredor o enxerga

Dos anos e desgostos combalido,

Quedo pranteia à sombra de um pereiro; Hesita se o abraça e o
beije e informe,

Ou se antes com perguntas o exprimente.

Mordaz sondá-lo preferindo, avança

Quando, baixa a cabeça, ele de roda

Cavava um tronco, e lhe bradou: “Meu velho,

Não és inábil; a pereira, a vide,

A oliveira, a figueira, o estão mostrando, Nem há palmo de terra
sem cultura;

Mas não te agastes, se o desleixo noto

Com que trapento afeias essa idade. O amo não te maltrata pela
incúria,

Nem tens servil presença; um rei no vulto

Semelhas ao que, já banhado, come

Para em mole dormir, jus da velhice.

Mas de quem és? o prédio a quem pertence? Em Ítaca em
verdade agora estamos,

Como um certo em caminho asseverou-me? Brusco foi-se e
imprudente, sem dizer-me

Se o meu hóspede é vivo, ou se entre os manes.

Na pátria, escuta, recebi festivo

O herói primeiro que a meu lar sentou-se: De Ítaca era nativo, e se
aclamava

Por filho do Arcebíades Laertes. Com bondade acolhi-o, e
generoso

Dons hospitais lhe presenteí condignos: De ouro talentos sete bem
cunhados, Copa argêntea florida, capas doze,

Doze mantos louçãos, e iguais tapetes E túnicas iguais; por cima,
à escolha, Quatro prendadas e gentis mulheres.” Em choro o pai:
“Chegaste, forasteiro,

À terra que me indicas, velhacouto

De malvados cruéis. Teus dons frustraste: Se ele aqui fosse, em
câmbio encontrarias Também dons e benévolo agasalho.

Sê franco, esse infeliz, que era meu filho, Em que ano o recebeste?
.. Oh! fútil sonho! Dos seus longe e da pátria, no profundo

Foi mantimento a peixes, a terrestres Aves ou feras! Na mortalha
envolto, Da mãe, do genitor, não foi carpido,

Nem a casta mulher fechou-lhe os olhos, A lamentar no féretro o
consorte;

Sacro dever, dos mortos recompensa.

Mas quem és, me declares, de que povo, De que família? A nau
veloz e os nautas Onde os tens? ou vieste em vaso alheio, Que te
largou, na rota prosseguindo.” Pronto Ulisses: “Eu tudo vou narrar-
te. Prole de Afidas rei Polipemônio,

Sou de Alibas, em nobre alcáçar moro, Eperito é meu nome; da
Sicânia

Fez-me arribar um nume, e tenho surto

Na costa o meu navio. Quanto a Ulisses, Anda em cinco anos que
saiu de Alibas: Voláteis à direita lhe adejavam;

Ao despedir-nos, ambos nós contentes

Rever-nos esperávamos, e um dia

Riquezas mutuar, doce amizade.”

Um negrume de mágoas tolda o velho; Pega da ardente cinza, a
encanecida Cabeça asperge, do íntimo soluça. Comoto o herói,
das ventas resfolgando, Olha o dileto pai, salta-lhe ao colo,

E o beija e abraça: “Ó pai, sou quem suspiras,

Vindo ao vigésimo ano à pátria amada; Essas penas e lágrimas
reprime.

Atende-me, urge o tempo; em nossos paços

Vinguei-me já de injúrias e insolência.”

A quem Laertes: “Se és meu próprio Ulisses, Dá-me um claro sinal que mo comprove.” “Na cicatriz repara (ao pai mostrou-a)

Do alvo dente suíno, indo eu, por ordem

Materna e tua, às abas do Parnaso, Pelas promessas que anuiu teu sogro.

As árvores direi que tu, rogado

Por mim que infante os passos te seguia

Pelo vergel, me deste, a nomeá-las Uma a uma: pereiras foram treze, Macieiras dez, em quádruplo as figueiras; Marcaste-me também cinqüenta renques De uvas de toda casta, que maduram Quando nelas de Jove as horas pesam.”

Do velho, a provas tais, frouxas as pernas, Desmaia o coração; mas lança os braços Ao filho, que nos seus o estreita e cinge.

O pai já cobra alento: “Ó sumo Jove, Desses procos o crime a estar punido, Certo no Olimpo há deuses. Mas hei medo

Que a turba assalte e invoque os Cefalenes.”

Ulisses o acalmou: “Receios bane.

À casa andemos do jardim vizinha: Telêmaco, Filétio e Eumeu,
diante

Mandei que à pressa o almoço nos preparem.” Já na mansão
formosa aos três encontram, Partindo as carnes, misturando os
vinhos.

Lava primeiro e unge, orna e reveste

Ao bom Laertes a Sicana serva;

Porém Minerva os membros lhe engrandece, Majestoso e divino
sai do banho.

O filho o admira: “Gentileza e talhe,

Ó pai, te aumenta um nume!” E o velho: “Ó Jove,

Palas e Apolo, eu fosse o mesmo que era Quando rendi, com
Cefalênias hostes, No continente a Nérico soberba! Arnesado e
brioso os vis intrusos Também contigo repelira; a muitos

Os joelhos solvera, e tu folgaras.” Entanto, prestes o festim, por ordem Em camilhas e tronos se abancavam; Eis chega Dólio do labor e os filhos. A eles corre a Sícula, que anosa Todos nutria e do ancião tratava; Mudos pasmaram de rever seu amo,

Que afável os convida: “À mesa, ó velho,

À mesa, o espanto cesse; à vossa espera, Ávidas mãos retínhamos dos pratos.” Braços abertos, se lhe atira Dólio,

Do amo os pulsos oscula: “Amigo, os votos

Nos enches de improviso, e pois os deuses

Te restituem, salve! alegre exultes

No grêmio da ventura! À esposa a nova É já notória, ou cumpre anunciarmos?” “Ela o sabe, responde o astuto e cauto; Mas nisso que te vai?” Tornado ao posto, Beijam-lhe a destra os moços e o saúdam, E junto ao pai em ordem se colocam.

O trabalho do almoço ocupa a todos. Na cidade se espalha a triste fama

Da vingança: ante o paço estrepitosa Carpe a gente, os cadáveres enterra; Embarca em leves bojos os que à pátria Ir deviam por mar; com dor se ajunta

O parlamento. Em luto inexprimível

Eupiteu se levanta, a cujo filho Antimo o divo herói matou primeiro, E em soluços e lágrimas acusa:

“Amigos, oh! que horror, que atroz maldade! Esse homem naus levou, levou guerreiros; Frota e nautas perdeu: na volta, agora, Deu cabo dos melhores Cefalenes.

Eia, antes que ele a Pilos se recolha, Ou busque a dos Epeus Élide santa, Vamos; ou torpe vida e eterno opróbrio Tem de caber-nos: se de irmãos e filhos Não punimos os brutos matadores, Sombra unir-me anteponho a sombras caras.

Vamos, vamos, os bárbaros não fujam.”

Seu lastimar os corações comove;

Mas do palácio, em que os deteve o sono, Chegam Médon e o músico divino; Médon pondera: “Aquivos, nunca Ulisses

Tanto obrara sem nume: um vi que avante, Na forma de Mentor,
na sala o instava,

E o tropel todo em ruma ia caindo.” Palor súbito invade os
circunstantes. Ergueu-se o herói Mastórida Haliterse, No passado
o mais douto e no futuro,

E orou sisudo: “Cidadãos e amigos,

Do feito a culpa tendes; não quisestes, Surdos aos de Mentor e
aos meus conselhos, Flagício enorme sopear dos filhos,

Que, os bens roendo, injuriando a esposa,

Com tão potente rei já não contavam.

É sem remédio. Ouvi-me agora ao menos:

Mores desastres atalhai, não vamos.” A assembléia divide-se em
tumulto: Uns de Haliterse à voz se aquietaram; Mas outros, ao
combate persuadidos,

Em corpo avançam, reluzindo em bronze,

Por vastas ruas, de Eupiteu sequazes, Que cego ou desagravo ou
morte anela. Consulta ao pai Minerva: “Ó soberano,

Que tens na mente? Guerra ou congraçá-los?” E o Nubícogo:
“Filha, que perguntas?

Não traçaste que à volta se vingasse?

Pois bem. Direi contudo o que é decente: Vingado o herói divino,
assente as pazes; Reine em povos leais; de irmãos e filhos O
castigo apaguemos sanguinoso;

Renove-se a amizade, haja abundância.”

Disse, o ardor a Minerva acrescentando, Que do jugoso Olimpo se
arremessa. Apaziguada a fome, aos companheiros Adverte
Ulisses: “Veja alguém se perto

Já nos atacam.” Sai de Dólio um filho,

E enxerga logo da soleira a turba:

“Arma, arma, grita, a gente se aproxima.” Armam-se os quatro, e
os seis irmãos com eles; E Laertes e Dólio, encanecidos,

No perigo urgentíssimo se arnesam.

De ponto em branco, as portas escancaram, Precipitam-se fora, e os manda Ulisses; Disfarçada em Mentor, veio ampará-los

A Tritônia, de Jove augusta prole.

Ledo o chefe do auxílio: “Hoje, meu caro Telêmaco, aos mais fortes investindo, Mostres brio e vigor; nem me envergonhes, Nem dos caros maiores degeneres.”

E Telêmaco: “À frente, ó pai dileto,

Ver-mes-ás honrando sempre a estirpe tua.” Regozijou-se o avô:

“Propícios deuses, Rivais são na virtude o filho e o neto!

Que dia! que prazer!” — E a gázea Palas:

“Arcesíades, sócio o mais querido,

Roga a Minerva e ao Padre, afouto vibres.”

Ela ânimo e denodo aqui lhe infunde;

O herói, finda a oração, de Eupiteu rompe De lança o elmo, à queda o arnês ressoa. Ulisses e Telêmaco os mais bravos

Talham de espada e pique, e total fora

O estrago e perda, se a gritar Minerva Não contivesse o povo:
“Ítacos, basta, Já já da da crua guerra separai-vos.” Pálido susto,
à voz divina, os toma; Das mãos voando as armas, ansiosos De
resguardar as vidas, se retiram: Furente Ulisses a bramir os segue,
Tal como águia altaneira as nuvens rasga. Então fulmina Júpiter, e
o raio

Cai ante Palas, que ao Laércio intima: “Dial cordato aluno, abster-
te cumpre Da discórdia civil, para que infesto Não te seja o
Tonante onipotente.” Gostoso à deusa Ulisses obedece.

A Mentor semelhando em som e em vulto, Sela a paz a do Egífero
progênie.

InfoLivros.org

